Oscar
Wilde
O retrato de
Dorian
Gray

1891 · № 00055 × × 5000 · 24 ·

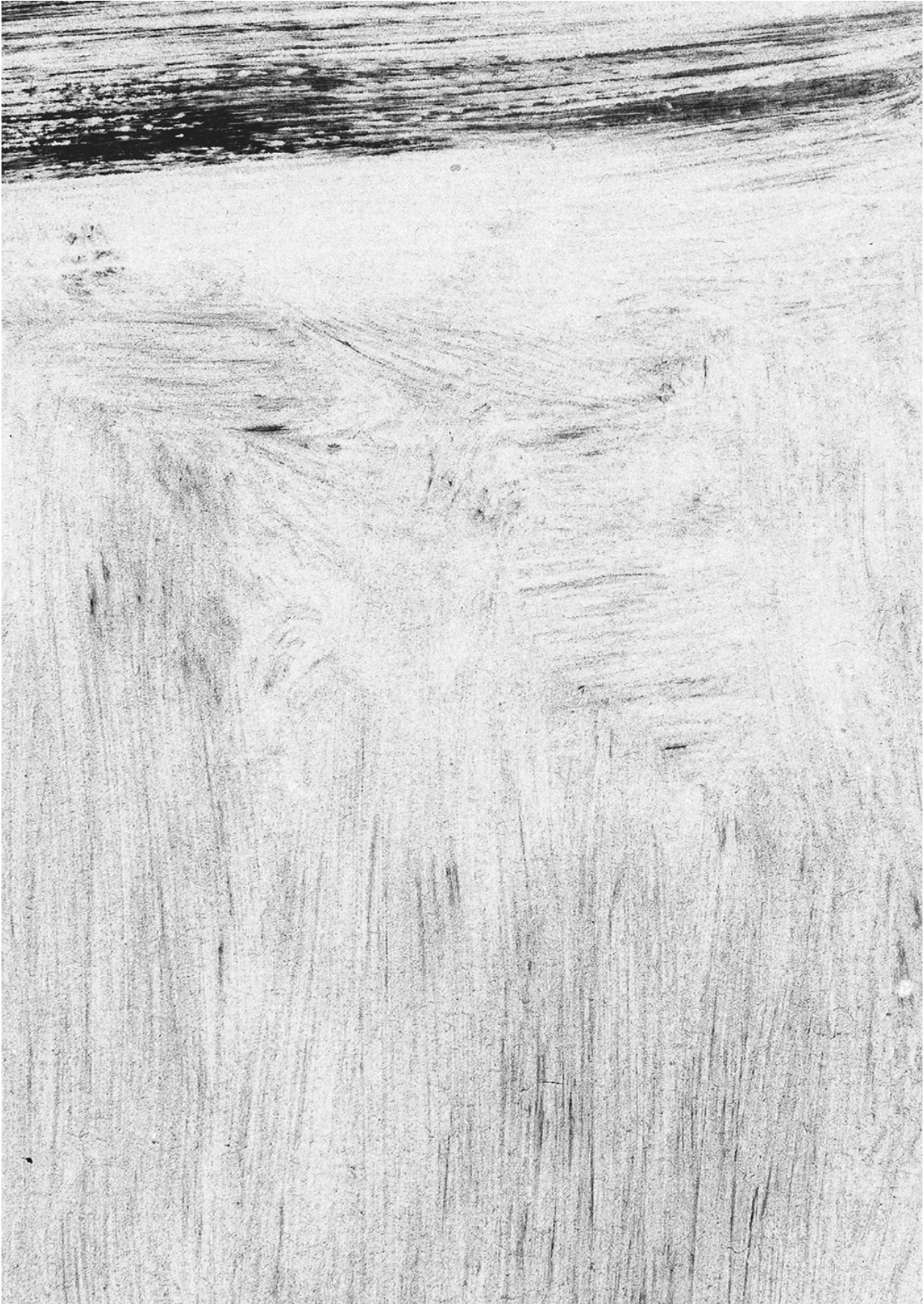
ANTO
FÁGICA

AGO 20
3 PM

um romance de

Oscar Wilde

com tradução de

Samir Machado de Machado

e artes de

Marcelo Tolentino

Editorial

Roberto Jannarelli, Isabel Rodrigues, Carolina Leal & Dafne Borges

Comunicação

Mayra Medeiros, Gabriela Benevides & Julia Coppa

Revisão

Isadora Prospero & João Rodrigues

Capa, projeto gráfico e diagramação

Manon Bourgeade

Produção gráfica

Desenho Editorial

Notas

Manoel Carlos Alves & Liciane Guimarães Corrêa

Com textos de

Vitor Martins, Manoel Carlos Alves, Natalia Borges Polesso & Samuel Gomes

Produção do livro digital

Booknando

Cometem várias vezes o mesmo pecado

Rafael Drummond & Sergio Drummond

O *retrato* *de* Dorian Gray

ANTOFÁGICA

Sumário

Nota sobre esta edição

O texto de *O retrato de Dorian Gray* foi editado em pelo menos quatro versões. Além do manuscrito e do datiloscrito do autor, a primeira versão disponibilizada ao público foi lançada em 1890 no periódico *Lippincott's Monthly Magazine*. Na segunda, publicada pela editora Ward, Lock & Co. em 1891 e revisada pelo próprio Wilde, foram acrescentados diversos capítulos, diálogos, descrições com nuance melodramática mais acentuada, o personagem de James Vane, falas que expõem maior desenvolvimento de lorde Henry, além do prefácio com epigramas. Uma edição do texto que veio ao grande público em 2011 por intermédio da edição do acadêmico Nicholas Frankel trata-se de uma transcrição do datiloscrito original enviado à revista *Lippincott* e divulgado como a "versão não censurada", contendo passagens cortadas pelo editor, mas ainda sem os inúmeros acréscimos e alterações feitos pelo próprio Wilde para a versão final do livro. A versão traduzida aqui é a do livro de 1891, a última revisada pelo próprio Wilde, com notas que apontam algumas diferenças entre esta e as três versões anteriores.

Apresentação
por Vitor Martins

Publicado em livro pela primeira vez em 1891, mais ou menos 120 anos antes da invenção de filtros que afinam nosso queixo, escondem nossas rugas e aplicam cílios digitais em nossos olhos, *O retrato de Dorian Gray* segue mais atual do que nunca. Dorian, nosso protagonista ingênuo e confuso, nascido com o fardo de ser bonito demais, embarca numa jornada cheia de escolhas questionáveis ao se deparar com o monstro do qual ninguém que viva o bastante consegue fugir: o envelhecimento.

Com uma voz narrativa fria e poética, *O retrato de Dorian Gray* nos faz mergulhar na alta sociedade vitoriana, em que as aparências importavam mais do que tudo e as definições de *belo* e *feio* estavam intrinsecamente ligadas à idade. É impossível ler um clássico como este e não enxergar nossa realidade descrita com tanta maestria no único romance de Oscar Wilde. Impossível não pensar nas intermináveis sequências de fotos que tiramos até enfim encontrarmos o ângulo perfeito e a iluminação ideal. Impossível não pensar nos esforços diários para manter as aparências e escapar da pesada mão do tempo. Por mais que esta seja uma verdade difícil de engolir, este livro é também um pouquinho o retrato de todos nós.

Quando analisamos o contexto em que foi publicada, a história passa a ganhar cada vez mais camadas. Oscar Wilde, que teve um fim de vida lamentável após ser condenado social e judicialmente por “terríveis

condutas homossexuais", deu seu jeito de colocar aqui e ali, de maneiras às vezes sutis e às vezes escancaradas, a dificuldade que homens gays enfrentavam quando confrontados com a passagem do tempo.

Uma dificuldade culturalmente enraizada notável até hoje. Uma constante corrida contra o tempo que nos faz cultuar e cultivar nosso corpo como obras de arte, muitas vezes nos levando a medidas extremas em troca da juventude eterna.

Eu, que também sou um terrível homossexual, absorvo nesta história um pavor que ultrapassa o envelhecimento estético e nos assombra de maneira cruel em outros cantinhos da mente: o medo de deixar de existir, de sumir sem vestígios. Ao longo dos séculos, a História — essa com H maiúsculo — da comunidade LGBTQIAP+ vem sendo apagada, silenciada, queimada; em muitos casos, de maneira literal.

É gritante em todas as decisões desesperadas de Dorian Gray seu desejo de não ser esquecido. De continuar existindo mesmo quando o resto do mundo diz que para os "terríveis homossexuais" não há vida após a morte.

Mas a obra de Oscar Wilde segue viva.

E vai ser cada vez mais difícil apagar nossa história.

Vitor Martins

é escritor e tradutor. Seu livro de estreia, *Quinze dias*, teve os direitos vendidos para sete países, incluindo EUA, Rússia, Polônia, Espanha e Reino Unido, além de ter sido covencedor do prêmio de melhor livro YA traduzido da Global Literature in Libraries Initiative (GLLI) em 2021. Também escreveu *Um milhão de finais felizes* (2018) e *Se a casa 8 falasse* (2021), finalista do Prêmio Jabuti 2022 na categoria Romance de Entretenimento.

O *prefácio*[I]

O artista é o criador das coisas belas.

Revelar a arte e ocultar o artista é o que busca a arte.

Crítico é aquele que consegue traduzir de outra forma ou em um novo meio suas impressões sobre as coisas belas.

A mais elevada e a mais baixa forma de crítica são um modo de autobiografia.

Aqueles que encontram significados feios em coisas belas ficam corrompidos sem se tornarem encantadores. Isso é um defeito.

Aqueles que encontram belos significados em coisas belas são os refinados. Para estes há esperança.

Eles são os eleitos para os quais as coisas belas significam apenas Beleza.

Não existe algo como um livro moral ou imoral. Livros são bem escritos ou mal escritos. Isso é tudo.

A antipatia do século XIX pelo Realismo é a fúria de Calibã vendo seu próprio rosto no espelho.

A antipatia do século XIX pelo Romantismo é a fúria de Calibã não vendo seu próprio rosto no espelho.

A vida moral do homem molda parte do objeto de estudo do artista, mas a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito.

Nenhum artista deseja provar nada. Até mesmo coisas verdadeiras podem ser provadas.

Nenhum artista possui simpatias éticas. Uma simpatia ética num artista é um imperdoável maneirismo de estilo.

Nenhum artista jamais é mórbido. O artista pode expressar tudo.

Pensamento e linguagem são para o artista instrumentos de uma arte.

Vício e virtude são para o artista materiais para uma arte.

Do ponto de vista da forma, a arte ideal é a arte do músico. Do ponto de vista do sentimento, o ofício do ator é o ideal.

Toda arte é ao mesmo tempo superfície e símbolo.

Aqueles que vão abaixo da superfície o fazem por sua conta e risco.

Aqueles que leem o símbolo o fazem por sua conta e risco.

É o espectador, e não a vida, quem a arte realmente espelha.

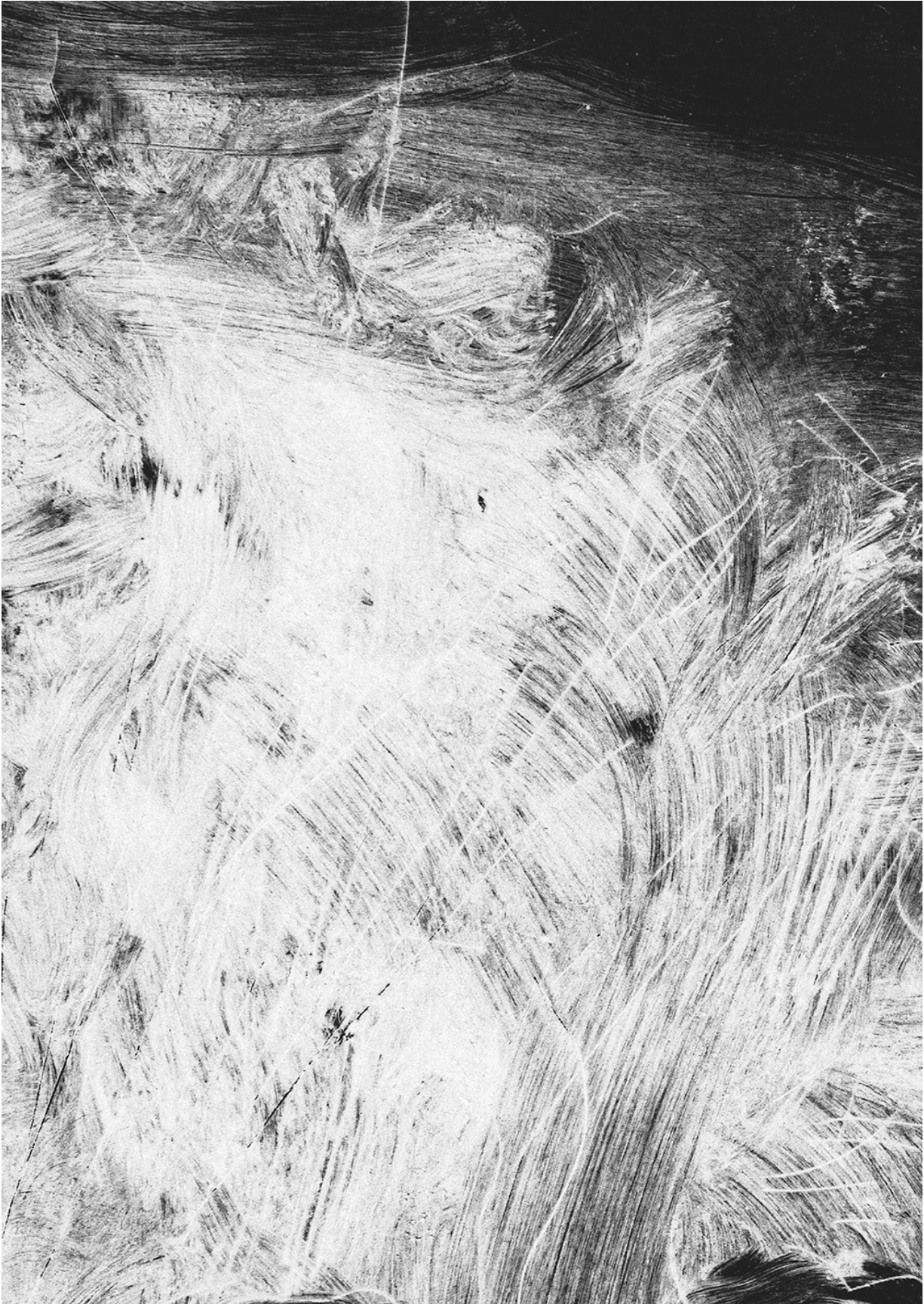
Diversidade de opiniões sobre uma obra de arte demonstra que a obra é nova, complexa e vital.

Quando críticos discordam, o artista está em acordo consigo próprio.

Podemos perdoar um homem por fazer uma coisa útil contanto que ele não a admire. A única desculpa para fazer algo inútil é que se possa admirá-la intensamente.

Toda arte é bastante inútil.

Oscar Wilde

1. Este prefácio é publicado pela primeira vez junto ao romance na versão de 1891. Alguns meses antes, havia sido publicado na revista *Fortnightly Review* sob o título "A Preface to Dorian Gray" [Um prefácio para Dorian Gray], reunindo aforismos, expressões e filosofias emitidas por Wilde em entrevistas e cartas enviadas a jornais no ano anterior. ↩

capítulo I

O ateliê estava tomado pelo luxuriante odor de rosas, e, quando a leve brisa de verão soprou por entre as árvores do jardim, veio pela porta aberta o forte aroma do lilás ou o mais delicado perfume das flores rosadas do espinheiro.

Do canto do divã de alforjes persas onde estava deitado, fumando, como de costume, inúmeros cigarros, lorde Henry Wotton captava apenas o brilho dos laburnos de cor e cheiro de mel, cujos galhos trêmulos mal pareciam capazes de suportar o fardo de uma beleza tão flamejante quanto aquela; e, de vez em quando, as sombras fantásticas de pássaros voando cruzavam por sobre as longas cortinas em seda de Tussah estendidas diante da grande janela, produzindo uma espécie de efeito japonês momentâneo que o fazia pensar naqueles pálidos pintores de rosto de jade de Tóquio que, por meio de uma arte necessariamente imóvel, buscam passar a impressão de suavidade e movimento. O murmúrio rabugento das abelhas abrindo caminho pela grama alta e não aparada ou dando voltas com monótona insistência ao redor dos empoeirados chifres dourados de madressilvas espalhadas parecia tornar a imobilidade ainda mais opressora. O rumor surdo de Londres era como a nota pedal de um órgão distante.

No centro do aposento, preso a um cavalete vertical, havia o retrato de corpo inteiro de um rapaz de extraordinária beleza, e diante dele, a alguma distância, sentava-se o próprio artista, Basil Hallward, cujo

súbito desaparecimento alguns anos antes causara, na época, um alvoroço popular, dando origem a muitas conjecturas estranhas.

Conforme o pintor olhava para a forma graciosa e atraente que ele com tanta habilidade havia espelhado em sua arte, um sorriso de prazer cruzou seu rosto e pareceu permanecer por um instante. Mas então de súbito teve um sobressalto e, fechando os olhos, cobriu as pálpebras com os dedos, como se buscasse aprisionar no cérebro algum sonho curioso do qual temia poder acordar.

— É seu melhor trabalho, Basil, a melhor coisa que você já fez — disse lorde Henry languidamente. — Você sem dúvida precisa mandá-lo ano que vem para Grosvenor. A Academia é grande e vulgar demais. Sempre que vou lá, ou há tantas pessoas que não consigo ver as pinturas, o que é horrível, ou há tantas pinturas que não consigo ver as pessoas, o que é pior.[1] Realmente, Grosvenor é o único lugar.[2]

— Acho que não vou enviar a lugar nenhum — Basil respondeu, erguendo o queixo daquele jeito estranho que costumava fazer seus amigos rirem dele em Oxford. — Não, não vou enviá-lo a lugar nenhum.

Lorde Henry arqueou as sobrancelhas e olhou para ele com espanto através das finas espirais de fumaça azul desenrolando-se de modo caprichoso de seu cigarro fortemente adulterado com ópio.

— Não vai enviar a lugar nenhum? Meu caro amigo, por quê? Tem algum motivo? Que gente estranha são vocês, pintores! Fazem de tudo no mundo para construir reputação. É só conseguirem que parecem querer jogá-la fora. É bobagem da sua parte, pois só há uma coisa no mundo pior do que ser falado: não ser falado. Um retrato como esse colocaria você muito acima de todos os jovens da Inglaterra, e daria muita inveja aos velhos, se é que os velhos são capazes de alguma emoção.

— Eu sei que você vai rir de mim — Basil respondeu —, mas eu realmente não posso exibir isso. Coloquei muito de mim mesmo nele.

Lorde Henry se esticou no divã e riu.

— Sim, eu sabia que você iria rir. Mas mesmo assim é verdade.

— Muito de você nele! Juro que não sabia que você era tão vaidoso, Basil, e realmente não consigo ver nenhuma semelhança entre você, com seu rosto forte e bruto e seu cabelo preto como carvão, e esse jovem Adônis, que parece ter sido feito de marfim e folhas de rosas. Ora, meu querido Basil, ele é um Narciso e você... bem, é claro que você tem uma aparência intelectual e tudo o mais. Mas beleza, beleza real, termina onde a aparência intelectual começa. O intelecto é por si mesmo um tipo de excesso, e destrói a harmonia do rosto. No momento em que alguém se senta para pensar, a pessoa se torna um grande nariz, uma grande testa ou algo horrendo. Olhe para os homens bem-sucedidos em qualquer profissão erudita. Como são feíssimos! Exceto, é claro, na Igreja. Mas na Igreja não se pensa. Um bispo continua dizendo aos oitenta anos o que lhe mandavam dizer quando era um garoto de dezoito, e como consequência natural mantém sempre uma aparência absolutamente encantadora. Seu amigo misterioso, cujo nome você nunca me disse, mas cujo retrato realmente me fascina, nunca pensa. Estou bem certo disso. É alguma criatura[3] linda e desmiolada que deveria estar sempre aqui no inverno, quando não temos nenhuma flor para olhar, e no verão, quando precisamos de algo para esfriar o intelecto. Não se iluda, Basil, você não é nada parecido com ele.

— Você não está me entendendo, Henry — respondeu o artista. — É claro que não sou como ele. Sei perfeitamente bem disso. De fato, eu lamentaria se me parecesse com ele. Você dá de ombros? Estou lhe dizendo a verdade. Há uma fatalidade em toda distinção física ou

intelectual, o tipo de fatalidade que parece seguir ao longo da história os passos em falso dos reis. É melhor não ser diferente do seu próximo. Os feios e burros levam vantagem nesse mundo. Podem se sentar despreocupados e ficar boquiabertos com a peça. Se não conhecem nenhuma vitória, ao menos são poupados da derrota. Vivem como nós deveríamos viver, inabaláveis, indiferentes e sem inquietações. Tampouco trazem ruína aos outros nem jamais a recebem de mãos alheias. Sua posição social e fortuna, Harry; meu cérebro, assim como é… minha arte, o que quer que ela valha; a boa aparência de Dorian Gray… nós todos iremos sofrer pelo que os deuses nos deram, e sofrer terrivelmente.[4]

— Dorian Gray? Esse é o nome dele? — perguntou lorde Henry, caminhando pelo ateliê na direção de Basil Hallward.

— Sim, esse é seu nome. Eu não pretendia contar a você.

— Mas por que não?

— Ah, não sei explicar. Quando gosto muito de uma pessoa, nunca falo seu nome a ninguém. É como abrir mão de uma parte dela. Me acostumei a amar o sigilo.[5] Parece ser a única coisa capaz de tornar a vida moderna misteriosa e ao mesmo tempo maravilhosa. A coisa mais simples torna-se encantadora se você a esconder. Quando saio da cidade eu nunca digo a minha família para onde estou indo. Se eu dissesse, perderia todo o prazer. Ouso dizer que é um hábito tolo, mas de algum modo parece trazer uma grande porção de romantismo à vida da gente. Imagino que me ache tremendamente bobo por isso.

— De jeito nenhum — respondeu lorde Henry.[6] — De jeito nenhum, meu caro Basil. Você parece esquecer que sou casado, e o único charme do casamento é que ele faz com que uma vida de logros seja necessária para ambas as partes. Eu nunca sei onde minha esposa está, e minha

esposa nunca sabe o que estou fazendo. Quando nos encontramos… e nos encontramos ocasionalmente, quando saímos para jantar ou quando visitamos o duque… contamos um ao outro as histórias mais absurdas com a maior seriedade. Minha esposa é muito boa nisso. Na realidade, muito melhor do que eu. Nunca confunde as datas, e eu vivo me confundindo. Mas quando ela me pega no flagra, não cria nenhuma confusão. Às vezes eu gostaria que ela criasse. Mas ela apenas ri de mim.

— Detesto o modo como você fala de sua vida de casado, Harry — disse Basil Hallward, caminhando em direção à porta que dava para o jardim. — Acredito que na realidade você é um marido muito bom, mas tem vergonha de suas próprias virtudes. Você é um camarada extraordinário. Nunca diz nada moralista e nunca faz nada errado. Seu cinismo não passa de pose.

— Agir naturalmente é que não passa de pose, e a mais irritante que conheço — afirmou lorde Henry, rindo; e os dois rapazes saíram juntos para o jardim e acomodaram-se num comprido banco de bambu, à sombra de um grande arbusto de loureiro. A luz do sol escorria pelas folhas lustrosas. Na grama, margaridas brancas tremulavam.[7]

Após uma pausa, lorde Henry tirou seu relógio do bolso.

— Lamento, mas preciso ir, Basil — ele murmurou. — E, antes de partir, insisto que responda a uma pergunta que lhe fiz algum tempo atrás.

— Que pergunta? — perguntou o pintor, mantendo os olhos fixos no chão.

— Você sabe muito bem.

— Não sei, Harry.

— Bem, vou lhe dizer o que é. Quero que me explique por que não irá exibir o retrato de Dorian Gray. Eu quero o motivo real.

— Eu contei a você o motivo real.

— Não, não contou. Você disse que era porque havia muito de você nele. Ora, que infantilidade.

— Harry — disse Basil Hallward, olhando bem nos seus olhos —, cada retrato pintado com sentimento[8] é um retrato do artista, não do retratado. O retratado é apenas um acidente, um acaso. Não é ele que é revelado pelo pintor, na realidade é o pintor que, na tela colorida, revela a si mesmo. O motivo pelo qual não vou exibir esse retrato é que receio ter mostrado nele o segredo de minha própria alma.

Lorde Henry riu.

— E que segredo seria esse? — perguntou.

— Vou lhe contar — disse Hallward, mas uma expressão de perplexidade surgiu em seu rosto.

— Sou todo ouvidos, Basil — continuou seu companheiro, olhando para ele.

— Ah, não há muito o que dizer, Henry — respondeu o pintor —, e receio que você mal entenda. Talvez mal acredite.

Lorde Henry sorriu e, inclinando-se, arrancou do gramado uma margarida de pétalas rosadas e a examinou.

— Estou certo de que eu entenderia — ele retrucou, encarando intensamente o pequeno disco dourado de plumas brancas —, e, quanto a acreditar nas coisas, sou capaz de acreditar em qualquer coisa, contanto que seja bastante incrível.

O vento arrancou algumas flores das árvores, e os pesados botões de lilases, com seu punhado de estrelas, moveram-se lânguidos pelo ar, de um lado a outro. Um gafanhoto começou a ziziar no muro, e, tal qual um fio azul, uma libélula longa e fina passou flutuando com suas asas de gaze marrom. Lorde Henry sentiu como se pudesse escutar o coração de Basil Hallward batendo, e se perguntou o que estava por vir.

— A história é simples assim — disse o pintor, após algum tempo. — Dois meses atrás compareci a um evento de lady Brandon. Você sabe que nós, pobres artistas, precisamos nos exibir em sociedade de tempos em tempos apenas para lembrar ao público que não somos selvagens. Com um casaco escuro e uma gravata branca, como você me disse uma vez, qualquer um, mesmo um corretor da bolsa de valores, pode ganhar a reputação de civilizado. Bem, após eu ter passado uns dez minutos no salão conversando com viúvas exageradamente bem-vestidas e acadêmicos entediantes, de súbito tomei consciência de que alguém estava olhando para mim.[9] Dei meia-volta e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, senti que tinha ficado pálido. Fui dominado por uma curiosa sensação[10] de terror. Eu

sabia que estava cara a cara com alguém cuja mera personalidade era tão fascinante que, se eu deixasse, absorveria toda minha essência, toda minha alma, minha própria arte. Eu não queria nenhuma influência externa na minha vida. Você mesmo sabe, Harry, o quão independente eu sou por natureza.[11] Sempre fui senhor de mim mesmo, ou ao menos sempre havia sido, até conhecer Dorian Gray. E então... não sei como lhe explicar. Algo parecia me dizer que eu estava à beira de uma crise terrível na minha vida. Tive a estranha sensação de que o Destino havia me reservado prazeres e tristezas extraordinários.[12] Fui ficando com medo, e me virei para sair do salão. Não era minha consciência que me levava a fazer isso: era uma espécie de covardia.[13] Não atribuo mérito nenhum a mim mesmo por ter tentado escapar.

— Consciência e covardia na verdade são a mesma coisa, Basil. Consciência é o nome comercial da empresa. Só isso.

— Não acredito nisso, Harry, e tampouco acho que você acredite.[14] Contudo, qualquer que fosse meu motivo... e pode ter sido o orgulho, pois eu costumava ser muito orgulhoso... eu com certeza me dirigi até a porta. Lá, é claro, me deparei com lady Brandon. “Não vai fugir tão cedo, vai, sr. Hallward?”, ela berrou. Sabe aquela voz curiosamente aguda dela?

— Sim, ela é um pavão em tudo, exceto na beleza — disse lorde Henry, fazendo pedacinho da margarida com seus dedos longos e nervosos.

— Eu não consegui me livrar dela. Ela começou a me apresentar à realeza, a gente galardoada e velhas senhoras com tiaras gigantescas e narizes de papagaio. Falava de mim como seu amigo mais querido. Eu só a havia encontrado uma vez, mas ela botou na cabeça que iria me tratar como a uma celebridade. Creio que algumas pinturas minhas haviam

feito muito sucesso na época, ou ao menos foram bastante comentadas nos tabloides, que são o padrão de imortalidade do século XIX. De súbito me vi cara a cara com o rapaz cuja personalidade[15] havia me abalado de forma tão estranha. Estávamos bastante perto um do outro, quase nos tocando. Nossos olhos se encontraram outra vez. Foi imprudente da minha parte, mas pedi a lady Brandon para me apresentar a ele.[16] Talvez não tenha sido tão imprudente assim, afinal. Era simplesmente inevitável. Teríamos falado um com o outro sem nenhuma apresentação. Tenho certeza. Dorian me disse isso depois. Também ele sentiu que estávamos destinados a conhecer um ao outro.

— E como lady Brandon descreveu esse rapaz maravilhoso? — perguntou seu companheiro. — Sei que ela gosta de fazer belas apresentações de todos os seus convidados. Lembro dela me trazendo um velho cavalheiro truculento e de rosto corado, todo coberto de comendas e laços, e sibilar em meu ouvido, num cochicho trágico que deve ter sido perfeitamente audível para todos na sala, os detalhes mais assombrosos sobre ele. Eu saí correndo. Prefiro descobrir as pessoas por conta própria. Mas lady Brandon trata seus convidados exatamente como um leiloeiro trata suas mercadorias. Ou ela os explica por completo ou nos conta tudo a respeito da pessoa, exceto o que queremos saber.

— Pobre lady Brandon! Você é duro com ela, Harry! — disse Hallward, indiferente.

— Meu querido, ela tentou iniciar um salão literário e tudo o que conseguiu foi abrir um restaurante. Como eu poderia admirá-la? Mas diga-me, o que ela disse a respeito do sr. Dorian Gray?

— Ah, algo do tipo, “garoto encantador... sua pobre mãe e eu éramos inseparáveis. Esqueci o que ele faz... receio que... ele não faça nada... ah,

sim, ele toca piano... ou seria violino, meu caro sr. Gray?". Nenhum de nós conseguiu evitar a risada, e nos tornamos amigos na mesma hora.

— A risada não é um mau começo para uma amizade, e é de longe o melhor desfecho — disse o jovem lorde, arrancando outra margarida.

Hallward balançou a cabeça.

— Você não compreende o que é uma amizade, Harry — ele murmurou. — Ou o que é inimizade, por sinal. Você gosta de todo mundo, o que significa dizer que é indiferente a todo mundo.

— Que opinião terrivelmente injusta da sua parte — exclamou lorde Henry, inclinando o chapéu para trás e olhando para as pequenas nuvens que, como novelos desfiados de uma brilhante seda branca, vagavam pelo turquesa oco do céu de verão. — Sim, é terrivelmente injusto da sua parte. Eu diferencio bastante as pessoas. Escolho meus amigos pela boa aparência, meus conhecidos pelo bom caráter e meus inimigos pelo bom intelecto. Todo cuidado é pouco quando um homem escolhe seus inimigos. Não tenho nenhum que seja idiota. São todos homens com alguma força intelectual, e, por consequência, todos me apreciam. Isso é muito vaidoso da minha parte? Acho que seja bastante vaidoso.

— Creio que sim, Harry. Mas, de acordo com sua classificação, eu não devo passar de um conhecido.

— Meu bom e velho Basil, você é muito mais do que um conhecido.

— E muito menos que um amigo. Um irmão, suponho?

— Ah, irmãos! Eu não me importo com irmãos. Meu irmão mais velho não morre nunca, e os mais novos não sabem fazer outra coisa.

— Harry! — protestou Hallward, franzindo a testa.

— Meu querido, não estou falando sério. Mas não posso evitar detestar meus parentes. Suponho que isso venha do fato de que

nenhum de nós consegue suportar outras pessoas com as mesmas falhas que nós. Eu simpatizo bastante com a raiva da democracia inglesa contra o que eles chamam de os vícios das classes superiores. As massas creem que a embriaguez, a estupidez e a imoralidade deveriam ser exclusividade delas e que, se qualquer um de nós faz papel de idiota, estamos invadindo seu território. Quando o coitado do Southwark entrou no tribunal de divórcios, a indignação deles foi magnífica. E, contudo, creio que nem dez por cento do proletariado viva corretamente.[17]

— Não concordo com nada do que você disse, e digo mais, Harry, tenho certeza de que você também não.

Lorde Henry acariciou a ponta da barba castanha e bateu no bico de sua bota de couro envernizado com uma bengala ornada de ébano.

— Como você é inglês, Basil! Já é a segunda vez que faz essa observação. Se alguém apresenta uma ideia para um inglês legítimo, o que é sempre algo impulsivo de fazer, ele nunca sonha em considerar a ideia certa ou errada. A única coisa que ele considera de alguma importância é se a pessoa mesma acredita na ideia. Agora, o valor de uma ideia não tem nada a ver com a sinceridade do homem que a expressa. De fato, é provável que, quanto mais insincero for o homem, mais puramente intelectual será a ideia, pois neste caso ela não será temperada nem por suas vontades nem por seus desejos ou preconceitos. Contudo, não estou propondo discutir política, sociologia ou metafísica com você. Gosto mais de pessoas do que de princípios, e não há nada que eu mais goste no mundo do que pessoas sem princípios.[18] Conte-me mais sobre o sr. Dorian Gray. Com que frequência você o vê?

— Todo dia. Não seria feliz se não o visse todo dia. Ele é absolutamente necessário para mim.[19]

— Que extraordinário! Pensei que você nunca fosse se importar com nada além de sua arte.

— Para mim, agora ele é toda minha arte — disse o pintor, com seriedade. — Às vezes eu penso, Harry, que só existem duas eras importantes na história do mundo. A primeira é o surgimento de uma nova forma de arte, e a segunda é o surgimento de uma nova personalidade, também para a arte. O que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos, o rosto de Antinoo[20] foi para a escultura grega tardia, e o rosto de Dorian Gray algum dia será para mim. Não é apenas que eu pinte a partir dele, o desenhe, faça esboços dele. É claro que fiz tudo isso. Mas para mim ele é muito mais que um padrão ou um modelo

vivo. Não vou lhe dizer que estou insatisfeito com o que fiz dele, ou que sua beleza é tal que a Arte não consegue expressar. Não há nada que a Arte não consiga expressar, e eu sei que o trabalho que fiz desde que conheci Dorian Gray é um bom trabalho, o melhor trabalho da minha vida. Mas curiosamente… me pergunto se você vai me compreender… sua personalidade me sugeriu uma maneira totalmente nova de arte, um modo totalmente novo de estilo. Eu vejo as coisas diferente, penso nelas de um jeito diferente. Agora posso recriar a vida de uma maneira que, antes, estava oculta para mim. "Um sonho de formas em dias de reflexão"… quem foi que disse isso? Não lembro, mas é o que Dorian Gray tem sido para mim. A mera presença visível desse garoto… pois para mim ele parece pouco mais que um garoto, ainda que já tenha passado dos vinte… sua mera presença visível… ah![21] Me pergunto se você consegue imaginar tudo o que isso significa. De forma inconsciente, ele define para mim as linhas de uma nova escola, uma escola que terá em si toda a paixão do espírito romântico, toda a perfeição do espírito grego. A harmonia da alma e do corpo… isso não é pouca coisa! Nós, em nossa loucura, separamos as duas coisas e inventamos um realismo[22] vulgar, um idealismo vazio. Se ao menos você soubesse o que Dorian Gray significa para mim! Lembra-se daquela paisagem pela qual a Agnew[23] me ofereceu um valor altíssimo, mas da qual eu não conseguia me desfazer? É uma das melhores coisas que eu já fiz. E por quê? Porque, enquanto eu a pintava, Dorian Gray estava sentado perto de mim.[24] Alguma súbita influência passou dele para mim e, pela primeira vez na vida, vi em meio a um bosque comum a maravilha que eu sempre procurei e sempre deixei passar.[25]

— Basil, isso é extraordinário! Eu preciso conhecer Dorian Gray!

Hallward levantou-se do banco e caminhou de um lado a outro do jardim. Após algum tempo, ele retornou.

— Harry — disse ele.[26] — Dorian Gray é para mim simplesmente uma motivação artística. Você pode não ver nada nele. Eu vejo tudo.[27] Ele nunca está mais presente na minha obra do que quando não há nenhuma imagem sua. Ele é uma sugestão, como eu disse, de um novo estilo. Eu o vejo nas curvas de certas linhas, na amabilidade e sutilezas de certas cores. Isso é tudo.

— Então por que você não vai exibir o retrato? — perguntou lorde Henry.

— Porque, sem ter a intenção, acabei colocando nele um pouco da expressão[28] de toda essa curiosa idolatria artística sobre a qual, é claro, nunca me preocupei em contar para Dorian Gray. Ele não sabe nada a respeito disso. Não deve nunca saber nada a respeito disso. Mas o mundo pode perceber, e não vou desnudar minha alma diante dos olhares rasos e bisbilhoteiros das pessoas.[29] Meu coração nunca será colocado sob o microscópio delas. Há muito de mim nessa coisa, Harry… muito de mim!

— Os poetas não são tão escrupulosos como você. Eles sabem como a paixão é útil para a publicação. Hoje em dia, um coração partido rende várias reedições.

— Eu os odeio por isso — bradou Hallward. — Um artista deveria criar coisas belas, mas não deveria colocar nada de sua vida naquilo que cria. Vivemos em uma época em que os homens tratam a arte como se ela devesse ser uma forma de autobiografia. Perdemos o sentido abstrato da beleza. Um dia mostrarei ao mundo o que ela é, e por essa razão o mundo nunca deve ver meu retrato de Dorian Gray.

— Acho que está enganado, Basil, mas não vou discutir com você. Somente os intelectualmente perdidos ficam discutindo. Diga-me, Dorian Gray gosta muito de você?

O pintor pensou a respeito por um instante.

— Ele gosta de mim — respondeu, após uma pausa. — Sei que gosta de mim. É claro, eu o elogio imensamente. Sinto um estranho prazer em dizer a ele coisas que eu sei que vou me arrepender de ter dito. Via de regra, ele me encanta, e ficamos sentados no ateliê conversando sobre mil coisas.[30] De vez em quando, porém, ele é terrivelmente insensível e parece sentir um prazer genuíno em me fazer sofrer. E então eu sinto, Harry, que entreguei toda minha alma para alguém que a trata como se eu não passasse de uma flor para ser colocada na casaca, uma pequena decoração para agradar sua vaidade, um ornamento num dia de verão.[31]

— Dias de verão, Basil, podem ser bem longos — murmurou lorde Henry. — Talvez você se canse mais cedo do que ele. É uma coisa triste de pensar, mas não há dúvidas de que o Gênio dura mais que a Beleza. Isso explica por que é tão trabalhoso nos educarmos. Na luta selvagem pela existência, queremos possuir algo duradouro, e então preenchemos nossa mente com bobagens e fatos, na tola esperança de mantermos nosso lugar. O homem completamente bem-informado, esse é o ideal moderno. E a mente do homem completamente bem-informado é uma coisa pavorosa. É como uma loja de quinquilharias, toda feita de monstros e poeira, com tudo etiquetado acima do valor real. Mesmo assim, creio que você se cansará primeiro. Algum dia você irá olhar para seu amigo e ele lhe parecerá um tantinho fora de ângulo, ou não irá gostar do tom de sua cor, ou algo assim. Em seu coração, você irá reprová-lo com amargura, e pensará seriamente que ele se comportou muito mal com você. Na vez seguinte que ele o chamar, você será

perfeitamente frio e indiferente. Será uma grande pena, pois isso transformará você. O que me contou é um romance e tanto, um romance artístico, podemos dizer, e a pior parte em viver um romance de qualquer tipo é que nos deixa muito avessos ao romantismo.[32]

— Harry, não fale assim. Enquanto eu viver, a personalidade de Dorian Gray irá me dominar. Você não consegue sentir o que eu sinto. Você muda com muita frequência.

— Ah, meu querido Basil, é justamente por isso que consigo sentir. Os fiéis só conhecem o lado trivial do amor: são os infiéis que conhecem as tragédias do amor. — E lorde Henry riscou um fósforo em um delicado estojo de prata e começou a fumar seu cigarro com um ar satisfeito e de consciência tranquila, como se tivesse resumido o mundo[33] em uma frase. Houve um farfalhar de pardais cantando nas folhas verdes brilhantes da hera, e as sombras azuis das nuvens perseguiam a grama feito andorinhas.[34] Como o jardim estava agradável! E como eram encantadoras as emoções das outras pessoas! Pareciam-lhe muito mais encantadoras do que suas ideias. A própria alma e as paixões dos amigos de alguém: essas eram as coisas fascinantes da vida. Ficou imaginando com silenciosa diversão o entediante almoço que havia perdido por ter passado tanto tempo com Basil Hallward. Se tivesse ido para a casa de sua tia, certamente teria encontrado lorde Goodbody lá, e toda a conversa giraria em torno da alimentação dos pobres e da necessidade de moradias de qualidade. Cada classe pregaria sobre a importância daquelas virtudes, cujo exercício não havia necessidade em sua própria vida. Os ricos falariam sobre o valor da economia e os ociosos seriam eloquentes quanto à dignidade do trabalho.[35] Era encantador ter conseguido escapar de tudo isso! Ao pensar na tia, uma

ideia pareceu lhe ocorrer. Ele se virou para Hallward e disse: — Meu caro amigo, acabei de me lembrar.

— Lembrou-se do quê, Harry?

— Onde escutei o nome de Dorian Gray.

— Onde foi? — perguntou Hallward, com um leve franzir da testa.

— Não faça essa cara tão irritada, Basil. Foi na casa de minha tia, lady Agatha. Ela me contou que havia descoberto um jovem maravilhoso que iria ajudá-la no East End[36] e que seu nome era Dorian Gray. Devo afirmar que ela nunca me disse que ele era bonito. As mulheres não sabem apreciar a boa aparência, ao menos não as boas mulheres. Ela disse que era um rapaz bastante sincero e que tinha uma bela essência. Imediatamente imaginei uma criatura de óculos e cabelo seboso, terrivelmente sardento, tropeçando nos próprios pés enormes. Ficaria feliz se soubesse que ele era seu amigo.

— Fico contente que você não soubesse, Henry.

— Por quê?

— Não quero que o conheça.

— Não quer que eu o conheça?

— Não.

— O sr. Dorian Gray está no ateliê, senhor — disse o mordomo, entrando no jardim.

— Você precisa me apresentá-lo agora — exclamou lorde Henry, rindo.

O pintor voltou-se para seu serviçal, que continuava parado sob a luz do sol, piscando.

— Peça ao sr. Gray para esperar, Parker. Devo voltar em alguns minutos.

O homem fez uma mesura e fez o caminho inverso.

Então Hallward olhou para lorde Henry.

— Dorian Gray é meu amigo mais querido — ele disse. — Tem uma natureza simples e bela. Sua tia foi bastante certeira no que disse sobre ele. Não o estrague. Não tente influenciá-lo. Você exerceria uma má influência. O mundo é grande, e muitas pessoas maravilhosas o habitam. Não tire de mim a única pessoa que dá a minha arte qualquer que seja o charme que ela possui: minha vida como artista depende dele.[37] Tenha em mente, Harry, que eu confio em você. — Ele falou muito devagar, e parecia que as palavras eram arrancadas dele quase contra sua vontade.

— Quanta bobagem você fala — disse lorde Henry, sorrindo, e, tomando Hallward pelo braço, quase o conduziu para dentro da casa.

---

1. A avaliação sarcástica sobre a Academia foi uma inclusão de Wilde à versão de 1891. ↩
2. Grosvenor Gallery foi uma galeria de arte aberta em Bond Street em 1877, exibindo obras de arte mais experimentais, em contraste à Real Academia de Artes, mais conservadora. [N. de T.] ↩
3. No datiloscrito, Wilde usa "coisa", mais reificado do que "criatura". ↩
4. No manuscrito, Basil refere-se à "beleza de Dorian Gray". Houve uma substituição, nesta versão, para "boa aparência de Dorian Gray", dando um tom mais impessoal ao comentário. ↩
5. Antes, "Você sabe que amo um sigilo". Na versão de 1891, Wilde omite indicações de uma maior familiaridade entre os dois personagens. ↩
6. No datiloscrito, ele apoia a mão no ombro do amigo. Na cena seguinte, Basil afasta a mão de lorde Henry quando decide ir até o jardim. O contato físico entre os dois é excluído na revisão de Wilde para esta versão de 1891. ↩
7. Nesta versão de 1891, Wilde substitui "por um tempo eles não falaram" por uma descrição do espaço, que tem o mesmo efeito de respiro de tempo sem fala entre os personagens, porém com o bônus de trazer ao leitor o ambiente da cena. ↩
8. No manuscrito, a palavra era "paixão". A mudança sinaliza o abrandamento na expressão afetiva do personagem. ↩
9. No manuscrito, o pintor revela que, de repente, sentiu alguém olhá-lo. A troca, de sentir por tornar-se consciente, indica distanciamento físico, pois sentir implica uma assimilação

através dos sentidos, em que o corpo, em primeiro lugar, é o canal. ↩

10. No datiloscrito, “instinto”, mais visceral e natural do que “sensação”. ↩
11. Trecho inserido no datiloscrito para conferir, uma vez mais, autonomia a Basil Hallward diante das reações suscitadas em seu corpo por Dorian Gray. No manuscrito, o pintor diz temer que o rapaz se tornasse o senhor de sua vida, sendo a palavra “natureza”, aqui, substituta de “vida”. Ainda no manuscrito, Basil diz não querer influências “daquele tipo”, insinuando uma ojeriza deliberada por sentimentos carnais. ↩
12. Para a versão de 1891, Wilde exclui a seguinte frase presente no datiloscrito: “Eu sabia que me tornaria devoto de Dorian se o conhecesse, e não deveria falar com ele”. ↩
13. Aqui, em comparação ao datiloscrito, Wilde ameniza a reação ao incluir “uma espécie de”. ↩
14. O acréscimo da segunda parte da fala foi feito para a versão de 1891, mostrando a consciência de Basil em relação à performance de lorde Henry. ↩
15. No manuscrito a palavra era “beleza”, assinalando, novamente, apaziguamento afetivo. ↩
16. No datiloscrito o personagem descreve sua atitude como “louca”, e a versão de 1891 ameniza essa descrição, falando em imprudência. ↩
17. Aqui há uma mudança de valoração quando Wilde troca “viva com a própria esposa”, como constava no datiloscrito, por “viva corretamente”. ↩
18. A inclusão de que lorde Henry gosta de pessoas sem princípios não consta do datiloscrito. ↩
19. O trecho do datiloscrito em que Basil diz idolatrar Dorian Gray é cortado aqui. ↩
20. Antinoo (111–130 d.C.) foi amante do imperador romano Adriano (76-138 d.C.). Após sua morte prematura, Adriano ordenou que fosse deificado, fazendo dele tema de inúmeras esculturas clássicas que se tornaram padrão de beleza masculina e símbolo do amor homossexual. [N. de T.] ↩
21. No manuscrito, Basil Hallward prossegue caracterizando Dorian Gray como alguém cujos lábios são mais vermelhos do que rosados, evidenciando sua perspectiva romântica. ↩
22. No contexto literário do final do século XIX, o realismo surgiu como uma proposta de representar temas do modo mais próximo possível da realidade, com foco em experiências mundanas e banais, em oposição à visão idealizada do romantismo e aos elementos fantásticos da literatura de imaginação. [N. de T.] ↩
23. A galeria Agnew, fundada em 1817 em Manchester, passou para Londres em 1860 e é até hoje um dos principais negociantes de arte ingleses. [N. de T.] ↩
24. No manuscrito, Basil Hallward revela, com ares de romantismo, a ocasião em que Dorian Gray senta-se ao seu lado durante uma sessão de pintura, e que, quando o pintor inclinou-se, o cabelo do rapaz resvalou em seu rosto. Em outra passagem excluída, Basil confessa seus sentimentos ao segurar a mão de Dorian Gray. ↩
25. Inclusão na fala de Basil em comparação ao datiloscrito, mostrando que o sentimento não é inédito para o personagem. ↩

26. No datiloscrito, o pintor diz que Harry não é capaz de entender; já no manuscrito o narrador descreve o sorriso de Hallward como o de alguém que está sonhando. ↩
27. As duas frases incluídas aqui, que não constam do datiloscrito, reforçam o poder que Dorian Gray exerce sobre o pintor. ↩
28. Nas versões anteriores a 1891, Basil utiliza, em vez de "expressão", a palavra "romance". ↩
29. No manuscrito, Basil Hallward diz que, devido à essência amorosa do seu sentimento, terceiros a contemplariam como algo maligno e caracterizariam como vil aquela paixão espiritual. ↩
30. No manuscrito, Basil Hallward revela que se sentavam lado a lado.No datiloscrito há ainda o acréscimo de que eles costumavam voltar do clube de braços dados. ↩
31. No manuscrito, o pintor confessa sentir ciúme de Dorian Gray a ponto de tentar isolá-lo para que não interaja com outras pessoas, algo que desgosta de saber. Basil também diz sentir prazer em pensar que Dorian Gray lhe pertence e que entregou sua alma ao rapaz. ↩
32. Adição à versão de 1891 em comparação ao datiloscrito, denotando um conflito entre o que é prático no romance e a ilusão produzida pelo sentimento. ↩
33. No datiloscrito, "a vida", o que torna a frase ainda mais pessoal ao personagem. ↩
34. Um acréscimo à versão de 1891, ajudando a pintar a cena, característica do corpus literário de Wilde. ↩
35. Os valores puritanos de que cada classe tem seu papel na construção da comunidade foram incluídos nesta versão. ↩
36. Na época, uma região pobre de Londres, superpopulosa e com grande concentração de sem-tetos e imigrantes. [N. de T.] ↩
37. No datiloscrito, enquanto a importância de Gray para Hallward fica no campo da vida privada ("pessoa que torna minha vida um absoluto encanto"), aqui essa importância é transferida ao campo da arte. ↩

capítulo 2

Assim que entraram viram Dorian Gray. Estava sentado ao piano, de costas para eles, folheando as páginas de um volume de "Cenas da Floresta", de Schumann.

— Você precisa me emprestar isto, Basil — exclamou ele. — Eu quero aprendê-las. São completamente encantadoras.

— Depende apenas de como você posar hoje, Dorian.

— Ah, estou cansado de posar, e não quero um retrato meu em tamanho natural — respondeu o rapaz, balançando-se na banqueta de um modo teimoso e petulante. Quando viu lorde Henry, um leve rubor coloriu suas bochechas por um instante, e ele se levantou. — Desculpe, Basil, mas não sabia que tinha alguém com você.

— Este é lorde Henry Wotton, Dorian, um velho amigo de Oxford. Estava agora mesmo contando a ele que bom modelo você é, e você estragou tudo.

— Não estragou meu prazer em conhecê-lo, sr. Gray — disse lorde Henry, avançando um passo e estendendo a mão. — Minha tia tem me falado com frequência de você. É um dos favoritos dela, e receio que uma de suas vítimas também.

— Eu estou na lista negra[1] de lady Agatha no momento — respondeu Dorian, com um ar engraçado de arrependimento. — Prometi ir a um clube em Whitechapel[2] com ela na quinta-feira passada, e realmente acabei me esquecendo disso. Íamos tocar juntos um dueto... três duetos,

creio. Não sei o que ela irá me dizer. Estou com muito medo de encontrá-la.

— Ah, vou colocá-lo em bons termos com minha tia. Ela é muito devotada a você. E não creio que tenha sido tão importante o fato de não ter comparecido. O público provavelmente pensou que fosse um dueto. Quando tia Agatha senta-se ao piano, faz tanto barulho quanto duas pessoas.

— Isso é bem horrível para com ela e não muito gentil comigo — respondeu Dorian, rindo.

Lorde Henry o encarou. Sim, com certeza era um rapaz maravilhosamente bonito, com seus lábios corados e de curvas delicadas, seus sinceros olhos azuis, seus cabelos loiros e encaracolados. Algo em seu rosto fazia com que se confiasse nele de imediato. Ali estava todo o candor e toda a pureza passional da juventude. Fazia crer que permanecia puro e imaculado diante do mundo. Não era de estranhar que Basil Hallward o idolatrasse.[3]

— O senhor é muito charmoso para se dedicar à filantropia, sr. Gray... charmoso demais. — E lorde Henry se atirou ao divã e abriu a cigarreira.

O pintor estava ocupado misturando suas cores e preparando seus pincéis. Ele parecia preocupado e, quando ouviu o último comentário de lorde Henry, olhou para ele, hesitou por um instante e depois disse:

— Harry, quero terminar este quadro hoje. Você acharia muito rude da minha parte se pedisse para você ir embora?

Lorde Henry sorriu e olhou para Dorian Gray.

— Devo ir, sr. Gray? — perguntou.

— Ah, por favor, não, lorde Henry. Vejo que Basil está de mau humor, e não consigo suportá-lo quando ele fica de mau humor. Além

disso, quero que o senhor me diga por que não devo me dedicar à filantropia.

— Não sei se devo lhe contar isso, sr. Gray. É um assunto tão tedioso que teríamos que falar dele a sério. Mas certamente não sairei mais correndo, agora que o senhor me pediu para ficar. Você não se importa mesmo, Basil, não é? Sempre me disse que gostaria que seus assistentes tivessem alguém com quem conversar.

Hallward mordeu o lábio.

— Se Dorian deseja, é claro que você deve ficar. As vontades de Dorian são lei para todos, exceto para ele.

Lorde Henry pegou seu chapéu e as luvas.

— Você é muito insistente, Basil, mas infelizmente preciso ir. Prometi encontrar um homem no Orleans[4]. Até logo, sr. Gray. Venha me ver alguma tarde na rua Curzon. Quase sempre estou em casa às cinco horas. Escreva para mim quando o senhor vier. Eu lamentaria não vê-lo novamente.

— Basil — exclamou Dorian Gray —, se lorde Henry Wotton for embora, eu vou também. Você nunca abre a boca enquanto pinta, e é terrivelmente chato ficar em uma plataforma tentando parecer agradável. Peça para ele ficar. Eu insisto.

— Fique, Harry, como um favor a Dorian e a mim — disse Hallward, olhando intensamente seu retrato. — É bem verdade, eu nunca falo enquanto estou trabalhando, e tampouco nunca escuto nada, o que deve ser terrivelmente entediante para meus infelizes modelos. Insisto que fique.

— Mas e quanto ao homem esperando por mim no Orleans?

O pintor riu.

— Creio que não haverá qualquer dificuldade quanto a isso. Sente-se de novo, Harry. E agora, Dorian, suba na plataforma e não se mova

muito, nem preste atenção ao que lorde Henry diz. Ele exerce uma influência muito negativa sobre todos os seus amigos, com exceção apenas de mim.

Dorian Gray subiu no estrado, com o ar de um jovem mártir grego, e fez uma pequena careta de aborrecimento para lorde Henry, por quem tinha certa simpatia. Ele era tão diferente de Basil. Os dois produziam um contraste delicioso. E tinha uma voz tão linda. Depois de alguns momentos, ele lhe disse:

— O senhor realmente exerce uma influência tão negativa, lorde Henry? Tão ruim quanto Basil diz?

— Não existe boa influência, sr. Gray. Toda influência é imoral... imoral do ponto de vista científico.

— Por quê?

— Porque influenciar uma pessoa é entregar-lhe a própria alma. Ela não pensa o que naturalmente pensaria, nem arde por suas paixões naturais. Suas virtudes não lhe são reais. Seus pecados, se é que existem pecados, são tomados de empréstimo. Ela se torna um eco da música de outra pessoa, um ator desempenhando um papel que não foi escrito para ele. O objetivo da vida é o autodesenvolvimento. É compreender perfeitamente a própria natureza. É para isso que cada um de nós está aqui. As pessoas têm medo de si mesmas, hoje em dia. Esqueceram-se do mais elevado de todos os deveres, o dever que cada um tem consigo mesmo. Claro que elas praticam a caridade. Alimentam os famintos e vestem os mendigos. Mas suas próprias almas morrem de fome e estão nuas. A coragem desapareceu da nossa raça. Talvez nunca tenhamos realmente tido isso. O terror da sociedade, que é a base da moral, o terror de Deus, que é o segredo da religião... são estas as duas coisas que nos governam. E ainda assim...

— Apenas vire a cabeça um pouquinho mais para a direita, Dorian, como um bom menino — disse o pintor, absorto no trabalho e consciente de ter surgido no rosto do rapaz uma expressão que ele nunca tinha visto antes.

— E, ainda assim — continuou lorde Henry, com sua voz baixa e melódica e com aquele gracioso aceno de mão que sempre lhe foi tão característico, desde seus dias de Eton[5] —, acredito que, se um homem vivesse sua vida de modo pleno e completo, dando forma a cada sentimento, expressão a cada pensamento e realidade a cada sonho... Acredito que o mundo ganharia um impulso de alegria tão novo que esqueceríamos todas as doenças do período medieval e retornaríamos ao ideal helênico... talvez a algo melhor, mais rico do que o ideal helênico. Mas o mais corajoso dentre nós tem medo de si mesmo. A mutilação do selvagem sobrevive tragicamente na renúncia que mancha nossa vida. Somos punidos pelo que renunciamos. Cada impulso que nos esforçamos para asfixiar se enraíza na mente[6] e nos envenena. O corpo peca uma vez e encerra seu pecado, pois a ação é um modo de purificação. Nada resta então a não ser a lembrança de um prazer ou o luxo de um arrependimento. A única maneira de se livrar de uma tentação é ceder a ela. Resista, e sua alma irá adoecer de desejo pelas coisas que proibiu a si mesma, de desejo por aquilo que suas monstruosas leis tornaram monstruosas e ilegais. Já foi dito que os grandes acontecimentos do mundo acontecem no cérebro. É no cérebro, e somente lá, que também ocorrem os grandes pecados do mundo. O senhor, sr. Gray, o senhor mesmo, com sua juventude vermelho-rosada e sua meninice pura e inocente, o senhor teve paixões que o deixaram com medo, pensamentos que o encheram de terror, devaneios e sonhos

adormecidos cuja mera memória poderia tingir sua bochecha de vergonha...

— Pare! — Dorian Gray assustou-se. — Pare! O senhor me desorienta. Não sei o que dizer. Há alguma resposta para o senhor, mas não consigo encontrá-la. Não fale. Deixe-me pensar. Ou melhor, deixe-me tentar não pensar.

Por quase dez minutos ele ficou ali parado, imóvel, com os lábios entreabertos e os olhos estranhamente brilhantes. Estava vagamente consciente de que influências inteiramente novas operavam dentro de si. No entanto, parecia a ele que essas influências realmente vinham de si mesmo. As poucas palavras que o amigo de Basil lhe dissera — palavras ditas ao acaso, sem dúvida, e cheias de paradoxos deliberados — haviam tocado uma corda secreta que nunca havia sido tocada antes, mas que ele sentia agora estar vibrando e latejando em curiosas pulsações.

A música o estimulava assim. Muitas vezes a música o havia incomodado. Mas a música não era articulada. Não era um mundo novo, e sim um outro caos que criava em nós. Palavras! Meras palavras! Como eram terríveis! Quão claras, vívidas e cruéis! Não se podia escapar delas. E, no entanto, que magia sutil havia nelas! Pareciam capazes de dar uma forma plástica às coisas informes e de ter uma música própria, tão doce quanto a da viola ou do alaúde. Meras palavras! Existia algo tão real quanto as palavras?

Sim, aconteceram coisas em sua meninice que ele não entendeu. Entendia agora. A vida de repente tornou-se ardentemente colorida para ele. Parecia-lhe que andava sobre o fogo. Como não tinha percebido isso antes?

Lorde Henry ficou observando-o com seu sorriso sutil[7]. Ele reconhecia o exato momento psicológico de quando ficar calado. Sentiu-se profundamente interessado. Ficou surpreso com a súbita impressão que suas palavras causaram e, lembrando-se de um livro que lera aos dezesseis anos, um livro que lhe revelara muitas coisas que não sabia antes, perguntou-se se Dorian Gray estaria passando por uma experiência semelhante. Ele havia apenas disparado uma flecha no ar. Será que atingira o alvo? Como aquele rapaz era fascinante!

Hallward seguia pintando com aquele seu maravilhoso toque de ousadia; possuía o verdadeiro refinamento e a perfeita delicadeza que, na arte, seja como for, vem somente da força. Ele não estava consciente do silêncio.

— Basil, estou cansado de posar — disse Dorian Gray, de súbito. — Preciso sair e me sentar no jardim. O ar está sufocante aqui.

— Meu querido, sinto muito. Quando estou pintando, não consigo pensar em mais nada. Mas você nunca posou melhor. Estava perfeitamente imóvel. E eu capturei o efeito que queria... os lábios entreabertos e o brilho nos olhos. Não sei o que Harry estava lhe falando, mas certamente fez você adquirir a mais maravilhosa expressão. Suponho que o estivesse elogiando. Não deve acreditar em nenhuma palavra do que ele diz.

— Na verdade, não estava me elogiando. Talvez seja essa a razão pela qual não acredito em nada do que ele me disse.

— Você sabe que acreditou em tudo — disse lorde Henry, o observando com um olhar lânguido e sonhador. — Vou sair para o jardim com você. Está horrivelmente quente no ateliê. Basil, vamos pedir algo gelado para beber, algo com morangos.

— Certamente, Harry. Apenas toque a sineta, e quando Parker chegar eu lhe digo o que você quer. Tenho que trabalhar na paisagem de fundo, então me juntarei a vocês mais tarde. Não retenha Dorian por muito tempo. Nunca estive com mais disposição para pintar do que hoje. Esta será minha obra-prima. Já é minha obra-prima do modo como está.

Lorde Henry saiu para o jardim e encontrou Dorian Gray com o rosto metido no grande arbusto de lilás frescos, sorvendo febrilmente seu perfume como se fossem vinho. Aproximou-se dele e tocou em seu ombro.

— Faz bem em fazer isso — murmurou. — Nada pode curar a alma senão os sentidos, assim como nada pode curar os sentidos senão a alma.

O rapaz teve um sobressalto e recuou. Estava com a cabeça descoberta, e as folhas haviam bagunçado seus cachos rebeldes e emaranhado todos os seus fios dourados. Havia uma expressão de medo em seus olhos, como as pessoas têm quando são despertadas de repente. Suas narinas finamente esculpidas tremeram e algum sentimento oculto intensificou o rubor de seus lábios, deixando-os trêmulos.

— Sim — continuou lorde Henry —, esse é um dos grandes segredos da vida... curar a alma por meio dos sentidos, e os sentidos por meio da alma. Você é uma criação[8] maravilhosa. Sabe mais do que pensa que sabe, assim como sabe menos do que deseja saber.

Dorian Gray franziu a testa e virou a cabeça para o outro lado. Não conseguiu evitar gostar do jovem alto e gracioso de pé ao seu lado. Seu romântico rosto moreno e sua expressão entediada o interessavam. Havia algo em sua voz baixa e lânguida que era absolutamente fascinante. Suas mãos, parecidas com flores até, frias e brancas, tinham um encanto curioso. Enquanto ele falava, elas se moviam como música e

pareciam dotadas de uma linguagem própria. Mas sentiu medo dele, e isso o envergonhava. Por que um estranho havia ficado a cargo de revelá-lo a si mesmo? Ele conhecia Basil Hallward havia meses, mas a amizade entre eles nunca chegara a transformá-lo. Até que, de repente, apareceu em sua vida alguém que parecia ter lhe revelado o mistério da vida.[9] E, ainda assim, o que havia para temer? Ele não era um colegial nem uma menina. Era absurdo ficar com medo.

— Vamos ali nos sentar à sombra — disse lorde Henry. — Parker trouxe as bebidas e, se você ficar só mais um pouco nessa luz, vai estragar o rosto, e Basil nunca o pintará outra vez. Você realmente não deveria se permitir ficar queimado de sol. Não lhe cairia bem.

— Que importância poderia ter? — perguntou Dorian Gray, rindo, enquanto sentava-se no banco ao fundo do jardim.

— Deveria significar tudo para você, sr. Gray.

— Por quê?

— Porque você tem a mais maravilhosa juventude, e juventude é a única coisa que vale a pena.

— Não penso dessa forma, lorde Henry.

— Não, você não pensa assim agora. Algum dia, quando estiver velho, enrugado e feio, quando o pensamento tiver marcado sua testa com rugas e a paixão marcado seus lábios com seus horríveis ardores, você sentirá isso, sentirá terrivelmente. Agora, aonde quer que vá, você encanta o mundo. Será sempre assim?... Você tem um rosto maravilhosamente lindo, sr. Gray. Não faça cara feia. Tem, sim. E a Beleza é uma forma de Genialidade, é, de fato, superior à Genialidade, pois não precisa de explicação. É um dos grandes fenômenos do mundo, como a luz do sol, ou a primavera, ou o reflexo nas águas escuras daquela concha prateada que chamamos de lua. Não pode ser

questionada. Tem o seu direito divino de soberania. Aqueles que a possuem tornam-se príncipes. Você sorri? Ah! Quando a perder, não sorrirá... Às vezes as pessoas dizem que a Beleza é apenas superficial. Pode ser que seja assim. Mas ao menos não é tão superficial como o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. São apenas as pessoas superficiais que não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível... Sim, sr. Gray, os deuses lhe foram generosos. Mas o que os deuses dão, eles rapidamente tiram. Você tem somente alguns anos para viver de forma real, perfeita e plena[10]. Quando sua juventude for embora, sua beleza irá junto, e então de repente descobrirá que não há mais triunfos para você, ou terá que se contentar com aqueles triunfos mesquinhos que a lembrança do seu passado tornará mais amargos do que as derrotas. Cada mês, ao se esvair, aproxima você de algo terrível. O tempo tem ciúme de você e faz guerra contra seus lírios e suas rosas. Você se tornará pálido, ficará com as bochechas encovadas e os olhos opacos. Sofrerá horrivelmente... Ah! Aproveite sua juventude enquanto a tem. Não desperdice o ouro de seus dias dando ouvidos ao tédio, tentando melhorar o fracasso inevitável ou desperdiçando sua vida com o ignorante, o comum e o vulgar. Estes são os objetivos doentios[11], os falsos ideais de nossa época. Viva! Viva a vida maravilhosa que há em você! Não perca nada. Esteja sempre em busca de novas sensações. Não tenha medo de coisa nenhuma... Um novo hedonismo... é o que deseja o nosso século. Você pode se tornar seu símbolo visível. Com a sua personalidade, não há nada que não possa fazer. Por um período de tempo, o mundo pertence a você... No momento em que o conheci, vi que estava bastante inconsciente do que realmente é, do que realmente poderia ser. Havia tanta coisa em você que me encantou que senti que

devia contar-lhe algo a seu respeito. Pensei na tragédia que seria se você se desperdiçasse. Pois sua juventude durará tão pouco tempo... tão pouco tempo. As flores comuns das colinas murcham, mas florescem novamente. O laburno estará tão amarelo no próximo mês de junho quanto agora. Dentro de um mês a clêmatis se abrirá em estrelas roxas, e ano após ano a noite verde de suas folhas irá conter suas estrelas roxas. Mas nunca recuperamos nossa juventude. A pulsação de alegria que palpita em nós aos vinte anos torna-se lenta. Nossos membros se cansam, nossos sentidos apodrecem. Degeneramos em horríveis marionetes, assombrados pela memória das paixões que tanto nos assustavam e pelas deliciosas tentações às quais não tivemos coragem de ceder. Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo além da juventude!

Dorian Gray escutava-o de olhos abertos e sonhando acordado. O ramo de lilás caiu de sua mão para o cascalho. Uma abelha peluda veio e zumbiu ao redor dele por um instante. Então começou a voar por todo o globo oval e estrelado de pequenas flores. Ele a observou com aquele estranho interesse que tentamos desenvolver por coisas triviais, quando assuntos de grande importância nos deixam com medo, ou quando somos instigados por alguma nova emoção que não conseguimos expressar, ou quando algum pensamento que nos aterroriza de repente cerca nosso cérebro e pede-lhe que se renda. Depois de um tempo a abelha voou para longe. Ele a viu rastejando na corola manchada de uma bela-manhã[12] púrpura. A flor pareceu tremer e depois balançou suavemente de um lado para outro.

De repente, o pintor apareceu à porta do ateliê e fez sinais em *stacatto*[13] para que entrassem. Viraram-se um para o outro e sorriram.

— Estou esperando — ele anunciou. — Entrem. A luz está maravilhosa, e vocês podem trazer suas bebidas.

Eles se levantaram e percorreram juntos o caminho de volta. Duas borboletas verdes e brancas passaram voando sobre os dois, e na pereira no canto do jardim um tordo começou a cantar.

— O senhor está feliz por ter me conhecido, sr. Gray — afirmou lorde Henry, olhando para ele.

— Sim, estou feliz agora. Me pergunto: será que estarei sempre feliz?

— Sempre! Essa é uma palavra temerosa. Me dá calafrios quando a escuto. As mulheres gostam tanto de usá-la. Elas estragam qualquer romance ao tentarem fazer com que dure para sempre. É também uma palavra sem sentido. A única diferença entre um capricho e uma paixão para a vida toda é que o capricho dura um pouco mais.

Assim que entraram no ateliê, Dorian Gray pôs a mão sobre o ombro de lorde Henry.

— Neste caso, que nossa amizade seja um capricho — ele murmurou, corando pela própria ousadia, e então subiu no estrado e voltou a posar.

Lorde Henry se atirou em uma grande poltrona de vime e o observou. A fricção úmida do pincel na tela era o único som quebrando o silêncio, exceto quando, uma vez ou outra, Hallward recuava para observar seu trabalho à distância. Nos feixes de luz que entravam pela porta aberta, uma poeira dourada dançava. O forte perfume das rosas parecia pairar sobre tudo.

Depois de quinze minutos, Hallward parou de pintar, olhou por um longo tempo para Dorian Gray e então por um longo tempo para o quadro, mordendo a ponta de um de seus enormes pincéis e franzindo a testa.

— Está completamente pronto — finalmente anunciou, e, inclinando-se, escreveu seu nome em longas letras laranja-avermelhadas no canto esquerdo da tela.

Lorde Henry se aproximou e examinou a pintura. Certamente era uma obra de arte maravilhosa, e possuía também uma semelhança maravilhosa.

— Meu caro amigo, eu o felicito calorosamente — disse ele. — É o melhor retrato dos tempos modernos.[14] Sr. Gray, venha e olhe para si mesmo.

O rapaz sobressaltou-se, como se tivesse acordado de algum sonho.

— Está mesmo pronto? — murmurou, descendo do estrado.

— Completamente — disse o pintor. — E você posou de maneira esplêndida hoje. Fico muito grato a você.

— Isso foi inteiramente devido a mim — interrompeu lorde Henry. — Não é, sr. Gray?

Dorian não respondeu, mas passou indiferente diante de seu retrato e virou-se para ele. Ao vê-lo, recuou, e por um momento suas bochechas coraram de prazer. Uma expressão de regozijo surgiu em seus olhos, como se tivesse se reconhecido pela primeira vez. Ficou ali imóvel e maravilhado, vagamente consciente de que Hallward estava falando com ele, mas sem captar o significado de suas palavras. A percepção de sua própria beleza recaiu sobre ele como uma revelação. Nunca havia sentido isso antes. Os elogios de Basil Hallward pareciam-lhe apenas os exagerados galanteios da amizade. Ele os escutava, ria e logo os esquecia. Não chegavam a influenciá-lo. Então veio lorde Henry Wotton com seu estranho panegírico sobre a juventude, seu terrível aviso sobre sua brevidade. Isso mexeu com ele naquele momento, e agora, enquanto olhava para a sombra de seu próprio encanto, foi acometido pela realidade nua e crua da descrição. Sim, chegaria o dia em que seu rosto ficaria enrugado e caído; seus olhos, opacos e sem cor, sua aparência graciosa quebrada e deformada. O rubor fugiria de seus lábios e o ouro seria furtado de seus cabelos. A vida que moldaria sua alma iria deteriorar seu corpo. Ele se tornaria terrível, medonho e grosseiro.

Enquanto pensava nisso, uma pontada aguda de dor o atingiu feito uma faca, fazendo estremecer cada delicada fibra de seu ser. Seus olhos ametistas escureceram, e através deles surgiu uma névoa de lágrimas. Sentiu como se houvesse uma mão de gelo sobre seu coração.

— Não gostou? — Hallward enfim perguntou, um pouco sentido com o silêncio do rapaz, sem entender o que aquilo significava.

— É claro que ele gostou — disse lorde Henry. — Quem não gostaria? É uma das melhores coisas da arte moderna. Pagarei quanto quiser por

ela. Preciso tê-la.

— Não é minha propriedade, Harry.

— É propriedade de quem?

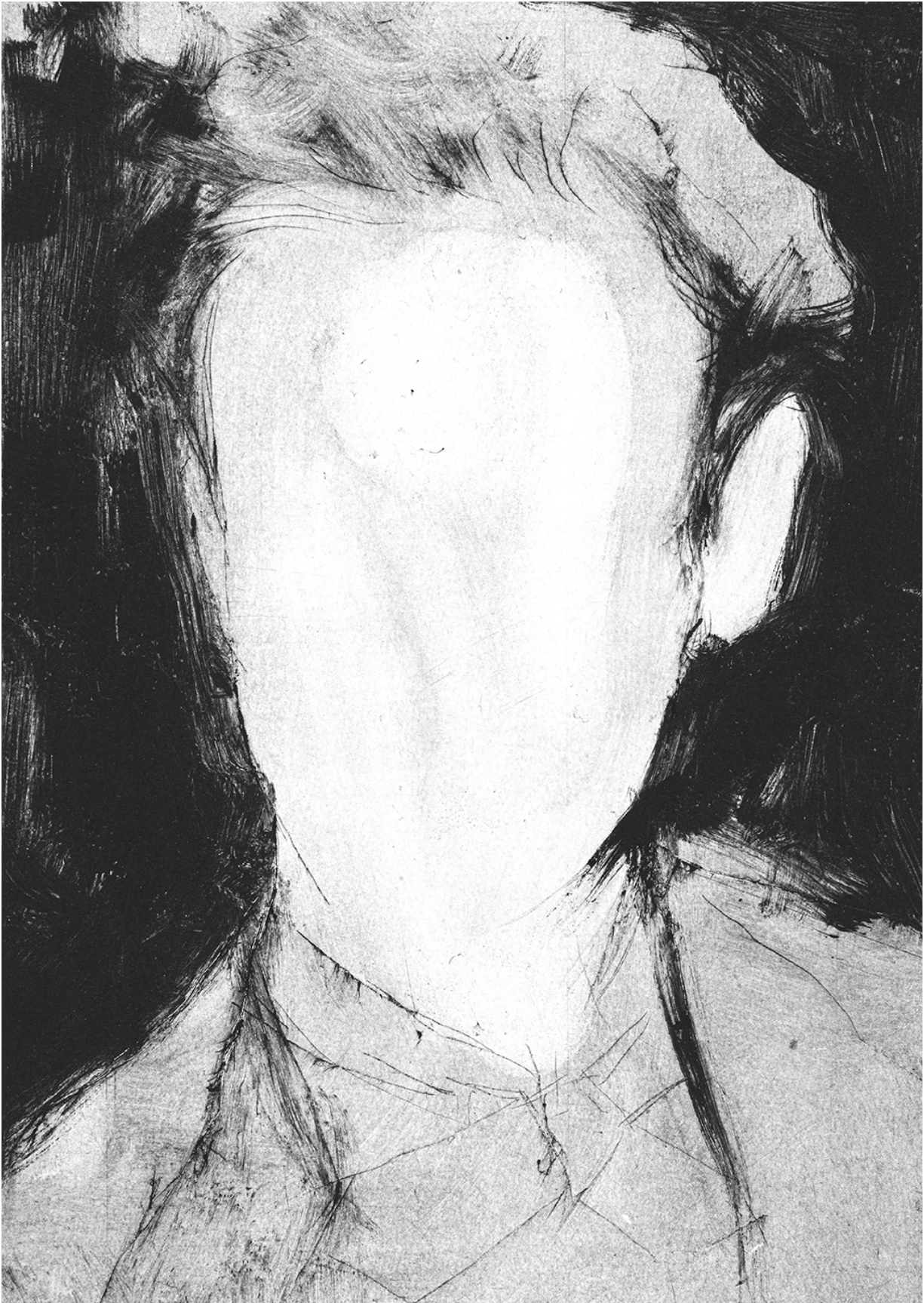
— De Dorian, é claro — respondeu o pintor.

— Ele é um sujeito de muita sorte.

— Como isso é triste! — murmurou Dorian Gray, com os olhos ainda fixos no próprio retrato. — Como isso é triste! Vou ficar velho, horrível e pavoroso.[15] Mas essa imagem se manterá sempre jovem. Nunca envelhecerá mais do que este dia específico de junho... Se fosse o contrário! Se fosse eu quem permanecesse sempre jovem e a imagem que envelhecesse! Em troca disso... em troca disso... eu daria tudo! Sim, não há nada no mundo inteiro que eu não daria! Eu daria até minha alma![16]

— Você dificilmente gostaria de um arranjo assim, Basil — exclamou lorde Henry, rindo. — Seria bastante cruel com seu trabalho.[17]

— Eu me oporia veementemente, Harry — disse Hallward.

Dorian Gray virou-se e olhou para ele.

— Creio mesmo que se oporia, Basil. Você gosta mais da sua arte do que de seus amigos. Para você, não passo de uma figura de bronze verde. Nem isso, arrisco dizer.

O pintor o encarou, surpreso. Era tão estranho que Dorian falasse assim. O que tinha acontecido? Ele parecia bem irritado. Seu rosto estava vermelho e as bochechas queimavam.

— Sim — continuou ele —, sou para você inferior ao seu Hermes de marfim ou ao seu fauno de prata. Deles você gostará para sempre. Por quanto tempo vai gostar de mim? Até surgir minha primeira ruga, suponho. Agora sei que, quando alguém perde a boa aparência, seja ela qual for, perde tudo. Seu retrato me ensinou isso. Lorde Henry Wotton está perfeitamente certo. A juventude é a única coisa que vale a pena. Quando eu descobrir que estou envelhecendo, vou me matar.

Hallward empalideceu, e o tomou pela mão.

— Dorian! Dorian! — exclamou ele. — Não fale assim. Nunca tive um amigo como você, e nunca mais terei outro. Você não tem inveja de coisas materiais, tem? Você, que está acima de todas essas coisas![18]

— Tenho inveja de tudo cuja beleza não morre. Tenho inveja do retrato que você pintou de mim. Por que ele manterá o que eu irei perder? Cada momento que passa tira algo de mim e dá a ele. Ah, se fosse o contrário! Se o retrato pudesse mudar, e eu pudesse ser para sempre o que sou agora! Por que o pintou? Um dia ele zombará de mim... zombará horrivelmente de mim. — As lágrimas quentes brotaram de seus olhos, ele desvencilhou-se da mão de Hallward e, jogando-se no divã, afundou o rosto nas almofadas, como se estivesse rezando.

— Isso é culpa sua, Harry — disse o pintor, com amargura.[19]

Lorde Henry balançou os ombros.

— Este é o verdadeiro Dorian Gray... nada mais.

— Não, não é.

— Se não é, o que eu tenho a ver com isso?

— Você devia ter ido embora quando lhe pedi — ele murmurou.

— Eu fiquei quando você me pediu — foi a resposta de lorde Henry.

— Harry, não posso brigar com meus dois melhores amigos ao mesmo tempo, mas me fizeram odiar o melhor trabalho que já fiz e vou destruí-lo. O que é isso senão tela e cor? Não vou deixar que isso atravesse a vida de nós três e a prejudique.

Dorian Gray levantou a cabeça de cabelos dourados da almofada e, com o rosto pálido e os olhos cheios de lágrimas, olhou para o pintor, que caminhava até a mesa de pintura de pinho colocada sob as longas cortinas da janela. O que estava fazendo ali? Seus dedos vagavam por entre a confusão de tubos de estanho e pincéis secos, em busca de alguma coisa. Sim, procurava pela espátula, com sua fina lâmina de aço flexível. Até que finalmente a encontrou. Iria rasgar a tela.

Com um soluço abafado, o rapaz saltou do sofá e, correndo até Hallward, arrancou-lhe a espátula da mão, atirando-a para os fundos do ateliê.

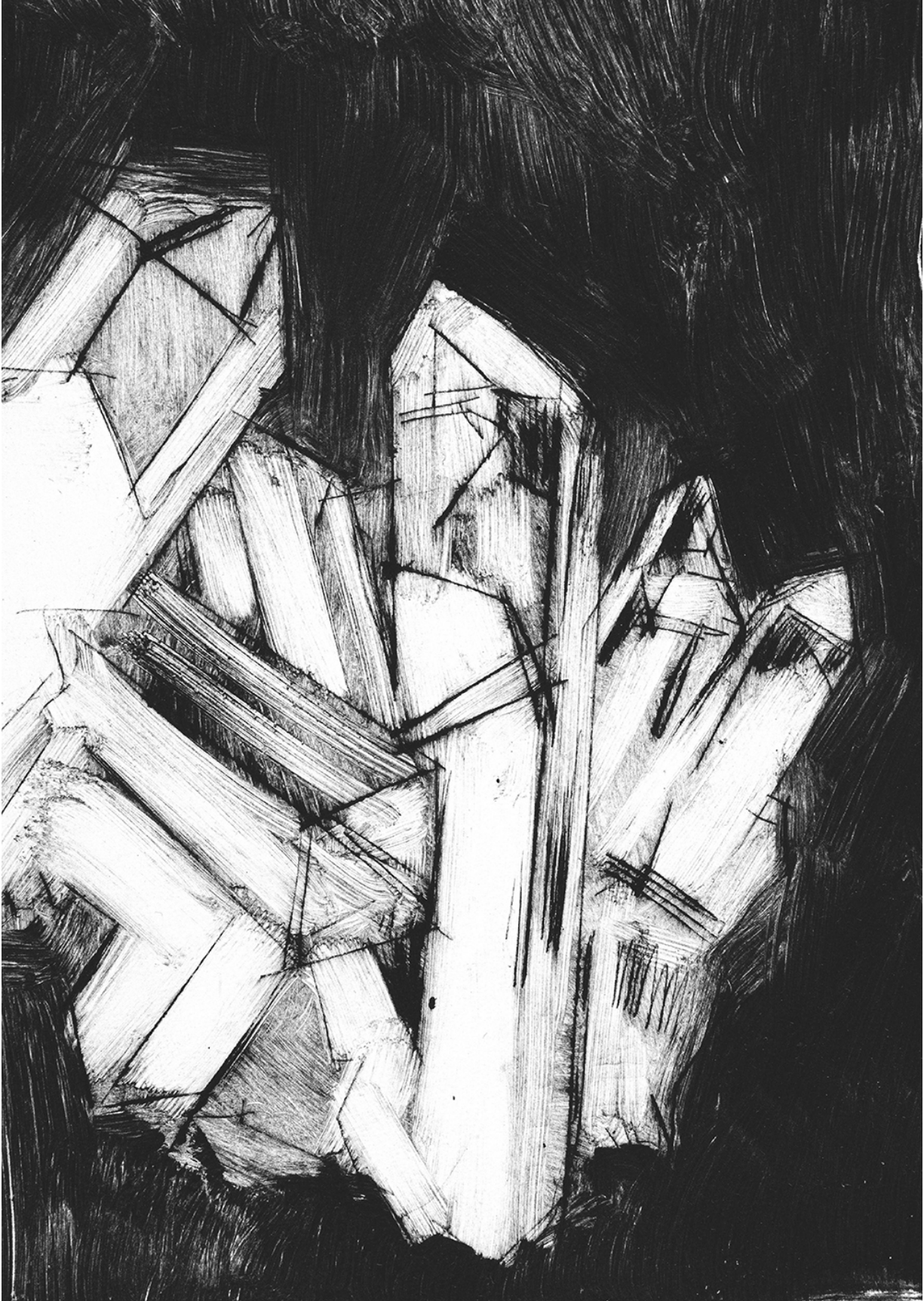
— Não, Basil, não! — ele gritou. — Seria assassinato!

— Fico feliz que finalmente tenha apreciado meu trabalho, Dorian — disse o pintor, friamente, quando se recuperou da surpresa. — Nunca pensei que faria isso.

— Apreciá-lo? Estou apaixonado por essa obra, Basil. Faz parte de mim. Consigo senti-la.

— Bem, assim que você estiver seco, será envernizado, emoldurado e mandado para casa. Então poderá fazer o que quiser consigo mesmo. — Depois disso, atravessou o aposento e tocou a sineta para pedir o chá. —

Você quer chá, não quer, Dorian? E você, Harry? Ou se opõe a esses simples prazeres?[20]

— Adoro os simples prazeres — disse lorde Henry. — Eles são o último refúgio da complexidade. Mas não gosto de drama, exceto no palco. Que sujeitos absurdos vocês dois são! Me pergunto quem foi que definiu o homem como um animal racional. Foi a definição mais prematura já dada. O homem é muitas coisas, mas não racional. Fico feliz que não seja, afinal de contas, ainda que eu desejasse que vocês não discutissem por causa do quadro. Seria muito melhor que você me deixasse ficar com ele, Basil. Esse garoto bobo não o quer de verdade, e eu realmente o quero.

— Se permitir que alguém além de mim o tenha, Basil, nunca o perdoarei! — anunciou Dorian Gray. — E não permito que ninguém me chame de garoto bobo.

— Você sabe que o retrato é seu, Dorian. Eu o dei a você antes dele sequer existir.

— E você sabe que tem sido meio bobo, sr. Gray, e que realmente não se opõe a ser lembrado de que é extremamente jovem.[21]

— Eu devia tê-lo contestado veementemente hoje de manhã, lorde Henry.

— Ah! Hoje de manhã! Você já viveu bastante desde então.

Houve uma batida à porta e o mordomo entrou com uma bandeja de chá, que colocou sobre uma mesinha japonesa. Logo depois houve um barulho de xícaras e pires e o chiado de uma chaleira georgiana canelada. Dois pratos de porcelana em formato de globo foram trazidos por um pajem. Dorian Gray se aproximou e serviu o chá. Os dois homens caminharam languidamente até a mesa e examinaram o conteúdo sob as tampas.

— Vamos ao teatro esta noite — disse lorde Henry. — Certamente deve haver algo em cartaz, em algum lugar. Prometi jantar no White's[22], mas seria com um velho amigo, então posso enviar-lhe um telegrama para dizer que estou doente ou que fui impedido de ir em consequência de um compromisso que teria em seguida. Acho que seria uma boa desculpa: cheio daquela surpresa da sinceridade.

— É muito chato vestir roupas formais — murmurou Hallward. — E quando alguém o faz, fica muito feio.

— Sim — respondeu lorde Henry, sonhador. — Os trajes do século XIX são detestáveis. Tão sóbrios e deprimentes. O pecado é o único elemento com alguma cor que restou na vida moderna.

— Você realmente não deveria dizer coisas assim diante de Dorian, Harry.

— Diante de qual Dorian? O que está nos servindo chá ou o que está no retrato?

— De nenhum dos dois.

— Eu gostaria de ir ao teatro com você, lorde Henry — disse o rapaz.

— Então vamos. E você vai também, Basil, não vai?

— Não posso mesmo. Prefiro não ir. Tenho bastante trabalho a fazer.

— Bem, então eu e você iremos sozinhos, sr. Gray.

— Eu adoraria.

O pintor mordeu os lábios e caminhou, com a xícara entre as mãos, até o retrato.

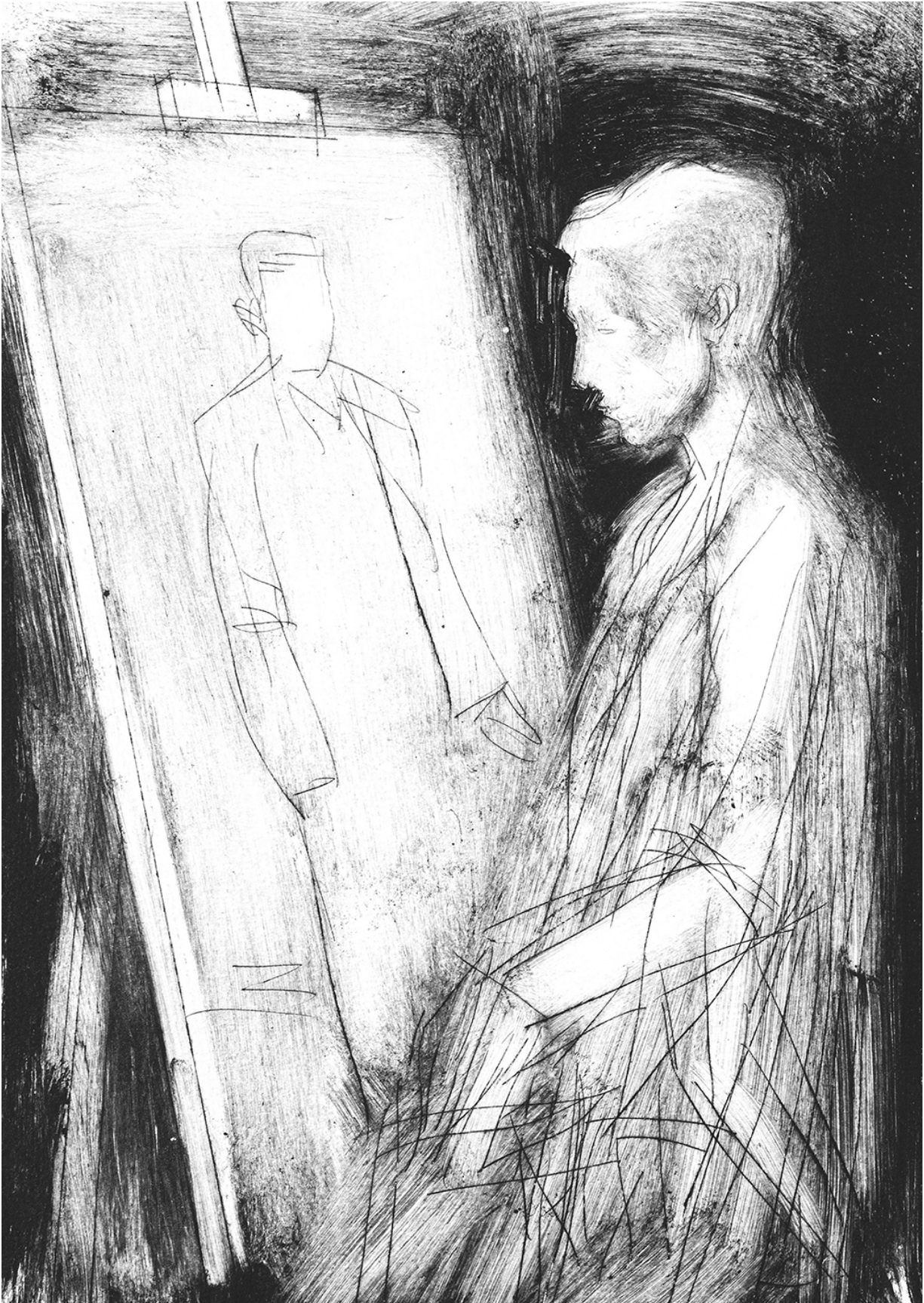
— Vou ficar com o Dorian real — ele disse, com tristeza.

— Esse é o Dorian real? — perguntou o original do retrato, flanando na direção dele. — Sou mesmo assim?

— Sim, você é exatamente assim.

— Que maravilha, Basil!

— Pelo menos é como ele na aparência. Mas ele nunca irá mudar — suspirou Hallward. — Já é alguma coisa.

— Que rebuliço vocês fazem quanto à fidelidade — disse lorde Henry. — Ora, mesmo no amor ela é puramente uma questão de fisiologia.[23] Não tem nada a ver com nossa própria vontade. Os rapazes querem ser fiéis e não são, os velhos querem ser infiéis e não conseguem: é tudo que se pode dizer.

— Não vá ao teatro hoje à noite, Dorian — disse Hallward. — Fique e jante comigo.

— Não posso, Basil.

— Por quê?

— Porque prometi a lorde Henry Wotton que iria com ele.

— Ele não gostará menos de você por não manter suas promessas. Ele sempre quebra as dele. Imploro para que não vá.

Dorian Gray riu e balançou a cabeça.

— Eu imploro.

O rapaz hesitou e olhou para lorde Henry, que os observava da mesinha de café com um sorriso divertido no rosto.

— Preciso ir, Basil — respondeu.

— Muito bem — disse Hallward, então voltou e largou a xícara sobre a bandeja. — Está ficando tarde, e, já que você precisa se trocar, é melhor não perder tempo. Até logo, Harry. Até logo, Dorian. Venha me ver em breve. Venha amanhã.

— Com certeza.

— Não vai esquecer?

— Não, claro que não — disse Dorian.

— E... Harry!

— Sim, Basil?

— Lembre-se do que lhe pedi quando estávamos no jardim hoje de manhã.

— Me esqueci.

— Confio em você.

— Quisera eu poder confiar em mim mesmo — disse lorde Henry, rindo. — Venha, sr. Gray, meu cabriolé está lá fora, e posso deixá-lo em casa. Até logo, Basil. Foi uma tarde muito interessante.

Assim que as portas se fecharam, o pintor jogou-se no sofá, e uma expressão de dor surgiu em seu rosto.

---

1. De "black book", no original. Optamos por manter a expressão "lista negra", apesar da conotação pejorativa e racista com que é lida atualmente, levando em conta a mentalidade profundamente racista presente no contexto histórico retratado no livro, a Inglaterra vitoriana. [N. de E.] ↩
2. Neste contexto, uma instituição de caridade. O bairro de Whitechapel, no East End londrino, era uma área pobre, tornada infame após os assassinatos de Jack, o Estripador. [N. de T.] ↩
3. Em todas as versões do texto, exceto esta, o parágrafo termina com lorde Henry concluindo que Dorian Gray fora "feito para ser venerado". ↩
4. Clube de cavalheiros da Londres vitoriana então localizado no bairro de St. James's, em King Street, no West End de Londres. Em 1945 fundiu-se com outros dois clubes devido a altos custos e falta de membros, passando a se chamar Marlborough Club, mas mesmo assim terminou fechando em 1953. [N. de T.] ↩
5. O mais famoso colégio da elite e aristocracia britânicas. [N. de T.] ↩
6. No manuscrito, a palavra era "corpo", não "mente", indicando novamente o afastamento de sensações físicas. ↩
7. O sorriso, descrito no datiloscrito como "triste", aqui torna-se apenas "sutil". ↩
8. A palavra "criação" era, no datiloscrito, "criatura". ↩
9. No manuscrito, o narrador informava que Dorian Gray sentiu-se deparar com a revelação de um segredo. ↩
10. A inclusão "perfeita e plena", feita para esta versão, ao mesmo tempo ilustra o desenvolvimento do personagem e mostra o caráter paradoxal da escrita de Wilde. ↩
11. No datiloscrito, não havia a adjetivação "doentios". ↩
12. Planta herbácea e florífera de pequeno porte. [N. de T.] ↩
13. Tipo de articulação em frases musicais que resulta em notas muito curtas. [N. de T.] ↩
14. Na versão datiloscrita, não havia esta avaliação sobre o retrato. ↩
15. No manuscrito, Dorian Gray prossegue dizendo que, com o decorrer dos anos, a vida escreveria linhas em seu rosto, a paixão iria vincá-lo e o pensamento distorceria sua forma, insinuando o início de sua obsessão com a própria aparência. ↩
16. A insinuação ao pacto faustiano é uma inclusão à versão de 1891. O trecho não consta do datiloscrito nem do manuscrito, nos quais Dorian Gray diz apenas que "daria tudo". Na versão do periódico de 1890, o personagem diz que "não existe nada no mundo que ele não daria". ↩

17. No datiloscrito, lorde Henry sugere que seria cruel com o próprio Basil, em vez de com seu trabalho, tornando a questão mais pessoal. ↩
18. O elogio ao amigo, colocando-o num pedestal diante dos demais, não aparece no datiloscrito. ↩
19. Na versão datiloscrita, a questão da culpa se estende um pouco mais. Lorde Henry questiona a atribuição que lhe é dada ao erro, e Basil insiste que ele sabe que tem culpa, dando início a um mal-estar entre os dois. ↩
20. Aqui há certa animosidade na pergunta, diferentemente do datiloscrito, em que ocorre uma mera constatação de que o chá é o único prazer simples que lhes restou. ↩
21. Há uma mudança de tom entre o datiloscrito e a versão de 1891: a palavra "garoto" [*boy*], que, além de ser usada no diálogo em tom depreciativo, poderia insinuar um desejo homoafetivo entre um homem mais velho e um mais jovem, é deixada de lado neste ponto da conversa. ↩
22. O mais antigo e tradicional clube de cavalheiros de Londres, fundado em 1693 e localizado em Picadilly, onde a presença de mulheres é até hoje proibida. [N. de T.] ↩
23. O tema amor, não citado no datiloscrito, é trazido na versão de 1891. Em seguida ocorre outra mudança, o corte da análise de lorde Henry: "É ou um acidente infeliz ou um resultado desagradável do temperamento". ↩

capítulo 3[1]

Ao meio-dia e meia do dia seguinte, lorde Henry Wotton caminhou da rua Curzon até o Albany[2] para visitar seu tio, lorde Fermor, um velho solteirão alegre, ainda que um tanto grosseiro, o qual o mundo considerava egoísta por não conseguir obter dele nenhum benefício, mas a alta sociedade considerava generoso por alimentar as pessoas que o entretinham. Seu pai havia sido nosso embaixador em Madri quando Isabela era jovem e ainda nem se pensava em Prim,[3] mas retirou-se do serviço diplomático em razão de um aborrecimento caprichoso passageiro: não lhe terem oferecido a embaixada de Paris, à qual julgava ter pleno direito devido a seu berço, sua indolência, o bom inglês de seus despachos e sua paixão excessiva pelo prazer.[4] O filho, que havia sido seu secretário, demitira-se junto com seu chefe de um modo um tanto tolo, como se pensou à época, e, meses depois, ao suceder em seu título, pôs-se ele próprio a estudar seriamente a grande arte aristocrática de não fazer absolutamente nada. Possuía dois grandes sobrados na cidade, mas preferia viver nos apartamentos pois davam menos trabalho, e fazia a maioria de suas refeições no clube. Dava alguma atenção à administração de suas carvoarias nos condados do interior, escusando-se a si mesmo por essa mácula de indústria sob o argumento de que a vantagem do carvão é que permite a um cavalheiro a decência de queimar lenha em sua própria fogueira. Na política ele era um Tory[5], exceto quando os Tories estavam no governo, período durante o qual

ele os insultava abertamente por serem um bando de radicais. Ele era um herói aos olhos de seu criado, que o intimidava, e um terror para a maioria de seus parentes, os quais por sua vez intimidava. Somente a Inglaterra poderia tê-lo produzido, e ele sempre dizia que o país estava indo para o brejo. Seus princípios estavam ultrapassados, mas muito se poderia dizer sobre seus preconceitos.

Quando lorde Henry entrou na sala, encontrou seu tio sentado, vestindo um grosseiro casaco de tiro, fumando um charuto e resmungando sobre o *The Times*[6].

— Bem, Harry — disse o velho cavalheiro —, o que o traz tão cedo? Achei que dândis como você nunca levantavam antes das duas da tarde e não eram vistos antes das cinco.

— Puro carinho familiar, tio George, eu garanto. Preciso de algo do senhor.

— Dinheiro, imagino — disse lorde Fermor, fazendo cara feia. — Bem, sente-se e me conte tudo. Os jovens, hoje em dia, acham que o dinheiro é tudo.

— Sim — murmurou lorde Henry, abrindo o botão de sua casaca —, e, quando envelhecem, eles têm certeza. Mas não quero dinheiro. Só as pessoas que pagam suas contas querem isso, tio George, e eu nunca pago as minhas. O crédito é o capital de um filho caçula, e pode-se viver elegantemente com ele. Além disso, vivo negociando com comerciantes de Dartmoor, e por consequência eles nunca me importunam. O que eu quero é informação: mas não informações úteis, é claro. Informações inúteis.

— Bem, posso lhe dizer qualquer coisa que esteja nos Livros Azuis ingleses[7], Harry, ainda que esse pessoal hoje em dia escreva um monte de bobagem. Quando eu era diplomata, as coisas eram bem melhores.

Mas ouvi dizer que hoje em dia deixam entrar por meio de uma prova. O que se pode esperar? Provas, senhor, são uma lorota do começo ao fim. Se um homem é um cavalheiro, ele sabe o suficiente, e, se não for um cavalheiro, seja lá o que saiba será ruim para ele.

— O sr. Dorian Gray não consta nos Livros Azuis, tio George — disse lorde Henry, languidamente.

— Sr. Dorian Gray? Quem é esse? — perguntou lorde Fermor, unindo as sobrancelhas brancas volumosas.

— É isso que vim saber, tio George. Ou melhor, eu sei quem ele é: é o último neto de lorde Kelso. Sua mãe era uma Devereux, lady Margaret Devereux. Quero que me conte sobre a mãe dele. Como era? Com quem se casou? O senhor conheceu praticamente todo mundo de sua época, então deve tê-la conhecido. Estou muito interessado no sr. Gray nesse momento. Acabei de conhecê-lo.

— Neto de Kelso! — repetiu o velho cavalheiro. — Neto de Kelso! É claro... conheci profundamente a mãe dele. Creio que fui ao batismo dela. Era uma menina extraordinariamente bonita, Margaret Devereux, que deixou todos os homens furiosos ao fugir com um rapazinho sem um tostão, um zé-ninguém, senhor, subalterno num regimento de infantaria ou algo assim. Com certeza. Me lembro de tudo como se fosse ontem. O pobre sujeito foi morto num duelo em Spa alguns meses depois do casamento. Corria uma história feia sobre isso. Diziam que Kelso arranjou um aventureiro malandro, um brutamontes belga, para insultar seu genro em público, inclusive pagando-o, senhor, para que fizesse isso, e que o sujeito espetou o homem como se não passasse de um pombo. A coisa toda foi abafada, mas, meu Deus, depois disso Kelso passou um tempo comendo sozinho no clube. Me disseram que ele trouxe a filha de volta consigo e ela nunca mais lhe dirigiu a palavra. Ah,

sim, foi um negócio feio. A moça morreu também, morreu em um ano. Quer dizer que ela deixou um filho, é? Eu tinha esquecido disso. Que tipo de garoto ele é? Se for como a mãe, deve ser um sujeito bonitão.

— Ele é muito bonito — garantiu lorde Henry.

— Espero que ele caia em mãos adequadas — continuou o velho. — Deve ter um pote de ouro aguardando por ele se Kelso fez a coisa certa pelo garoto. Sua mãe tinha dinheiro também. Toda a propriedade de Selby ficou para ela, por meio do avô. O avô dela odiava Kelso, achava que era uma pessoa ruim. Ele também era. Foi a Madri uma vez quando eu estava lá e, meu Deus, fiquei com vergonha dele. A rainha costumava me perguntar sobre o nobre inglês que estava sempre brigando com os cocheiros sobre as tarifas. Rendeu uma história e tanto. Não ousei dar as caras na corte por um mês. Espero que ele tenha tratado o neto melhor do que tratava os cocheiros.

— Não sei — respondeu lorde Henry. — Imagino que o garoto esteja bem-arranjado. Ainda não é maior de idade. Sei que tem a propriedade de Selby. Ele me contou. E... quer dizer que a mãe dele era muito bonita?

— Margaret Devereux foi uma das criaturas mais adoráveis que já vi, Harry. O que raios a fez se comportar daquele jeito, nunca vou entender. Ela poderia ter se casado com quem quisesse. Carlington era louco por ela. Porém, ela era uma romântica. Como todas as mulheres daquela família. Os homens eram uns coitados, mas, meu Deus! As mulheres eram maravilhosas. Carlington ficou de joelhos por ela. Ele mesmo me contou. Ela riu dele, e, na época, não havia nenhuma garota em Londres que não corresse atrás dele. E a propósito, Harry, por falar em casamentos idiotas, que bobagem é essa que seu pai me contou sobre Dartmoor querer se casar com uma americana? As meninas inglesas não são boas o bastante para ele?

— Está na moda casar com americanas agora, tio George.

— Eu defenderei as mulheres ingleses contra o mundo, Harry — disse lorde Fermor, batendo com o punho na mesa.

— As americanas estão em alta.

— Me disseram por aí que elas não duram muito — murmurou o tio.

— Um noivado longo as exaure, mas são ótimas na corrida de obstáculos. Elas laçam o noivo no ato. Acho que Dartmoor não tem a menor chance.

— Quem é a família dela? — resmungou o velho cavalheiro. — Ela tem alguma família?

Lorde Henry balançou a cabeça.

— As moças americanas são tão hábeis em esconder os pais quanto as inglesas são em esconder o passado — disse ele, se levantando.

— Gente envolvida com incentivos fiscais, suponho?

— Espero que sim, tio George, pelo bem de Dartmoor. Disseram-me que incentivos fiscais são a segunda carreira mais lucrativa nos Estados Unidos, depois da política.

— Ela é bonita?

— Se comporta como se fosse. A maioria das americanas faz isso. É o segredo do charme delas.

— Por que essas americanas não ficam em seu próprio país? Vivem dizendo que lá é o paraíso para as mulheres.

— E é mesmo. É por isso que, como Eva, elas ficam tão excessivamente ansiosas para sair de lá — disse lorde Henry. — Até logo, tio George. Vou me atrasar para o almoço, se ficar mais tempo. Obrigado por me dar a informação que eu queria. Sempre gosto de saber tudo sobre meus novos amigos e não saber nada sobre os velhos.

— Onde vai almoçar, Harry?

— Com tia Agatha. Convidei a mim mesmo e ao sr. Gray. Ele é o mais novo *protegé* dela.

— Hunf! Diga a sua tia Agatha, Harry, que pare de me incomodar com aquelas propostas de caridade. Estou cansado dessas propostas. Ora, a boa mulher acha que eu não tenho mais nada para fazer além de assinar cheques para seus caprichos tolos.

— Tudo bem, tio George, eu digo a ela, mas não vai surtir nenhum efeito. Os filantropos perdem todo o senso de caridade. É a característica que os distingue.

O velho cavalheiro rosnou em aprovação e tocou a sineta, chamando seu criado. Lorde Henry passou pela arcada baixa que levava à rua Burlington e virou os degraus em direção à Berkeley Square.

Então essa era a história da paternidade de Dorian Gray. Embora contada grosseiramente, a história o inquietara com suas insinuações de um romance estranho, quase moderno. Uma bela mulher arriscando tudo por uma paixão louca. Poucas semanas selvagens de felicidade interrompidas por um crime traiçoeiro, terrível. Meses de agonia muda, e então uma criança nascida da dor. A mãe levada embora pela morte, o menino largado à solidão e à tirania de um homem velho e mal-amado. Sim, era um pano de fundo interessante; emoldurava o rapaz, tornando-o ainda mais perfeito. Por trás de toda coisa requintada que já existiu, havia algo trágico. Mundos inteiros precisavam se pôr em ação para que a menor das flores florescesse... E como ele havia sido encantador no jantar da noite anterior, de olhos arregalados e lábios entreabertos num prazer assustado conforme sentava-se de frente para ele no clube, as pantalhas vermelhas das velas tingindo de um rosa mais intenso a surpresa despertando em seu rosto. Conversar com ele era como tocar um requintado violino. Ele respondia a cada toque e vibração do arco...

Havia algo terrivelmente cativante no exercício da influência. Não existia nenhuma atividade como essa. Projetar a alma de alguém em uma forma graciosa e deixá-la se deter ali por um momento, escutar suas próprias visões intelectuais ecoarem de volta a si acrescidas de toda a música e paixão da juventude; transmitir o temperamento de um para dentro de outro, como se fosse um fluido sutil ou um estranho perfume: havia um prazer real nisso… talvez o mais satisfatório prazer deixado para nós numa era tão limitada e vulgar como a nossa, uma era grosseiramente carnal em seus prazeres, e grosseiramente comum em seus objetivos… Ele também era maravilhoso, aquele menino, que por um tão curioso acaso ele conhecera no ateliê de Basil, ou poderia, sem dúvidas, ser talhado em alguém maravilhoso. Dele era a Graça, e a branca pureza da meninice, e uma beleza tal como nos deixaram as antigas estátuas gregas. Não havia nada que não se pudesse fazer com ele. Poderia ser moldado num Titã ou num brinquedo. Que pena que uma beleza dessa fosse destinada a se extinguir! E Basil? Do ponto de vista psicológico, como ele era interessante! O novo estilo na arte, um novo modo de encarar a vida, tão estranhamente sugerido pela mera presença de alguém inconsciente de tudo; o espírito silencioso que habitava bosques sombrios e caminhava sem ser visto em campo aberto, de súbito se revelando, feito dríade, e sem temor, pois em sua alma, que ansiava por ela, havia despertado aquela maravilhosa visão para o qual somente a si eram reveladas coisas deslumbrantes; os meros padrões e formas das coisas se tornavam, como se diz, refinadas, e ganhavam uma espécie de valor simbólico, como se elas próprias fossem padrões de alguma outra forma mais perfeita, cuja sombra foi tornada real; como era estranho tudo isso! Ele se lembrava de algo assim na História. Não foi Platão, aquele artista do pensamento, que primeiro analisou essa

teoria? Não foi Buonarotti quem a esculpiu nos mármores coloridos de sequências de sonetos?[8] Mas em nosso próprio século, era estranho... Sim, ele tentaria ser para Dorian Gray o que inconscientemente o rapaz fora para o pintor que havia criado o maravilhoso retrato. Ele tentaria dominá-lo — já havia, de fato, quase feito isso. Ele tomaria aquele maravilhoso espírito para si. Havia algo de fascinante naquele filho do Amor e da Morte.

De repente ele parou e olhou para as casas. Percebeu que havia ultrapassado a de sua tia e já estava a uma certa distância de lá, e, sorrindo consigo mesmo, deu meia-volta. Quando entrou no relativamente sombrio saguão, o mordomo lhe disse que já haviam chegado para o almoço. Ele entregou o chapéu e o bastão para um dos lacaios e adentrou a sala de jantar.

— Atrasado como de costume, Harry — disse a tia, balançando-lhe a cabeça.

Inventou uma desculpa qualquer e, ocupando o assento vago ao lado dela, olhou em volta para ver quem estava ali. Dorian, da ponta da mesa, curvou-se timidamente para ele, uma onda de prazer invadindo seu rosto. Do lado oposto estava a duquesa de Harley, uma senhora de admirável boa índole e bom humor, muito querida por todos que a conheciam, e daquelas amplas proporções arquitetônicas que, nas mulheres que não são duquesas, os historiadores contemporâneos descrevem como corpulentas. À sua direita estava sentado sir Thomas Burdon, um membro radical do Parlamento que na vida pública seguia seu líder e na privada seguia os melhores cozinheiros, jantando com os Conservadores e pensando com os Liberais, conforme uma regra sábia e bem conhecida. O assento à esquerda da duquesa de Harley era ocupado pelo sr. Erskine de Treadley, um velho cavalheiro de

considerável charme e cultura que, no entanto, havia caído no mau hábito do silêncio, tendo, como explicou certa vez a lady Agatha, já dito tudo o que tinha a dizer antes de completar trinta anos. Ao lado dele estava a sra. Vandeleur, uma das amigas mais antigas de sua tia, uma santa entre as mulheres, mas tão terrivelmente deselegante que lembrava um hinário mal encadernado. Felizmente para ele, ao lado da sra. Vandeleur estava lorde Faudel, um homenzinho de meia-idade medíocre e muito inteligente, a careca tão vazia quanto uma declaração ministerial na Câmara dos Comuns, com quem ela conversava daquela maneira intensamente sincera que é o único erro imperdoável, como ele mesmo comentou uma vez, que todas as pessoas realmente boas cometem e das quais nenhuma consegue escapar.

— Estávamos falando do pobre Dartmoor, lorde Henry — disse a duquesa, com um aceno simpático para ele. — O senhor acha que ele irá mesmo se casar com essa fascinante jovem?

— Creio que ela tenha decidido pedi-lo em casamento, duquesa.

— Que horror! — exclamou lady Agatha. — Sério, alguém deveria intervir.

— Me disseram, com excelente autoridade, que o pai dela é dono de uma loja que vende por atacado — disse sir Thomas Burdon, com ares de arrogância.

— Meu tio já sugeriu que lidam com financiamentos públicos, sir Thomas.

— Atacado! O que os americanos vendem por atacado? — perguntou a duquesa, erguendo as grandes mãos em dúvida e enfatizando as palavras.

— Os romances americanos — respondeu lorde Henry, servindo-se de um pouco de codorna.

A duquesa pareceu intrigada.

— Não dê atenção a ele, minha querida — sussurrou lady Agatha. — Ele nunca diz nada a sério.

— Quando a América foi descoberta... — disse o membro radical, e começou a apresentar alguns fatos cansativos. Como todas as pessoas que tentam esgotar um assunto, ele esgotava seus ouvintes. A duquesa suspirou e exerceu seu privilégio de interrupção.

— Eu bem desejaria que jamais tivesse sido descoberta! — exclamou ela. — Sinceramente, nossas meninas não têm chance hoje em dia. É muito injusto.

— Talvez, no fim das contas, a América nunca tenha sido descoberta — disse sr. Erskine. — Eu mesmo diria que ela foi apenas percebida.

— Ah! Mas eu já vi espécimes de suas habitantes — respondeu a duquesa, de um jeito vago. — Devo confessar que a maioria é extremamente bonita. E vestem-se bem, ainda por cima. Trazem todos seus vestidos de Paris. Quem me dera me dar esse mesmo luxo.

— Dizem que quando bons americanos morrem, eles vão para Paris. — Riu sir Thomas, que tinha um grande arsenal de antigas piadas.

— É mesmo? E para onde vão os maus americanos quando morrem? — perguntou a duquesa.

— Para os Estados Unidos — murmurou lorde Henry.

Sir Thomas franziu a testa.

— Receio que seu sobrinho tenha preconceitos contra aquele grande país — disse ele a lady Agatha. — Viajei por todo os Estados Unidos em carros providenciados por governantes, que, nessas questões, são extremamente corteses. Garanto-lhes que é instrutivo visitar o país.

— Mas precisamos mesmo ver Chicago para sermos instruídos? — perguntou o sr. Erskine, queixoso. — Não me sinto preparado para a viagem.

Sir Thomas fez um gesto com a mão.

— O sr. Erskine de Treadley tem o mundo em suas prateleiras. Nós, homens práticos, gostamos de ver as coisas, não de ler sobre elas. Os americanos são um povo extremamente interessante. São absolutamente razoáveis. Acho que essa é a característica que os distingue. Sim, sr. Erskine, um povo absolutamente razoável. Garanto-lhe que os americanos não estão para brincadeira.

— Que terrível! — exclamou lorde Henry. — A força bruta eu posso suportar, mas a razão bruta é completamente intolerável. Há algo de injusto em seu uso. É como um golpe baixo no intelecto.

— Não entendo você — disse sir Thomas, ficando bastante vermelho.

— Eu entendo, lorde Henry — murmurou sr. Erskine, com um sorriso.

— Paradoxos caem bem, a seu modo — concordou o baronete.

— Isso era um paradoxo? — perguntou o sr. Erskine. — Não pensei que fosse. Talvez tenha sido. Bem, o caminho dos paradoxos é o caminho da verdade. Para testar a Realidade, precisamos vê-la na corda bamba. Quando as Verdades se tornarem acrobatas, poderemos julgá-las.

— Meu Deus! — disse lady Agatha — Como vocês, homens, batem boca! Tenho certeza de que nunca conseguirei entender do que estão falando. Ah! Harry, estou bem irritada com você. Por que tenta persuadir nosso simpático sr. Dorian Gray a abrir mão do East End? Asseguro que ele seria de valor inestimável. Adorariam que ele tocasse.

— Quero que ele toque para mim — disse lorde Henry, sorrindo, e, ao desviar os olhos para a ponta da mesa, captou um olhar brilhante como resposta.

— Mas são tão infelizes em Whitechapel — continuou lady Agatha.

— Posso simpatizar com tudo, exceto com o sofrimento — disse lorde Henry, encolhendo os ombros. — Com isso não consigo simpatizar. É muito feio, muito horrível, muito angustiante. Há algo terrivelmente mórbido na simpatia moderna pela dor. Deveríamos simpatizar com a cor, a beleza, a alegria de viver. Quanto menos se falar das feridas da vida, melhor.

— Mesmo assim, o East End é um problema muito importante — observou sir Thomas, balançando gravemente a cabeça.

— É verdade — respondeu o jovem lorde. — É o problema da escravidão, e tentamos resolvê-lo divertindo os escravos.

O político o encarou atentamente.

— Que mudança propõe, então? — perguntou.

Lorde Henry riu.

— Não desejo mudar nada na Inglaterra, exceto o clima — ele respondeu. — Estou bastante satisfeito com a contemplação filosófica. Mas como o século XIX caminha para a falência devido a um uso excessivo de simpatia, sugiro que recorramos à Ciência para nos endireitar. A vantagem das emoções é que elas nos desorientam, e a vantagem da Ciência é não ser emocional.

— Mas temos responsabilidades muito sérias — aventurou-se a sra. Vandeleur, timidamente.

— Terrivelmente sérias — ecoou lady Agatha.

Lorde Henry olhou para o sr. Erskine.

— A Humanidade se leva muito a sério. É o pecado original do mundo. Se o homem das cavernas tivesse aprendido a rir, a História teria tomado outro rumo.

— O que o senhor diz é um grande alívio — disse a duquesa, melodicamente. — Sempre que venho ver sua tia me sinto muito culpada, pois não tenho interesse nenhum no East End. De agora em diante, serei capaz de olhá-la nos olhos sem corar.

— Corar é muito apropriado, duquesa — observou lorde Henry.

— Apenas quando se é jovem — ela respondeu. — Quando uma velha como eu cora, é um péssimo sinal. Ah! Lorde Henry, gostaria que o senhor me ensinasse a ser jovem novamente.

Ele pensou por um instante.

— A senhora consegue se lembrar de qualquer grande erro que tenha cometido quando jovem, duquesa? — ele perguntou, encarando-a do outro lado da mesa.

— Receio que sejam muitos — ela respondeu.

— Então cometa-os todos de novo — ele disse, com seriedade. — Para recuperar a juventude, basta repetir suas próprias loucuras.

— Que teoria deliciosa! — ela disse. — Preciso colocá-la em prática.

— É uma teoria perigosa! — disse sir Thomas, entre dentes cerrados. Lady Agatha balançou a cabeça, mas não pôde evitar achar divertido. O sr. Erskine seguia escutando.

— Sim — continuou lorde Henry —, é um dos grandes segredos da vida. Hoje em dia, a maioria das pessoas morre de uma espécie de senso comum progressivo e só quando já é tarde demais descobre que as únicas coisas de que nunca nos arrependemos são os nossos erros.

Uma risada percorreu a mesa.

Ele brincou com a ideia e foi ficando animado. Jogou-a no ar e a transformou, deixando-a escapar e pegando-a de volta; tornou-a cintilante de fantasia e deu-lhe asas com paradoxos. O elogio da loucura, conforme seguia adiante, transformou-se numa filosofia e a própria Filosofia rejuvenesceu, e, captando a louca música do Prazer, vestindo, pode-se imaginar, seu manto manchado de vinho e sua coroa de hera, dançou feito uma Bacante sobre as colinas da vida e zombou do lento Sileno por estar sóbrio.[9] Os fatos corriam diante dela como criaturas assustadas da floresta. Seus pés brancos pisaram sobre a enorme prensa em que se senta o sábio Omar[10], até que o suco de uva fervente subisse por suas pernas nuas em ondas de bolhas roxas ou escorresse em forma de espuma vermelha sobre as laterais pretas, gotejantes e inclinadas do tonel. Foi uma improvisação extraordinária. Ele sentiu os olhos de Dorian Gray fixos nele, e só a consciência de que entre o grupo havia alguém cujo temperamento ele desejava fascinar parecia dar-lhe perspicácia e emprestar cor à sua imaginação. Lorde Henry foi brilhante, fantástico, irresponsável. Encantou seus ouvintes,

que saíram de si e seguiram seus comandos aos risos. Dorian Gray não desviou o olhar dele, mas sentou-se como se estivesse enfeitiçado enquanto um sorriso surgia em seus lábios e o deslumbramento aumentava gravemente em seus olhos escuros.

Por fim, uniformizada nos trajes da época, a Realidade entrou na sala na forma de um serviçal para dizer à duquesa que sua carruagem a estava esperando. Ela apertou as mãos fingindo desespero.

— Que chatice! — ela disse. — Tenho que ir. Preciso buscar meu marido no clube para levá-lo a alguma reunião absurda no Willis's Rooms[11], que ele vai presidir. Se chegar atrasada, ele certamente ficará furioso, e não posso ter uma discussão usando essa boina. É frágil demais. Uma palavra dura a arruinaria. Não, preciso ir, querida Agatha. Até logo, lorde Henry, o senhor é bastante encantador e terrivelmente desmoralizante. Realmente não sei o que dizer sobre suas opiniões. O senhor devia vir jantar conosco alguma noite. Terça-feira? Está livre na terça-feira?

— Pela senhora, eu dispenso qualquer um, duquesa — disse lorde Henry, com uma mesura.

— Ah! É muito gentil, e muito errado, da sua parte — ela disse. — Venha, portanto. — E saiu da sala, seguida por lady Agatha e as outras damas.

Quando lorde Henry se sentou novamente, o sr. Erskine deu meia-volta e, sentando-se numa cadeira perto dele, colocou a mão em seu braço.

— O senhor supera os livros — disse ele. — Por que não escreve um?

— Gosto demais de ler livros para me preocupar em escrevê-los, sr. Erskine. Com certeza gostaria de escrever um romance, um romance tão lindo quanto um tapete persa e tão irreal quanto. Mas não há público

literário na Inglaterra para nada além de jornais, cartilhas e enciclopédias. De todas as pessoas no mundo, os ingleses são os que têm menos noção da beleza da literatura.

— Infelizmente o senhor tem razão — respondeu o sr. Erskine. — Eu mesmo costumava ter ambições literárias, mas há muito tempo as abandonei. E agora, meu querido jovem amigo, se me permite chamá-lo assim, posso perguntar se realmente quis dizer tudo o que nos disse no almoço?

— Eu já esqueci tudo o que disse — sorriu lorde Henry. — Foi tão ruim assim?

— Foi mesmo muito ruim. Na verdade, eu o considero extremamente perigoso e, se alguma coisa acontecer à nossa boa duquesa, todos lhe consideraremos o principal responsável. Mas gostaria de conversar com você sobre a vida. Nasci numa geração entediante. Algum dia, quando estiver cansado de Londres, venha até Treadley e me exponha sua filosofia do prazer enquanto toma um admirável vinho da Borgonha que tenho a sorte de possuir.

— Ficarei encantado. Uma visita a Treadley seria um grande privilégio. Tem um anfitrião e uma biblioteca perfeitos.

— Você completará o pacote — respondeu o velho cavalheiro, com uma reverência cortês. — E agora devo me despedir de sua excelente tia. Tenho que comparecer ao Athenaeum[12]. Está na hora em que dormimos lá.

— Todos os senhores, sr. Erskine?

— Quarenta de nós em quarenta poltronas. Estamos treinando para uma Academia Inglesa de Letras[13].

Lorde Henry riu e levantou-se.

— Vou ao Hyde Park — anunciou. Ao passar pela porta, Dorian Gray tocou-lhe no braço.

— Deixe-me ir com você — ele murmurou.

— Mas pensei que tivesse prometido a Basil Hallward que iria vê-lo — respondeu lorde Henry.

— Prefiro ir com você. Sim, sinto que preciso ir com você. Permita-me. Prometa-me conversar todo o tempo comigo. Ninguém fala tão bem quanto você.

— Ah! Já falei o suficiente por hoje — disse lorde Henry, sorrindo. — Tudo que eu quero agora é ver a vida passando. Pode vir e dar uma olhada comigo, se quiser.

---

1. Capítulo escrito para esta versão de 1891. ↩
2. O Albany é um palacete que no século XIX foi convertido em condomínio de apartamentos para solteiros da alta sociedade, tornando-se um endereço da moda. Nele residiram Lord Byron, Graham Greene, Isaiah Berlin, Aldous Huxley, entre outros. [N. de T.] ↩
3. Isabela II de Bourbon (1830-1904), dita Isabel dos Tristes Destinos, foi rainha da Espanha entre 1833 e 1868. Foi contestada durante todo seu reinado por ser mulher, até ser destronada durante a revolução liderada pelo general Juan Prim y Prats (1814-1870). [N. de T.] ↩
4. A entrada no serviço diplomático inglês era um privilégio de classe até 1871, quando então passou a ser feita com base no mérito individual, e não social. [N. de T.] ↩
5. Atual Partido Conservador inglês. [N. de T.] ↩
6. Mais antigo e prestigioso jornal ainda em circulação no Reino Unido. [N. de T.] ↩
7. Relatórios oficiais do Parlamento contendo correspondências diplomáticas. [N. de T.] ↩
8. Além de escultor, Michelangelo Buonarotti (1475–1564) escreveu também diversos poemas, vários dos quais dedicados ao nobre Tommaso dei Cavalieri, um rapaz de beleza excepcional. [N. de T.] ↩
9. Na mitologia grega, Sileno é um dos seguidores de Dionísio (ou Baco, para os romanos) e costuma ser representado quase sempre bêbado. [N. de T.] ↩
10. O poeta Omar Khayyam (1048-1131), autor do *Rubayat*, traduzido para o inglês no século XIX. Influenciou o Orientalismo e artistas pré-rafaelitas. [N. de T.] ↩

11. Criado no século XVIII como Almack's Assembly Rooms e conhecido a partir de 1781 como Willy's Room, foi o primeiro clube da alta sociedade de Londres a permitir a participação tanto de homens quanto de mulheres. [N. de T.] ↩
12. O Athenaeum Club é um clube privado fundado em 1824 para intelectuais — homens e mulheres —, além de historicamente ligado ao patrocínio das artes, literaturas e ciências. Entre seus membros estiveram Charles Darwin, Arthur Conan Doyle, Rudyard Kipling e H. Rider Haggard. [N. de T.] ↩
13. A Inglaterra ainda não tinha, à época, uma Academia Inglesa de Letras. [N. de T.] ↩

capítulo 4

Certa tarde, um mês depois, Dorian Gray estava reclinado numa luxuosa poltrona na pequena biblioteca da casa de lorde Henry, em Mayfair. Era, a seu modo, uma sala muito charmosa, com altos lambris de carvalho cor de oliva, frisos cor de creme e teto de gesso elevado, e um carpete de feltro cor de tijolo coberto por tapetes persas de seda com longas franjas. Sobre uma pequena mesa de madeira acetinada havia uma estatueta de Clodion[1] e, ao lado, um exemplar de *Les cent nouvelles*[2], encadernado para Margarida de Valois por Clovis Éve[3] e salpicado com margaridas folheadas a ouro que a rainha havia escolhido para seu exemplar. Grandes jarros de porcelana azul e tulipas-papagaio estavam dispostos sobre a prateleira da lareira, e através das pequenas vidraças de chumbo da janela entrava a luz cor de damasco de um dia de verão londrino.

Lorde Henry ainda não havia chegado. Estava sempre atrasado por uma questão de princípios, e seu princípio era o de que a pontualidade era a ladra do tempo. O rapaz, portanto, parecia bastante mal-humorado enquanto folheava distraidamente as páginas de uma edição ricamente ilustrada de *Manon Lescaut* que encontrara numa das estantes. O tique-taque formal e monótono do relógio Luís XIV o incomodava. Uma ou duas vezes pensou em ir embora.

Por fim ouviu passos do lado de fora e a porta se abriu.

— Como está atrasado, Harry! — ele murmurou.

— Receio que não seja Harry, sr. Gray — respondeu uma voz estridente[4].

Ele olhou rapidamente ao redor e levantou-se.

— Perdão. Pensei que...

— O senhor pensou que fosse meu marido. É só a esposa dele. Permita-me que eu me apresente. Conheço o senhor muito bem pelas suas fotografias. Acho que meu marido tem umas dezessete delas.

— Dezessete, lady Henry?

— Bem, dezoito, então. E o vi com ele outra noite na ópera. — Ela ria nervosamente enquanto falava, observando-o com seu vago olhar cativante. Era uma mulher curiosa, cujos vestidos pareciam sempre desenhados num acesso de fúria e colocados no meio de uma tempestade. Geralmente estava apaixonada por alguém e, como tratava-se sempre de uma paixão não correspondida, mantinha vivas todas as suas ilusões. Tentava parecer interessante, mas só conseguia ser desajeitada. Chamava-se Victoria e tinha uma compulsão por ir à igreja.

— Foi na *Lohengrin*[5], não foi, lady Henry?

— Sim, foi na querida *Lohengrin*. Gosto da música de Wagner mais do que de qualquer outro. É tão alta que podemos conversar o tempo todo sem que outras pessoas escutem. É uma grande vantagem, não acha, sr. Gray?

A mesma risada nervosa em *staccato* escapou de seus lábios finos, e seus dedos começaram a brincar com um longo abridor de cartas feito de casco de tartaruga.

Dorian sorriu e balançou a cabeça.

— Receio que não, lady Henry. Eu nunca falo durante a música. Pelo menos não durante uma boa música. Se a música for ruim, então, sim, é nosso dever abafá-la com conversas.

— Ah! Essa é uma das opiniões de Harry, não é, sr. Gray? Sempre escuto as opiniões de Harry por meio de seus amigos. É a única forma de conhecê-las.[6] Mas não pense o senhor que não gosto de boa música. Eu adoro, mas me assusta. Me faz ficar muito romântica. Eu simplesmente idolatro pianistas... dois ao mesmo tempo, às vezes, como Harry me disse. Não sei o que é que há neles. Talvez seja porque são estrangeiros. Todos eles são, não é? Mesmo os que nascem na Inglaterra tornam-se estrangeiros depois de um tempo, não acha? É muito inteligente da parte deles, e um grande elogio à arte. Torna tudo bastante cosmopolita, não é verdade? O senhor nunca foi a nenhuma das minhas festas, não é, sr. Gray? Precisa vir. Não posso gastar com orquídeas, mas não poupo despesas com estrangeiros. Eles tornam o ambiente tão interessante. Mas aqui está o Harry! Harry, vim aqui procurar por você, para lhe perguntar uma coisa... esqueci o que era... e encontrei o sr. Gray. Tivemos uma conversa muito agradável sobre música. Temos praticamente as mesmas ideias. Não, acho que nossas ideias são bem diferentes. Mas ele tem sido muito agradável. Estou tão feliz por tê-lo visto.

— Fico encantado, meu amor, muito encantado — disse lorde Henry, arqueando as sobrancelhas escuras em forma de meia-lua e olhando para os dois com um sorriso divertido. — Sinto muito pelo atraso, Dorian. Fui atrás de um pedaço de brocado antigo na rua Wardour e precisei passar horas negociando o tecido. Hoje em dia as pessoas sabem o preço de tudo e o valor de nada.

— Infelizmente, preciso ir — disse lady Henry, quebrando um silêncio esquisito com sua risada boba e repentina. — Prometi passear com a duquesa. Até mais, sr. Gray. Até mais, Harry. Vai jantar fora, imagino? Eu também. Talvez o veja na casa de lady Thornbury.

— É possível, minha querida — disse lorde Henry, fechando a porta enquanto ela saía apressada do cômodo, parecendo uma ave do paraíso que passara a noite toda na chuva e deixando para trás um leve odor de jasmim-manga[7]. Então acendeu um cigarro e se jogou no sofá. — Nunca se case com uma mulher com cabelo cor de palha, Dorian — disse, algumas tragadas depois.

— Por que, Harry?

— Porque são muito sentimentais.

— Mas eu gosto de pessoas sentimentais.

— Nunca se case, Dorian. Os homens se casam porque ficam cansados; as mulheres, porque ficam curiosas: ambos se decepcionam.

— Não acho provável que eu me case, Harry. Estou apaixonado demais para isso. Esse é um de seus aforismos. Estou colocando isso em prática, pois faço tudo o que você diz.

— Por quem está apaixonado? — perguntou lorde Henry, após uma pausa.

— Por uma atriz — disse Dorian Gray, corando.

Lorde Henry encolheu os ombros.

— É um *début* bastante comum.

— Não é o que diria se a visse, Harry.

— Quem é a mulher?

— Chama-se Sibyl Vane.

— Nunca ouvi falar.

— Ninguém ouviu. Algum dia as pessoas irão ouvir, no entanto. Ela é um gênio.

— Meu querido menino, nenhuma mulher é um gênio. As mulheres são um gênero decorativo. Nunca têm nada a dizer, mas ainda assim o dizem de modo encantador. As mulheres representam o triunfo da

matéria sobre a mente, assim como os homens representam o triunfo da mente sobre a moral.

— Harry, como pode falar assim?

— Meu caro Dorian, é verdade. Venho analisando mulheres atualmente, então sei do que falo. O assunto não é tão complexo quanto eu pensava. Acho que, em última instância, existem apenas dois tipos de mulher: as que não se maquiam e as que se maquiam. As que não se maquiam são muito úteis. Se quiser adquirir uma reputação respeitável, basta levá-las para jantar. Já as outras mulheres são muito charmosas. No entanto, cometem um erro: maquiam-se para tentar parecer jovens. Nossas avós maquiavam-se para tentar falar de modo brilhante. O ruge e o *esprit*[8] costumavam andar juntos. Agora, tudo isso acabou. Enquanto uma mulher parecer dez anos mais jovem que a própria filha, ela ficará perfeitamente satisfeita. Quanto à conversa, só há cinco mulheres em Londres com quem vale a pena conversar, e duas não podem ser admitidas na sociedade decente. No entanto, conte-me sobre sua gênia. Há quanto tempo a conhece?

— Ah! Harry, suas opiniões me assustam.

— Não dê importância a isso. Há quanto tempo a conhece?

— Cerca de três semanas.

— E como ela cruzou seu caminho?

— Vou lhe contar, Henry, mas não deve ser antipático. Afinal, isso nunca teria acontecido se eu não tivesse te conhecido. Você me preencheu com um desejo selvagem de saber tudo sobre a vida. Depois de te conhecer, passei dias com a sensação de que algo pulsava em minhas veias. Enquanto eu descansava no parque ou passeava por Piccadilly, costumava olhar para cada pessoa que passava por mim e me perguntar, louco de curiosidade, que tipo de vida levavam. Algumas me

fascinavam. Outras me enchiam de terror. Havia um requintado veneno no ar. Desenvolvi uma paixão por sensações... Bem, certa noite, por volta das sete horas, resolvi ir atrás de alguma aventura. Senti que esta nossa Londres cinzenta e monstruosa, com suas miríades de pessoas, seus pecadores sórdidos e seus pecados esplêndidos, como você disse certa vez, devia ter algo reservado para mim. Imaginei mil coisas. O simples perigo me causou uma sensação de deleite. Lembrei-me do que você me disse naquela noite maravilhosa em que jantamos juntos pela primeira vez, sobre a busca pela beleza ser o verdadeiro[9] segredo da vida. Não sei o que eu esperava, mas saí e vaguei em direção ao leste, perdendo-me rapidamente num labirinto de ruas sujas e praças escuras e áridas. Por volta das oito e meia, passei por um teatrinho absurdo, com grandes lampiões a gás e cartazes espalhafatosos. Um judeu horroroso, usando o colete mais incrível que já vi na vida, estava parado na entrada fumando um charuto vagabundo. Tinha cachos gordurosos e um enorme diamante brilhava no meio da camisa suja. “Quer um camarote, milorde?”, ele disse, ao me ver, e tirou o chapéu com um lindo ar de servilismo. Havia algo nele, Harry, que me divertia. Ele era um monstro. Você vai rir de mim, eu sei, mas realmente entrei e paguei um guinéu inteiro pelo camarote. Até hoje não consigo entender por que fiz isso; e, no entanto, se não tivesse feito... meu querido Harry, se não tivesse feito, teria perdido o maior romance da minha vida. Vejo que está rindo. É horrível da sua parte!

— Não estou rindo, Dorian. Ao menos, não de você. Mas não deveria dizer que é o maior romance da sua vida. Deveria dizer que é o primeiro romance da sua vida. Você sempre será amado e sempre estará apaixonado pelo amor. Uma *grande passion* é privilégio de quem não tem nada para fazer. É a única ocupação das classes ociosas de um país. Não tenha medo. Coisas maravilhosas esperam por você. Este é só o começo.[10]

— Me considera tão raso assim? — disse Dorian Gray, irritado.

— Não, o considero muito profundo.

— O que quer dizer?

— Meu menino querido, os que amam apenas uma vez na vida que são, na verdade, as pessoas superficiais. O que chamam de lealdade e fidelidade eu chamo de letargia dos costumes ou de falta de imaginação. A fidelidade é para a vida emocional o que a consistência é para a vida intelectual... é simplesmente uma confissão de fracasso. Fidelidade! Algum dia irei analisá-la. É onde reside a paixão pela propriedade. Jogaríamos muita coisa fora se não tivéssemos medo de que outras pessoas as tomassem para si.[11] Mas não quero lhe interromper. Continue com sua história.

— Bem, me vi sentado em um camarote horrível, com uma cortina vulgar à minha frente. Dei uma olhada por trás da cortina e examinei o lugar. Era uma coisa de mau gosto, cheio de Cupidos e cornucópias, feito um bolo de casamento de quinta categoria. A galeria e a plateia estavam lotadas, mas as duas fileiras de poltronas sujas estavam completamente vazias, e mal havia pessoas no que suponho que chamassem de balcões. As mulheres passavam de um lado para o outro com laranjas e gengibirras, e havia um enorme consumo de nozes.

— Devia ser exatamente como nos dias de glória do teatro britânico.

— Imagino que sim, e bastante deprimente. Comecei a me perguntar o que raios deveria fazer, até que bati o olho no programa do espetáculo. Qual você acha que era o espetáculo, Harry?

— Imagino que *O Menino Burro, ou Burro mas Inocente*[12]. Nossos pais costumavam gostar de coisas desse tipo, creio. Quanto mais eu vivo, Dorian, mais certeza tenho de que qualquer coisa que fosse boa o bastante para nossos pais não é boa o bastante para nós. Na arte, como na política, *les grand-pères ont toujours tort*.[13]

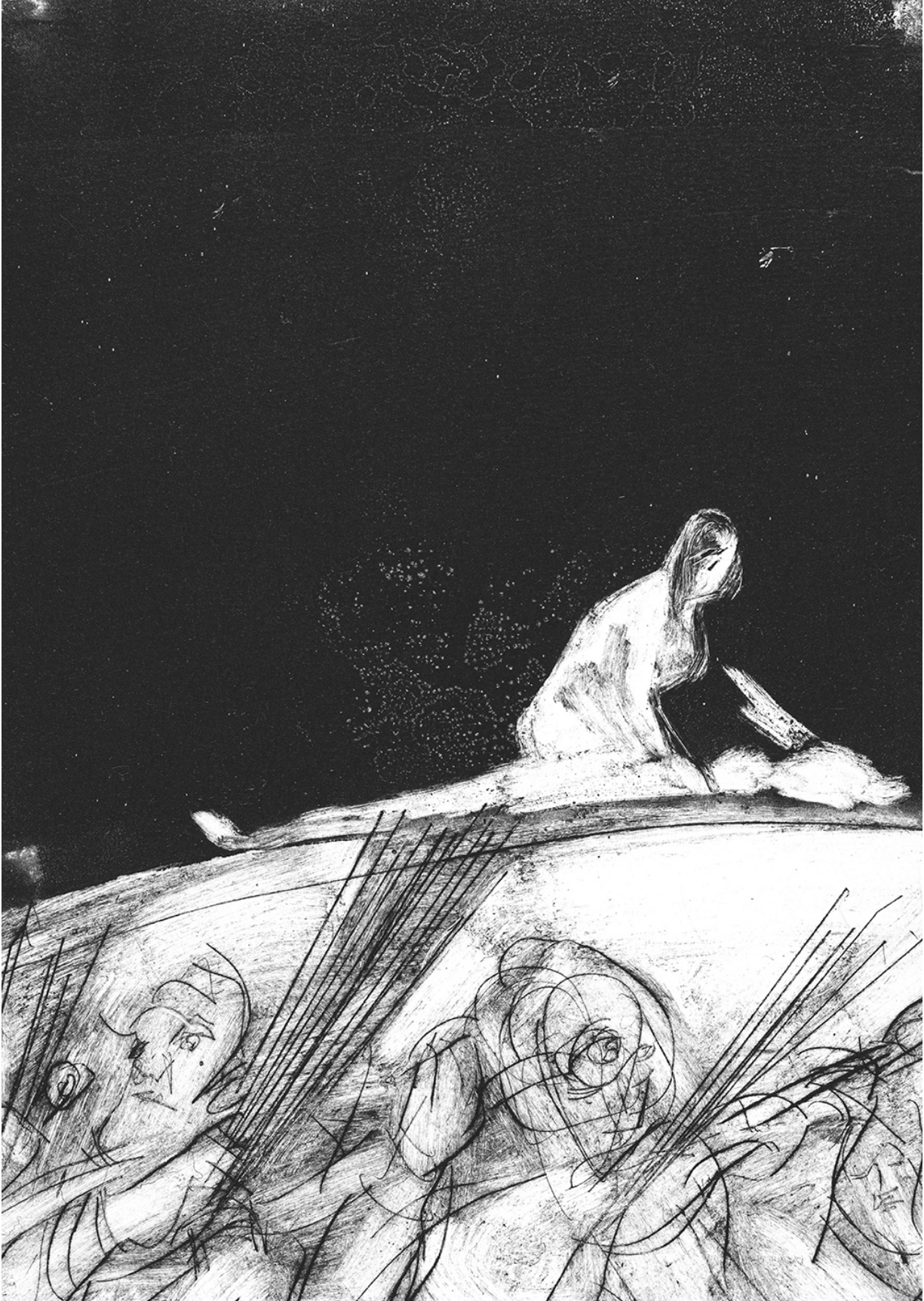
— Essa peça era boa o bastante para nós, Harry. Era *Romeu e Julieta*. Tenho que admitir que fiquei bem irritado com a ideia de assistir Shakespeare em um lugar tão miserável. Ainda assim, de certo modo, fiquei interessado. De qualquer forma, decidi esperar pelo primeiro ato. Havia uma orquestra horrível presidida por um jovem hebreu sentado diante de um piano rachado, que quase me afugentou, mas finalmente a cena foi preparada e a peça começou. Romeu era um cavalheiro idoso e corpulento, de sobrancelhas arqueadas, uma voz rouca e trágica e uma silhueta que lembrava um barril de cerveja. Mercúcio era quase tão ruim quanto. Estava sendo interpretado por um comediante de baixo nível, que introduzia à fala suas próprias piadas e era muito querido do público na plateia. Ambos eram tão grotescos quanto o cenário, que mais parecia ter saído de uma cabana no meio do mato.[14] Mas Julieta! Harry, imagine uma garota de apenas dezessete anos de idade, com um rostinho de flor, uma cabecinha grega com cachos castanho-escuros trançados, olhos que eram fontes violetas de paixão, lábios que pareciam pétalas de rosa. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida. Você me disse uma vez que o *pathos*[15] nos deixa impassíveis, mas que a beleza, a mera beleza, poderia encher nossos olhos de lágrimas. Digo a você, Harry, eu mal conseguia enxergar essa garota por causa da

névoa de lágrimas que me turvou a vista. E a voz dela... nunca ouvi voz assim. No início era muito baixa, com um tom profundo e suave, as palavras parecendo chegar uma de cada vez ao ouvido. Depois foi ficando um pouco mais alta e soou como uma flauta ou um distante oboé. Na cena do jardim, ela possuía todo aquele êxtase trêmulo que se pode escutar logo antes do amanhecer, quando cantam os rouxinóis. Houve momentos, mais tarde, em que sua voz adquiriu a paixão selvagem dos violinos. Você sabe como uma voz pode deixar alguém inquieto. A sua voz e a voz de Sibyl Vane são duas coisas de que nunca me esquecerei. Quando fecho os olhos, ouço-as, e cada uma me diz algo diferente. Não sei qual seguir. Por que não poderia amá-la? Harry, eu a amo. Ela é tudo para mim na vida. Noite após noite, vou ao teatro assisti-la atuando. Uma noite ela é Rosalinda; na seguinte, é Imogênia. Eu a vi morrer na escuridão de uma tumba italiana, sugando o veneno dos lábios de seu amado. Eu a observei vagando pela floresta de Arden, disfarçada de menino bonito usando meia-calça, gibão e uma touca delicada. Vi-a louca na presença de um rei culpado, dando-lhe arruda para vestir e ervas amargas para provar. Ela já foi inocente enquanto as escuras mãos do ciúme esmagavam sua garganta semelhante a um junco. Eu a vi em todas as épocas e em todos os figurinos. Mulheres comuns nunca estimulam nossa imaginação. Estão limitadas a seu século. Nenhum glamour jamais as transfigura. Conhecemos suas mentes tão fácil quanto conhecemos seus chapéus. Sempre podemos encontrá-las. Não há mistério em nenhuma dessas mulheres. Passeiam no parque pela manhã e, à tarde, conversam enquanto tomam chá. Têm aquele sorriso estereotipado e se comportam de maneiras que estão na moda. São bem óbvias. Mas uma atriz! Como uma atriz é diferente! Harry! Por que não me disse que a única coisa que vale a pena amar é uma atriz?

— Porque já amei muitas delas, Dorian.

— Ah, sim, pessoas horríveis de cabelo tingido e rosto cheio de maquiagem.

— Não subestime o cabelo tingido e a maquiagem no rosto. Às vezes, possuem um charme extraordinário — disse lorde Henry.

— Agora eu gostaria de não ter lhe contado sobre Sibyl Vane.

— Você não conseguiria evitar, Dorian. Por toda sua vida, me contará tudo o que fizer.

— Sim, Harry, creio que tenha razão. Não posso deixar de lhe contar as coisas. Você exerce uma curiosa influência sobre mim. Se eu cometesse um crime, o confessaria a você.[16] Você me entenderia.

— Pessoas como você, voluntariosos raios de sol da vida, não cometem crimes, Dorian. Mas, mesmo assim, agradeço o elogio. E agora... seja um bom menino e me dê os fósforos, obrigado... diga-me, quais são de fato suas relações com Sibyl Vane?[17]

Dorian Gray levantou-se de um salto, com as bochechas coradas e os olhos ardentes.

— Harry! Sibyl Vane é sagrada!

— Somente as coisas sagradas valem a pena ser tocadas, Dorian — disse lorde Henry, com uma comoção estranha na voz. — Mas por que ficou irritado? Suponho que algum dia ela será sua.[18] Quando alguém está apaixonado, sempre começa enganando a si mesmo e sempre termina enganando os outros. Isso é o que o mundo chama de romance. Imagino que você a conheça pelo menos, não é?

— Claro que a conheço. Na primeira noite em que estive no teatro, o velho judeu horroroso apareceu no camarote após o término da apresentação e se ofereceu para me levar aos bastidores e me apresentar a ela. Fiquei furioso com ele e disse-lhe que Julieta estava morta havia centenas de anos e que seu corpo jazia num túmulo de mármore em Verona. Acho que, pelo seu olhar vazio de espanto, ele teve a impressão de que eu tinha bebido champanhe demais, ou algo assim.

— Não me surpreende.

— Então ele me perguntou se eu escrevia para algum jornal. Eu disse a ele que nunca os leio. O velho pareceu se decepcionar terrivelmente

com isso e me confidenciou que todos os críticos dramáticos conspiravam contra ele e que todos se vendiam.

— Não me espantaria se ele tivesse razão. Mas, por outro lado, a julgar pela aparência deles, a maioria não deve custar muito caro.

— Bem, ele parecia pensar que era muito além do que poderia pagar — riu Dorian. — Mas a essa altura as luzes do teatro estavam se apagando e precisei ir. Ele queria que eu experimentasse alguns charutos que me recomendou com veemência. Eu recusei. Na noite seguinte, é claro, voltei ao local. Quando o velho me viu, fez uma reverência e me declarou um generoso patrono das artes. Era um bruto extremamente ofensivo, embora nutrisse uma paixão extraordinária por Shakespeare. Certa vez me disse, todo orgulhoso, que suas cinco falências se deviam inteiramente ao "Bardo"[19], como ele insistia em chamá-lo. Parecia considerar isso uma distinção.

— É uma distinção, meu caro Dorian... uma grande distinção. A maioria das pessoas vai à falência por investir demais na prosa da vida. Levar a si mesmo à falência em razão da poesia é uma honra.[20] Mas quando você conversou pela primeira vez com a senhorita Sibyl Vane?

— Na terceira noite. Quando ela interpretava Rosalinda. Não consegui evitar. Joguei algumas flores para ela, que olhou para mim, ou pelo menos foi o que imaginei. O velho judeu foi persistente. Parecia determinado a me levar para o camarim, então concordei. Foi curioso eu não querer conhecê-la, não foi?

— Não. Acho que não.

— Por quê, meu querido Harry?

— Eu te conto em outra hora. Agora quero saber sobre a garota.

— Sibyl? Ah, estava tão tímida e tão gentil. Havia nela algo de infantil. Seus olhos se arregalaram de admiração quando lhe contei o

que achava de sua atuação, e parecia bastante inconsciente de seu próprio poder. Acho que estávamos ambos bem nervosos. O velho judeu ficou sorrindo na porta daquele camarim empoeirado, tecendo elaborados discursos sobre nós enquanto encarávamos um ao outro como duas crianças. Ele insistia em me chamar de "milorde", então tive que assegurar a Sibyl que eu não era nada disso. Ela apenas me disse: "Você parece mais um príncipe. Vou chamá-lo de Príncipe Encantado".

— Nossa, Dorian, a senhorita Sibyl sabe como elogiar.

— Você não a entende, Harry. Ela me via apenas como o personagem de uma peça. Não sabe nada da vida. Mora com a mãe, uma mulher acabada e exausta que interpretava a sra. Capuleto usando uma espécie de roupão magenta na primeira noite e tem o olhar de quem já viu dias melhores.

— Conheço esse olhar. Me deprime — murmurou lorde Henry, examinando seus anéis.

— O judeu queria me contar a história dela, mas falei que não estava interessado.

— Você estava certo. Há sempre algo infinitamente negativo nas tragédias dos outros.

— Sibyl é a única coisa que me importa. O que me interessa saber de onde ela veio? Da cabecinha aos pezinhos, ela é absoluta e completamente divina. Todas as noites da minha vida a vejo atuar, e a cada noite ela fica mais maravilhosa.

— Suponho que seja essa a razão pela qual você nunca mais jantou comigo. Achei que estivesse envolvido em algum romance curioso. Você está, mas não é bem o que eu esperava.

— Meu querido Harry, almoçamos ou jantamos juntos todos os dias, e estive várias vezes na ópera com você — disse Dorian, arregalando os surpresos olhos azuis.

— Você sempre chega terrivelmente atrasado.

— Bem, não posso deixar de ver Sibyl — disse ele —, mesmo que seja apenas em um único ato. Sinto fome da presença dela e, quando penso na maravilhosa alma escondida naquele pequeno corpo de marfim, fico em êxtase.

— Pode jantar comigo esta noite, Dorian?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Hoje à noite ela é Imogênia — respondeu — e amanhã será Julieta.

— Quando será Sibyl Vane?

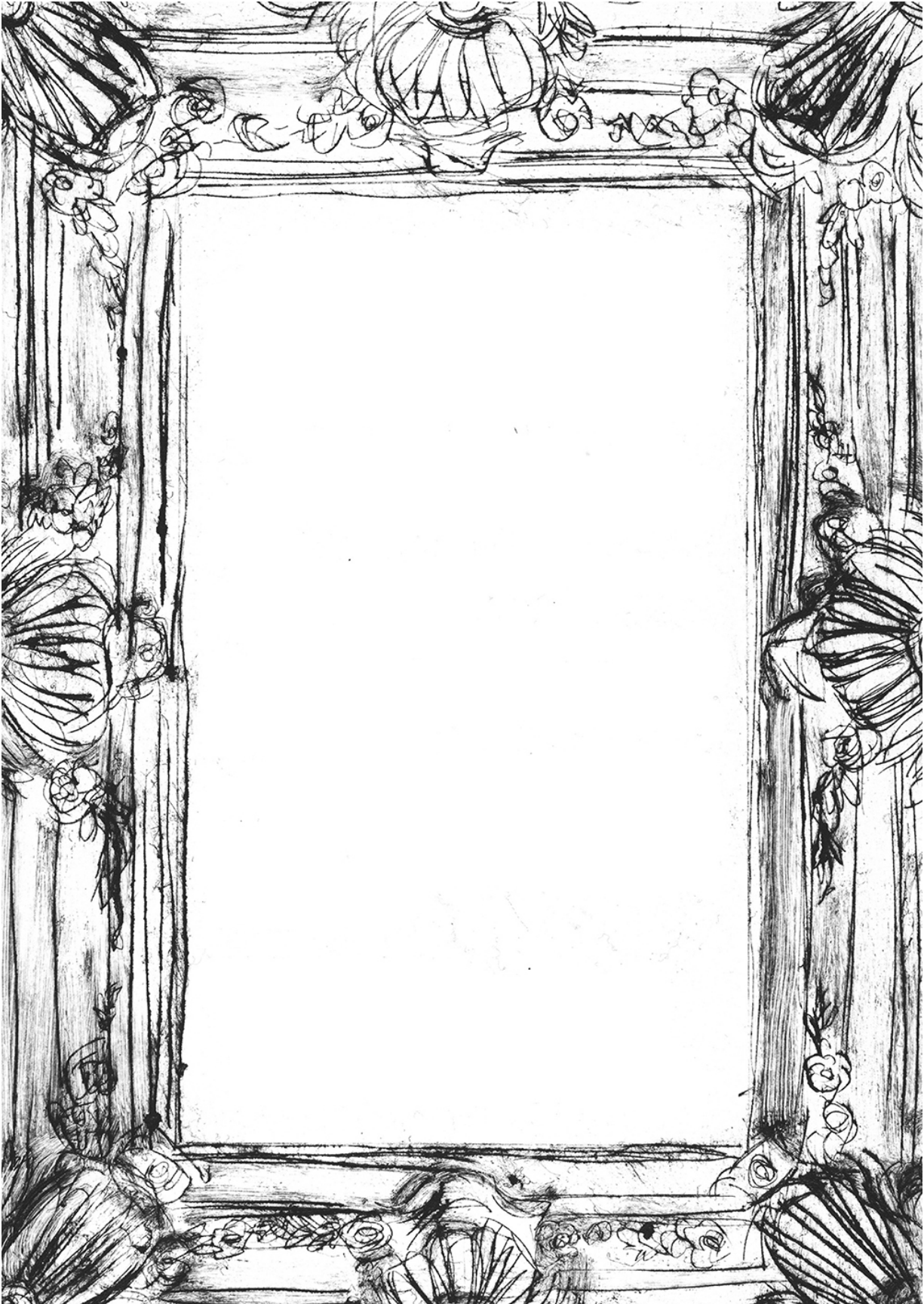
— Nunca.

— Meus parabéns.

— Como você é horrível! Ela encarna todas as grandes heroínas do mundo. É mais que um indivíduo. Você ri, mas lhe digo que ela é genial. Eu a amo e preciso fazer com que ela me ame. Você, que conhece todos os segredos da vida, diga-me como encantar Sibyl Vane para que ela me ame! Quero deixar Romeu com ciúme. Quero que os amantes mortos ao redor do mundo ouçam nossas risadas e se entristeçam. Quero que um sopro de nossa paixão agite a poeira que os cobre e os torne conscientes, para despertar suas cinzas em dor. Meu Deus, Harry, como eu a venero! — Ele andava de um lado para o outro na sala enquanto falava. Manchas vermelhas ardiam em suas bochechas. Estava terrivelmente agitado.

Lorde Henry ficou observando-o com uma sutil sensação de prazer. Como se diferenciava agora daquele garoto tímido e assustado que conhecera no ateliê de Basil Hallward! Sua personalidade se desenvolvera como uma flor, fazendo nascer flores de chama escarlate. Sua Alma deixara para trás seu esconderijo secreto e, no caminho, o Desejo viera ao seu encontro.

— E o que pretende fazer? — perguntou lorde Henry, finalmente.

— Quero que você e Basil venham comigo alguma noite e a vejam se apresentando. Não tenho o menor medo do resultado. Você certamente reconhecerá a genialidade dela. Então precisaremos tirá-la das garras daquele judeu. Ela está presa a ele por três anos... pelo menos dois anos e oito meses, no momento. Terei que lhe pagar alguma coisa, é claro. Quando tudo isso estiver resolvido, comprarei um teatro do West End e a apresentarei de modo adequado. Ela deixará o mundo tão louco quanto me deixou.

— Isso seria impossível, meu bom garoto!

— Ela vai, eu lhe digo. Ela não tem apenas arte, um senso artístico consumado, mas é também dotada de personalidade. E você me disse muitas vezes que são as personalidades, não os princípios, que movem os séculos.

— Bem, em qual noite iremos?

— Deixe-me ver. Hoje é terça-feira. Vamos combinar amanhã. Amanhã ela interpretará Julieta.

— Está bem. Nos encontramos no Bristol às oito horas e eu levo Basil.

— Às oito horas não, Harry, por favor. Seis e meia. Precisamos estar lá antes de as cortinas abrirem. Você precisa vê-la no primeiro ato, quando ela conhece Romeu.

— Seis e meia! Que hora é essa! Vai ser como tomar o chá da tarde ou ler um romance inglês.[21] Precisa ser às sete. Nenhum cavalheiro janta antes das sete. Você verá Basil entre hoje e amanhã? Ou devo escrever a ele?

— Pobre Basil! Não o vejo há uma semana. É algo horrível da minha parte, pois ele me enviou meu retrato em uma moldura maravilhosa, especialmente desenhada por ele, e, embora eu sinta uma pontada de inveja pelo retrato ser um mês mais jovem do que eu, preciso admitir que me é muito prazeroso. Talvez seja melhor você escrever para ele. Não quero me encontrar sozinho com Basil. Ele fala coisas que me incomodam. Me dá bons conselhos.

Lorde Henry sorriu.

— As pessoas adoram dar aquilo de que elas mesmas mais precisam. É o que eu chamo de profundezas da generosidade.[22]

— Ah, Basil é uma ótima pessoa, mas me parece ser um pouco filisteu. Percebi isso desde que conheci você, Harry.

— Basil, meu querido, investe tudo que tem de mais encantador no trabalho. A consequência é que não resta nada em sua vida senão seus preconceitos, seus princípios e seu bom senso. Os únicos artistas que conheci que eram pessoalmente encantadores são maus artistas. Bons artistas existem simplesmente naquilo que fazem e, justamente por isso, são perfeitamente desinteressados pelo que são. Um grande poeta, um poeta realmente grande, é a menos poética de todas as criaturas. Mas os poetas inferiores são absolutamente fascinantes. Quanto piores suas rimas, mais pitorescas parecem. O simples fato de ter publicado um livro de sonetos de quinta categoria torna um homem completamente irresistível. Ele vive a poesia que não consegue escrever. Os outros escrevem poesias que não ousam realizar.

— Eu me pergunto se é isso mesmo, Harry — disse Dorian Gray, colocando em seu lenço um pouco do perfume tirado de um grande frasco com tampa dourada que estava sobre a mesa. — Deve ser, se você diz. E agora já vou indo. Imogênia espera por mim. Não se esqueça de amanhã. Até logo.

Ao sair da sala, as pálpebras pesadas de lorde Henry fecharam-se e ele começou a refletir. Certamente, poucas pessoas o interessaram tanto quanto Dorian Gray, e ainda assim a louca adoração do rapaz por outra pessoa não lhe causou a menor pontada de aborrecimento ou ciúme. Ficou satisfeito com isso. Isso fazia do rapaz um caso ainda mais interessante. Sempre foi fascinado pelos métodos das ciências naturais, mas os temas prosaicos dessa ciência lhe pareciam triviais e sem importância. Então começou a dissecar a si mesmo, assim como fazia com os outros. A vida humana... parecia-lhe a única coisa digna de ser investigada. Comparado a isso, não havia mais nada de valor. É verdade que, quando observamos a vida em seu curioso cadinho de dor e prazer,

não podemos usar uma máscara de vidro no rosto nem impedir que vapores sulfurosos perturbem o cérebro e turvem a imaginação com fantasias monstruosas e sonhos disformes. Havia venenos tão sutis que, para conhecer suas propriedades, era preciso usá-los até enjoar. Havia doenças tão estranhas que era preciso enfrentá-las para se compreender sua natureza. E, ainda assim, que grande recompensa se recebia! Como o mundo se tornava maravilhoso! Perceber a curiosa e violenta lógica da paixão e a colorida vida emocional do intelecto... observar onde se encontravam e onde se separavam, em que ponto estavam em harmonia e em que ponto discordavam... havia um prazer nisso! Que importância tinha o custo? Nenhuma sensação poderia sair cara demais.[23]

Estava consciente, e o pensamento fez seus castanhos olhos de ágata brilharem de prazer, pois foi através de certas palavras suas, palavras musicais ditas com expressão melódica, que a alma de Dorian Gray inclinou-se para essa garota pálida e curvou-se para adorá-la. Em grande parte, o rapaz era criação sua. Ele o tornou prematuro. E isso já era alguma coisa. As pessoas comuns esperam que a vida lhes revele seus segredos, mas para os poucos, para os eleitos, os mistérios da vida eram revelados antes do cair do véu. Às vezes esse era o efeito da arte, e principalmente da arte literária, que lidava imediatamente com as paixões e o intelecto. Mas de vez em quando uma personalidade complexa tomava o lugar e assumia o ofício artístico, e realmente era, a seu modo, uma verdadeira obra de arte, pois a Vida, assim como a poesia, a escultura ou a pintura, produz suas elaboradas obras-primas.

Sim, o rapaz era prematuro. Fazia sua colheita enquanto ainda era primavera. Era dotado do impulso e da paixão da juventude, mas começava a ficar consciente de si mesmo. Era delicioso observá-lo. Com seu lindo rosto e sua linda alma, era algo para admirar. Não importava

como tudo terminasse ou estivesse destinado a terminar. Ele era como um daqueles graciosos personagens de um espetáculo ou de uma peça, cujas alegrias parecem remotas, mas cujas tristezas despertam o senso de beleza e cujas feridas lembram rosas vermelhas.

Alma e corpo, corpo e alma... como eram misteriosos! Havia animalismo na alma, e o corpo tinha seus momentos de espiritualidade. Os sentidos poderiam refinar e o intelecto poderia degradar-se. Quem pode dizer onde cessam os impulsos carnais ou onde começam os impulsos psíquicos? Como são arbitrárias as definições dos psicólogos ordinários! E, no entanto, que dificuldade decidir entre as reivindicações das diversas escolas! A alma era uma sombra sentada na casa do pecado? Ou o corpo estava realmente preso à alma, como

pensava Giordano Bruno? A separação do espírito da matéria era um mistério, e a união do espírito com a matéria, outro mistério.

Ele começou a se perguntar se algum dia conseguiríamos tornar a psicologia uma ciência tão absoluta que nos revelasse cada pequena fonte de vida. Do jeito que estava, sempre entendíamos mal a nós mesmos e raramente entendíamos os outros. A experiência não tinha valor ético. Era apenas o nome que os homens davam a seus erros. Os moralistas, via de regra, a consideravam uma advertência, reivindicavam para ela certa eficácia ética na formação do caráter, elogiavam-na como algo que nos indicava o caminho a seguir e nos mostrava o que evitar. Mas não havia força motriz na experiência. Era uma causa tão pouco ativa quanto a própria consciência. Tudo o que realmente demonstrou era que teríamos um futuro igual ao nosso passado, e que o pecado que cometemos uma vez, com aversão, cometeríamos várias outras vezes, com alegria.

Estava claro para ele que o método experimental era o único pelo qual se poderia chegar a qualquer análise científica das paixões. E certamente Dorian Gray era um tema feito sob medida para ele, e, pelo visto, prometia resultados ricos e frutíferos. Seu súbito e desesperado amor por Sibyl Vane era um fenômeno psicológico que muito lhe interessava. Não havia dúvida de que a curiosidade tinha muito a ver com isso, a curiosidade e o desejo por novas experiências. No entanto, não era uma paixão simples, mas sim uma paixão muito complexa. O que havia nela do instinto puramente sexual da juventude transformara-se pelo funcionamento da imaginação, que ao próprio rapaz parecia ser algo distante dos sentidos e era, por isso mesmo, ainda mais perigosa. As paixões sobre cuja origem nos enganamos nos tiranizam com mais intensidade. Nossas motivações mais fracas são aquelas de cuja natureza

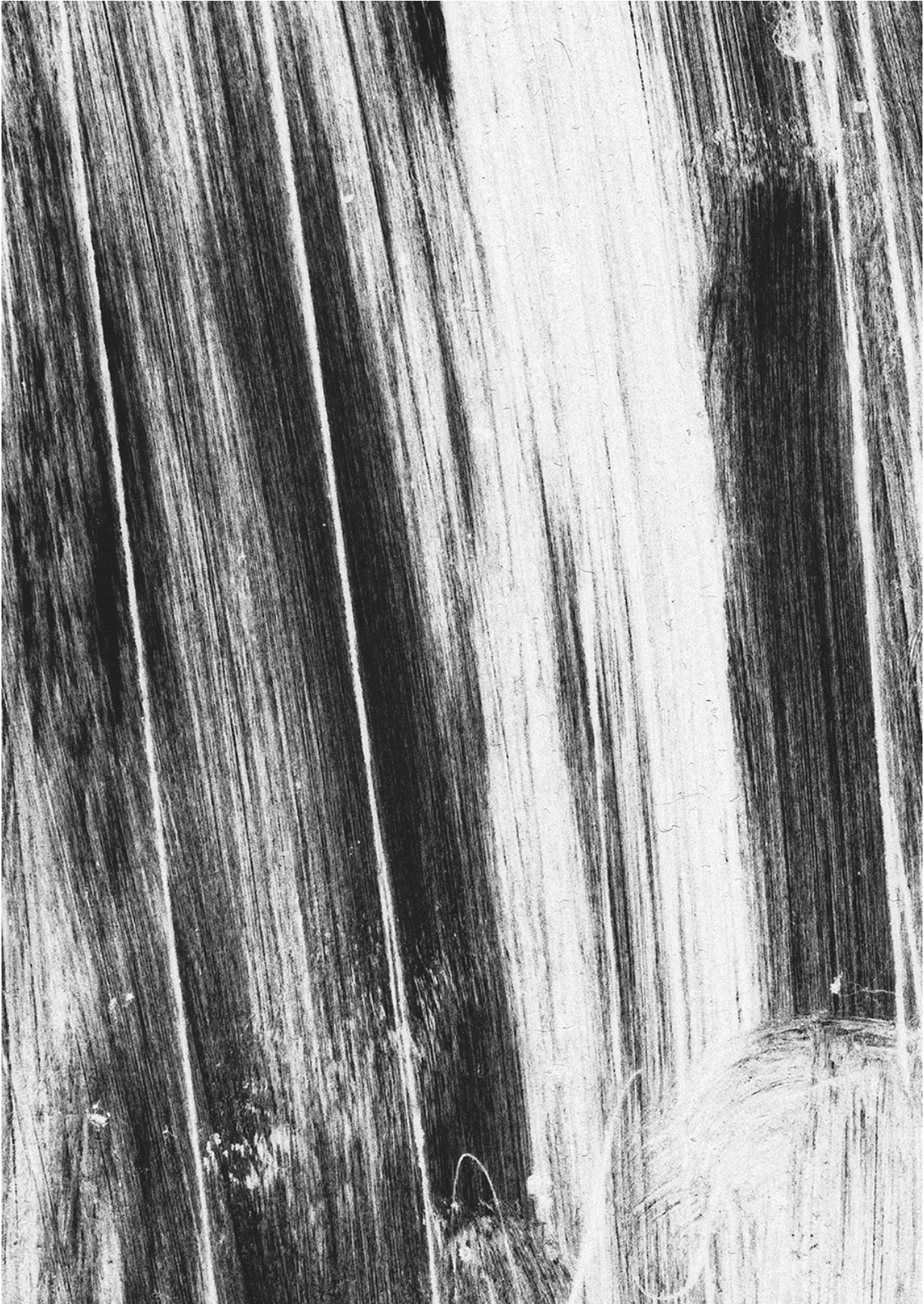
temos consciência. Muitas vezes, quando pensamos estar fazendo experiências com outras pessoas, na verdade estamos fazendo experiências com nós mesmos.

Enquanto lorde Henry divagava sobre essas coisas, bateram à porta e seu criado entrou, lembrando-lhe que era hora de se vestir para o jantar. Ele se levantou e olhou para a rua. O pôr do sol tingira de ouro escarlate as janelas superiores das casas em frente. As vidraças brilhavam como placas de metal aquecido. O céu acima parecia uma rosa desbotada. Ele pensou na vida jovem e colorida de seu amigo e se perguntou como tudo aquilo iria acabar.

Quando voltou para casa, por volta do meio-dia e meia, viu um telegrama sobre a mesinha do hall de entrada. Ele abriu e descobriu que era de Dorian Gray. Era para lhe dizer que estava noivo de Sibyl Vane.

---

1. Claude Michel (1738-1814), conhecido como Clodion, foi um escultor francês do estilo rococó famoso por baixos-relevos e estátuas em mármore, bronze ou terracota representando faunos, ninfas e crianças. [N. de T.] ↩
2. "As cem novas novelas" é uma compilação de histórias licenciosas, considerada por alguns como a primeira obra francesa em prosa. De autoria anônima, por vezes atribuída a Antônio de La Salle, foi feita para divertimento do príncipe Felipe, o Bom no século xv, e várias de suas histórias foram retiradas do *Decamerão*, de Boccaccio. [N. de T.] ↩
3. Clovis Éve (1584-1635) foi um encadernador de livros francês da Renascença, criador do estilo "fanfare", que consistia em linhas curvas representando flores, folhas e ramos espiralados que cobriam a capa por inteiro, dando à obra encadernada uma composição harmônica e requintada. [N. de T.] ↩
4. No datiloscrito, tratava-se apenas de uma voz feminina, sem qualquer juízo de valor que acaba ridicularizando a figura da mulher. ↩
5. Ópera de Richard Wagner baseada na versão alemã da lenda do Santo Graal. [N. de T.] ↩
6. Aqui, ao incluir essas duas frases que não constavam do datiloscrito nem do manuscrito, Wilde reforça uma visão problemática e conflituosa do casamento devido à falta de diálogo entre lady e lorde Henry. ↩
7. No datiloscrito, patchuli, à época um perfume comum às profissionais do sexo. ↩
8. Qualidade de quem é espirituoso e vivaz. [N. de T.] ↩
9. No datiloscrito, o adjetivo era "venenoso", "tóxico", o que mostra certo apaziguamento nesta versão. ↩
10. A contemplação sobre paixão e classes ociosas, além do conselho para que Gray não tenha medo, não constavam do datiloscrito e foram incluídas na versão de 1891. ↩

11. É apenas nesta versão que o personagem se estende em sua divagação sobre a fidelidade. ↩
12. *The Idiot Boy*, publicado em 1829, não era uma peça, mas um conto da escritora infantojuvenil Mary Martha Sherwood (1775-1851), cujas histórias didáticas, evangelizadoras e bastante anticatólicas ainda eram populares à época de Wilde. [N. de T.] ↩
13. "Os avós estão sempre errados." [N. de T.] ↩
14. Apenas nesta versão Wilde faz o contraponto de campo *versus* cidade, reforçando a ideia de progresso vigente na cidade, senso comum no século XIX. ↩
15. O sentimento de dó, compaixão ou empatia criado por essa qualidade em um texto, música ou representação. [N. de T.] ↩
16. O verbo "confiar", usado no datiloscrito, aqui é substituído por "confessar", mostrando uma cumplicidade diferente entre os personagens. ↩
17. No manuscrito e no datiloscrito, lorde Henry questiona Dorian Gray se Sibyl Vane é sua amante. A palavra utilizada em inglês, "mistress", possui utilização diferente de "lover", também significando "amante". Ocorre aqui, com a mudança da pergunta, uma atenuação da acusação. ↩
18. Nesta versão de 1891, o verbo usado remete à noção de propriedade, de que a mulher pertence ao homem, diferentemente da versão do datiloscrito, em que lorde Henry sugere que Sibyl Vane um dia será amante de Dorian Gray. ↩
19. Apelido com que o poeta inglês William Shakespeare é conhecido entre seus admiradores. [N. de T.] ↩
20. A inclusão das duas frases defendendo a importância da arte é feita para esta versão de 1891. ↩
21. O hábito da leitura foi um acréscimo à versão de 1891. O comentário demonstra novamente o sarcasmo do personagem, uma vez que, à época, a leitura, além de entretenimento ou instrução, configurava-se como instrumento social que junto às conveniências inglesas seria capaz de incutir valores morais tidos como corretos. ↩
22. A versão de 1891 exclui parte do diálogo, em que lorde Henry questionava Dorian Gray se em algum momento o jovem esteve consciente do sentimento nutrido por Basil Hallward. O sentimento, segundo o pintor relatou ao amigo, possuía uma base romântica. A palavra *romance* também implica fatores relacionados à fantasia e ilusão, diferenciando-se, por exemplo, de um sentimento passional ou sexual. ↩
23. Em 1895, portanto quatro anos após a publicação do livro, Wilde passou dois anos na prisão por flagrante de indecência, o que torna o trecho altamente pessoal. ↩

capítulo 5[1]

— Mãe, mãe, estou tão feliz! — sussurrou a menina, afundando o rosto no colo da mulher abatida e de aparência cansada que, de costas para a intensa luz que entrava no cômodo, estava sentada na única poltrona de sua sombria sala de estar. — Estou tão feliz! — ela repetiu. — E a senhora também deve ficar!

A sra. Vane estremeceu e pôs as mãos finas e branqueadas de bismuto[2] na cabeça da filha.

— Feliz? — ela repetiu. — Só fico feliz, Sibyl, quando te vejo atuando. Você não deve pensar em nada além de sua atuação. O sr. Isaacs tem sido muito bom conosco e lhe devemos dinheiro.

A garota ergueu o olhar, fazendo beicinho.

— Dinheiro, mãe? — ela exclamou. — Que importância tem o dinheiro? O amor vale mais.

— O sr. Isaacs nos adiantou cinquenta libras para pagarmos nossas dívidas e comprarmos uma roupa decente para James. Você não pode se esquecer disso, Sibyl. Cinquenta libras é uma alta quantia. O sr. Isaacs foi muito atencioso.

— Ele não é nenhum cavalheiro, mãe, e odeio o modo como ele fala comigo — disse a menina, levantando-se e indo até a janela.

— Não sei como poderíamos viver sem ele — respondeu a mulher mais velha, queixosa.

Sibyl Vane sacudiu a cabeça e riu.

— Não precisaremos mais dele, mãe. Quem dirige nossa vida agora é o Príncipe Encantado. — Então ela fez uma pausa. Uma rosa agitou seu sangue e fez suas bochechas corarem. A respiração rápida entreabriu as pétalas de seus lábios, que tremeram. Um vento de paixão, vindo do sul, percorreu-lhe o corpo, ondulando as delicadas dobras de seu vestido. — Eu o amo — ela disse com simplicidade.

— Criança boba! Criança boba! — respondeu a mãe, tal qual um papagaio. O jeito como agitava os dedos tortos e cheios de joias falsas dava um ar grotesco às palavras.

A garota riu outra vez. Em sua voz havia a alegria de um pássaro enjaulado. Seus olhos captaram aquela melodia e a ecoaram, radiantes: depois se fecharam por um momento, como se quisessem esconder seu segredo. Quando abriram, a névoa de um sonho havia passado por eles.

A sabedoria, de lábios finos e sentada na cadeira gasta, falava com ela e insinuava prudência, citando aquele livro da covardia cujo autor imita o nome do bom senso. Ela não escutava. Estava livre em sua prisão apaixonada. Seu príncipe, o Príncipe Encantado, estava com ela. Para reconstruí-lo, teve de recorrer à memória. Enviou sua alma para procurá-lo, e assim o trouxe de volta. Seu beijo queimou novamente em sua boca. As pálpebras dela estavam quentes com a respiração dele.

Então a Sabedoria mudou de método e passou a falar de observação e averiguações. Podia ser que aquele jovem fosse rico. Nesse caso, devia-se pensar em casamento. Contra a concha de sua orelha quebravam as ondas da astúcia mundana. As flechas da argúcia disparadas por ela. Ela observou os lábios finos se movendo e sorriu.

De repente, sentiu necessidade de falar. Aquele silêncio prolixo a incomodou.

— Mãe, mãe — ela chamou —, por que ele me ama tanto? Eu sei por que eu o amo. Eu o amo porque ele é como o próprio Amor deveria ser. Mas o que ele vê em mim? Não sou digna dele. E ainda assim... não sei dizer por que, mas, embora me sinta muito inferior a ele, não me sinto humilde. Sinto-me orgulhosa, terrivelmente orgulhosa. Mãe, você amava meu pai como eu amo o Príncipe Encantado?

A mulher mais velha empalideceu sob o pó grosso que cobria suas bochechas, e seus lábios secos se contraíram com um espasmo de dor. Sibyl correu até ela, passou os braços em volta do seu pescoço e beijou-a.

— Me perdoe, mãe. Sei que é doloroso para a senhora falar do meu pai. Mas só é doloroso porque a senhora o amava muito. Não fique triste assim. Estou tão feliz hoje quanto você estava há vinte anos. Ah! Deixe-me ser feliz para sempre!

— Minha filha, você é muito jovem para pensar em se apaixonar. Além disso, o que sabe sobre esse jovem? Nem sequer sabe o nome dele. Toda essa história é muito inconveniente e, na verdade, agora que James vai viajar para a Austrália e eu tenho tanto em que pensar, acho que você deveria ter mais consideração. Porém, como eu estava dizendo, se ele for rico...

— Ah! Mãe, mãe, me deixe ser feliz!

A sra. Vane olhou para ela e, com um daqueles falsos gestos teatrais que frequentemente se tornam uma segunda natureza para atores de teatro, a abraçou. Nesse momento a porta se abriu e um jovem de cabelos castanhos e ásperos entrou na sala. Era um rapaz atarracado, de mãos e pés grandes e movimentos um tanto desajeitados. Não era tão refinado quanto a irmã. Dificilmente se imaginaria a estreita relação que havia entre os dois. A sra. Vane fixou os olhos nele e intensificou o sorriso. Elevou mentalmente o filho à dignidade de uma plateia. Tinha certeza de que o *tableau*[3] era interessante.

— Acho que você poderia guardar alguns beijos para mim — disse o rapaz, com um resmungo bem-humorado.

— Ah! Mas você não gosta de ser beijado, Jim — ela disse. — Você é um urso velho e ranzinza. — Então atravessou a sala e o abraçou.

James Vane olhou com ternura para o rosto da irmã.

— Quero que dê um passeio comigo, Sibyl. Imagino que nunca mais voltarei a ver essa Londres horrível. Com certeza é o que quero.

— Meu filho, não diga coisas tão terríveis — murmurou a sra. Vane, pegando, com um suspiro, um vestido de teatro espalhafatoso e começando a remendá-lo. Ficou um pouco desapontada pelo filho não ter se juntado ao grupo. Teria aumentado a pitoresca teatralidade da situação.

— Por que não, mãe? Falo sério.

— Desse jeito você me magoa, meu filho. Acredito que retornará rico da Austrália. Não creio que haja qualquer tipo de sociedade nas Colônias, nada do que eu chamaria de sociedade. Portanto, quando tiver feito fortuna, volte e estabeleça-se em Londres.

— Sociedade! — murmurou o rapaz. — Não quero saber de nada disso. Eu queria era ganhar algum dinheiro para tirar a senhora e Sibyl

do teatro. Eu odeio isso.

— Ah, Jim! — disse Sibyl, rindo. — Que indelicado da sua parte! Mas você vai mesmo passear comigo? Seria agradável! Fiquei com medo de que fosse se despedir de alguns de seus amigos... de Tom Hardy, que lhe deu aquele cachimbo horrível, ou de Ned Langton, que zomba de você por fumar. É muito gentil da sua parte passar sua última tarde comigo. Aonde iremos? Vamos ao parque.

— Estou muito malvestido — ele respondeu, franzindo a testa. — Só gente bacana vai ao parque.

— Bobagem, Jim — ela sussurrou, acariciando a manga do casaco dele.

Ele hesitou por um momento.

— Muito bem — ele disse, finalmente —, mas não demore muito para se vestir.

Ela saiu da sala dançando. Dava para ouvi-la cantando enquanto subia as escadas. Seus pezinhos tocavam levemente o assoalho.

O rapaz foi duas ou três vezes de um lado para o outro da sala. Então virou-se para a figura imóvel na cadeira.

— Mãe, minhas coisas estão prontas? — ele perguntou.

— Estão prontas, James — respondeu ela, mantendo os olhos no trabalho.

Fazia alguns meses que ela se sentia pouco à vontade quando estava sozinha com aquele filho rude e severo. Sua secreta natureza superficial ficava perturbada quando seus olhos se encontravam. Ela costumava se perguntar se ele suspeitava de alguma coisa. Como ele não fez nenhuma outra observação, o silêncio tornou-se intolerável para ela, que começou a reclamar. As mulheres defendem-se atacando, assim como atacam através de repentinas e estranhas submissões.

— Espero que fique satisfeito, James, com a vida em alto-mar — disse ela. — Lembre que foi sua própria escolha. Você poderia ter começado a trabalhar no escritório de algum advogado. Os advogados são uma classe muito respeitável e, no campo, costumam jantar com as melhores famílias.

— Odeio escritórios e odeio funcionários — respondeu ele. — Mas a senhora tem razão. Eu escolhi minha própria vida. Tudo o que peço é: cuide de Sibyl. Não a deixe sofrer mal nenhum. Mãe, a senhora precisa cuidar dela.

— James, você fala de um jeito realmente muito estranho. É claro que vou cuidar de Sibyl.

— Ouvi dizer que um cavalheiro vai toda noite ao teatro e entra no camarim para falar com ela. É verdade? Que história é essa?

— Você está falando de coisas que não entende, James. Em nossa profissão somos acostumados a receber uma enorme quantidade de atenção agradável. Eu mesma costumava receber muitos buquês de uma só vez. Isso quando o ofício da atuação era realmente compreendido. Quanto a Sibyl, não sei neste momento se o seu apego é sério ou não. Mas não há dúvida de que o jovem em questão é um perfeito cavalheiro. É sempre muito educado comigo. Além disso, parece ser rico e envia lindas flores.

— E a senhora nem sequer sabe o nome dele — disse o rapaz, áspero.

— Não — respondeu a mãe, com uma expressão serena no rosto. — Ele ainda não revelou seu nome verdadeiro. Acho um gesto muito romântico da parte dele. Provavelmente é um membro da aristocracia.

James Vane mordeu o lábio.

— Cuide de Sibyl, mãe — ele pediu. — Cuide dela.

— Meu filho, assim você me deixa muito aflita. Sibyl está sempre sob meus cuidados especiais. Claro, se este cavalheiro for rico, não há nenhuma razão para que ela não fique noiva dele. Acredito que seja da aristocracia. Preciso dizer que ele tem todo jeito de ser. Poderia ser um casamento brilhante para Sibyl. Os dois formariam um casal encantador. A boa aparência dele realmente chama a atenção. Não tem quem não a perceba.

O rapaz murmurou alguma coisa para si mesmo e tamborilou os dedos ásperos na vidraça. Tinha acabado de se virar para dizer alguma coisa quando a porta se abriu e Sibyl entrou correndo.

— Como estão sérios, vocês dois! — ela exclamou. — Qual o problema?

— Nada — ele respondeu. — Suponho que às vezes é preciso ser sério. Até logo, mãe. Vou querer jantar às cinco. Está tudo guardado, exceto minhas camisas, então não precisa se preocupar.

— Até logo, meu filho — ela respondeu, acenando com uma formalidade excessiva.

Ficou extremamente irritada com o tom que o filho adotou com ela, e algo em seu olhar a fez sentir medo.

— Me dê um beijo, mãe — disse a menina. Seus lábios em forma de flor tocaram a bochecha murcha e aqueceram seu gelo.

— Minha criança! Minha criança! — exclamou a sra. Vane, olhando para o teto em busca de uma plateia imaginária.

— Venha, Sibyl — disse o irmão, impaciente. Odiava as afetações de sua mãe.

Saíram para a oscilante luz do sol soprada pelo vento e começaram a caminhar pela sombria Euston Road. Os transeuntes olhavam espantados para o jovem robusto e taciturno que, com roupas grosseiras

e mal ajustadas, seguia na companhia de uma garota tão graciosa e de aparência refinada. Parecia um jardineiro comum andando com uma rosa.

Jim franzia a testa de vez em quando, sempre que via o olhar curioso de algum estranho. Ele sentia aquela aversão em ser observado que, na vida dos gênios, surge apenas mais tarde, mas nunca abandona as pessoas comuns. Sibyl, porém, não tinha consciência do efeito que causava. O amor que sentia provocava um sorriso em seus lábios. Pensava no Príncipe Encantado e, para pensar ainda mais nele, não falava a respeito, mas tagarelava sobre o navio em que Jim embarcaria, sobre o ouro que certamente iria encontrar, sobre a maravilhosa herdeira cuja vida ele salvaria dos perversos bandoleiros de camisa vermelha. Pois ele não continuaria sendo para sempre um marinheiro, ou comissário, ou o que quer que fosse. Ah, não! Marinheiros levavam uma vida terrível. Imagine estar enfiado em um navio horrível, com ondas roucas e corcundas tentando entrar, e um vento negro derrubando os mastros e rasgando as velas em longas tiras uivantes! Ele deixaria o navio em Melbourne, despediria-se educadamente do capitão e partiria imediatamente para as minas de ouro. Antes de uma semana, encontraria uma grande pepita de ouro puro, a maior pepita já descoberta, e a levaria até a costa numa carroça guardada por seis policiais montados. Os bandoleiros os atacariam três vezes e seriam derrotados numa tremenda matança. Ou não. Não iria de forma alguma às minas de ouro. Eram lugares horríveis, onde os homens se embriagavam, atiravam uns nos outros em bares e diziam palavrões. Ele seria um bom criador de ovelhas e, uma noite, enquanto estivesse voltando para casa, veria uma bela herdeira sendo levada por um ladrão montado num cavalo preto, iria persegui-la e resgatá-la. É claro que ela

se apaixonaria por ele, e ele por ela, e eles se casariam, voltariam para Londres e viveriam numa casa imensa. Sim, havia coisas deliciosas reservadas para ele. Mas era preciso que ele fosse muito bom, que não perdesse a paciência ou gastasse seu dinheiro tolamente. Ela era apenas um ano mais velha que ele, mas sabia muito mais sobre a vida. Ele também deveria se certificar de escrever para ela em cada posto dos correios e fazer suas orações toda noite antes de dormir. Deus era muito bom e cuidaria dele. Ela também oraria por ele, e em poucos anos ele voltaria riquíssimo e feliz.

O rapaz a escutava mal-humorado, sem responder. Estava infeliz em sair de casa.

No entanto, não era só isso que o deixava soturno e melancólico. Por mais inexperiente que fosse, ainda tinha plena consciência do perigo que Sibyl corria. Este jovem dândi que a estava namorando poderia trazer algo de negativo para ela. Era um cavalheiro, e justamente por isso o odiava, o odiava por um curioso instinto de raça que ele não conseguia explicar e que, por essa razão, o dominava ainda mais. Ele também estava consciente da superficialidade e da vaidade da natureza de sua mãe, e via nisso um perigo infinito para Sibyl e para a felicidade da irmã. Os filhos começam amando os pais. À medida que crescem, eles os julgam. Às vezes, os perdoam.

Sua mãe! Ele tinha algo em mente que queria perguntar a ela, algo sobre o que passara muitos meses refletindo em silêncio. Uma frase casual que ouvira no teatro, o sussurro de um riso debochado que lhe chegou aos ouvidos uma noite enquanto esperava à porta dos bastidores, desencadeou uma série de pensamentos horríveis. Ele se lembrava disso como se fosse o estalar de um chicote no rosto. Suas sobrancelhas se franziram em um sulco semelhante a uma cunha e, com uma contração de dor, ele mordeu o lábio inferior.

— Você não está ouvindo uma palavra do que estou dizendo, Jim — exclamou Sibyl —, e estou fazendo planos maravilhosos para o seu futuro. Diga alguma coisa.

— O que você quer que eu diga?

— Ah! Que será um bom menino e não se esquecerá de nós — respondeu ela, sorrindo.

Ele encolheu os ombros.

— É mais provável que você me esqueça do que eu te esquecer, Sibyl.

Ela corou.

— O que você quer dizer, Jim? — perguntou ela.

— Ouvi dizer que fez um novo amigo. Quem é? Por que não me contou sobre ele? Ele não está bem-intencionado com você.

— Pare, Jim! — ela exclamou. — Você não deve dizer nada contra ele. Eu o amo.

— Ora, você nem sabe como ele se chama — respondeu o rapaz. — Quem é ele? Tenho o direito de saber.

— Chama-se Príncipe Encantado. Não gosta do nome? Ah! Seu bobo! Você não deve esquecê-lo nunca. Se pelo menos o visse, o consideraria a pessoa mais maravilhosa do mundo. Um dia, quando voltar da Austrália, você o conhecerá. E vai gostar muito dele. Todo mundo gosta, e eu... o amo. Gostaria que fosse ao teatro esta noite. Ele estará lá e eu vou fazer o papel de Julieta. Ah! E como vou atuar! Imagine, Jim, estar apaixonada e fazer o papel de Julieta! Com ele lá sentado! Atuar para encantá-lo! Tenho medo de acabar assustando a companhia de teatro, assustá-la ou arrebatá-la. Estar apaixonado é superar a si mesmo. O pobre e terrível sr. Isaacs vai gritar "genial" para os vadios do bar. Ele já anda me proclamando como um dogma, mas essa noite me anunciará como uma revelação. Eu sinto. E é tudo para ele, só ele, o Príncipe Encantado, meu amor maravilhoso, meu Deus das Graças. Mas, perto dele, sou pobre. Pobre? O que importa? Quando a pobreza bate à porta, o amor foge pela janela. Nossos provérbios precisam ser reescritos. Foram feitos no inverno e estamos no verão. Para mim, creio ser primavera, uma verdadeira dança de flores no céu azul.

— Ele é um cavalheiro — disse o garoto, taciturno.

— Um príncipe! — bradou ela, num tom melodioso. — O que mais você quer?

— Ele quer escravizar você.

— Estremeço só de pensar em ser livre.

— Quero que tome cuidado com ele.

— Vê-lo é venerá-lo, conhecê-lo é confiar nele.

— Sibyl, você está louca por ele.

Ela riu e o pegou pelo braço.

— Meu bom e velho Jim, você fala como se tivesse cem anos. Um dia você também vai estar apaixonado. Então saberá como é. Não fique tão mal-humorado. Na verdade, deveria ficar feliz em pensar que, embora esteja indo embora, você me deixa mais feliz do que nunca. A vida tem sido difícil para nós dois, terrivelmente dura e difícil. Mas agora será diferente. Você está indo para um novo mundo e eu encontrei outro. Olhe, duas cadeiras; vamos sentar e ver todas essas pessoas da moda passarem.

Sentaram-se em meio a uma multidão de curiosos. Os canteiros de tulipas do outro lado da avenida ardiam como anéis de fogo latejantes. Uma poeira branca, uma nuvem trêmula de raízes de lírio, parecia pairar no ar ofegante. As sombrinhas em cores vivas dançavam para lá e para cá como borboletas monstruosas.

Ela fez o irmão falar de si mesmo, suas esperanças, suas perspectivas. Ele falava devagar e com esforço. Os dois trocaram palavras feito jogadores trocando cartas. Sibyl sentia-se oprimida. Não conseguia comunicar sua alegria. Um leve sorriso curvando aquela boca taciturna foi tudo que ela conseguiu despertar. Depois de algum tempo, ficou em silêncio. De repente, olhou de relance para uma cabeleira dourada e uns lábios sorridentes, e reparou em Dorian Gray passando com duas damas numa carruagem aberta.

Sibyl ficou de pé num salto.

— Lá está ele! — ela disse.

— Quem? — perguntou Jim Vane.

— O Príncipe Encantado — ela respondeu, procurando pela vitória[4].

Ele deu um pulo e a agarrou com força pelo braço.

— Mostre-me. Qual daqueles é ele? Aponte. Preciso vê-lo! — ele exclamou, mas naquele momento a carruagem de quatro cavalos do duque de Berwick se interpôs e, quando o espaço ficou novamente livre, a carruagem já havia saído do parque.

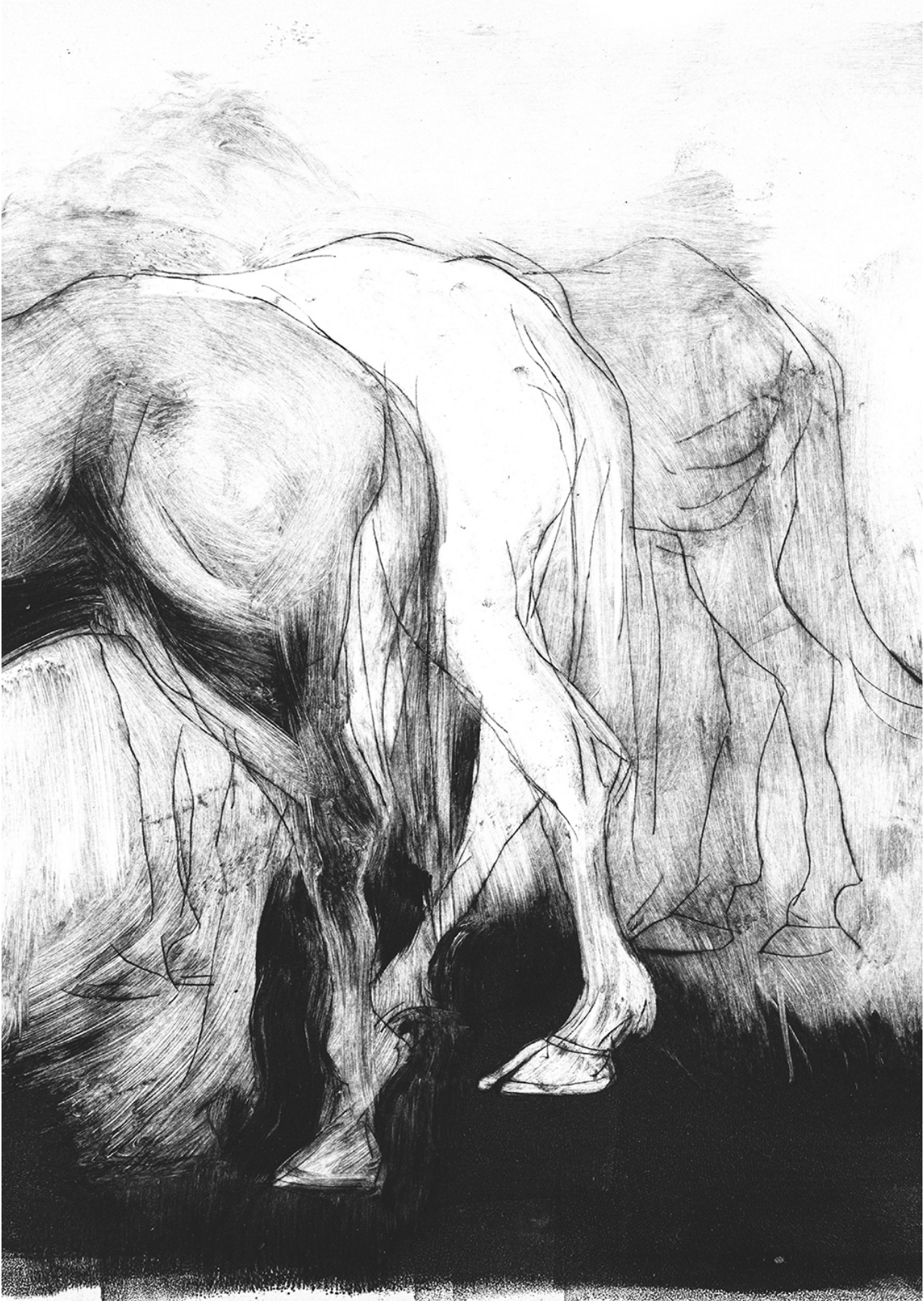
— Ele se foi — murmurou Sibyl, com tristeza na voz. — Gostaria que você o tivesse visto.

— Eu também, pois tão certo quanto existe um Deus no céu, se ele lhe fizer algum mal, eu o matarei.

Ela olhou para ele horrorizada. Ele repetiu suas palavras, que cortaram o ar feito uma adaga. As pessoas ao redor começaram a ficar boquiabertas. Uma senhora parada ao lado deu uma risadinha.

— Vamos embora, Jim, vamos embora — ela sussurrou, e o irmão a seguiu obstinado enquanto Sibyl passava pela multidão. Sentiu-se satisfeito com o que havia dito.

Quando chegaram à estátua de Aquiles, ela se virou. Havia uma compaixão em seus olhos que se transformou numa risada. Ela balançou a cabeça para ele.

— Você é um louco, Jim, completamente louco. Não passa de um menino mal-humorado. Como pode dizer coisas tão horríveis? Você não sabe do que está falando. É ciumento e cruel, simples assim. Ah! Gostaria que se apaixonasse. O amor torna as pessoas boas, e o que você disse foi perverso.

— Tenho dezesseis anos — respondeu ele — e sei o que estou fazendo. A mamãe não te ajuda. Não sabe como cuidar de você. Gostaria de não estar indo agora para a Austrália. Tenho muita vontade de desistir de tudo. Faria isso, se já não tivesse assinado os contratos.

— Ah, não seja tão sério, Jim. Está parecendo um herói daqueles melodramas bobos em que minha mãe gostava tanto de atuar. Não vou brigar com você. Eu o vi e, ah! Vê-lo é uma felicidade perfeita. Não vamos brigar. Sei que você nunca faria mal a ninguém que eu amo, não é?

— Não enquanto você o amar, imagino — foi a resposta taciturna.

— Eu o amarei para sempre! — ela gritou.

— E ele?

— Para sempre também!

— É melhor mesmo.

Ela se afastou do irmão. Então riu e colocou a mão no braço dele. Não passava de um menino.

No Marble Arch, tomaram o coche coletivo que os deixou perto de sua humilde casinha na Euston Road. Já passava das cinco da tarde e Sibyl precisava se deitar por algumas horas antes de atuar. Jim insistiu que ela fizesse isso. Disse que preferiria se despedir dela quando a mãe não estivesse presente. Ela certamente faria um escândalo, e ele detestava escândalos de qualquer tipo.

Despediram-se no quarto de Sibyl. O coração do rapaz estava cheio de ciúme e de um ódio feroz e assassino pelo estranho que, segundo lhe parecia, se interpusera entre eles. No entanto, quando os braços dela envolveram seu pescoço e os dedos percorreram seu cabelo, ele baixou a guarda e beijou-a com verdadeiro carinho. Havia lágrimas em seus olhos quando desceu.

Sua mãe esperava por ele lá embaixo. Ela resmungou sobre a falta de pontualidade do filho e ele não respondeu, apenas sentou-se para saborear sua escassa refeição. As moscas zumbiam em volta da mesa e rastejavam sobre a toalha manchada. Através do barulho dos coches coletivos e de táxis de rua ele escutava uma voz monótona devorando cada minuto que lhe restava.

Depois de algum tempo, ele afastou o prato e colocou a cabeça entre as mãos. Sentiu que tinha o direito de saber. Devia lhe ter sido dito antes, se fosse como ele suspeitava. Tomada de medo, a mãe o observava. As palavras saíram mecanicamente de seus lábios. Torcia entre os dedos um lenço de renda esfarrapado. Quando o relógio bateu seis horas, ele se levantou e foi até a porta. Então se virou e olhou para ela. Seus olhos se encontraram. Nos dela ele viu um apelo louco por perdão. Isso o enfureceu.

— Mãe, tenho uma coisa para lhe perguntar — disse ele. Seus olhos vagaram indefinidamente pela sala. Ela não respondeu. — Diga-me a verdade. Tenho o direito de saber. A senhora foi casada com meu pai?

Ela soltou um profundo suspiro. Um suspiro de alívio. O momento terrível, o momento que temera noite e dia, durante semanas e meses, finalmente havia chegado, e ainda assim ela não sentia terror. Na verdade, em certa medida, foi para ela uma decepção. A rude franqueza da pergunta exigia uma resposta direta. A situação não foi resolvida gradualmente. Foi algo brutal. A fazia lembrar-se de um ensaio malfeito.

— Não — respondeu ela, admirando-se com a dura simplicidade da vida.

— Então meu pai era um canalha! — gritou o rapaz, cerrando os punhos.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sabia que ele não era livre. Nos amávamos muito. Se estivesse vivo, ele proveria para nós. Não fale mal dele, meu filho. Era seu pai e um cavalheiro. Na verdade, era muito bem relacionado.

Um juramento escapou dos lábios do rapaz:

— Não me preocupo comigo mesmo — exclamou ele —, mas não deixe Sibyl... É um cavalheiro, não é, que está apaixonado por ela, ou pelo menos diz que está? Muito bem relacionado, suponho.

Por um momento, uma horrível sensação de humilhação tomou conta da mulher. Baixou a cabeça e enxugou os olhos com as mãos trêmulas.

— Sibyl tem mãe — ela murmurou. — Eu não tinha.

O rapaz ficou emocionado. Foi até ela e, curvando-se, a beijou.

— Lamento ter magoado a senhora perguntando sobre meu pai — disse ele —, mas não pude evitar. Preciso ir agora. Adeus. Não se esqueça de que agora terá apenas uma filha para cuidar, e acredite: se esse homem ofender minha irmã, vou descobrir quem é, o localizarei e o matarei como a um cachorro. Eu juro.

A exagerada loucura da ameaça, o gesto apaixonado que a acompanhava, as loucas palavras melodramáticas fizeram a vida parecer mais vívida à mãe. Estava familiarizada com aquela atmosfera. Então respirou com mais liberdade e, pela primeira vez em muitos meses, realmente admirou o filho. Ela gostaria de ter continuado a cena na mesma escala emocional, mas ele a interrompeu. Precisavam carregar os baús e procurar os cachecóis. O empregado da pensão entrava e saía. Houve uma negociação com o cocheiro. O momento acabou perdendo-se em detalhes vulgares. Foi com um renovado sentimento de decepção que ela agitou o esfarrapado lenço de renda na janela enquanto o filho se afastava. Estava consciente de que havia desperdiçado uma grande oportunidade. Consolou-se dizendo a Sibyl como ela achava que seria

desolada sua vida agora que tinha apenas um filho para cuidar. Ela se lembrou da frase. Isso a agradou. Da ameaça, não falou nada: havia sido expressa de forma vívida e dramática. Ela sentiu que, um dia, todos iriam rir daquilo.

---

1. Capítulo escrito para esta versão de 1891. ↩
2. Metal branco-avermelhado usado na composição de produtos de beleza no século XIX. [N. de T.] ↩
3. *Tableaux vivants* eram cenas montadas para simularem uma "pintura viva". [N. de T.] ↩
4. Modelo de carruagem inglesa derivado do faetonte. Apesar de Dorian Gray estar acompanhado de duas moças, geralmente a vitória vem equipada com apenas dois assentos para passageiros e um assento elevado para o condutor. [N. de T.] ↩

capítulo 6

— Imagino que já saiba da novidade, Basil — disse lorde Henry naquela mesma noite, enquanto Hallward era conduzido a uma salinha privada no Hotel Bristol, onde serviam um jantar para três pessoas.

— Não, Harry — respondeu o artista, entregando seu chapéu e casaco ao garçom curvado. — Qual? Espero que não seja nada sobre política. Quanto a isso não me interesso. Mal há uma única pessoa na Câmara dos Comuns que valha a pena ser pintada, embora muitas delas se beneficiariam de uma pequena demão de cal.

— Dorian Gray está noivo e prestes a se casar — disse lorde Henry, observando-o enquanto falava.

Hallward ficou alarmado e franziu a testa.[1]

— Dorian vai se casar? — espantou-se. — Impossível!

— É a pura verdade.

— Com quem?

— Com uma atrizinha qualquer.

— Não posso acreditar. Dorian é sensato demais para isso.

— Dorian é sensato demais para não fazer tolices de vez em quando, meu caro Basil.

— O casamento dificilmente é algo que se possa fazer de vez em quando, Harry.

— Exceto nos Estados Unidos — respondeu lorde Henry, languidamente.[2] — Mas eu não disse que ele se casou. Disse que está noivo e prestes a se casar. Há uma grande diferença. Tenho uma nítida

lembrança de ter me casado, mas nenhuma de ter ficado noivo. Sou inclinado a pensar que nunca estive noivo.

— Mas pense no berço, na posição e na riqueza de Dorian. Seria um absurdo casar-se com alguém tão inferior a ele.

— Se quer vê-lo casado com essa garota, diga isso a ele, Basil. Com certeza ele o fará. Toda vez que um homem faz uma coisa completamente estúpida, é sempre pelos mais nobres motivos.

— Espero que seja uma boa garota, Harry. Não quero ver Dorian preso a uma criatura vil que degrade sua natureza e arruíne seu intelecto.

— Ah, ela é mais do que boa... ela é linda — murmurou lorde Henry, dando um gole no vermute com laranja amarga. — Dorian diz que é linda, e ele não costuma se enganar sobre esse tipo de coisa. O retrato que você fez dele despertou sua apreciação da aparência física das pessoas. Produziu nele esse excelente efeito, entre outros. Iremos vê-la esta noite, se aquele rapaz não esquecer o compromisso.

— Está falando sério?

— Muito sério, Basil. Eu ficaria terrivelmente infeliz se achasse que posso ficar ainda mais sério do que estou sendo no momento atual.

— Mas você aprova isso, Harry? — perguntou o pintor, andando de um lado para o outro na sala e mordendo o lábio. — Não é possível que aprove isso. É uma paixão boba.

— Eu nunca aprovo ou desaprovo nada hoje em dia. É uma postura absurda de se tomar em relação à vida. Não fomos enviados ao mundo para expor nossos preconceitos morais. Nunca presto atenção ao que as pessoas comuns dizem e nunca interfiro no que fazem as pessoas encantadoras. Se uma personalidade me fascina, qualquer modo de expressão que essa personalidade escolher será absolutamente

encantador para mim. Dorian Gray se apaixona por uma linda garota que faz o papel de Julieta e lhe pede em casamento. Por que não? Se ele se casasse com Messalina[3], não seria menos interessante. Você sabe que não sou nenhum defensor do casamento. A verdadeira desvantagem do casamento é que ele torna a pessoa altruísta. E pessoas altruístas são incolores. Não têm individualidade. Ainda assim, existem certos temperamentos que o casamento torna mais complexos. Conservam seu egoísmo e até o aumentam. Essas pessoas são forçadas a ter mais de uma vida. Adquirem um alto nível de organização, e um alto nível de organização é, imagino, o objetivo da existência do homem. Além disso, toda experiência tem valor e, independentemente do que se diga contra o casamento, com certeza não deixa de ser uma experiência. Espero que Dorian Gray torne essa garota sua esposa, a adore apaixonadamente por seis meses e, de repente, fique fascinado por outra pessoa. Seria um estudo maravilhoso.

— Você não está falando sério, Harry, sabe que não. Se a vida de Dorian Gray fosse arruinada, ninguém ficaria mais triste do que você. Você é muito melhor do que finge ser.

Lorde Henry riu.

— A razão pela qual todos gostamos de pensar tão bem dos outros é que temos medo de nós mesmos. A base do otimismo é o terror absoluto. Pensamos que somos generosos porque creditamos ao próximo a posse daquelas virtudes que provavelmente podem nos beneficiar. Elogiamos o banqueiro na esperança de que faça render mais o dinheiro que lhe confiamos, e encontramos qualidades no assaltante de estradas na esperança de que ele poupe nossos bolsos. Acredito em tudo o que disse. Sinto o maior desprezo pelo otimismo. Quanto a uma vida arruinada, nenhuma vida é arruinada, exceto aquela cujo

crescimento é interrompido. Se você quiser arruinar o caráter de alguém, basta reformá-lo. Quanto ao casamento, claro que seria uma tolice, mas existem outros laços mais interessantes entre homens e mulheres. Certamente os encorajarei. Eles têm o charme de estar na moda.[4] Mas aqui está o próprio Dorian. Ele pode lhe contar mais do que eu.

— Meu caro Harry, meu caro Basil, vocês dois precisam me dar os parabéns! — disse o rapaz, tirando a capa de noite com mangas forradas de cetim e apertando a mão de cada um dos amigos. — Nunca estive tão feliz. Claro que é repentino: todas as coisas realmente prazerosas o são. E, no entanto, me parece ser a única coisa que procurei durante toda a minha vida. — Ele estava corado de euforia e prazer, e parecia extraordinariamente bonito.[5]

— Espero que você seja sempre muito feliz, Dorian — disse Hallward —, mas não o perdoo por não ter me avisado de seu noivado. Você contou a Harry.

— E não o perdoo por se atrasar para o jantar — interrompeu lorde Henry, colocando a mão no ombro do rapaz e sorrindo enquanto falava. — Venha, vamos nos sentar e experimentar a comida do novo *chef* daqui, e então você nos contará como tudo aconteceu.

— Não há realmente muito o que contar — exclamou Dorian enquanto se sentavam à pequena mesa redonda. — O que aconteceu foi o seguinte: depois que nos despedimos ontem à noite, Harry, me vesti, jantei naquele pequeno restaurante italiano na rua Rupert, que você me apresentou, e às oito desci para o teatro. Sibyl estava fazendo o papel de Rosalinda. É claro que o cenário era terrível e Orlando[6] era absurdo. Mas Sibyl! Você precisava ter visto ela! Quando apareceu com suas roupas de menino, estava perfeitamente maravilhosa. Usava um gibão

de veludo cor de musgo com mangas cor de canela, finas meias marrons com ligas cruzadas, uma delicada boina verde com uma pena de falcão presa a uma joia e uma capa com um forro vermelho fosco e capuz. Ela nunca me havia parecido mais requintada. Tinha toda a delicadeza daquela estatueta de Tânagra[7] que você tem em seu ateliê, Basil. O cabelo caía em volta do rosto como folhas escuras ao redor de uma rosa pálida. Quanto à atuação... bem, você a verá esta noite. Ela é simplesmente uma artista nata. Fiquei naquele camarote sujo completamente encantado. Esqueci que estava em Londres e no século XIX. Eu estava com meu amor em uma floresta que nenhum homem jamais tinha visto. Após o término da apresentação, fui aos bastidores e falei com ela. Sentado ali ao seu lado, de repente surgiu em seus olhos uma expressão que eu nunca tinha visto antes. Meus lábios se moveram em direção aos dela. Nos beijamos. Não consigo descrever a vocês o que senti naquele momento. Parecia que toda a minha vida havia se reduzido a um ponto exato de alegria cor-de-rosa. Ela se tremia toda, como um narciso branco. Então ajoelhou-se e beijou minhas mãos. Sinto que não deveria contar tudo isso a vocês, mas não consigo evitar. Claro que nosso noivado é um segredo absoluto. Ela não contou nem à própria mãe. Não sei o que meus tutores dirão. Certamente lorde Radley ficará furioso. Eu não ligo. Em um ano atingirei a maioridade e então poderei fazer o que quiser. Eu estava certo, não estava, Basil, de buscar meu amor na poesia e encontrar minha mulher nas peças de Shakespeare? Lábios que Shakespeare ensinou a falar sussurraram seu segredo em meu ouvido. Eu tive os braços de Rosalinda ao redor do meu pescoço e beijei a boca de Julieta.

— Sim, Dorian, imagino que você estava certo — disse Hallward, lentamente.

— Você a viu hoje? — perguntou lorde Henry.

Dorian Gray balançou a cabeça.

— Eu a deixei na floresta de Arden, vou encontrá-la num pomar em Verona.[8]

Lorde Henry tomou um gole de champanhe, reflexivo.

— Em que momento específico você mencionou a palavra casamento, Dorian? E o que ela disse em resposta? Talvez você já tenha se esquecido de tudo.

— Meu querido Harry, não tratei isso como uma transação comercial e não fiz nenhuma proposta formal. O que lhe disse foi que a amava e ela respondeu que não era digna de ser minha esposa. Não era digna! Ora, o mundo inteiro não é nada comparado a ela.

— As mulheres são maravilhosamente práticas — murmurou lorde Henry. — Muito mais práticas do que nós. Em situações desse tipo, muitas vezes nos esquecemos de dizer algo sobre o casamento, e elas sempre nos lembram disso.

Hallward tocou em seu braço.

— Não, Harry. Você irritou Dorian. Ele não é como os outros homens. Ele nunca faria mal a ninguém. Sua natureza é boa demais para isso.

Lorde Henry olhou para o outro lado da mesa.

— Dorian nunca fica aborrecido comigo — respondeu ele. — Fiz a pergunta pela melhor razão possível, pela única razão, na verdade, que permite a alguém fazer qualquer pergunta: pura e simples curiosidade. Tenho uma teoria de que são sempre as mulheres que nos pedem em

casamento, e não o contrário. Exceto, claro, na vida da classe média. Mas a classe média não é moderna.

Dorian Gray riu e balançou a cabeça.

— Você é completamente incorrigível, Harry, mas não me importo. É impossível ficar com raiva de você. Quando vir Sibyl Vane, sentirá que o homem que fizesse mal a ela seria uma fera, uma fera sem coração. Não consigo entender como alguém pode querer envergonhar quem ama. Eu amo Sibyl Vane. Quero colocá-la num pedestal de ouro e ver o mundo adorar a mulher que é minha. O que é o casamento? Um voto irrevogável. É por isso que você zomba do matrimônio. Ah! Não zombe. O que quero fazer é um voto irrevogável. Sua confiança me torna fiel, sua crença me torna bom. Quando estou com ela, me arrependo de tudo o que você me ensinou. Torno-me diferente daquele que vocês conheciam. Eu mudei, e o simples toque da mão de Sibyl Vane me faz esquecer você e todas as suas teorias erradas, fascinantes, venenosas e deliciosas.

— Que são...? — perguntou lorde Henry, servindo-se de salada.

— Ah, suas teorias sobre a vida, suas teorias sobre o amor, suas teorias sobre o prazer. Na verdade, todas as suas teorias, Harry.

— O prazer é a única coisa sobre a qual vale a pena ter uma teoria — respondeu ele, com sua voz lenta e melodiosa. — Mas temo não poder reivindicá-la como minha. Pertence à Natureza, não a mim. O prazer é o teste da Natureza, seu sinal de aprovação. Quando estamos felizes, somos sempre bons, mas quando somos bons, nem sempre estamos felizes.

— Ah, mas o que você quer dizer com ser bom? — exclamou Basil Hallward.

— Sim — repetiu Dorian, recostando-se na cadeira e olhando para lorde Henry por cima dos pesados ramalhetes de íris de pétalas roxas no centro da mesa. — O que você quer dizer com ser bom, Harry?

— Ser bom é estar em harmonia consigo mesmo — respondeu ele, tocando a haste fina do copo com os dedos finos e pálidos. — A discórdia é quando somos forçados a estar em harmonia com os outros. Nossa própria vida... é o que importa. Quanto à vida dos vizinhos, se alguém deseja ser pedante ou puritano, pode ostentar suas opiniões morais sobre eles mesmos, mas elas não são da nossa conta. Além disso,

o Individualismo realmente tem um objetivo mais elevado. A moralidade moderna consiste em aceitar o padrão da época. Considero que, para qualquer homem culto, aceitar o padrão de sua época é uma das mais grosseiras imoralidades.

— Mas, certamente, se alguém vive apenas para si mesmo, Harry, não pagará um preço terrível por isso? — sugeriu o pintor.

— Sim, hoje em dia somos cobrados a mais por tudo. Eu imagino que a verdadeira tragédia dos pobres seja não poderem pagar nada além da abnegação. Os belos pecados, assim como as coisas belas, são privilégio dos ricos.

— É preciso pagar de outras maneiras, se não for em dinheiro.

— De que maneiras, Basil?

— Ah! Imagino que pelo remorso, pelo sofrimento, pela... bem, pela consciência da degradação.

Lorde Henry encolheu os ombros.

— Meu caro amigo, a arte medieval é encantadora, mas as emoções medievais estão ultrapassadas. Podemos usá-las na ficção, é claro. Mas então as únicas coisas que podemos usar na ficção são aquelas que, na realidade, já deixamos de usar. Acredite em mim, nenhum homem civilizado jamais se arrepende de um prazer, e nenhum homem incivilizado jamais sabe o que é um prazer.

— Eu sei o que é prazer — anunciou Dorian Gray. — É adorar alguém.

— Isso certamente é melhor do que ser adorado — respondeu ele, brincando com algumas frutas. — Ser adorado é um incômodo. As mulheres nos tratam como a Humanidade trata seus deuses. Nos adoram e vivem nos incomodando para que façamos algo por elas.

— Eu poderia dizer que tudo o que elas pedem, nos deram primeiro — murmurou o rapaz, com seriedade. — As mulheres fazem surgir o amor em nossa natureza. Têm o direito de exigi-lo de volta.

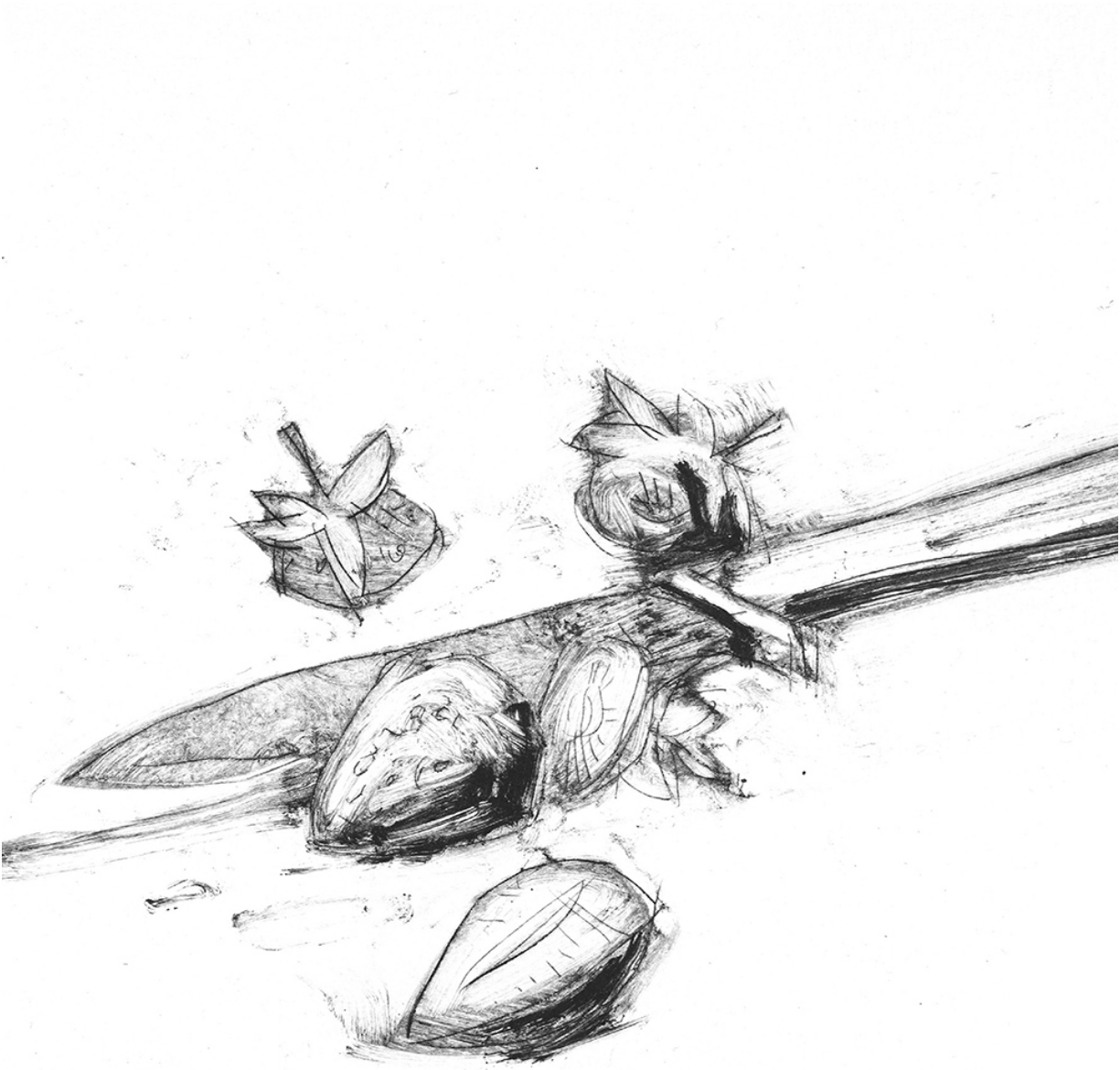
— Isso é verdade, Dorian — exclamou Hallward.

— Nada é totalmente verdade — disse lorde Henry.

— Isto é — interrompeu Dorian. — Precisa admitir, Harry, que as mulheres dão aos homens o ouro de suas vidas.

— É possível — ele suspirou —, mas invariavelmente o querem de volta em troco miúdo. Essa é a preocupação. As mulheres, como disse certa vez um francês espirituoso, inspiram-nos o desejo de fazer obras-primas e sempre nos impedem de realizá-las.

— Harry, você é horrível! Não sei por que gosto tanto de você.

— Você sempre vai gostar de mim, Dorian — respondeu ele. — Querem um pouco de café, camaradas? Garçom, traga café, conhaque *fine champagne* e uns cigarros. Não: esqueça os cigarros, eu tenho alguns. Basil, não posso permitir que fume charutos. Você precisa fumar um cigarro. Um cigarro é o tipo perfeito de prazer. É requintado e deixa a pessoa insatisfeita. O que mais se pode querer? Sim, Dorian, você sempre gostará de mim. Eu represento para você todos os pecados que nunca teve a coragem de cometer.

— Que bobagem você está dizendo, Harry! — exclamou o rapaz, acendendo o cigarro no dragão de prata cuspindo fogo que o garçom havia colocado sobre a mesa. — Vamos ao teatro. Quando Sibyl subir ao palco, você terá um novo ideal de vida. Ela significará para você algo que nunca conheceu antes.

— Já conheci de tudo — disse lorde Henry, com uma expressão cansada nos olhos —, mas estou sempre pronto para uma nova emoção. Receio, no entanto, que não exista algo do tipo, pelo menos para mim. De qualquer forma, sua garota maravilhosa pode me emocionar. Eu adoro a atuação. É muito mais real que a vida. Vamos. Dorian, venha comigo. Lamento muito, Basil, mas só há lugar para dois no fiacre. Você precisará nos seguir num cabriolé[9].

Eles se levantaram e vestiram os casacos, tomando café de pé. O pintor estava silencioso e preocupado. Havia uma tristeza nele. Não suportava esse casamento, mas lhe parecia melhor do que muitas outras coisas que poderiam ter acontecido. Alguns minutos depois, todos desceram. Hallward partiu sozinho, como haviam combinado, e ficou observando as luzes piscantes da pequena carruagem à sua frente. Foi tomado por uma estranha sensação de perda. Sentia que Dorian Gray nunca mais seria para ele tudo o que fora no passado. A vida colocara-se entre os dois...[10] Seu olhar ficou sombrio, e as ruas cheias de luz e movimento tornaram-se borradas para ele. Quando o cabriolé parou diante do teatro, sentiu-se anos mais velho.

---

1. Nas versões anteriores à de 1891, o narrador prossegue informando sobre a palidez súbita de Basil Hallward e seu semblante de pavor diante da notícia do noivado de Dorian Gray. ↩
2. O estado de espírito de lorde Henry nesta cena é um acréscimo a esta versão de 1891. A adição demonstra os modos divergentes do personagem quando comparados à expressão

de masculinidade cultuada à época. ↩

3. Valéria Messalina (17 d.C.–48 d.C.) foi esposa do imperador romano Cláudio e se tornou sinônimo de promiscuidade sexual. [N. de T.] ↩
4. A inclusão à versão de 1891 sobre o casamento ser uma tolice faz parte da caracterização do personagem, para quem o casamento se resume a uma espécie de golpe de ambas as partes. Mais à frente, Gray pedirá ao amigo que não zombe do casamento, outro trecho que não constava do datiloscrito e que reforça essa ideia. ↩
5. Aqui há uma adição de importância muito mais narrativa do que textual em comparação a versões anteriores. Na versão de 1891, os personagens são mais densos, já que Wilde teve mais tempo para desenvolvê-los. Um exemplo é o modo como Dorian Gray expressa seus sentimentos por Sibyl, a descrição detalhada que faz dela e o desejo de colocá-la num pedestal de ouro. ↩
6. Personagens de Shakespeare na peça *Como gostais?* [N. de T.] ↩
7. Pequenas estatuetas de terracota feitas na Grécia Antiga que reproduziam mulheres jovens, crianças e cenas domésticas. [N. de T.] ↩
8. Na floresta de Arden, em *Como gostais*, temos três casamentos e finais felizes, ao contrário da tragédia que acontece em Verona em *Romeu e Julieta*. ↩
9. O fiacre era uma carruagem leve, coberta, de quatro rodas e duas portas com somente dois lugares para passageiros e um assento do lado externo para o cocheiro. Já o cabriolé era uma carruagem de duas rodas muito popular na Londres do século XIX como carruagem de aluguel. [N. de T.] ↩
10. A frase que antecipa o destino dos personagens foi um acréscimo à versão de 1891. ↩

capítulo 7

Por qualquer que fosse a razão, naquela noite o teatro estava lotado, e o gordo empresário judeu que os encontrou à porta estava com um sorriso trêmulo e seboso de orelha a orelha. Ele os acompanhou até o camarote com uma espécie de humildade pomposa, acenando com as mãos gordas e cheias de joias e falando a plenos pulmões. Dorian Gray o desprezou mais do que nunca. Sentiu como se tivesse vindo assistir a Miranda e fosse recebido por Calibã.[1] Lorde Henry, por outro lado, gostou bastante do empresário. Ao menos foi o que disse, e insistiu em apertar-lhe a mão, assegurando-o de que estava orgulhoso de conhecer um homem que havia descoberto um verdadeiro gênio e ido à bancarrota por um poeta. Enquanto isso, Hallward distraía-se observando os rostos no fosso. Fazia um calor terrivelmente opressivo, e o intenso poente flamejava feito uma monstruosa dália com pétalas de fogo amarelo. Os jovens nas galerias haviam tirado seus casacos e coletes e os pendurado nas laterais. Conversavam uns com os outros por toda a extensão do teatro e compartilhavam suas laranjas com moças espalhafatosas sentadas com eles. Algumas mulheres gargalhavam no fosso. Suas vozes eram terrivelmente agudas e discordantes. Veio do bar o som de uma rolha estourando.

— Que lugar para se encontrar uma divindade! — disse lorde Henry.

— Sim! — respondeu Dorian Gray. — Foi aqui que a encontrei, e ela é divina como nenhuma outra criatura. Quando ela começar a atuar você vai se esquecer de tudo. Essa gente rude e vulgar, com rostos

grosseiros e gestos brutais, tornam-se bem diferentes quando ela está no palco. Sentam-se em silêncio e a observam. Choram e riem de acordo com a vontade dela. Ela os torna tão responsivos quanto um violino. Os espiritualiza, e conseguimos sentir que essa gente tem a mesma carne e o mesmo sangue que nós.

— A mesma carne e o mesmo sangue que nós? Ah, espero que não! — exclamou lorde Henry, que examinava os ocupantes da galeria pelo lornhão[2].

— Não lhe dê atenção, Dorian — disse o pintor. — Eu entendo o que você quer dizer e acredito nessa garota. Qualquer pessoa que você ama deve ser maravilhosa, e qualquer garota que cause o efeito que você descreve deve ser boa e nobre. Espiritualizar a sua própria época é o que vale a pena ser feito. Se esta menina puder dar uma alma àqueles que não a tem, se puder criar o senso de beleza em pessoas com vidas sórdidas e feias, se puder despojá-las de seu egoísmo e fazer-lhes derramar lágrimas por tristezas que não são suas, ela é digna de toda a sua adoração, digna da adoração do mundo. Este casamento é completamente adequado. A princípio não achei que fosse, mas admito agora. Os deuses criaram Sibyl Vane para você. Sem ela, você seria incompleto.

— Obrigado, Basil — respondeu Dorian Gray, o cumprimentando. — Sabia que você iria me entender. Harry é tão cínico que me assusta. Mas aqui está a orquestra. É realmente terrível, mas dura apenas uns cinco minutos. Depois a cortina se abre e você verá a menina a quem dedicarei toda a minha vida, a quem dei tudo o que há de bom em mim.

Quinze minutos depois, em meio a uma extraordinária salva de palmas, Sibyl Vane subiu ao palco. Sim, certamente era uma garota adorável de se ver — uma das criaturas mais adoráveis, pensou lorde

Henry, que ele já tinha visto. Seu jeito tímido e seus olhos assustados lembravam a delicadeza de uma corça. Um leve rubor, como a sombra de uma rosa em um espelho de prata, invadiu suas bochechas enquanto ela olhava para o teatro lotado de uma plateia entusiasmada. Ela recuou alguns passos e seus lábios pareceram tremer. Basil Hallward levantou-se rapidamente e começou a aplaudir. Imóvel, como se estivesse num sonho, Dorian Gray permanecia sentado, olhando para ela. Lorde Henry espiou através dos lornhões, murmurando:

— Encantadora! Encantadora!

O cenário era a sala da casa dos Capuleto, e Romeu, vestido em seu traje de peregrino, entrava com Mercúcio e outros amigos. A orquestra, apesar de suas limitações, tocou algumas notas e a dança começou. Em meio à multidão de atores desajeitados e malvestidos, Sibyl Vane movia-se como uma criatura vinda de um mundo melhor. Seu corpo mexia-se enquanto ela dançava, como uma planta balança na água. As curvas de sua garganta eram as mesmas de um lírio branco. As mãos pareciam feitas de uma fresca superfície de marfim.

No entanto, ela estava curiosamente apática. Não mostrou nenhum sinal de alegria quando pousou os olhos em Romeu. As poucas palavras que precisava falar:

Bom peregrino, ofendes demais tua mão,
Que demonstrou educada devoção;
Pois as mãos de santos os peregrinos têm tocado
E entre as palmas é o beijo dos palmeirins sagrados

e o breve diálogo que se seguiu foram pronunciados de um modo totalmente artificial. A voz era linda, mas, do ponto de vista da

entonação, completamente falsa. Estava fora de tom. Tirava toda a vida do verso. Fazia a paixão parecer irreal.

Dorian Gray empalideceu conforme a observava. Sentia-se confuso e ansioso. Nenhum de seus amigos ousou lhe dizer nada. Para eles, ela parecia ser absolutamente incompetente. Ficaram terrivelmente desapontados.

Ainda assim, achavam que o verdadeiro teste de qualquer Julieta era a cena do balcão, no segundo ato. Eles aguardavam por isso. Se ela falhasse ali, não havia nada na garota a ser admirado.

Ao sair sob o luar, parecia encantadora. Isso não se podia negar. Mas a artificialidade de sua atuação era insuportável, e foi ficando pior à medida que prosseguia. Seus gestos eram absurdamente artificiais. Pronunciava cada palavra com ênfase exagerada. Esta bela passagem...

Sabeis que a máscara da noite recai sobre mim,
Do contrário, o rubor da timidez pintaria minha face,
Pois sei que ouviste o que falei à noite

foi declamada com a dolorosa precisão de uma colegial ensinada a recitar por algum professor de oratória de quinta categoria. Quando ela se debruçou sobre o balcão e chegou a estes maravilhosos versos:

Embora tu me alegres, esta conversa não me traz nenhuma alegria,
é muito precipitada, muito imprudente, muito repentina;
muito parecida com o raio, que deixa de existir
antes que se possa dizer "um raio". Boa noite, querido!
Este botão de amor amadurecido no hálito do verão
Pode ser uma linda flor na próxima vez que nos encontrarmos.

ela pronunciou as palavras como se não lhe significassem nada. Não era nervosismo. Na verdade, longe de estar nervosa, estava absolutamente confiante. Era simplesmente uma interpretação ruim. Um completo fracasso.

Até mesmo o público vulgar e sem instrução do fosso e das galerias perdeu o interesse pela peça. Ficaram inquietos e começaram a falar alto e a assobiar. O empresário judeu, que estava no fundo do balcão nobre, batia os pés e praguejava, furioso. A única pessoa indiferente era a própria garota.

Quando o segundo ato chegou ao fim houve uma enxurrada de vaias, e lorde Henry levantou-se e vestiu o casaco.

— Ela é muito bonita, Dorian — disse ele —, mas não sabe atuar. Vamos.

— Vou ver a peça até ao fim — respondeu o rapaz, com uma voz ríspida e amarga. — Lamento muito ter feito você perder uma noite, Harry. Peço desculpas a vocês dois.

— Meu querido Dorian, acho que a senhorita Vane deve estar doente — interrompeu Hallward. — Voltaremos outra noite.

— Gostaria que ela estivesse doente — ele respondeu. — Mas me parece simplesmente insensível e fria. Está completamente mudada. Ontem à noite, era uma grande artista. Hoje, não passa de uma atriz medíocre qualquer.

— Não fale assim de alguém que você ama, Dorian. O amor é mais poderoso do que a Arte.

— Ambos são apenas formas de imitação — observou lorde Henry. — Mas deixe-nos ir. Dorian, você não deveria permanecer. Não faz bem para a moral assistir a uma má atuação. Além disso, imagino que não queira ver sua esposa atuando. Então que diferença faz se ela interpreta Julieta feito uma boneca de madeira? Ela é muito adorável, e, se souber tão pouco da vida quanto de atuação, será uma experiência encantadora. Existem apenas dois tipos de pessoas realmente fascinantes: as que sabem absolutamente tudo e as que não sabem absolutamente nada. Por Deus, meu querido menino, não seja tão trágico! O segredo da juventude é nunca ter uma emoção inconveniente. Vamos ao clube comigo e com Basil. Fumaremos cigarros e brindaremos à beleza de Sibyl Vane. Ela é bonita. O que mais você pode querer?

— Vá embora, Harry — pediu o rapaz. — Quero ficar sozinho. Basil, você precisa ir. Ah! Não veem que estou de coração partido? — Seus olhos se encheram de lágrimas quentes. Os lábios tremeram e, correndo

para o fundo do camarote, ele se encostou na parede, escondendo o rosto entre as mãos.

— Vamos, Basil — disse lorde Henry, com uma estranha ternura na voz; e os dois rapazes saíram juntos.

Instantes depois, as luzes da ribalta acenderam-se e as cortinas abriram para o terceiro ato. Dorian Gray voltou a seu lugar. Parecia pálido, soberbo e indiferente. A peça se arrastava, parecia interminável. Metade do público foi embora aos risos e a passos pesados. A coisa toda foi um fiasco. O último ato foi encenado para poltronas quase vazias. A cortina se fechou sob o som de uma risadinha e alguns resmungos.

Assim que tudo acabou, Dorian Gray correu para os bastidores, em direção ao camarim. A garota estava sozinha, com uma expressão triunfante no rosto. Seus olhos estavam iluminados com um fogo exótico. Ela brilhava. Seus lábios entreabertos sorriam em razão de algum segredo próprio.

Quando ele entrou, ela o encarou e foi invadida por uma expressão de alegria infinita.

— Como atuei mal essa noite, Dorian! — exclamou ela.

— Terrivelmente! — ele respondeu, observando-a espantado. — Terrivelmente! Foi horrível. Está doente? Você não tem ideia de como foi. Não tem ideia do quanto sofri.

A garota abriu um sorriso.

— Dorian — ela respondeu, demorando-se no nome com uma longa musicalidade na voz, como se fosse mais doce que mel para as pétalas vermelhas de sua boca. — Dorian, você devia ter entendido. Mas entende agora, não é?

— Entender o quê? — ele perguntou, com raiva.

— Por que atuei tão mal esta noite. Por que sempre atuarei mal. Por que nunca mais voltarei a atuar bem.

Ele encolheu os ombros.

— Imagino que esteja doente. Quando estiver doente, não deve atuar. Fica ridícula. Meus amigos ficaram entediados. Eu fiquei entediado.

Ela parecia não escutá-lo. Estava transfigurada de alegria. Foi dominada por um êxtase de felicidade.

— Dorian, Dorian — ela gritou —, antes de te conhecer, o teatro era a única realidade da minha vida. Somente aqui me sentia viva. Acreditava que tudo fosse verdade. Numa noite era Rosalinda; na outra, Pórcia. A alegria de Beatrice era a minha alegria, e as tristezas de Cordélia, minhas próprias tristezas. Eu acreditava em tudo. As pessoas vulgares que atuavam comigo pareciam-me divinas. Os cenários pintados eram o meu mundo. Eu não conhecia nada além de sombras, e as considerava reais. Você veio... ah, meu lindo amor!... e libertou minha alma da prisão. Você me ensinou o que realmente é a realidade. Esta noite, pela primeira vez na vida, enxerguei o vazio, a farsa, a tolice do espetáculo vazio do qual sempre fiz parte. Esta noite, pela primeira vez, tomei consciência de que Romeu estava horrível, velho e maquiado, que o luar no jardim era falso, que o cenário era vulgar e que as palavras que eu precisava dizer não eram sinceras, não eram minhas próprias palavras, não eram o que eu queria dizer. Você me revelou algo mais elevado, que toda arte não passa de um reflexo. Você me fez entender o que realmente é o amor. Meu amor! Meu amor! Meu Príncipe Encantado! Príncipe da minha vida! Estou farta de sombras. Para mim, você tem mais valor do que toda arte poderia ter. O que tenho a ver com os fantoches de uma peça? Esta noite, quando cheguei, não conseguia entender como é que tudo havia se esvaído de mim. Pensei que faria

uma atuação maravilhosa. Descobri que não podia fazer nada. De repente, minha alma entendeu o que tudo isso significava. E este conhecimento foi excelente. Eu os ouvi vaiando e sorri. O que poderiam saber de um amor como o nosso?[3] Leve-me embora, Dorian, leve-me a um lugar onde possamos ficar sozinhos. Eu odeio o palco. Posso fingir uma paixão que não sinto, mas não posso fingir uma que me queime como fogo. Ah, Dorian, Dorian, entende agora o que estou dizendo? Mesmo que eu pudesse fazer isso, seria uma profanação fazer de conta que estou apaixonada. Você me fez ver isso.

Ele se jogou no sofá e virou o rosto.

— Você matou meu amor — murmurou.

Ela o encarou maravilhada e riu. Ele ficou em silêncio. Ela se aproximou e acariciou seu cabelo com os dedinhos. Depois se ajoelhou e pressionou as mãos de Dorian nos lábios. Ele os afastou, sentindo um arrepio o percorrer.

Então ele se levantou de um salto e foi em direção à porta.

— Sim — ele anunciou —, você matou meu amor. Você costumava aguçar minha imaginação. Agora não desperta nem minha curiosidade. Simplesmente não me causa efeito nenhum. Te amei porque era maravilhosa, porque tinha gênio e intelecto, porque realizou os sonhos dos grandes poetas e deu forma e substância às sombras da arte. Você jogou tudo fora. É burra e superficial. Meu Deus! Como fui louco por te amar!

Que tolo eu fui! Você não é nada para mim agora. Nunca mais voltarei a te ver. Nunca mais voltarei a pensar em você. Nunca mais tocarei no seu nome. Você não tem ideia do que chegou a ser, antes, para mim. Por que, antes… Ah, não suporto mais pensar nisso! Gostaria de nunca ter te visto! Você arruinou o romance da minha vida. Como pode saber tão pouco sobre o amor a ponto de dizer que ele estraga sua arte?! Sem sua arte você não é nada. Eu a teria tornado famosa, esplêndida, magnífica. O mundo a veneraria e você carregaria meu nome. O que é agora? Uma atriz de quinta categoria com um rostinho bonito.

A menina ficou pálida e começou a tremer. Depois cerrou os punhos e sua voz parecia presa na garganta.

— Você não está falando sério, Dorian — ela murmurou. — Está atuando.

— Atuando! Deixo isso para você, que o faz tão bem — respondeu ele, amargamente.

Ela se levantou e, com uma lamentável expressão de sofrimento no rosto, atravessou o camarim em direção a ele. Tocou em seu braço e olhou em seus olhos. Ele a empurrou.

— Não me toque! — ele gritou.

A menina deixou escapar um gemido baixo, então jogou-se aos pés dele e ficou ali como uma flor pisoteada.

— Dorian, Dorian, não me deixe! — ela sussurrou. — Sinto muito por não ter atuado bem. Fiquei o tempo todo pensando em você. Mas vou tentar… vou mesmo, vou tentar. Meu amor por você veio tão de repente. Acho que nunca saberia disso se você não tivesse me beijado… se não tivéssemos nos beijado. Beije-me de novo, meu amor. Não se afaste de mim. Não vou suportar. Ah! Não se afaste de mim. Meu irmão… Não, deixa para lá. Ele não falou sério. Ele estava brincando… Mas você, ah! Será que não pode me perdoar por esta noite? Vou trabalhar muito e tentar melhorar. Não seja cruel comigo, porque eu te amo mais do que qualquer coisa no mundo. Afinal, apenas uma vez não o agradei. Mas você tem toda a razão, Dorian. Eu devia ter me mostrado mais artista. Foi uma tolice da minha parte, e ainda assim não pude evitar. Ah, não me deixe, não me deixe.

Um apaixonado ataque de soluços a sufocou. Ela se agachou no chão como uma criatura ferida, e Dorian Gray, com seus lindos olhos, ficou observando-a, seus lábios esculpidos torcidos em um requintado desdém. Sempre há algo de ridículo nas emoções das pessoas que

deixamos de amar. Sibyl Vane parecia-lhe absurdamente melodramática. Suas lágrimas e soluços o irritavam.

— Estou indo — disse ele enfim, com a voz calma e clara. — Não quero ser cruel, mas não posso te ver novamente. Você me decepcionou.

Ela chorou em silêncio e não respondeu, mas arrastou-se até ele. Suas mãozinhas se esticaram cegamente, como se o procurassem. Ele deu meia-volta e saiu do camarim. Em instantes estava fora do teatro.

Para onde foi ele mesmo mal sabia. Lembrava-se de vagar por ruas mal iluminadas, passando por arcadas sombrias e macabras e casas de aspecto assustador. Mulheres de vozes roucas e risadas ásperas o chamavam. Os bêbados cambaleavam, xingando e tagarelando sozinhos feito macacos monstruosos.[4] Viu crianças grotescas amontoadas na soleira das portas e escutou gritos e xingamentos vindos de praças sinistras.

Quando o sol já estava nascendo, ele se viu nos arredores de Covent Garden. A escuridão se dissipou e, inundado de fogos pálidos, o céu se transformou numa pérola perfeita. Enormes carroças cheias de lírios balançavam lentamente pela rua brilhante e vazia. O ar estava pesado com o perfume das flores, e sua beleza parecia um analgésico para a dor dele. Seguiu até o mercado e observou os homens descarregando suas carroças. Um carroceiro de avental branco ofereceu-lhe umas cerejas. Ele agradeceu, perguntando-se por que o homem recusou-se a aceitar qualquer dinheiro por elas, e começou a comê-las com indiferença. Por terem sido colhidas à meia-noite, estavam repletas da frieza da lua. Estava diante de uma longa fila de meninos carregando caixotes de tulipas listradas e de rosas amarelas e vermelhas, abrindo caminho entre as enormes pilhas de legumes verde-jade. Sob o pórtico de pilares cinzentos e desbotados pelo sol vagava um bando de moças sujas e de

cabeça descoberta, esperando que o leilão terminasse. Outras aglomeravam-se em volta das portas vaivém da cafeteria da praça. Os pesados cavalos de carroça escorregavam e pisavam nas pedras ásperas, sacudindo os sinos e os arreios. Alguns cocheiros dormiam sobre uma pilha de sacos. Pombos de pescoço furta-cor e patas rosadas corriam de um lado para o outro bicando sementes.

Logo depois, ele acenou para um coche e voltou para casa. Ficou alguns momentos parado na soleira, olhando ao redor da praça silenciosa com suas janelas fechadas e persianas imóveis. O céu agora era de um tom puro de opala contra o qual os telhados das casas brilhavam feito prata. De alguma chaminé à frente subia uma fina espiral de fumaça. Enrodilhava-se como uma fita violeta no ar madrepérola.

No enorme lampião dourado de estilo veneziano, retirado da barca de algum doge[5], que pendia do teto do grande saguão de entrada revestido de painéis de carvalho, as luzes ainda ardiam em três jorros bruxuleantes: pareciam finas pétalas azuis de chama, orladas de fogo branco. Ele as apagou e, depois de largar o chapéu e a capa sobre a mesa, atravessou a biblioteca em direção à porta de seu quarto, um grande aposento octogonal no térreo que, em seu recém-nascido desejo por luxo, havia mandado decorar e onde pendurara algumas curiosas tapeçarias renascentistas descobertas num sótão abandonado de Selby Royal. Enquanto girava a maçaneta, seu olhar recaiu sobre o retrato que Basil Hallward havia pintado. Recuou, como se estivesse surpreso. Então entrou um tanto confuso em seu quarto. Depois de tirar a lapela do casaco, pareceu hesitar. Até que finalmente voltou, foi até o retrato e o examinou. Na luz fraca, contida, que se esforçava em atravessar as persianas de seda creme, o rosto lhe pareceu ligeiramente mudado. A

expressão parecia diferente. Poderia se dizer que havia um toque de crueldade na boca. Era certamente estranho.[6]

Ele se virou e, caminhando até a janela, fechou a persiana. O brilhante amanhecer inundou o aposento e varreu as sombras fantásticas para os cantos escuros, onde ficaram tremendo. Mas a expressão estranha que notara no rosto do retrato pareceu permanecer ali, intensificando-se ainda mais. A luz trêmula e ardente do sol mostrava-lhe as linhas de crueldade nos cantos da boca, tão claramente como se ele estivesse olhando-se no espelho depois de ter feito algo terrível.

Estremeceu e, pegando da mesa um espelho oval emoldurado por cupidos de marfim, um dos muitos presentes de lorde Henry, olhou apressadamente para suas polidas profundezas. Nenhuma linha parecida deformava seus lábios rosados. O que isso significava?

Ele esfregou os olhos, aproximou-se do retrato e o examinou novamente. Ao prestar bastante atenção na pintura, não notou nenhum sinal de mudança, mas ainda assim não havia dúvida de que toda a expressão havia se alterado. Não se tratava de mero fruto de sua imaginação. A coisa era terrivelmente aparente.

Jogou-se em uma cadeira e começou a pensar. De súbito, passou pela sua mente o que havia dito no ateliê de Basil Hallward no dia em que o retrato foi terminado. Sim, lembrava-se perfeitamente. Expressara um desejo louco de que ele mesmo permanecesse jovem e o retrato envelhecesse; de que sua própria beleza permanecesse imaculada enquanto o rosto na tela suportasse o peso de suas paixões e de seus pecados; que a imagem pintada fosse marcada pelas linhas da angústia e do pensamento enquanto ele preservasse toda a delicadeza e o encanto da juventude, que acabara de despertar em sua consciência. Teria seu

desejo sido realizado? Tais coisas eram impossíveis. Só pensar nelas lhe parecia monstruoso. E, no entanto, ali estava o quadro, com aquele toque de crueldade na boca.

Crueldade! Ele havia sido cruel? A culpa era da garota, não sua. Ele a sonhara como uma grande artista, dera-lhe o seu amor porque a considerava grandiosa. Então ela o decepcionou. Mostrou-se superficial e indigna. E, no entanto, ele sentiu-se dominar por um sentimento de arrependimento infinito ao lembrar-se dela jogada a seus pés, soluçando como uma criança. Lembrou-se da insensibilidade com que a observara. Por que ele era daquele jeito? Por que tal alma fora dada a ele? Mas ele também sofreu. Durante as três terríveis horas que durou a peça, viveu séculos de dor, eternidades de tortura. Sua vida valia tanto quanto a dela. Se ele a tinha ferido por uma eternidade, por um momento a garota também o destruíra. Além disso, as mulheres são mais preparadas para suportar a tristeza do que os homens. Vivem de suas emoções. Só pensam nisso. Quando arranjam amantes, é simplesmente para ter alguém com quem possam fazer escândalos. Lorde Henry lhe alertara a respeito, e lorde Henry conhecia as mulheres. Por que deveria se preocupar com Sibyl Vane? Já não era mais nada para ele.

Mas e o retrato? O que poderia dizer sobre isso? Continha o segredo de sua vida e revelava sua história. Havia-o ensinado a amar sua própria beleza. Será que também o ensinaria a odiar sua própria alma? Será que alguma vez olharia para aquilo novamente?

Não. Tratava-se apenas de uma ilusão forjada por sentidos perturbados. A noite horrível enfrentada por ele fez surgir fantasmas. De repente, recaiu sobre seu cérebro aquela minúscula mancha escarlate que leva os homens à loucura. A imagem não havia mudado. Era tolice pensar algo assim.

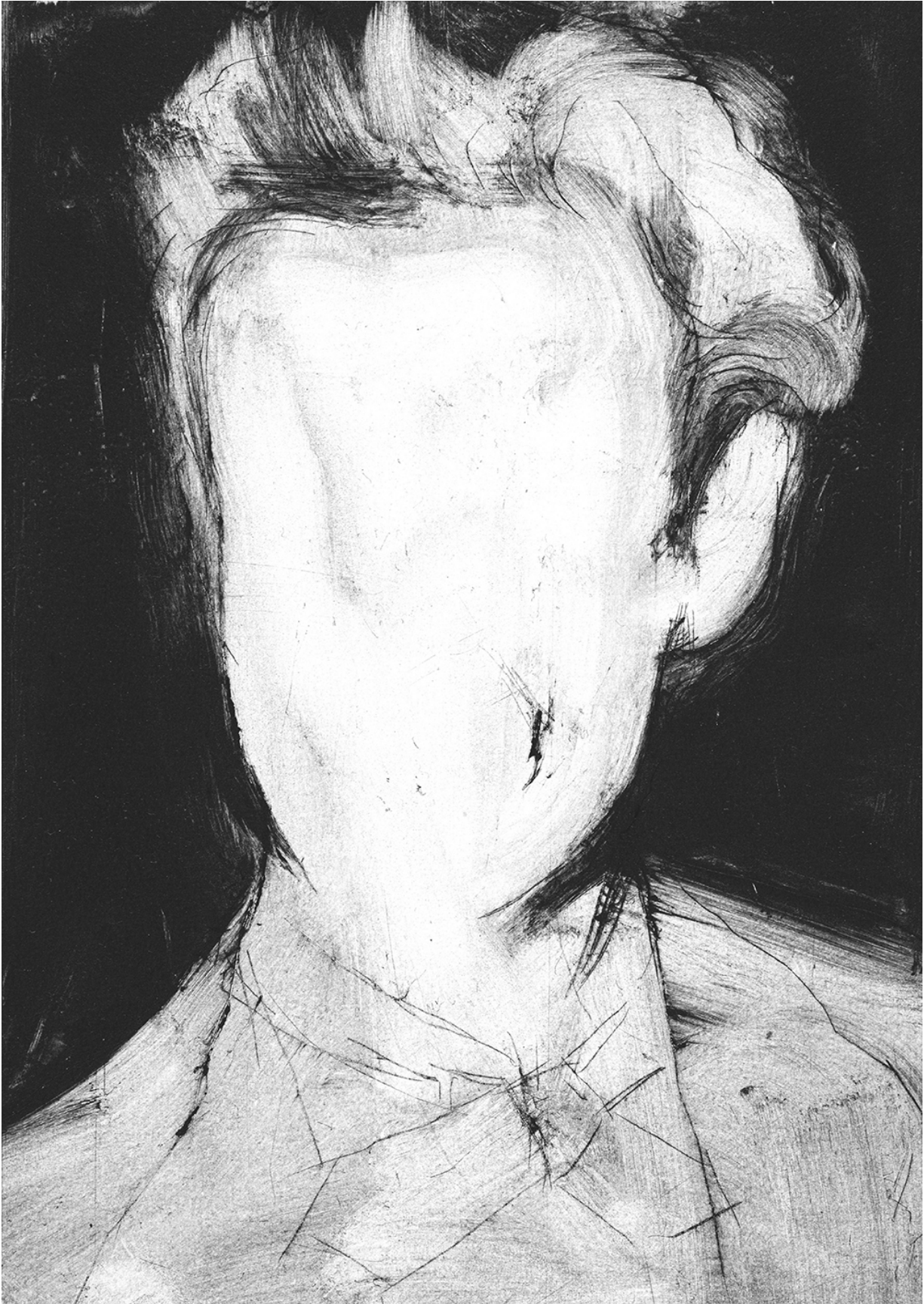
No entanto, o retrato o observava, com seu belo rosto desfigurado e seu sorriso cruel. Seu cabelo brilhante reluzia à luz do sol matinal. Seus olhos azuis encontraram os dele. Foi tomado por um sentimento de piedade infinita, não por si mesmo, mas pelo retrato. Já havia mudado, e mudaria ainda mais. Seu ouro perderia o brilho, tornaria-se cinza. Suas rosas vermelhas e brancas murchariam. A cada pecado que cometesse, uma mancha marcaria e destruiria sua beleza. Mas ele não iria pecar. O retrato, alterado ou não, seria para ele o emblema visível da sua consciência. Ele resistiria à tentação. Não voltaria a ver lorde Henry — de qualquer forma, não daria ouvidos àquelas sutis e venenosas teorias que lhe despertaram pela primeira vez, no jardim de Basil Hallward, a paixão por coisas impossíveis. Voltaria para Sibyl Vane, faria as pazes com ela, casaria-se com ela, tentaria amá-la novamente. Sim, aquele era seu dever. Ela devia ter sofrido mais do que ele. Pobrezinha! Havia sido egoísta e cruel com ela. A garota voltaria a exercer aquele mesmo fascínio sobre ele. Seriam felizes juntos. Sua vida com ela seria linda e pura.

Ele se levantou da cadeira e abriu um grande biombo bem na frente do retrato, estremecendo ao encará-lo.

— Que horrível! — murmurou para si mesmo, depois foi até a porta de vidro e a abriu. Quando pisou na grama, respirou fundo. O ar fresco da manhã parecia afastar todas as suas paixões sombrias. Pensava apenas em Sibyl. Um leve eco de seu amor voltou a ele, que repetiu o nome dela uma e outra vez. Os pássaros que cantavam no jardim encharcado de orvalho pareciam contar da garota às flores.

---

1. Personagens de Shakespeare em *A tempestade*. [N. de T.] ↩
2. Par de pequenas lunetas presas a um cabo lateral, usado por frequentadores de teatro e ópera para melhor ver à distância. [N. de T.] ↩

3. Aqui, Sibyl, em um trecho que não consta da versão datiloscrita, especifica que as pessoas não entendem o amor entre ela e Dorian Gray, colocando a natureza do sentimento dos dois acima de todos. ↩
4. Um trecho do datiloscrito, que reforçaria o aspecto negativo do East End londrino e a paranoia por estar naquele espaço, é suprimido nesta versão. ↩
5. O líder eleito nas antigas repúblicas mercantes italianas, como Veneza e Gênova. [N. de T.] ↩
6. Apenas nesta versão de 1891 temos, além de descrições urbanas e detalhes cenográficos, os primeiros vestígios de mudança no retrato. ↩

capítulo 8

Já passava do meio-dia quando Dorian acordou. Seu criado entrou várias vezes no quarto na ponta dos pés para ver se ele estava se mexendo, e se perguntou o que fazia seu jovem mestre dormir até tão tarde. Finalmente soou a sineta e Victor entrou silenciosamente, trazendo uma xícara de chá e uma pilha de cartas numa bandejinha de antiga porcelana de Sèvres; abriu as cortinas de cetim verde-oliva com forro num tom brilhante de azul, que pendiam das três altas janelas.

— *Monsieur* dormiu bem esta manhã — disse ele, sorrindo.

— Que horas são, Victor? — perguntou Dorian Gray, sonolento.

— Uma e quinze, *monsieur*.

Como estava tarde! Ele sentou-se e, depois de tomar um gole de chá, folheou as cartas. Uma era de lorde Henry e havia sido trazida em mãos naquela manhã. Por um momento hesitou, depois deixou o assunto de lado. As demais ele abriu com indiferença. Continham a coleção habitual de cartões, convites para jantares, ingressos para apresentações privadas, programas de concertos beneficentes e coisas do gênero, distribuídas aos jovens elegantes todas as manhãs durante a temporada[1]. Também havia uma conta de altíssimo valor referente a um conjunto de toalete Luís xv em prata entalhada, que ainda não tivera coragem de enviar a seus tutores, pessoas extremamente antiquadas que não percebiam que vivemos numa época em que coisas desnecessárias são nossas únicas necessidades; e diversas cartas redigidas de forma muito cortês por agiotas da rua Jermyn[2] oferecendo-se para adiantar qualquer

quantia de dinheiro a qualquer momento e a taxas de juros bem razoáveis.

Cerca de dez minutos depois ele se levantou e, vestindo um pomposo roupão de lã de caxemira bordado em seda, foi em direção ao banheiro com piso de ônix. A água fria o revigorou após seu longo sono. Ele parecia ter se esquecido de tudo que vivera. Uma ou duas vezes teve a vaga sensação de ter participado de alguma estranha tragédia, mas havia nisso a irrealidade de um sonho.

Assim que se vestiu, foi até a biblioteca e sentou-se para tomar um leve café da manhã francês, servido numa mesinha redonda perto da janela aberta. Fazia um lindo dia. O ar quente parecia carregado de especiarias. Uma abelha voou e começou a zumbir em volta da tigela de porcelana azul estampada de dragões que, cheia de rosas amarelo-enxofre, estava à sua frente. Sentia-se perfeitamente feliz.

De repente, seu olhar pousou sobre o biombo que havia colocado diante do retrato e ele levou um susto.

— Frio demais para o *monsieur*? — perguntou seu criado, colocando uma omelete na mesa. — Devo fechar a janela?

Dorian balançou a cabeça.

— Não estou com frio — murmurou ele.

Havia tudo aquilo sido verdade? O retrato realmente mudara? Ou será que não passara apenas de sua própria imaginação, que o fizera ver um olhar maldoso onde havia um olhar de alegria? Certamente uma tela já

pintada não teria como se alterar. Seria um caso absurdo. Serviria, um dia, de história para contar a Basil. Isso o faria sorrir.

Contudo, como tinha lembranças vívidas de tudo aquilo! Primeiro sob a penumbra do crepúsculo, e depois sob o brilho do amanhecer, ele viu o toque de crueldade contornando os lábios torcidos. Quase temeu que seu criado saísse do quarto. Ele sabia que quando estivesse sozinho teria que examinar o retrato. Sentia medo da verdade. Quando o café e os cigarros foram trazidos e o homem deu meia-volta para ir embora, Dorian sentiu um desejo selvagem de dizer-lhe para ficar. Quando a porta se fechou, o chamou de volta. O criado ficou esperando por suas ordens. Dorian o olhou brevemente.

— Não estou em casa para ninguém, Victor — disse ele, com um suspiro. O homem curvou-se e se retirou.

Depois levantou-se da mesa, acendeu um cigarro e atirou-se num sofá luxuosamente almofadado de frente para o biombo. Era um biombo antigo, de couro espanhol dourado, estampado e trabalhado em estilo Luís XIV, bastante florido. Ele o examinou com curiosidade, questionando se alguma vez antes aquilo havia escondido o segredo da vida de um homem.

Afinal de contas, deveria tirá-lo? Por que não deixá-lo ali? Que importância tinha saber? Se aquela história fosse verdade, seria terrível. Se não fosse, por que se preocupar? Mas e se, por algum destino ou acaso mais fatal, outros olhos além dos dele espiassem o que havia atrás e se deparassem com aquela horrível mudança? O que ele deveria fazer se Basil Hallward viesse e pedisse para ver seu próprio retrato? Basil naturalmente o faria. Não, a coisa tinha de ser examinada, e imediatamente. Qualquer coisa seria melhor do que aquele terrível estado de dúvida.

Ele se levantou e trancou as duas portas. Pelo menos estaria sozinho quando olhasse para a máscara da sua vergonha. Depois pôs o biombo

de lado e viu-se cara a cara. Era a mais pura verdade. O retrato havia se alterado.

Como recordaria muitas vezes depois, e sempre com grande admiração, ele se viu no começo observando o retrato com um sentimento de interesse quase científico. Era incrível para ele que uma mudança dessa houvesse ocorrido. E ainda assim era um fato. Será que havia alguma sutil afinidade entre os átomos químicos moldados em forma e cor na tela e a alma que estava dentro dele? Será que esses átomos percebiam o que aquela alma pensava? Que tornavam seus sonhos realidade? Ou havia alguma outra razão, mais terrível? Teve um calafrio e, apavorado, voltou para o sofá, onde permaneceu deitado olhando para o retrato num enojado horror.

Sentiu, porém, que aquela situação havia provocado um efeito sobre ele. Deixara-o consciente de como tinha sido injusto e cruel com Sibyl Vane. Não era tarde demais para reparar isso. Ela ainda poderia ser sua esposa. Seu amor irreal e egoísta cederia a alguma influência mais elevada, se transformaria em alguma paixão mais nobre, e seu retrato pintado por Basil Hallward se converteria em um guia para ele ao longo da vida, seria para ele o que é a santidade para uns, a consciência para outros e o temor de Deus para todos nós. Havia opiáceos para o remorso, drogas capazes de adormecer o sentido moral. Mas ali estava um símbolo visível da degradação do pecado. Ali estava um sinal sempre presente da ruína que os homens podem causar a suas almas.

Deram três horas, quatro, e às quatro e meia o relógio soou duas vezes, mas Dorian Gray seguia na mesma posição. Estava tentando reunir os fios escarlates da vida e tecê-los num esquema que o ajudasse a encontrar o caminho naquele labirinto sanguíneo da paixão em que estava perdido. Não sabia o que fazer ou o que pensar. Por fim, dirigiu-se

à mesa e escreveu uma carta apaixonada à moça que amava, implorando-lhe perdão e acusando-se de loucura. Encheu páginas e páginas de exaltadas palavras de tristeza e outras ainda mais exaltadas de dor. Há um luxo na autocensura. Quando culpamos a nós mesmos, sentimos que ninguém mais tem o direito de nos culpar. É a confissão, e não o padre, que nos absolve. Quando Dorian terminou a carta, sentiu-se perdoado.

De repente, alguém bateu à porta e ele ouviu do lado de fora a voz de lorde Henry.

— Meu querido garoto, preciso ver você. Deixe-me entrar imediatamente. Não suporto que se isole desse jeito.

A princípio, não respondeu, permanecendo completamente imóvel. As batidas continuaram, cada vez mais fortes. Sim, era melhor deixar lorde Henry entrar e explicar-lhe a nova vida que levaria, brigar com ele se necessário, separar-se, caso a separação fosse inevitável. Levantou-se, dispôs o biombo rapidamente sobre o retrato e destrancou a porta.

— Sinto muito por tudo isso, Dorian — disse lorde Henry ao entrar. — Mas você não deve pensar muito no que aconteceu.

— Você está se referindo a Sibyl Vane? — perguntou o rapaz.

— Sim, é claro — respondeu lorde Henry, acomodando-se numa cadeira e tirando lentamente as luvas amarelas. — É terrível, de certo ponto de vista, mas não foi culpa sua. Diga-me, foi vê-la depois que a peça acabou?

— Sim.

— Foi o que imaginei. Fez algum escândalo com ela?

— Eu fui brutal, Harry, completamente brutal. Mas está tudo bem agora. Não lamento por nada do que aconteceu. Ensinou-me a me conhecer melhor.

— Ah, Dorian, como fico feliz em saber que está encarando dessa maneira! Tive medo de encontrar você mergulhado em remorso e arrancando seu lindo cabelo encaracolado.

— Superei tudo isso — disse Dorian, balançando a cabeça e sorrindo. — Estou perfeitamente feliz agora. Eu sei o que é a consciência, para começar. Não é o que você havia me dito. É o que há de mais divino em nós. Não zombe mais disso, Harry, pelo menos não diante de mim. Quero ser bom. Não suporto a ideia ter uma alma horrível.

— É uma encantadora base artística para a ética, Dorian! Eu o parabenizo por isso. Mas por onde vai começar?

— Casando com Sibyl Vane.

— Casando com Sibyl Vane! — exclamou lorde Henry, levantando-se e encarando-o com perplexidade e espanto. — Mas, meu querido Dorian…

— Sim, Harry, sei o que vai dizer. Algo terrível sobre o casamento. Não diga isso. Nunca mais me diga nada do tipo. Há dois dias pedi Sibyl em casamento. Não vou faltar-lhe com a palavra. Ela será minha esposa.

— Sua esposa! Dorian!… Você não recebeu minha carta? Escrevi para você esta manhã e enviei o bilhete por meu próprio criado.

— Sua carta? Ah, sim, me lembrei. Ainda não li, Harry. Fiquei com medo de que pudesse haver algo nela de que eu não gostasse. Você corta a vida em pedaços com seus epigramas[3].

— Então não ficou sabendo de nada?

— O que você quer dizer?

Lorde Henry atravessou o aposento e, sentando-se ao lado de Dorian Gray, segurou ambas suas mãos com força.

— Dorian — disse ele —, minha carta… não fique com medo… era para lhe dizer que Sibyl Vane está morta.

Um grito de dor escapou dos lábios do rapaz, que se levantou de um salto, arrancando as mãos das de lorde Henry.

— Morta! Sibyl, morta! Não é verdade! É uma mentira horrível! Como ousa dizer isso?

— É a verdade, Dorian — disse lorde Henry, o tom de voz sério. — Está em todos os jornais matinais. Escrevi a você pedindo que não recebesse ninguém até que eu chegasse. Deve haver um inquérito, é claro, e você não deve se envolver. Em Paris, esse tipo de coisa faz um homem ficar em evidência. Mas em Londres as pessoas são muito preconceituosas. Aqui nunca se deve começar com um escândalo. Deve-se reservar isso para tornar a velhice interessante. Suponho que não saibam seu nome no teatro. Se não o sabem, está tudo bem. Alguém o viu indo até o camarim dela? É um ponto importante.

Dorian ficou alguns instantes em silêncio. Estava atordoado pelo pânico. Enfim gaguejou, com a voz abafada:

— Harry, você disse inquérito? O que quer dizer com isso? Sibyl...? Ah, Harry, não vou suportar! Mas seja rápido. Conte-me tudo de uma vez.

— Não tenho dúvidas de que não se trata de um acidente, Dorian, embora deva ser exposto dessa forma ao público. Parece que quando ela estava saindo do teatro com a mãe, por volta de meia-noite e meia, disse que havia esquecido algo lá em cima. Eles a esperaram por um tempo, mas ela não voltou. Por fim, encontraram-na morta no chão do camarim. Havia engolido algo por engano, algo horrível que eles usam nos teatros. Não sei o que era, mas continha ácido prússico ou alvaiade. Imagino que tenha sido ácido prússico, pois parece que ela morreu no mesmo instante.

— Harry, Harry, que coisa horrível! — gritou o rapaz.

— Sim, é muito trágico, claro, mas você não deve se envolver nisso. Soube pelo *The Standard* que ela tinha dezessete anos. Achava que fosse mais jovem. Parecia uma criança e, pelo visto, sabia tão pouco sobre atuação. Dorian, você não deve deixar isso afetar seus nervos. Venha jantar comigo e depois iremos à ópera. Patti[4] irá cantar hoje à noite e todos estarão lá. Você pode ficar no camarote da minha irmã. Ela trará algumas mulheres inteligentes.

— Então eu matei Sibyl Vane — disse Dorian Gray, meio para si mesmo. — A assassinei tanto quanto se tivesse cortado sua pequena garganta com uma faca. No entanto, isso não torna as rosas menos lindas. Os pássaros cantam com a mesma felicidade no meu jardim. E esta noite jantarei com você, depois irei à ópera e então, imagino, cearei em algum lugar. Como a vida é extraordinariamente dramática! Se eu tivesse lido tudo isso em um livro, Harry, acho que teria chorado. De alguma forma, agora que realmente aconteceu, e justamente comigo, parece algo maravilhoso demais para me fazer chorar. Aqui está a primeira carta de amor apaixonada que escrevi na vida. Estranho que minha primeira carta de amor apaixonada tenha sido endereçada a uma garota morta. Fico me perguntando, será que essas pessoas pálidas e silenciosas que chamamos de mortas são capazes de sentir? Sibyl! Será que ela pode sentir, saber ou escutar? Ah, Harry, como a amei! Agora me parece que isso aconteceu há anos. Ela era tudo para mim. Então veio aquela noite terrível... foi mesmo ontem à noite?... em que ela atuou tão mal que quase fiquei de coração partido. Ela me explicou tudo. Foi terrivelmente patético. Mas não fiquei nem um pouco emocionado. A achei superficial. De repente aconteceu algo que me assustou. Não posso contar-lhe o que foi, mas foi horrível. Falei que voltaria para ela. Senti que havia feito algo de errado. E agora ela está morta. Meu Deus!

Meu Deus! Harry, o que devo fazer? Não faz ideia do perigo que corro, e não há nada para me manter na linha. Ela é quem faria isso comigo. Não tinha o direito de se matar. Foi egoísta.

— Meu caro Dorian — respondeu lorde Henry, tirando um cigarro da cigarreira e exibindo uma caixa de fósforos folheada a ouro —, o único meio que uma mulher tem para transformar um homem é entediá-lo tão completamente a ponto de ele perder todo seu possível interesse pela vida. Se tivesse se casado com essa garota, teria sido infeliz. Claro que você a trataria com gentileza. Sempre podemos ser gentis com pessoas com quem não nos importamos. Mas ela logo descobriria que você era absolutamente indiferente a ela. E quando uma mulher descobre isso em seu marido, ou se torna terrivelmente deselegante ou usa chapéus elegantes demais pagos pelo marido de alguma outra mulher. Não digo nada quanto ao erro social, que teria sido abjeto e que, claro, eu não permitiria,[5] mas garanto a você que, de qualquer forma, tudo teria sido um fracasso absoluto.

— Imagino que sim — murmurou o rapaz, andando de um lado a outro no aposento, parecendo terrivelmente pálido. — Mas pensei que esse fosse meu dever. Não é minha culpa que esta tragédia terrível tenha me impedido de fazer o que era certo. Lembro-me de que uma vez você disse que há uma fatalidade nas boas resoluções... que elas são sempre tomadas tarde demais. As minhas certamente foram.

— Boas resoluções são tentativas inúteis de interferir nas leis científicas. Têm origem na mais pura vaidade. O resultado delas é absolutamente *nulo*. Nos proporcionam, de vez em quando, algumas daquelas emoções luxuosas e estéreis que geram certo encanto nos fracos.[6] É tudo o que se pode dizer sobre elas. São simplesmente cheques que os homens sacam num banco em que não têm conta.

— Harry — exclamou Dorian Gray, aproximando-se e sentando-se ao lado dele —, por que é que não consigo sentir esta tragédia tanto quanto gostaria? Não acho que eu seja uma pessoa insensível. Você acha?

— Você fez tolices demais nos últimos quinze dias[7] para ter o direito de se autodenominar assim, Dorian — respondeu lorde Henry, com seu sorriso doce e melancólico.

O rapaz franziu a testa.

— Não gosto dessa explicação, Harry — ele respondeu —, mas fico feliz que não pense que sou insensível. Não sou assim. Sei que não sou. E, no entanto, preciso admitir que o que aconteceu não me afetou como deveria. Parece-me simplesmente um final empolgante de uma peça maravilhosa. Tem toda aquela terrível beleza de uma tragédia grega, uma tragédia na qual tive um grande papel, mas pela qual não fui ferido.

— É uma questão interessante — disse lorde Henry, que sentia um enorme prazer em brincar com o egoísmo inconsciente do rapaz. — Uma questão extremamente interessante. Imagino que a verdadeira explicação seja esta: muitas vezes acontece que as verdadeiras tragédias da vida ocorrem de uma maneira tão pouco artística que nos ferem pela sua crua violência, sua incoerência absoluta, sua absurda falta de sentido e total falta de estilo. Elas nos afetam da mesma forma que a vulgaridade. Nos dão a impressão de pura força bruta contra a qual nos revoltamos. Às vezes, porém, temos a vida atravessada por uma tragédia que possui elementos artísticos de beleza. Se estes elementos de beleza são reais, tudo isto simplesmente apela ao nosso sentido de efeito dramático. De repente, descobrimos que não somos mais os atores, mas os espectadores da peça. Ou melhor, exercemos ambos os papéis. Observamos a nós mesmos, e a simples maravilha do espetáculo nos fascina. No caso atual, o que é que realmente aconteceu? Alguém se

matou por amor a você. Gostaria de ter vivido uma experiência dessa. Isso teria feito eu me apaixonar pelo amor pelo resto da vida. As pessoas que me amaram... não foram muitas, mas houve algumas... sempre insistiram em viver muito depois de eu ter deixado de me importar com elas ou de elas terem deixado de se importar comigo. Tornaram-se gordas e entediantes e, quando as encontro, começam imediatamente a falar do passado. Aquela memória horrível das mulheres! Que coisa terrível! E como isso revela uma absoluta estagnação intelectual! Deve-se absorver a cor da vida, mas nunca se deve lembrar dos seus detalhes. Os detalhes são sempre vulgares.

— Eu deveria plantar papoulas no meu jardim — suspirou Dorian.[8]

— Não há necessidade — respondeu seu companheiro. — A vida sempre nos traz papoulas nas mãos. Claro, de vez em quando as coisas demoram. Certa vez, não usei nada além de violetas por uma estação inteira como forma de luto artístico[9] por um romance que relutava em morrer. Mas, no fim das contas, ele morreu. Esqueci o que o matou. Acho que foi o desejo de sacrificar o mundo dela por mim. Esse é sempre um momento terrível. Isso nos enche de terror da eternidade. Bem... você acredita? Há uma semana, na casa de lady Hampshire, estava sentado para jantar ao lado da senhora em questão e ela insistiu em repassar tudo de novo, desenterrar o passado e vasculhar o futuro. Eu havia enterrado meu romance num canteiro de asfódelos. Ela o desenterrou e me garantiu que eu havia estragado sua vida. Sou obrigado a dizer que ela fartou-se de um imenso jantar, então não senti nenhuma ansiedade. Mas que falta de gosto ela demonstrava! O único encanto do passado é que ele é passado. Mas as mulheres nunca sabem quando a cortina se fecha. Querem sempre um sexto ato e, assim que o interesse pela peça passa totalmente, propõem continuá-la. Se lhes fosse

permitido seguir o seu próprio caminho, toda comédia teria um final trágico e toda tragédia culminaria numa farsa. Elas são encantadoramente artificiais, mas não têm senso artístico. Você tem mais sorte do que eu. Garanto-lhe, Dorian, que nenhuma das mulheres que conheci teria feito por mim o que Sibyl Vane fez por você. As mulheres comuns sempre se consolam. Algumas o fazem optando por cores sentimentais. Nunca confie numa mulher que usa malva, qualquer que seja a idade, ou numa mulher com mais de trinta e cinco anos que gosta de fitas cor-de-rosa. Isso sempre significa que elas têm uma história. Outras encontram grande consolo ao descobrir repentinamente as boas qualidades de seus maridos. Exibem na cara sua felicidade conjugal, como se fosse o mais fascinante dos pecados. A religião consola algumas. Seus mistérios têm todo o encanto de um flerte, uma mulher me disse certa vez, e a compreendo perfeitamente. Além disso, nada torna alguém tão vaidoso quanto ouvir que é pecador. A consciência torna todos nós uns egocêntricos. Sim, são realmente infindáveis os consolos que as mulheres encontram na vida moderna. Na verdade, não mencionei o mais importante.

— O que é, Harry? — perguntou o rapaz, sem ouvir.

— Ah, a óbvia consolação. Roubar o admirador de outra pessoa quando se perde o próprio. Na boa sociedade isso sempre encobre uma mulher. Mas, sério, Dorian, como Sibyl Vane deve ter sido diferente de todas as mulheres que conhecemos! Para mim, há algo de extraordinário em sua morte. Fico feliz por viver num século em que maravilhas assim acontecem. Nos fazem acreditar na realidade das coisas com as quais todos brincamos, como o romance, a paixão e o amor.

— Fui terrivelmente cruel com ela. Você se esquece disso.

— Receio que as mulheres apreciem a crueldade, a crueldade absoluta, mais do que qualquer outra coisa. Elas têm instintos maravilhosamente primitivos. Nós as emancipamos, mas ainda assim elas continuam escravas à procura de seus senhores. Adoram ser dominadas. Tenho certeza de que você estava esplêndido. Nunca o vi absolutamente zangado de verdade, mas posso imaginar como estava encantador. E, afinal, anteontem você me disse algo que me pareceu, então, meramente fantasioso, mas agora vejo que era absolutamente verdade e que contém a chave de tudo.

— O que foi que te disse, Harry?

— Você me disse que Sibyl Vane representava para você todas as heroínas românticas... que numa noite era Desdêmona e, na outra, Ofélia. Que, se ela morresse como Julieta, ressuscitaria como Imogênia.

— Ela nunca mais voltará à vida — murmurou o rapaz, enterrando o rosto entre as mãos.

— Não, ela nunca mais voltará à vida. Interpretou seu último papel. Mas você deve pensar naquela morte solitária no camarim espalhafatoso apenas como um estranho fragmento lúgubre de alguma tragédia jacobina, como uma cena maravilhosa de Webster, Ford ou Cyril Tourneur. A garota nunca viveu de verdade, então nunca realmente morreu. Para você, pelo menos, ela nunca passou de um sonho, um fantasma que esvoaçava pelas peças de Shakespeare e as deixava mais encantadoras por sua presença, uma flauta através da qual a música de Shakespeare soava mais rica e cheia de alegria. No momento em que teve contato com a vida real, ela a arruinou e a vida a arruinou de volta, então ela faleceu. Chore por Ofélia, se quiser. Jogue cinzas sobre a cabeça por Cordelia ter sido estrangulada. Clame contra os céus por a

filha de Brabantio ter morrido. Mas não desperdice suas lágrimas por Sibyl Vane. Ela era menos real do que eles.

Houve um instante de silêncio. O crepúsculo caiu sobre a sala. Sem barulho e com pés de prata, as sombras vinham do jardim. As cores, exaustas, desapareceram das coisas.

Algum tempo depois, Dorian Gray ergueu os olhos.

— Você me explicou a mim mesmo, Harry — ele murmurou, com uma espécie de suspiro de alívio. — Senti tudo o que você disse, mas de alguma forma tive medo e não consegui expressá-lo a mim mesmo. Como me conhece bem! Mas não voltemos a tocar nesse assunto. Foi uma experiência maravilhosa. Isso é tudo. Eu me pergunto se a vida ainda me reserva algo tão maravilhoso.

— A vida tem tudo reservado para você, Dorian. Não há nada que você, com sua aparência extraordinária, não seja capaz de fazer.

— Mas suponha, Harry, que eu me torne abatido, velho e enrugado? E então?

— Ah, então — disse lorde Henry, levantando-se para ir embora —, então, meu caro Dorian, você precisará lutar por suas vitórias. Por enquanto, elas são trazidas até você. Não, você deve manter sua boa aparência. Vivemos numa época em que se lê demais para ser sábio e que se pensa demais para ser bonito. Não podemos te dispensar. E agora é melhor você se vestir e irmos ao clube. Já estamos muito atrasados.

— Acho que me encontro com você na ópera, Harry. Estou cansado demais para comer qualquer coisa. Qual é o número do camarote de sua irmã?

— Acredito que vinte e sete. Fica no balcão nobre. Você verá o nome dela na porta. Mas lamento que não venha jantar.

— Não estou bem-disposto para isso — disse Dorian, indiferente. — Mas estou imensamente grato a você por tudo o que me disse.

Certamente é meu melhor amigo. Ninguém jamais me entendeu como você.

— Estamos apenas no início da nossa amizade, Dorian — respondeu lorde Henry, apertando-lhe a mão. — Até breve. Espero vê-lo novamente antes das nove e meia. Lembre-se, Patti irá cantar.

Ao fechar a porta, Dorian Gray tocou a sineta e, em poucos minutos, Victor apareceu com as lamparinas e fechou as persianas. Esperou impacientemente que ele fosse embora. O homem parecia levar um tempo interminável para concluir as tarefas.

Assim que saiu, correu para o biombo e o puxou de volta. Não, não houvera mais mudanças no retrato. Recebera a notícia da morte de Sibyl Vane antes que ele próprio soubesse. Estava consciente dos acontecimentos da vida à medida que ocorriam. A perversa crueldade que marcava as linhas finas da boca aparecera, sem dúvida, no exato instante em que a garota ingeriu o veneno, qualquer que tenha sido. Ou seria o retrato indiferente às consequências? Será que apenas tomava conhecimento do que se passava dentro da alma? Ele se questionava, desejando que algum dia fosse capaz de ver a mudança ocorrendo diante de seus olhos, e tinha calafrios enquanto o desejava.

Pobre Sibyl! Que romance havia sido aquele! Muitas vezes a garota fingira morrer no palco. Até que a própria Morte a tocou e a levou consigo. Como ela havia atuado naquela última cena terrível? Será que, enquanto morria, o amaldiçoara? Não, morrera por amor a ele, e de agora em diante o amor seria sempre, para ele, um sacramento. Ela expiara tudo pelo sacrifício da própria vida. Ele não pensaria mais no que ela o fizera passar naquela horrível noite no teatro. Quando a recordasse, seria como uma maravilhosa figura trágica, enviada ao palco do mundo para apresentar a realidade suprema do Amor.[10] Uma

maravilhosa figura trágica? Ficou com os olhos cheios de lágrimas ao lembrar-se de sua aparência infantil, de seus modos cativantes e fantasiosos e de sua graciosa e trêmula timidez. Enxugou-as com pressa e olhou outra vez para o retrato.

Sentiu que havia realmente chegado a hora de tomar uma decisão. Ou a decisão já havia sido tomada? Sim, a vida encarregou-se disso por ele — a vida e a infinita curiosidade que ele sentia por ela. Juventude eterna, paixão infinita, prazeres sutis e secretos, alegrias selvagens e pecados mais selvagens ainda... ele teria todas essas coisas. O retrato suportaria o peso da sua vergonha: isso era tudo.

Uma sensação de dor tomou conta dele ao pensar na profanação reservada para o belo rosto na tela. Certa vez, numa zombaria infantil de Narciso, ele beijou, ou fingiu beijar, aqueles lábios pintados que agora lhe sorriam tão cruelmente. Passara uma manhã atrás da outra sentado diante do retrato, admirando sua beleza, quase apaixonado por si mesmo, como às vezes lhe parecia. Seria agora alterado por cada humor a que cedesse? Se transformaria agora numa coisa monstruosa e repugnante que precisaria ser escondida num quarto trancado, privada da luz do sol que tantas vezes tocara no mais brilhante ouro de seu maravilhoso cabelo ondulado? Que lástima! Que lástima!

Por um momento considerou rezar para que se rompesse aquela horrível empatia existente entre ele e o quadro. Mudara em resposta a uma oração; talvez em resposta a uma oração permanecesse inalterado. E, no entanto, quem, conhecendo alguma coisa sobre a vida, abriria mão da oportunidade de permanecer sempre jovem, por mais fantástica que essa oportunidade pudesse ser, ou quais consequências fatídicas pudesse acarretar? Além disso, aquilo realmente estava sob seu controle? Foi mesmo a oração que produzira a substituição? Não haveria

alguma curiosa justificativa científica para tudo aquilo? Se o pensamento era capaz de exercer influência sobre um organismo vivo, não poderia o pensamento exercer influência sobre coisas mortas e inorgânicas? Por outro lado, sem pensamento ou desejo consciente, poderiam as coisas externas a nós vibrar em uníssono com nossos humores e paixões, átomo atraindo átomo em amor secreto ou estranha afinidade? Mas o motivo não tinha importância. Ele nunca mais instigaria nenhum poder terrível por meio da oração. Se o retrato devia ser alterado, que se alterasse. Isso era tudo. Por que ficar investigando aquilo tão de perto?

Seria um verdadeiro prazer assistir a ele. Acompanharia sua própria mente[11] até seus esconderijos secretos. Aquele retrato seria para ele o mais mágico dos espelhos. Assim como lhe revelara seu corpo, também lhe revelaria sua própria alma. E quando o inverno chegasse, ele ainda estaria parado onde a primavera tremula às margens do verão. Quando o sangue abandonasse seu rosto e deixasse para trás uma pálida máscara de giz com olhos inexpressivos, ele manteria o glamour da juventude. Nenhuma flor de sua beleza jamais desapareceria. O pulso de sua vida jamais enfraqueceria. Seria como os deuses gregos: forte, ágil e alegre. Que importância tinha o que acontecesse com a imagem pintada na tela? Ele estaria seguro. Isso era tudo.

Recolocou o biombo diante do retrato, sorrindo, e voltou ao seu quarto, onde o criado já o esperava. Uma hora depois, estava na ópera, onde lorde Henry se debruçava sobre sua poltrona.

---

1. A “temporada social” era o período de maio a julho, entre a primavera e o verão, em que a elite inglesa ia à cidade, geralmente Londres, para eventos sociais e políticos, envolvendo-se em enormes bailes, jantares e eventos de caridade. [N. de T.] ↩

2. A rua Jermyn, ao sul de Picadilly, era conhecida por bons alfaiates e por apartamentos para solteiros. Era prática comum dos alfaiates arranjarem crédito para seus clientes inadimplentes, ao invés de processá-los pela dívida. [N. de T.] ↩
3. Um epigrama é uma composição poética breve e satírica que expressa, de forma incisiva, um pensamento ou um conceito malicioso. É curioso notar que nesta versão de 1891, na qual há o acréscimo desse trecho, Wilde inclui um prefácio formado por epigramas. [N. de T.] ↩
4. A soprano italiana Adelina Patti (1843-1919) apresentou-se regularmente nas óperas de Londres durante vinte e três anos, a partir de 1861. [N. de T.] ↩
5. Este acréscimo à versão de 1891 volta a demonstrar a ironia do personagem em relação à dinâmica do casamento. ↩
6. Nesta versão de 1891, Wilde novamente dilata a ironia e o absurdismo do personagem: o "nós" do datiloscrito transforma-se, aqui, em "os fracos", conferindo um distanciamento entre quem fala e o que é falado. ↩
7. No datiloscrito, "toda a sua vida", enquanto nesta versão a mudança aproxima as tolices à decisão de Dorian Gray de ficar noivo de Sibyl. ↩
8. As menções dos personagens à papoula não constam em nenhuma versão anterior à de 1891. A papoula, associada ao sono desde os tempos míticos, é uma fonte primária do ópio, substância amplamente utilizada na medicina como analgésico e sedativo e que aparece em outras cenas do romance. ↩
9. A inclusão de "artístico", palavra ausente no datiloscrito, demonstra a opinião do personagem de que o vínculo amoroso debilita a expressão artística. ↩
10. No datiloscrito, Sibyl é colocada em posição receptora, como alguém vitimizada pelo amor, enquanto nesta versão a personagem é a agente que apresenta esse sentimento no palco do mundo. ↩
11. No manuscrito, trata-se de seguir a alma, não a mente. ↩

capítulo 9

Na manhã seguinte, enquanto Dorian Gray tomava café da manhã, Basil Hallward foi conduzido ao aposento.

— Como fico feliz por tê-lo encontrado, Dorian — disse ele, sério. — Passei aqui ontem à noite e me disseram que estava na ópera. Claro que eu sabia que isso era impossível. Mas gostaria que você tivesse deixado um bilhete informando para onde realmente foi. Passei uma noite terrível, meio temeroso de que uma tragédia fosse seguida de outra. Acho que poderia ter me telegrafado quando ficou sabendo do ocorrido. Foi muito por acaso que li a respeito na última edição do *The Globe*, que comprei no clube. Vim imediatamente para cá e me senti muito mal por não o ter encontrado. Nem consigo te dizer o quanto tudo isso me deixou de coração partido. Sei o quanto deve estar sofrendo. Mas onde você estava? Foi encontrar a mãe da menina? Por um momento pensei em segui-lo até lá. Informaram o endereço no jornal. Em algum lugar na Euston Road, não é? Mas fiquei com medo de me intrometer numa tristeza que não conseguiria aliviar. Pobre mulher! Em que estado ela deve estar! E, além do mais, era sua única filha! O que ela falou disso tudo?

— Meu querido Basil, como posso saber? — murmurou Dorian Gray enquanto dava um gole no vinho amarelo-claro em uma delicada taça veneziana cheia de contas douradas, parecendo terrivelmente entediado. — Eu estava na ópera. Você devia ter ido. Conheci lady Gwendolen, irmã de Harry. Ficamos no camarote dela. É uma mulher

perfeitamente encantadora, e Patti cantou divinamente. Não fale de assuntos horríveis. Se não falamos de algo, é como se nunca tivesse acontecido. É apenas expressá-los, como diz Harry, que dá realidade às coisas. O que posso dizer é que ela não era filha única da mulher. Há um filho, creio que um sujeito encantador. Mas não é ator. É marinheiro ou algo assim. E agora, conte-me de você e do que anda pintando.

— Você foi à ópera? — disse Hallward, muito lentamente e com um tenso toque de sofrimento na voz. — Foi à ópera enquanto Sibyl Vane jazia morta em algum casebre sórdido? E ainda consegue falar comigo sobre outras mulheres encantadoras e sobre Patti cantando divinamente antes que a garota que você amou tenha pelo menos a paz de um túmulo para descansar? Ora, meu caro, e os horrores reservados para aquele corpinho pálido dela?

— Pare, Basil! Não vou escutar! — pediu Dorian, levantando-se de um salto. — Não fale comigo sobre essas coisas. O que está feito, está feito. Passado é passado.

— Você chama ontem de passado?

— O que o lapso de tempo real tem a ver com isso? Somente pessoas superficiais levam anos para se livrar de uma emoção. Um homem dono de si mesmo pode acabar com uma tristeza com a mesma facilidade com que inventa um prazer. Não quero ficar à mercê das minhas emoções. Quero usá-las, aproveitá-las e dominá-las.

— Dorian, isso é horrível! Algo o transformou completamente. Você parece exatamente o mesmo jovem maravilhoso que costumava ir todos os dias ao meu ateliê para ser retratado. Mas, naquela época, você era simples, natural e carinhoso. Era a criatura mais pura do mundo. Agora, não sei o que lhe aconteceu. Você fala como se não tivesse coração, nem piedade. Tudo influência de Harry. Percebo isso.

O rapaz corou e, indo até a janela, olhou por alguns instantes para o jardim verde, tremeluzente e banhado pelo sol.

— Devo muito a Harry, Basil — disse, finalmente —, mais do que devo a você. Tudo que me ensinou foi a ser vaidoso.

— Bem, fui punido por isso, Dorian... ou serei algum dia.

— Não sei o que quer dizer, Basil — exclamou ele, virando-se. — Não sei o que você quer. O que você quer?

— Quero o Dorian Gray que pintei — disse o artista, tristemente.

— Basil — disse o rapaz, aproximando-se dele e colocando a mão em seu ombro —, você chegou tarde demais. Ontem, quando soube que Sibyl Vane havia se matado...

— Ela se matou? Deus do céu! Tem certeza disso? — espantou-se Hallward, encarando-o com uma expressão horrorizada.

— Meu caro Basil! Pensou mesmo que fosse um simples acidente? É claro que ela se matou.

O homem mais velho afundou o rosto entre as mãos.

— Que horror — ele murmurou, e sentiu um calafrio.

— Não — disse Dorian Gray —, não há nada de assustador nisso. É uma das grandes tragédias românticas de nossa época. Via de regra, as pessoas que atuam levam uma vida bem comum. São bons maridos, ou esposas fiéis, ou algo tedioso. Você sabe o que quero dizer... a virtude da classe média e essa coisa toda. Como Sibyl era diferente! Ela viveu sua melhor tragédia. Sempre foi uma heroína. Na última noite em que atuou... na noite em que você a viu... ela atuou mal porque havia conhecido a realidade do amor. Quando ela conheceu sua irrealidade, morreu, como Julieta deve ter morrido. Voltou para a esfera da arte. Há algo de mártir nela. Sua morte tem toda a patética inutilidade do martírio, com toda sua beleza desperdiçada. Mas, como eu estava

dizendo, não vá pensar que não sofri. Se você tivesse vindo ontem em um determinado momento, por volta das cinco e meia, talvez, ou quinze para as seis… teria me encontrado chorando. Até mesmo Harry, que estava aqui, que me trouxe a notícia, aliás, não tinha ideia do que eu estava passando. Sofri imensamente. E então passou. Não consigo repetir uma emoção. Ninguém consegue, exceto os sentimentais. E você está sendo terrivelmente injusto, Basil. Veio aqui para me consolar, o que é encantador da sua parte. Como me encontrou consolado, ficou furioso. Que pessoa empática! Você me faz lembrar uma história que Harry me contou sobre um certo filantropo que passou vinte anos de sua vida tentando corrigir alguma injustiça ou alterar alguma lei injusta, esqueci exatamente o que era. Quando finalmente conseguiu, nada pôde superar sua decepção. Ele não tinha absolutamente mais nada para fazer, quase morreu de *ennui*[1] e tornou-se um misantropo convicto. E, além disso, meu bom e velho Basil, se realmente quer me consolar, ensine-me antes a esquecer o que aconteceu ou a vê-lo de um ponto de vista artístico adequado. Não foi Gautier quem escreveu sobre *la consolation des arts*?[2] Lembro-me do dia em que peguei um livrinho encadernado em pergaminho em seu ateliê e me deparei com essa frase maravilhosa. Bem, não sou como aquele jovem de quem você me falou quando estivemos juntos em Marlow, o jovem que costumava dizer que o cetim amarelo poderia consolar alguém de todas as misérias da vida. Adoro coisas bonitas que se pode tocar e manusear. Brocados antigos, bronzes verdes, lacas, marfins esculpidos, ambientes requintados, luxo, pompa, há muito a se obter de tudo isso. Mas o temperamento artístico que elas criam, ou pelo menos revelam, é para mim ainda mais importante. Tornar-se espectador da própria vida, como diz Harry, é escapar do sofrimento da vida. Sei que está surpreso por eu falar assim

com você. Não percebe como eu me desenvolvi. Eu era um estudante quando você me conheceu. Agora, sou um homem. Tenho novas paixões, novos pensamentos, novas ideias. Estou diferente, mas você não irá gostar menos de mim. Eu mudei, mas você será sempre meu amigo. Claro que gosto muito de Harry. Mas sei que você é melhor do que ele. Não é o mais forte, tem muito medo da vida, mas é melhor que ele. E como éramos felizes juntos! Não me abandone, Basil, e não brigue comigo. Eu sou o que sou. Não há mais nada a ser dito.

O pintor sentiu-se estranhamente comovido.[3] O rapaz era-lhe infinitamente querido, e sua personalidade tinha sido o grande ponto de virada na sua arte. Ele não podia mais suportar a ideia de repreendê-lo. Afinal, sua indiferença provavelmente era apenas um estado de espírito passageiro. Havia tanta coisa boa e nobre nele.

— Bem, Dorian — ele disse finalmente, com um sorriso triste —, depois de hoje, não tocarei mais nesse assunto horrível com você. Só espero que não vinculem seu nome a isso. O inquérito será esta tarde. Eles lhe chamaram?

Dorian fez que não com a cabeça e, à menção da palavra "inquérito", uma expressão de aborrecimento passou por seu rosto. Havia algo tão grosseiro e vulgar em coisas assim.

— Não sabem meu nome — ele respondeu.

— Mas certamente ela sabia?

— Apenas meu nome de batismo, e tenho certeza de que nunca o mencionou a ninguém. Ela me disse uma vez que todos estavam bastante curiosos para saber quem eu era, e que invariavelmente lhes respondia que meu nome era "Príncipe Encantado". Foi bonitinho da parte dela. Você precisa me fazer um desenho de Sibyl, Basil. Gostaria de ter dela algo além da lembrança de alguns beijos e de algumas patéticas palavras interrompidas.

— Tentarei fazer alguma coisa, Dorian, se isso lhe agradar. Mas precisa posar para mim novamente. Não consigo viver sem você.

— Nunca mais poderei posar para você, Basil. É impossível! — exclamou ele, recuando.

O pintor o encarou.

— Meu bom menino, que bobagem! — afirmou. — Quer dizer que não gostou do retrato que fiz de você? Onde está? Por que colocou o

biombo na frente? Deixe-me dar uma olhada. É a melhor coisa que já fiz. Tire o biombo, Dorian. É simplesmente vergonhoso que seu criado esconda meu trabalho dessa maneira. Assim que entrei, senti algo diferente no aposento.

— Meu criado não tem nada a ver com isso, Basil. Acha que o deixo arrumar meu quarto por mim? Ele arruma minhas flores às vezes, e só. Não, fui eu mesmo quem fiz isso. Estava batendo uma luz muito forte no retrato.

— Muito forte! Tenho certeza que não, meu bom amigo. É um lugar admirável para ele. Deixe-me ver — e Hallward caminhou em direção ao canto do quarto.

Um grito de terror escapou dos lábios de Dorian Gray, que correu para se colocar entre o pintor e a tela.

— Basil — disse ele, extremamente pálido —, você não pode ver o quadro. Eu não quero que veja.

— Não ver meu próprio trabalho! Não pode estar falando sério. Por que eu não poderia vê-lo? — exclamou Hallward, rindo.

— Se tentar dar uma olhada nisso, Basil, juro que enquanto estiver vivo nunca mais falarei com você. Estou falando muito sério. Não ofereço nenhuma explicação e você também não deve pedir nenhuma. Mas, lembre-se, se tocar nesta tela, estará tudo acabado entre nós.

Hallward ficou pasmo. Encarava Dorian Gray com absoluto espanto. Nunca o tinha visto assim antes. O rapaz estava realmente pálido de raiva. Suas mãos estavam cerradas e as pupilas de seus olhos pareciam discos de fogo azul. Tremia dos pés à cabeça.

— Dorian!

— Não fale nada!

— Mas qual o problema? É claro que não vou olhar se não quiser — disse ele, com muita frieza, virando-se e indo em direção à janela. — Mas, na verdade, parece um tanto absurdo que eu não possa ver meu próprio trabalho, especialmente porque no outono vou exibi-lo em Paris. Provavelmente antes disso terei que lhe dar outra demão de verniz, por isso precisarei vê-lo algum dia, e por que não hoje?

— Exibi-lo? Você quer exibi-lo? — exclamou Dorian Gray, com uma estranha sensação de terror tomando conta dele. O mundo iria ver seu segredo? As pessoas ficariam boquiabertas diante do mistério de sua vida? Era impossível. Algo, ele não sabia o quê, precisava ser feito imediatamente.

— Sim. Imagino que você não se oporá a isso. Georges Petit[4] vai reunir todos os meus melhores quadros para uma exposição especial na Rue de Sèze, que será inaugurada na primeira semana de outubro. O retrato só ficará ausente por um mês. Acho que poderá facilmente dispensá-lo durante esse tempo. Na verdade, você com certeza estará fora da cidade. E se o mantém sempre atrás de um biombo, não dará muita importância.

Dorian Gray passou a mão pela testa coberta de suor. Sentia-se à beira de um horrível perigo.

— Há um mês você me disse que nunca iria exibi-lo — ele disse. — Por que mudou de ideia? Vocês, pessoas que buscam ser consistentes, têm tantas mudanças de humor quanto os outros. A única diferença é que seus estados de espírito são um tanto insignificantes. Você não pode ter esquecido que me garantiu solenemente que nada no mundo o faria enviá-lo para qualquer exposição. Disse a Harry exatamente a mesma coisa.

Ele parou de repente, um brilho surgindo em seus olhos. Lembrou-se do que lorde Henry lhe dissera uma vez, meio sério e meio em tom de brincadeira: “Se quiser uns quinze minutinhos estranhos, peça a Basil que lhe explique por que não exibirá seu retrato. Ele me contou o porquê de sua decisão, e foi uma revelação para mim”. Sim, talvez Basil também tivesse seu segredo. Tentaria questioná-lo.

— Basil — disse ele, aproximando-se bastante e olhando-o diretamente nos olhos —, todos nós temos um segredo. Deixe-me saber o seu e eu lhe direi o meu. Qual foi seu motivo para se recusar a exibir meu retrato?

O pintor estremeceu, mesmo contra sua vontade.

— Dorian, se eu lhe contasse, talvez você passasse a gostar menos de mim e certamente riria de mim. Eu não conseguiria suportar que fizesse nenhuma dessas coisas. Se deseja que eu nunca mais coloque os olhos em seu retrato, ficarei satisfeito. Sempre terei você para olhar. Se deseja que o melhor trabalho que já fiz seja escondido do mundo, ficarei satisfeito. Sua amizade é mais cara para mim do que qualquer fama ou reputação.[5]

— Não, Basil, você precisa me contar — insistiu Dorian Gray. — Acho que tenho o direito de saber. — Seu sentimento de terror havia cedido lugar à curiosidade. Ele estava determinado a descobrir o mistério de Basil Hallward.

— Vamos nos sentar, Dorian — disse o pintor, parecendo perturbado. — Vamos nos sentar.[6] E apenas me responda uma pergunta. Você percebeu algo curioso no retrato? Algo que provavelmente não lhe impressionou no começo, mas que se revelou de repente?[7]

— Basil! — gritou o rapaz, agarrando os braços da cadeira com as mãos trêmulas e encarando-o com o olhar selvagem e assustado.

— Vejo que percebeu. Não fale nada. Espere ouvir o que tenho a dizer. Dorian, desde o momento em que o conheci, sua personalidade teve uma influência extraordinária sobre mim. Minha alma, mente e força de vontade foram dominadas por você. Você se tornou para mim a encarnação visível daquele ideal invisível cuja memória assombra a nós, artistas, como um sonho extraordinário. Eu o venerava. Fiquei com ciúmes de cada pessoa com quem você falava. Quis tê-lo só para mim. Só ficava feliz na sua companhia. Quando estava longe de mim, você continuava presente na minha arte... É claro que nunca deixei que soubesse nada disso. Teria sido impossível. Você não entenderia. Eu mesmo dificilmente entendi. Tudo que eu sabia era que tinha estado cara a cara com a perfeição e que o mundo se tornara maravilhoso aos meus olhos, talvez maravilhoso demais, pois há um perigo nessas loucas adorações: o perigo de perdê-las, não menor que o perigo de mantê-las... As semanas foram se passando e fui ficando cada vez mais absorvido por você. Então surgiu algo novo. Eu te desenhei como Páris[8] em uma delicada armadura, e como Adônis[9] com capa de caçador e lança de javali polida. Coroado com pesadas flores de lótus, você estava sentado na proa da barca de Adriano[10], olhando para a outra margem do verde e turvo Nilo. Então debruçou-se sobre o lago tranquilo de algum bosque grego e viu na prata silenciosa da água a maravilha de seu próprio rosto. E tudo isso era o que a arte deveria ser: inconsciente, ideal e remota. Até que um dia, um dia fatal, penso às vezes, decidi pintar um maravilhoso retrato seu como você realmente é, não em trajes de eras passadas, mas vestindo suas próprias roupas e em sua própria época. Não tenho como dizer se foi o realismo do método ou a simples maravilha de sua própria personalidade, apresentada diretamente a mim, sem névoa ou véu. Mas sei que, à medida que trabalhava no retrato, cada pincelada ou camada

de cor pareciam revelar meu segredo. Senti medo de que os outros ficassem sabendo da minha idolatria. Eu senti, Dorian, que havia contado demais, que havia investido muito de mim mesmo nesse trabalho. Foi então que resolvi nunca permitir que o quadro fosse exibido. Você ficou um pouco irritado, mas na ocasião não percebeu tudo o que isso significava para mim. Harry, com quem havia conversado a respeito, riu de mim. Mas não dei importância. Quando finalizei o retrato e fiquei sozinho com ele, senti que eu tinha razão... Pois bem, alguns dias depois a coisa saiu do meu ateliê e, assim que me livrei da fascinação intolerável que sua presença exercia, senti-me tolo de imaginar ter visto algo ali para além da sua extraordinária beleza e do que eu podia pintar. Mesmo agora não posso deixar de sentir que é um erro pensar que a paixão que se sente na criação é realmente demonstrada no trabalho que se cria. A arte é sempre mais abstrata do que imaginamos. Forma e cor nos falam de forma e cor, isso é tudo. Muitas vezes sinto que a arte esconde o artista muito mais completamente do que o revela. E então, quando recebi essa proposta de Paris, decidi fazer do seu retrato o elemento principal da minha exposição. Nunca me ocorreu que você recusaria. Vejo agora que você tem razão. O retrato não pode ser exibido. Não precisa ficar bravo comigo, Dorian, pelo que lhe contei. Como já disse uma vez a Harry, você foi feito para ser venerado.[11]

Dorian Gray respirou fundo. A cor voltou às suas bochechas e um sorriso apareceu em seus lábios. O perigo havia passado. Ele estava seguro naquele momento. Contudo, não pôde deixar de sentir uma pena infinita do pintor que acabara de lhe fazer esta estranha confissão, e se perguntou se ele mesmo poderia ser algum dia tão dominado pela personalidade de um amigo. Lorde Henry tinha o charme de ser muito

perigoso. Mas não passava disso. Era tão esperto e cínico que se tornava difícil realmente gostar dele. Será que algum dia alguém o faria sentir essa estranha idolatria? Seria essa uma das coisas que a vida lhe reservava?

— É extraordinário para mim, Dorian — disse Hallward —, que você tenha visto isso no retrato. Você realmente viu isso?

— Vi algo nele — respondeu ele —, algo que me pareceu muito curioso.

— Bem, e agora você se importa que eu o veja?

Dorian balançou a cabeça.

— Você não pode me pedir isso, Basil. Eu não poderia deixá-lo diante daquele retrato.

— Mas um dia deixará, certamente?

— Nunca.

— Bem, talvez você tenha razão. E agora, adeus, Dorian. Você foi a única pessoa em minha vida que realmente influenciou minha arte.[12] Tudo o que fiz de bom devo a você. Ah! Não sabe o quanto me custou contar tudo o que lhe contei.

— Meu querido Basil — disse Dorian —, o que você me contou? Apenas que sentiu me admirar demais. Não chega nem a ser um elogio.

— Não tive a intenção de que fosse um elogio. Foi uma confissão. Agora que confessei, algo parece ter saído de mim. Talvez nunca se deva expressar a adoração em palavras.[13]

— Foi uma confissão bem decepcionante.

— Ora, o que você esperava, Dorian? Você não viu mais nada no retrato, viu? Não havia mais nada para ver.

— Não, não havia mais nada para ver. Por que pergunta? Mas você não deveria falar sobre adoração. É uma tolice. Somos amigos, Basil, e continuaremos sempre assim.

— Você tem Harry — disse o pintor, com tristeza.

— Ah, Harry! — disse o rapaz, caindo no riso. — Harry passa os dias dizendo o que é incrível e as noites fazendo o que é improvável. Exatamente o tipo de vida que eu gostaria de levar. Mas ainda assim não acho que procuraria Harry se estivesse em apuros. Preferiria ir até você, Basil.

— Você vai posar para mim outra vez?

— Impossível!

— Você prejudica minha vida como artista ao recusar, Dorian. Nenhum homem encontra duas vezes seu ideal. São poucos os que encontram uma vez.

— Não tenho como lhe explicar isso, Basil, mas nunca mais posarei para você. Há algo de fatal num retrato. Tem vida própria.[14] Eu o visitarei e tomaremos chá juntos. Será igualmente agradável.

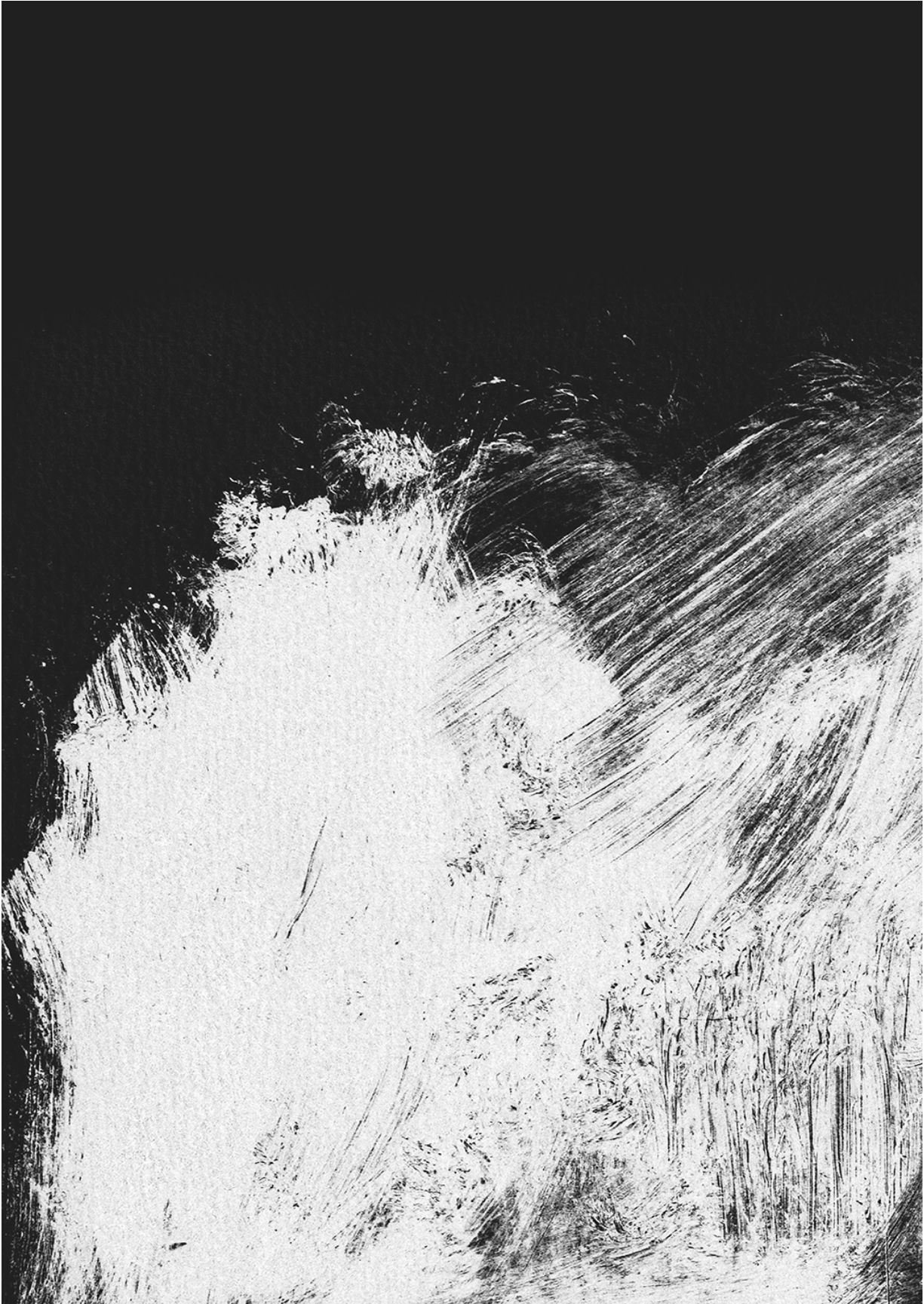
— Receio que será mais agradável para você — murmurou Hallward, pesaroso. — E agora, adeus. É uma pena que não me deixe olhar o retrato novamente. Mas isso não tem solução. Entendo perfeitamente o que você pensa a respeito.

Quando o pintor deixou o aposento, Dorian Gray sorriu para si mesmo. Pobre Basil! Como conhecia pouco do verdadeiro motivo! E como era estranho que, em vez de ter sido forçado a revelar seu próprio segredo, ele tivesse conseguido, quase por acaso, arrancar um segredo do amigo! O quanto aquela estranha confissão lhe explicava! Os absurdos acessos de ciúme do pintor, sua devoção selvagem, seus extravagantes panegíricos, suas curiosas reticências... agora compreendia tudo e sentia pena. Parecia-lhe haver algo de trágico numa amizade tão colorida pelo romantismo.[15]

Suspirou e tocou a sineta. O retrato precisava ser escondido a todo custo. Não poderia correr o risco de ser descoberto outra vez. Foi uma loucura da parte dele ter permitido que aquilo permanecesse ali, mesmo que apenas por uma hora, num aposento a que tantos dos seus amigos tinham acesso.

---

1. Tédio existencial. [N. de T.] ↩
2. Théophile Gautier (1811-1872), poeta romântico francês. Na realidade, a frase foi dita por Baudelaire a respeito de Gautier, o qual teria para ele introduzido na poesia "a consolação das artes", isto é, o deleite com descrições de cenas e objetos, precursor da poesia parnasiana, simbolista e modernista. [N. de T.] ↩
3. Nas versões anteriores à versão de 1891, a comoção de Basil Hallward deve-se ao fato de que Dorian Gray, em sua sensibilidade, apresentava algo puramente feminino. ↩
4. Georges Petit (1856-1920) foi um *marchand* parisiense que promovia o trabalho de pintores impressionistas. [N. de T.] ↩
5. No manuscrito, o pintor diz que, embora seu vínculo com Dorian Gray seja como a murta, capaz de florescer, daquele loureiro não surgiria flores. A fala demonstra tanto a consciência do personagem em relação aos próprios sentimentos quanto sua lucidez em relação ao possível desdobramento do relacionamento entre eles. Na versão datiloscrita, mais à frente o personagem percebe que a insistência no sentimento foi uma tolice, mas esse trecho não consta nesta versão de 1891. ↩
6. No manuscrito e no datiloscrito, o pintor pede a Dorian Gray que se sente sob a luz do sol enquanto ele mesmo senta-se na sombra. O contraste ilustra a vergonha de Hallward em sua confissão. ↩

7. Havia no datiloscrito o receio de que Dorian Gray não tivesse gostado do que vira no retrato, substituído nesta versão por “algo curioso”, aberto à interpretação de que esse “algo” fosse o amor do personagem. Na versão manuscrita, neste ponto Hallward prossegue questionando Dorian Gray se o que foi contemplado no retrato acabou ocasionando no protagonista um sentimento de vergonha. ↩
8. Na *Ilíada*, Páris é o filho do rei Príamo, destinado desde a infância a ser a causa da ruína de Troia. [N. de T.] ↩
9. Adônis é o amante mortal da deusa Afrodite, considerado o ideal de beleza masculina na Grécia Antiga. [N. de T.] ↩
10. Antinoo, o jovem amante do imperador romano Adriano, afogou-se ao cair de sua barca no Nilo. [N. de T.] ↩
11. O discurso de Basil Hallward enfrentou algumas transformações: no manuscrito e no datiloscrito, o pintor revela ter amado Dorian Gray, porém nesta versão a palavra é substituída por *venerar*. Basil confessa também nunca ter amado uma mulher e conclui afirmando que cada pincelada do retrato foi elaborada com amor e paixão. Todos esses trechos foram excluídos da versão de 1891. ↩
12. No manuscrito, Basil diz a Dorian Gray que o rapaz foi a única pessoa que amou em sua vida. Já no datiloscrito o pintor relata sentir-se afeiçoado ao rapaz. ↩
13. A afirmação de Basil deixa implícita a pintura do retrato como sua forma não verbal de adorar Dorian Gray. ↩
14. A versão de 1891 inclui essas duas frases que reforçam a autonomia e, como consequência, a letalidade da obra de arte. ↩
15. No manuscrito e no datiloscrito, a relação dos personagens é caracterizada como um romance ao mesmo tempo ardente e estéril. ↩

capítulo 10

Quando seu criado entrou, Dorian o encarou com firmeza e se perguntou se o homem chegou a pensar em espiar por trás do biombo. O criado estava com o semblante bem impassível e esperou por suas ordens. Dorian acendeu um cigarro, foi até o espelho e olhou para si mesmo. Conseguia ver perfeitamente o reflexo do rosto de Victor, como uma máscara plácida de servilismo. Não havia nada a temer ali. No entanto, achou melhor ficar alerta.

Falando muito devagar, pediu-lhe que dissesse à governanta que queria vê-la, depois fosse até o moldureiro e pedisse que enviasse dois de seus homens de uma vez. Pareceu-lhe que, quando o homem saiu do aposento, seus olhos correram na direção da tela. Ou seria apenas fruto de sua imaginação?

Alguns momentos depois, a sra. Leaf entrou apressada na biblioteca com seu vestido de seda preto e mitenes de linha à moda antiga nas mãos enrugadas. Dorian lhe pediu a chave da sala de aula.[1]

— A antiga sala de aula, sr. Dorian? — ela exclamou. — Ora, está toda empoeirada. Preciso arrumar tudo e deixá-la em ordem antes de o senhor entrar. Não está adequada para o senhor ver. De jeito nenhum.

— Não quero que arrume nada, Leaf. Só quero a chave.

— Bem, o senhor ficará coberto de teias de aranha se entrar lá. Ora, não é aberta há quase cinco anos, desde que Sua Senhoria morreu. — Ele estremeceu à menção do avô, de quem tinha lembranças odiosas.

— Não importa — respondeu. — Eu simplesmente quero ver o lugar, nada mais. Dê-me a chave.

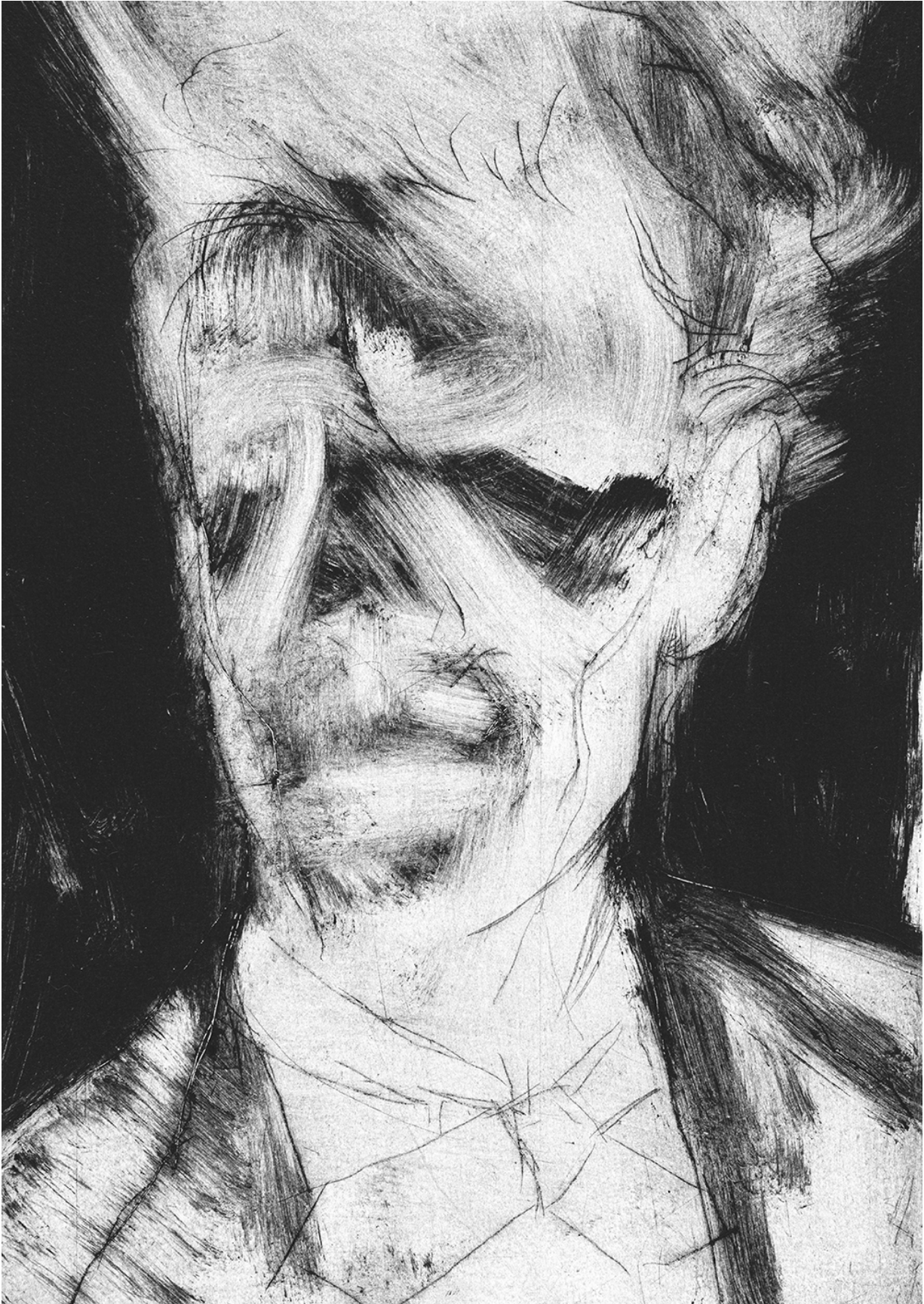
— E aqui está a chave, senhor — disse a velha senhora, examinando o conteúdo do seu molho de chaves com mãos trêmulas e inseguras. — Aqui está a chave. Em um instante a tiro do molho. Mas não pensa em viver lá em cima, certo, senhor, não quando está tão confortável aqui?

— Não, não — ele disse, petulante. — Obrigado, Leaf. Isso é tudo.

Ela demorou-se por alguns instantes, tagarelando sobre alguns detalhes domésticos. Ele suspirou e lhe disse para administrar as coisas como achasse melhor. A governanta saiu do aposento, toda sorrisos.

Assim que a porta se fechou, Dorian colocou a chave no bolso e olhou ao redor do aposento. Seu olhar recaiu sobre uma grande colcha de cetim púrpura com muitos bordados de ouro, uma esplêndida peça veneziana do final do século XVII que seu avô encontrara num convento perto de Bolonha. Sim, serviria para embrulhar aquela coisa horrível. Talvez tivesse servido muitas vezes como uma mortalha para cobrir os mortos. Agora seria utilizada para esconder algo que tinha uma corrupção própria, pior do que a corrupção da própria morte — algo que geraria horrores e ainda assim nunca morreria. O que o verme é para o cadáver, seus pecados seriam para o retrato pintado na tela. Estragariam sua beleza e corroeriam seu encanto. O contaminariam, tornando-o motivo de vergonha. E ainda assim a coisa sobreviveria. Estaria sempre viva.

Sentiu um arrepio e, por um momento, lamentou não ter contado a Basil o verdadeiro motivo pelo qual desejara esconder o retrato. Basil o ajudaria a resistir à influência de lorde Henry e às influências ainda mais venenosas que provinham de seu próprio temperamento. O amor que o pintor sentia por ele — pois era realmente amor — não tinha nada que

não fosse nobre e intelectual. Não era aquela mera admiração física pela beleza que nasce dos sentidos e morre quando estes se cansam. Era o amor que Michelângelo, Montaigne, Winckelmann e o próprio Shakespeare conheceram.[2] Sim, Basil poderia tê-lo salvado. Mas agora era tarde demais. O passado sempre pode ser aniquilado. O arrependimento, a negação ou o esquecimento podem causar isso. Mas o futuro era inevitável. Guardava paixões que encontrariam sua terrível válvula de escape, sonhos que tornariam reais as sombras de seu mal.

Ele pegou do sofá a grande colcha púrpura e dourada que o cobria e, segurando-a entre as mãos, passou para trás do biombo. O rosto na tela estava mais vil do que antes? A ele não pareceu mudado; e ainda assim sua aversão por aquilo se intensificou. O cabelo dourado, os olhos azuis e os lábios corados, estava tudo ali. Era simplesmente a expressão que havia se alterado. Era horrível em sua crueldade. Comparado ao que viu de censura ou repreensão no retrato, como haviam sido superficiais as censuras de Basil a Sibyl Vane! Quão superficiais e de pouca importância! Sua própria alma o encarava da tela, chamando-o ao julgamento. Uma expressão de dor tomou conta dele, que jogou a luxuosa colcha sobre o quadro. Ao fazer isso, alguém bateu à porta. Ele saiu de trás do biombo no mesmo momento em que seu criado entrou.

— As pessoas chegaram, *monsieur*.

Sentiu que deveria se livrar imediatamente daquele homem. Ele não deveria saber onde o retrato seria colocado. Havia nele algo de dissimulado, tinha o olhar pensativo e traiçoeiro. Sentando-se à escrivaninha, rabiscou um bilhete para lorde Henry pedindo-lhe que lhe enviasse algo para ler e lembrando-lhe que se encontrariam às oito e quinze da noite.

— Espere por uma resposta — disse ele, entregando-o ao criado — e traga os homens aqui.

Dentro de dois ou três minutos soou outra batida à porta: era o próprio sr. Hubbard, o célebre moldureiro da rua South Audley, junto de um jovem assistente de aspecto um tanto grosseiro. O sr. Hubbard era um homenzinho de rosto corado e bigode ruivo, cuja admiração pela arte era consideravelmente influenciada pela inveterada penúria da maioria dos artistas com quem negociava. Geralmente não saía de sua loja; esperava as pessoas virem até ele. Mas sempre abria uma exceção

para Dorian Gray. Havia algo em Dorian que encantava todo mundo. Apenas vê-lo era já um prazer.

— Como posso lhe ajudar, sr. Gray? — disse, esfregando suas mãos gordas e sardentas. — Pensei em me dar a honra de vir pessoalmente. Acabei de receber uma moldura que é uma beleza, senhor. Comprada em um leilão. Uma antiga moldura florentina. Creio ter vindo de Fonthill[3]. Admiravelmente adequada para temas religiosos, sr. Gray.

— Lamento muito que o senhor tenha se dado ao trabalho de vir até aqui, sr. Hubbard. Certamente passarei na loja e olharei a moldura, embora atualmente não me interesse muito por arte sacra. Hoje só quero que um retrato seja levado para o último andar para mim. É bem pesado, então pensei em pedir ao senhor que me emprestasse alguns de seus funcionários.

— Sem problemas, sr. Gray. Fico muito feliz em poder ajudá-lo. Qual é a obra de arte, senhor?

— Esta — respondeu Dorian, afastando o biombo. — O senhor poderia levá-la, com a colcha e tudo, exatamente como está? Não quero que seja arranhada ao subir.

— Sem problemas, senhor — disse o gentil moldureiro, começando, com a ajuda de seu assistente, a desenganchar o quadro das longas correntes de latão pelas quais estava suspenso. — E, agora, para onde devemos levá-lo, sr. Gray?

— Eu lhe mostrarei o caminho, sr. Hubbard, se tiver a gentileza de me seguir. Ou talvez seja melhor o senhor ir na frente. Infelizmente é no último andar. Subiremos pela escada principal, pois é mais larga.

Segurou a porta aberta para os homens, depois seguiram para o corredor e começaram a subir. O caráter elaborado da moldura tornara o quadro extremamente robusto, e, de vez em quando, apesar dos

protestos obsequiosos do sr. Hubbard, que tinha aquela aversão típica de um verdadeiro comerciante ao ver um cavalheiro fazer algo de útil, Dorian tocava na tela para ajudá-los.

— Um peso e tanto a se carregar, senhor — ofegou o homenzinho quando chegaram ao último piso, enxugando a testa brilhante.

— Infelizmente é bem pesado — murmurou Dorian ao destrancar a porta do cômodo que guardaria para ele o curioso segredo de sua vida e esconderia sua alma dos olhares humanos.

Havia mais de quatro anos não entrava naquele lugar — na verdade, desde a infância, quando o usara pela primeira vez como sala de brinquedos, e depois, já mais velho, como sala de estudos. Era um cômodo grande e de boas proporções, construído pelo último lorde Kelso especialmente para o uso do netinho que, por sua estranha semelhança com a mãe e também por outros motivos, sempre odiou e do qual desejou manter distância. Pareceu a Dorian que pouca coisa havia mudado. Estava bem ali o enorme *cassone* italiano[4], com seus painéis fantasticamente pintados e suas manchadas molduras douradas, onde tantas vezes se escondera quando menino. Ali estava a estante de sândalo amarelo repleta de seus livros escolares gastos e cheios de orelhas. Na parede atrás dele estava pendurada aquela mesma tapeçaria flamenga esfarrapada, com a estampa desbotada de um rei e uma rainha jogando xadrez em um jardim enquanto passava uma fileira de vendedores ambulantes carregando pássaros encapuzados em seus pulsos enluvados. Como lembrava-se bem de tudo! Cada momento de sua infância solitária voltou à sua mente quando olhou ao redor. Lembrou-se da pureza imaculada de sua meninice e lhe pareceu horrível que o retrato fatal ficasse escondido ali. Como havia pensado pouco, durante aqueles dias mortos, em tudo o que lhe seria reservado!

Mas não havia na casa outro aposento tão protegido de olhares indiscretos quanto aquele. Ele tinha a chave e ninguém mais poderia entrar ali. Sob a colcha púrpura, o rosto pintado na tela poderia tornar-se bestial, pegajoso e impuro. Que importância teria? Ninguém poderia ver. Ele mesmo não veria. Por que deveria ficar observando a horrível corrupção de sua alma? Ele manteve sua juventude, era o bastante. E, além disso, seu caráter não poderia melhorar, afinal? Não havia motivo para seu futuro ser tão cheio de vergonha. Poderia surgir em sua vida um amor que o purificasse e protegesse daqueles pecados que já pareciam presentes tanto no espírito quanto na carne, aqueles curiosos pecados não retratados cujo próprio mistério lhes emprestava sutileza e encanto. Talvez algum dia aquela expressão cruel desaparecesse da delicada boca escarlate e ele pudesse mostrar ao mundo a obra-prima de Basil Hallward.

Não. Era impossível. A cada hora que passasse, a cada semana, a coisa na tela iria envelhecer. Poderia até escapar da hediondez do pecado, mas a hediondez da idade a aguardava. As bochechas ficariam encavadas ou flácidas. Pés de galinha amarelados se espalhariam ao redor dos olhos desbotados e os tornariam horríveis. O cabelo tornaria-se opaco, a boca ficaria aberta ou caída, numa expressão tola ou grosseira, como é a boca dos velhos. Ficaria com o pescoço enrugado, as mãos frias e com veias azuis, o corpo curvado que o fazia lembrar-se do avô que fora com ele tão severo na infância. O retrato precisava ficar escondido. Não havia outra saída.

— Traga-o, sr. Hubbard, por favor — disse ele num tom de voz cansado, virando-se. — Lamento tê-lo ocupado por tanto tempo. Estava pensando em outra coisa.

— É sempre um prazer poder descansar, sr. Gray — respondeu o moldurador, ainda ofegante. — Onde devemos colocá-lo, senhor?

— Ah, em qualquer lugar. Aqui, aqui serve. Não quero ele pendurado. Basta encostar na parede. Obrigado.

— Posso dar uma olhada na obra de arte, senhor?

Dorian ficou alarmado.

— Não iria interessá-lo, sr. Hubbard — disse ele, com os olhos fixos no homem. Sentia-se pronto para saltar sobre ele e jogá-lo no chão se ousasse levantar o lindo véu que escondia o segredo de sua vida. — Não vou mais incomodá-lo, agora. Estou muito grato pela sua gentileza em vir até aqui.

— Imagine, imagine, sr. Gray. Estou sempre às ordens para fazer qualquer coisa pelo senhor. — O sr. Hubbard desceu as escadas, seguido pelo assistente, que olhou para Dorian com uma expressão de tímida admiração no rosto áspero e feio. Nunca havia visto ninguém tão maravilhoso.

Quando os sons de seus passos desapareceram, Dorian trancou a porta e colocou a chave no bolso. Agora, sim, sentia-se seguro. Ninguém jamais olharia para aquela coisa horrível. Nenhum olho além do dele jamais testemunharia sua vergonha.

Ao voltar à biblioteca, descobriu que passava pouco das cinco horas e que o chá já havia sido servido. Sobre uma mesinha de madeira escura e perfumada, densamente incrustada de madrepérolas — um presente de lady Radley, esposa de seu tutor, uma bela inútil profissional que havia passado o inverno anterior no Cairo —, estava um bilhete de lorde Henry e, ao lado, um livro encadernado com papel amarelo, com a capa ligeiramente rasgada e as bordas sujas. Um exemplar da terceira edição do dia do *The St. James's Gazette*[5] havia sido colocado na bandeja do chá.

Não havia dúvidas de que Victor estava de volta. Dorian se perguntou se o criado teria encontrado os homens no corredor enquanto saíam de casa e se teria descoberto o que estavam fazendo. Ele certamente daria pela falta do retrato — sem dúvida isso já havia acontecido enquanto preparava as coisas para o chá. O biombo não fora colocado de volta e um espaço em branco era visível na parede. Talvez alguma noite ele acabasse encontrando-o subindo as escadas e tentando forçar a porta do aposento. Que coisa horrível era ter um espião dentro de casa. Tinha ouvido falar de homens ricos que passaram a vida sendo chantageados por algum criado que leu uma carta, ou ouviu uma conversa, ou pegou um cartão com um endereço, ou encontrou uma flor murcha ou um pedaço de renda amassada debaixo de um travesseiro.

Ele suspirou e, depois de servir um pouco de chá, abriu o bilhete de lorde Henry. Era apenas para dizer que lhe enviava o jornal vespertino e um livro que poderia interessá-lo, e que estaria no clube às oito e quinze. Abriu o *St. James's* languidamente e deu uma olhada. Uma marca de lápis vermelho na quinta página chamou sua atenção. Destacava o seguinte parágrafo:

> INQUÉRITO SOBRE ATRIZ — Um inquérito foi realizado esta manhã na Taverna Bell, na Hoxton Road, pelo sr. Danby, o legista distrital, sobre o corpo de Sibyl Vane, jovem atriz recentemente contratada pelo teatro Royal, de Holborn. Segundo a perícia, trata-se de morte acidental. Foi expressa considerável solidariedade à mãe da falecida, que ficou muito abalada durante a prestação de seu próprio depoimento e do dr. Birrell, que fez a autópsia do corpo.

Ele franziu a testa e, rasgando o jornal ao meio, começou a caminhar pelo aposento, jogando os pedaços longe. Como aquilo tudo era feio! E como a feiura tornava as coisas horrivelmente reais! Ficou um pouco irritado com lorde Henry por lhe ter enviado a notícia. Certamente foi

idiotice da parte dele tê-la marcado com lápis vermelho. Victor poderia ter lido. O homem sabia inglês o suficiente para isso.

Talvez ele tivesse lido e já começasse a levantar suspeitas. E, ainda assim, que importância isso tinha? O que Dorian Gray tinha a ver com a morte de Sibyl Vane? Não havia nada a temer. Dorian Gray não a tinha matado.

Seus olhos pousaram no livro amarelo que lorde Henry lhe enviara. Ficou perguntando-se o que era aquilo. Foi em direção à mesinha octogonal perolada, que sempre lhe parecera obra de estranhas abelhas egípcias que a trabalharam em prata, e, pegando o volume, atirou-se numa poltrona e começou a folheá-lo. Dentro de alguns minutos ficou absorto. Era o livro mais estranho que já havia lido. Parecia-lhe que, em trajes primorosos e ao som delicado de flautas, os pecados do mundo passavam diante dele numa silenciosa exibição. Coisas com as quais sonhara vagamente tornaram-se, para ele, subitamente reais. Coisas com as quais nunca antes havia sonhado foram gradualmente sendo reveladas.

Era um romance sem enredo e com apenas um personagem,[6] não passava de um estudo psicológico de um jovem parisiense que passou a vida tentando realizar, no século XIX, todas as paixões e modos de pensamento que pertenceram a todos os séculos, exceto o seu, e resumir em si mesmo, por assim dizer, os vários estados de ânimo pelos quais o espírito do mundo já passara, amando, por sua mera artificialidade, aquelas renúncias que os homens imprudentemente chamaram de virtude, tanto quanto aquelas rebeliões naturais que os sábios ainda chamam de pecado. O romance tinha um estilo curiosamente floreado, ao mesmo tempo vívido e obscuro, cheio de gírias e de arcaísmos, de expressões técnicas e de paráfrases elaboradas, que caracteriza o

trabalho de alguns dos melhores artistas da escola francesa dos simbolistas. Havia ali metáforas tão monstruosas quanto uma orquídea, e de cores tão sutis quanto. A vida dos sentidos era descrita nos termos da filosofia mística. Às vezes era difícil entender se lia os êxtases espirituais de algum santo medieval ou as confissões mórbidas de um pecador moderno. Era um livro venenoso. O forte odor de incenso parecia impregnar as páginas e perturbar o cérebro. A simples cadência das frases, a sutil monotonia de sua música, tão repleta de refrões complexos e movimentos elaboradamente repetidos, produziam na mente do rapaz, à medida que ele avançava de capítulo em capítulo, uma forma de devaneio, de sonho doentio, que o deixou inconsciente com relação ao passar do dia e às sombras escurecendo o aposento.

Sem nuvens e perfurado por uma estrela solitária, o céu verde-acobreado brilhava através das janelas. Ele continuou lendo sob a luz pálida até não aguentar mais. Então, depois que seu criado o lembrou várias vezes de como estava tarde, levantou-se e, indo para o quarto ao lado, colocou o livro na mesinha florentina que sempre ficava ao lado de sua cama e começou a vestir-se para o jantar.

Eram quase nove horas quando chegou ao clube, onde encontrou lorde Henry sentado sozinho na pequena sala de visitas, parecendo muito entediado.

— Sinto muito, Harry — disse ele —, mas na realidade a culpa é toda sua. Aquele livro que me enviou me deixou tão fascinado que não percebi o tempo passando.

— Sim, achei que você iria gostar — respondeu o anfitrião, levantando-se da cadeira.

— Não disse que gostei, Harry. Disse que fiquei fascinado. Há uma grande diferença.

— Ah, você descobriu isso? — murmurou lorde Henry, e os dois foram para a sala de jantar.

---

1. Nesta versão de 1891 é excluída parte da conversa do datiloscrito; a outra versão mostra, além da passagem do tempo, o afeto que a babá sentia pelo personagem. Aqui, Dorian, que já perdeu Sibyl, rompeu com Basil e está cada vez mais afastado de lorde Henry, encontra-se privado também dessa fonte de cuidado. Ao longo do diálogo, outras falas que mostravam a humanidade de Dorian Gray são aqui suprimidas. ↩
2. Michelângelo, Montaigne, Wincklemann e Shakespeare escreveram textos de alguma forma associados a sentimentos homossexuais. O artista italiano Michelângelo (1475-1564) escreveu diversos poemas e madrigais sobre seu afeto por rapazes da nobreza italiana conhecidos pela beleza física; o filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592) possuía uma intensa e íntima amizade com o também filósofo Etienne de la Boétie, vista como homoafetiva; Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), um pioneiro alemão da história da arte e arqueologia, era reconhecidamente homossexual e escrevia abertamente sobre homoerotismo em seus textos. Já o inglês William Shakespeare (1564-1616) escreveu 154 sonetos de amor, dos quais os primeiros 126 se dirigem a um "belo rapaz" cuja identidade tem sido especulada desde então. [N. de T.] ↩
3. A Abadia de Fonthill foi uma imensa construção neogótica construída por capricho de William Thomas Beckford no final do século XVIII. Considerado então o plebeu mais rico do Reino Unido, envolveu-se em escândalos amorosos com rapazes, advogou pelo fim da pena de morte por sodomia e escreveu o clássico gótico *Vathek*. Era conhecido por sua extensa coleção de arte. [N. de T.] ↩
4. Grandes baús de casamento ricamente decorados com relevos em gesso, ostentados por aristocratas italianos do Renascimento. [N. de T.] ↩
5. Jornal vespertino de viés patriota e conservador publicado em Londres entre 1880 e 1905. [N. de T.] ↩
6. Embora o título do "livro de capa amarela" não seja dito, nas versões anteriores ao periódico a obra era identificada como *Le secret de Raoul*, de Catullle Sarrazin, obra e autor fictícios. Mais tarde, em seu julgamento, instado a identificar a obra, Wilde admitiu ser uma "versão fantasiosa" de *Às avessas*, do escritor francês decadentista Joris-Karl Huysmans. [N. de T.] ↩

capítulo II

Dorian Gray passou anos sem conseguir se libertar da influência daquele livro. Ou talvez fosse mais correto dizer que ele nunca buscou se libertar disso. Adquiriu em Paris nada menos que nove exemplares da primeira edição, em formato grande, e os encadernou em diferentes cores, para que se adequassem aos seus vários estados de espírito e às fantasias mutáveis de uma personalidade da qual ele parecia, às vezes, perder quase totalmente o controle. O herói, o maravilhoso jovem parisiense, no qual os temperamentos romântico e científico se misturavam tão estranhamente, tornou-se para ele uma espécie de protótipo de si mesmo. E, de fato, o livro inteiro lhe parecia conter a história de sua própria vida, escrita antes de tê-la vivido.

Em certo ponto era mais afortunado que o herói fantástico do romance. Nunca chegou a conhecer — na verdade, nunca teve motivo para conhecer — aquele pavor um tanto grotesco de espelhos, de superfícies de metal polido e de água parada, que se apoderou do jovem parisiense tão cedo na vida, ocasionado pela súbita decadência de uma beleza que outrora, aparentemente, havia sido tão notável. Era com uma alegria quase cruel — e, talvez, em quase toda alegria, como certamente em todo prazer, haja um fundo de crueldade — que ele costumava ler a última parte do livro, que terminava em um relato trágico, ainda que um tanto exagerado, da tristeza e do desespero de alguém que perdeu o que mais valorizava nos outros e no mundo.

Pois a maravilhosa beleza que tanto fascinou Basil Hallward e muitos outros parecia nunca o abandonar.[1] Mesmo aqueles que tinham escutado as coisas mais malignas a seu respeito, e embora de tempos em tempos circulassem em Londres estranhos rumores sobre seu estilo de vida, que se tornavam assunto nos clubes, ainda assim não conseguiam acreditar em nada que o desonrasse quando o viam. Preservava sempre a aparência de alguém que se manteve imaculado no mundo. Homens que conversavam entre si de modo grosseiro ficavam em silêncio quando Dorian Gray chegava. Havia algo na pureza de seu rosto que funcionava para eles como uma espécie de censura. Sua mera presença parecia trazer-lhes a memória da inocência que haviam manchado. Perguntavam-se como alguém tão charmoso e gracioso como ele poderia ter escapado das marcas de uma época ao mesmo tempo sórdida e sensual.

Não raro, ao voltar para casa após uma daquelas ausências misteriosas e prolongadas que davam origem a tão estranhas conjecturas entre seus amigos, ou os que assim se consideravam, ele subia as escadas até o aposento trancado, abria a porta com a chave que nunca mais largara e colocava-se, segurando um espelho, diante de seu retrato pintado por Basil Hallward, olhando ora para o rosto maligno e envelhecido na tela, ora para a face jovem e loira que ria de volta no vidro polido. A própria nitidez do contraste costumava aumentar sua sensação de prazer. Tornou-se cada vez mais apaixonado pela própria beleza, cada vez mais interessado na corrupção da própria alma. Examinava minuciosamente, e às vezes com um deleite monstruoso e terrível, as horrorosas linhas de expressão na testa enrugada ou retorcidas ao redor dos lábios volumosos e sensuais, de vez em quando perguntando-se o que era mais horrível: os sinais do pecado ou os sinais da idade. Ele colocava as mãos

brancas ao lado das mãos grosseiras e inchadas do retrato e sorria. Zombava daquele corpo disforme e dos membros debilitados.

De fato, houve momentos em que, à noite, deitado sem dormir em seu quarto delicadamente perfumado ou no sórdido quarto da pequena e mal-afamada taverna perto das docas que, disfarçado e sob um nome falso, costumava frequentar, ele pensava na ruína que havia causado à sua alma, com um pesar que era ainda mais comovente por ser puramente egoísta. Mas momentos como aqueles eram raros. Aquela curiosidade pela vida que lorde Henry despertara nele pela primeira vez, quando estavam sentados juntos no jardim do amigo, parecia aumentar a cada vez que a satisfazia. Quanto mais sabia, mais desejava saber. Tinha um louco apetite que ficava mais voraz à medida que o saciava.

No entanto, ele não era realmente imprudente, pelo menos não em suas relações na sociedade. Uma ou duas vezes por mês, durante o inverno, e toda quarta-feira à noite, até o fim da temporada, abria sua bela casa ao mundo e contava com os músicos mais célebres da época para encantar seus convidados com as maravilhas de sua arte. Seus pequenos jantares, que lorde Henry sempre ajudava a organizar, destacavam-se tanto pela criteriosa seleção e posicionamento dos convidado como pelo requintado gosto demonstrado na decoração da mesa, com seus sutis e harmoniosos arranjos de flores exóticas, panos bordados e antigos pratos de ouro e prata. Na verdade, havia muitos, especialmente entre os rapazes bem jovens, que viram ou imaginaram ver em Dorian Gray a verdadeira realização do ideal com que muitas vezes sonharam nos tempos de Eton ou Oxford, um ideal que combinava algo da verdadeira cultura do estudante com toda a graça, distinção e os modos perfeitos de um cidadão do mundo. Para eles, Dorian parecia fazer parte daqueles que Dante descreve como tendo procurado "tornar-se perfeitos pela adoração da beleza".[2] Como Gautier, ele era alguém para quem "o mundo visível existia".

E, certamente, para ele a própria Vida era a primeira e a maior das artes, em relação à qual todas as outras não pareciam passar de um ensaio. A moda, pela qual o que é realmente fantástico por um momento se torna universal, e o dandismo[3], que, à sua maneira, é uma tentativa de afirmar a absoluta modernidade da beleza, exerciam seu fascínio sobre ele, naturalmente. Seu modo de vestir e os trejeitos particulares que de tempos em tempos adotava exerciam uma influência marcante sobre os jovens requintados dos bailes de Mayfair e dos clubes de Pall Mall, que copiavam tudo o que ele fazia e tentavam reproduzir o

espontâneo encanto de seu charme, embora para ele tudo aquilo não fosse nada além de exageros meio insignificantes.

Até porque, embora ele estivesse mais do que pronto a aceitar a posição que lhe foi quase imediatamente oferecida ao atingir a maioridade, e encontrasse, de fato, um prazer sutil na ideia de que realmente poderia se tornar para a Londres de sua época o que o autor do *Satyricon* foi para a Roma de Nero[4], lá no fundo ele desejava ser algo mais do que um simples árbitro da elegância, para ser consultado sobre o uso de uma joia, sobre o nó de uma gravata ou como segurar uma bengala. Queria elaborar um novo esquema de vida, com uma filosofia fundamentada e princípios ordenados, que encontrasse na espiritualização dos sentidos sua mais elevada realização.

Muitas vezes, e com muita justiça, criticam o culto aos sentidos quando os homens são tomados por um instinto natural de terror com relação a paixões e sensações que parecem mais fortes do que eles próprios, que conscientemente compartilham com formas de existência menos organizadas. Mas pareceu a Dorian Gray que a verdadeira natureza dos sentidos nunca havia sido compreendida, e que os homens haviam permanecido selvagens e animalescos simplesmente porque o mundo tinha procurado levá-los à submissão por meio da fome ou matá-los pela dor, em vez de visar torná-los elementos de uma nova espiritualidade, da qual um apurado instinto de beleza seria a característica dominante. Quando olhava para trás, para o Homem percorrendo a História, era assombrado por um sentimento de perda. Quantos não tinham sido vencidos? E com propósitos tão insignificantes! Haviam ocorrido loucas e deliberadas recusas, formas monstruosas de autotortura e abnegação que tinham como origem o medo e cujo resultado foi uma degradação infinitamente mais terrível do

que aquela degradação imaginária da qual, em sua ignorância, procuraram escapar, enquanto a Natureza, em sua maravilhosa ironia, obrigava o anacoreta a se alimentar com os animais selvagens do deserto e dando ao eremita as feras do campo como companheiros.

Sim, teria que haver, como lorde Henry profetizara, um novo hedonismo que recriasse a vida e a salvasse daquele puritanismo severo e desagradável que vem tendo, em nossos dias, um curioso renascer. Precisaria, certamente, estar a serviço do intelecto. E, contudo, que jamais aceitasse nenhuma teoria ou sistema envolvendo o sacrifício de nenhum modo de experiência passional. Na verdade, seu alvo seria a experiência em si, e não os frutos dessa experiência, fossem eles doces ou amargos. Não se permitiria nem o ascetismo, que matava os sentidos, nem a devassidão vulgar que os entorpecia. Serviria para ensinar ao homem a concentrar-se nos momentos da vida, que era, por si mesma, nada além de um momento.

Há poucos de nós que não tenham às vezes acordado antes do amanhecer, seja após uma daquelas noites sem sonhos que quase fazem alguém apaixonar-se pela morte, ou uma daquelas noites de horror e alegrias monstruosas, quando deslizam pelos cômodos do cérebro fantasmas mais terríveis que a própria realidade, com instintos por aquela vida ardente que espreita em tudo que é grotesco, conferindo à arte gótica sua duradoura vitalidade, uma vez que esta arte é, pelo que podemos imaginar, especialmente daqueles com mentes perturbadas pelos males dos devaneios. Dedos brancos deslizam pouco a pouco pelas cortinas, que parecem estremecer. Sob formas fantásticas, sombras mudas rastejam pelos cantos da sala, onde permanecem agachadas. Lá fora os pássaros agitam-se entre as folhas, ouve-se o passo de homens a caminho do trabalho ou os suspiros e soluços do vento que sopra das

colinas e vaga ao redor da casa silenciosa, como se temesse despertar os adormecidos e mesmo assim precisasse despertar o sono de sua caverna púrpura.[5] Véu após véu de uma fina gaze escura é levantado e, gradualmente, as formas e cores das coisas são restauradas, e observamos o amanhecer refazendo o mundo em seu antigo padrão. Espelhos pálidos recuperam sua vida mímica. Velas sem chama continuam onde as deixamos, e ao lado está o livro pela metade que estudávamos, ou a flor aramada que usamos no baile, ou a carta que tínhamos medo de ler, ou que tínhamos lido com muita frequência. Nada nos parece mudado. Das noturnas sombras irreais surge a vida real que conhecíamos. Precisamos retomá-la de onde paramos, e toma conta de nós a terrível sensação da necessidade de continuar a energia na mesma cansativa rotina de hábitos estereotipados, ou um desejo selvagem, talvez, de que alguma manhã nossas pálpebras possam abrir-se para um mundo remodelado na escuridão para nosso próprio prazer, um mundo onde as coisas teriam novas formas e cores e seriam mudadas, ou teriam outros segredos, um mundo em que o passado teria pouco ou nenhum espaço, que não sobrevivesse, em hipótese alguma, sob qualquer forma consciente de obrigação ou arrependimento, até porque mesmo a lembrança da alegria tem sua amargura, e as lembranças prazerosas, sua dor.

Era a criação de mundos como estes que parecia a Dorian Gray ser o verdadeiro objetivo, ou os verdadeiros objetivos, da vida. E em sua busca por sensações ao mesmo tempo novas e deliciosas, que possuíssem aquele elemento de estranheza tão essencial ao romance, ele frequentemente adotava certos modos de pensar que sabia serem realmente alheios à sua natureza, entregava-se a suas influências sutis e então, tendo, por assim dizer, captado suas cores e satisfeito sua

curiosidade intelectual, as abandonava com aquela curiosa indiferença que não é incompatível com um verdadeiro temperamento ardente e que, na verdade, de acordo com certos psicólogos modernos, muitas vezes é uma de suas condições.

Certa vez correram rumores de que ele estaria prestes a se juntar ao catolicismo. E, de fato, o ritual romano sempre exerceu uma grande atração sobre ele. O sacrifício diário, na realidade mais terrível do que todos os sacrifícios do mundo antigo, o impressionava tanto pela soberba rejeição da evidência dos sentidos quanto pela simplicidade primitiva de seus elementos e o eterno *pathos* da tragédia humana que buscava simbolizar. Ele adorava se ajoelhar no piso frio de mármore e observar o sacerdote, em sua dalmática[6] florida e engomada, afastando lentamente o véu do tabernáculo com suas mãos brancas, ou erguendo o ostensório cravejado de joias, em forma de lanterna, com aquela pálida hóstia que às vezes poderíamos realmente pensar ser o *panis cælestis*, o pão dos anjos, ou, trajando as vestimentas da Paixão de Cristo, quebrando a hóstia no cálice e batendo no peito por seus pecados. Também sentia-se sutilmente fascinado pelos incensórios fumegantes que os meninos solenes, em vestes escarlates de renda, jogavam feito grandes flores douradas no ar. Quando saía, costumava olhar maravilhado para os confessionários pretos, ansiando por sentar-se à sombra de um deles e ouvir homens e mulheres sussurrando através da grade desgastada a verdadeira história de suas vidas.

Mas nunca caiu no erro de interromper seu desenvolvimento intelectual por qualquer aceitação formal de credo ou sistema nem nunca confundiu uma casa para morar por uma pousada adequada para passar apenas uma noite, ou algumas horas de uma noite sem estrelas e sem lua. O misticismo, com seu maravilhoso poder de tornar estranho

aquilo que consideramos comum, e o sutil antinomianismo[7] que parecia sempre acompanhá-lo, comoveram-no por algum tempo. Durante uma temporada ele inclinou-se às doutrinas materialistas do movimento darwinista na Alemanha e encontrou um curioso prazer em traçar os pensamentos e as paixões dos homens até alguma célula perolada do cérebro ou algum nervo esbranquiçado do corpo, deliciando-se com a concepção da absoluta dependência do espírito a determinadas condições físicas, mórbidas ou saudáveis, normais ou doentias. No entanto, como já dito antes a seu respeito, nenhuma teoria sobre a vida lhe pareceu tão importante quanto a vida em si. Ele tinha plena consciência de como é estéril toda especulação intelectual quando separada da ação e da experiência. Sabia que os sentidos, assim como a alma, tinham mistérios espirituais a ser revelados.

Começou, assim, a estudar perfumes e os segredos de sua fabricação, destilando óleos fortemente perfumados e queimando gomas odoríferas do Oriente. Percebeu que não havia estado de espírito sem uma contrapartida na vida sensorial, e se dispôs a descobrir suas verdadeiras relações, perguntando-se o que havia no olíbano que tornava alguém místico, no âmbar-cinzento que despertava as paixões, nas violetas que aguçavam a memória de antigos romances, no almíscar que perturbava a mente e na magnólia-amarela que coloria a imaginação. Muitas vezes procurava elaborar uma verdadeira psicologia dos perfumes, estimar as diversas influências das raízes cheirosas e das flores perfumadas carregadas de pólen, dos bálsamos aromáticos e das madeiras escuras e perfumadas, do nardo, que faz adoecer, da hovênia, que enlouquece os homens, e dos aloés, que dizem serem capazes de expulsar a melancolia da alma.

Em outras épocas devotava-se inteiramente à música, e, numa longa sala treliçada, com teto terracota e dourado e paredes de laca verde-oliva, costumava dar curiosos concertos em que ciganos loucos tocavam melodias selvagens em pequenas cítaras, ou solenes tunisinos usando xales amarelos dedilhavam as cordas tensas de monstruosos alaúdes enquanto negros sorridentes batiam monotonamente em tambores de cobre. Agachados sobre esteiras escarlates, esbeltos indianos de turbantes sopravam por longas flautas de junco ou latão e encantavam, ou fingiam encantar, grandes víboras encapuzadas e horríveis serpentes chifrudas. Os intervalos ásperos e as dissonâncias estridentes da música bárbara o agitavam quando a graça de Schubert, as melancolias de Chopin e as poderosas harmonias do próprio Beethoven caíam despercebidas em seus ouvidos. Colecionou de todas as partes do mundo os instrumentos mais estranhos que pudessem ser encontrados, fosse nas tumbas de nações desaparecidas ou entre as poucas tribos selvagens que haviam sobrevivido ao contato com as civilizações ocidentais, e adorava tocá-los e experimentá-los. Ele tinha os misteriosos juruparis dos indígenas do Rio Negro,[8] que as mulheres não têm permissão de olhar e mesmo os jovens não podem ver até serem submetidos ao jejum e à flagelação. Tinha também jarros de barro dos peruanos, que produziam estridentes gritos de pássaros, flautas de ossos humanos como as que Alfonso de Ovalle escutara no Chile e os sonoros jaspes verdes que se encontram perto de Cuzco e emitem uma nota de singular doçura. Havia cabaças pintadas cheias de pedrinhas que faziam barulho quando sacudidas; o longo clarim dos mexicanos, no qual o intérprete não sopra, mas através do qual inala o ar; o áspero *turé*[9] das tribos amazônicas, tocado pelas sentinelas que passam o dia sentadas em árvores altas e que, pelo que dizem, pode ser ouvido a uma distância de

três léguas; o *teponaztli*, com suas duas línguas vibrantes de madeira e batido com varetas untadas numa goma elástica obtida do suco leitoso das plantas; os sinos *yotl* dos astecas, pendurados em cachos como uvas; e um enorme tambor cilíndrico, coberto de peles de grandes serpentes, como aquele que Bernal Díaz viu quando entrou com Cortés no templo mexicano e de cujo som triste nos deixou uma descrição tão vívida. O caráter fantástico destes instrumentos o fascinou, e sentiu um curioso deleite ao pensar que a Arte, tal como a Natureza, também tem seus monstros, coisas de formato bestial e vozes horríveis. No entanto, passado algum tempo, ele se cansou de tudo isso e passou a sentar-se em seu camarote na ópera, sozinho ou junto de lorde Henry, para ouvir, cheio de prazer, *Tannhäuser*[10], e via no prelúdio daquela grande obra de arte uma apresentação da tragédia de sua própria alma.

Em outro momento dedicou-se ao estudo das joias, e compareceu a um baile à fantasia como Anne de Joyeuse[11], almirante da França, num traje coberto de quinhentas e sessenta pérolas. Esse gosto o cativou por anos e, de fato, pode-se dizer que nunca o abandonou. Muitas vezes passava um dia inteiro arrumando e recolocando em seus estojos as diversas pedras que havia recolhido, como o crisoberilo verde-oliva que parece vermelho à luz da lamparina, o cimofano com sua linha de prata semelhante a um fio, o peridoto cor de pistache, topázios rosa-choque e num tom amarelado de vinho, carbúnculos de um escarlate ardente com trêmulas estrelas de quatro raios, grossulárias vermelho-fogo, espinélios laranja e violeta e ametistas com suas camadas alternadas de rubi e safira. Ele amava o vermelho dourado da pedra-do-sol, a brancura perolada da pedra-da-lua e o arco-íris interrompido da opala leitosa. Adquiriu de Amsterdã três esmeraldas num tamanho extraordinário e

com riqueza de cores, e possuía uma turquesa *de la vieille roche*[12] que causava inveja a todos os conhecedores.

Ele também descobriu histórias maravilhosas no que dizem respeito a joias. No *Clericalis Disciplina*[13], de Afonso, havia menção a uma serpente com olhos de jacinto verdadeiro, e na história romântica de Alexandre, o Conquistador de Emathia teria encontrado no vale do Jordão cobras "com colares de esmeraldas verdadeiras crescendo em suas costas". Filóstrato nos diz que havia uma joia no cérebro do dragão, e "diante de letras douradas e um manto escarlate" o monstro poderia ser magicamente posto para dormir e então morto. De acordo com o grande alquimista Pierre de Boniface, o diamante tornava o homem invisível e a ágata da Índia o tornava eloquente. A cornalina apaziguava a ira, o jacinto provocava o sono e a ametista dissipava os vapores do vinho. A granada expulsava demônios enquanto o hidrópico privava a lua de sua cor. A selenita aumentava e diminuía de acordo com os ciclos lunares, e o *meloceus*, que descobre ladrões, só poderia ser afetado pelo sangue de crianças. Leonardus Camillus tinha visto uma pedra branca retirada do cérebro de um sapo recém-morto, que era um antídoto certo contra o veneno. O bezoar, encontrado no coração do cervo árabe, era um amuleto capaz de curar a peste. Segundo Demócrito, havia nos ninhos dos pássaros árabes aspilates, que protegiam o portador de qualquer perigo vindo do fogo.

O rei de Ceilão cavalgou por sua cidade com um grande rubi em mãos, em sua cerimônia de coroação. Os portões do palácio de Preste João eram "feitos de sárdio, com o chifre de uma cobra chifruda entalhado que impedia a entrada de qualquer homem que portasse o veneno". No frontão havia "duas maçãs de ouro, nas quais havia dois carbúnculos", para que o ouro brilhasse durante o dia e os carbúnculos,

à noite. No estranho romance de Lodge, *A Margarite of America*, afirmava-se que nos aposentos da rainha era possível contemplar "todas as castas damas do mundo esculpidas em prata, olhando através de lindos espelhos de crisólitas, carbúnculos, safiras e esmeraldas verdes". Marco Polo vira os habitantes de Cipango[14] colocarem pérolas cor-de-rosa na boca dos mortos. Um monstro marinho apaixonara-se pela pérola que um mergulhador trouxe ao rei Perozes, matou o ladrão e lamentou-se durante sete luas por sua perda. Procópio conta que, quando os hunos atraíram o rei à beira de um grande precipício, ele jogou a pérola fora e nunca mais a encontrou, embora o imperador Anastácio tenha oferecido quinhentos pesos em peças de ouro para quem a encontrasse. O rei de Malabar mostrou a um certo veneziano um rosário de trezentas e quatro pérolas, uma para cada deus que ele venerava.

Quando o duque de Valentinois, filho de Alexandre VI, visitou Luís XII da França, seu cavalo estava carregado de folhas de ouro, segundo Brantôme, e seu barrete apresentava fileiras duplas de rubis que emitiam um brilho forte. Carlos da Inglaterra havia cavalgado em estribos dos quais pendiam quatrocentos e vinte e um diamantes. Ricardo II possuía um casaco avaliado em trinta mil marcos, coberto de rubis-balas. Hall descreveu Henrique VIII, a caminho da Torre antes de sua coroação, como vestindo "uma jaqueta com fios de ouro, com o peito bordado com diamantes e outras pedras preciosas, e um grande boldrié em volta do pescoço com grandes espinelas". Os favoritos de Jaime I usavam brincos de esmeraldas incrustadas de filigrana de ouro. Eduardo II deu a Piers Gaveston uma armadura de ouro vermelho cravejada de zircões, um colar de rosas de ouro cravejado de turquesas e um solidéu salpicado

de pérolas. Henrique II usava luvas adornadas de pedras preciosas que iam até os cotovelos e tinha uma luva de falcoaria costurada com doze rubis e cinquenta e duas pérolas de grandes orientes[15]. O chapéu ducal de Carlos, o Audaz, o último duque da Borgonha, era adornado com pérolas em forma de pera e cravejado de safiras.

Como a vida já havia sido requintada! Quanta maravilha havia na pompa e na decoração! Até mesmo ler sobre os luxos dos mortos era maravilhoso.

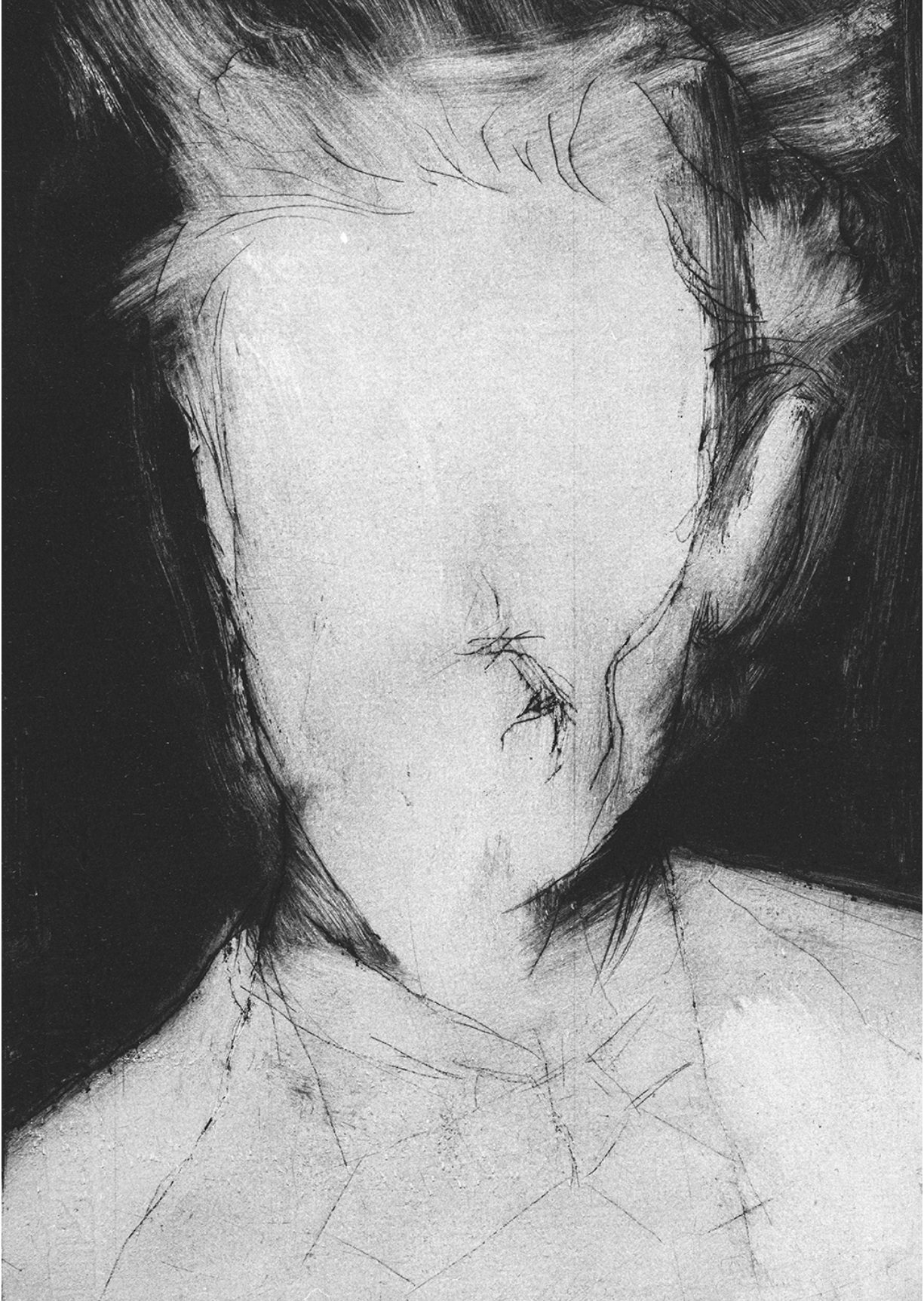
Depois voltou sua atenção para os bordados e as tapeçarias, que desempenhavam o papel de afrescos nas frias salas das nações do norte da Europa. Ao investigar o assunto — e sempre teve uma extraordinária capacidade de ficar completamente absorto em tudo o que empreendia —, quase se entristecia com o reflexo da ruína que o Tempo ocasionava a coisas belas e maravilhosas. De todo modo, ele havia escapado disso. A um verão seguia-se outro, as frésias amarelas floresciam e muitas vezes morriam, e as noites de horror repetiam a história de sua vergonha, mas ele permanecia inalterado. Nenhum inverno maculou seu rosto ou manchou seu desabrochar de flor. Como era diferente para as coisas materiais! Para onde elas haviam ido? Onde estava o grande manto cor de açafrão com o qual os deuses lutaram contra os gigantes, confeccionado por moças morenas para o deleite de Atena? Onde estava o enorme velário que Nero estendera sobre o Coliseu de Roma, aquela roxa vela titânica na qual estavam representados o céu estrelado e Apolo conduzindo uma carruagem puxada por corcéis brancos de rédeas douradas? Ele ansiava por ver os curiosos guardanapos feitos para o Sacerdote do Sol, nos quais estavam expostas todas as guloseimas e iguarias necessárias para um banquete; o pano mortuário do rei Quilperico, com suas trezentas abelhas douradas; as fantásticas vestes

que provocaram a indignação do Bispo do Ponto, ilustradas com "leões, panteras, ursos, cães, florestas, rochas, caçadores, tudo, aliás, que um pintor pudesse copiar da natureza"; e o casaco que Carlos de Orléans certa vez usou, em cujas mangas estavam bordados os versos de uma canção que começava com "*Madame, je suis tout joyeux*", o acompanhamento musical das palavras com bordados em fio de ouro, e cada nota, de forma quadriculada naquela época, formada por quatro pérolas. Ele leu sobre o aposento preparado no palácio de Reims para uso da rainha Joana da Borgonha, decorado com "mil trezentos e vinte e um papagaios bordados brasonados com as armas reais, além de quinhentas e sessenta e uma borboletas, cujas asas eram igualmente ornamentadas com as armas da rainha, todas trabalhadas em ouro". Catarina de Médicis mandou fazer para ela um leito de luto de veludo preto polvilhado de sóis e meias-luas. Suas cortinas eram de damasco, com coroas e guirlandas de folhas desenhadas sobre um fundo dourado e prateado, e, nas barras, possuía franjados com bordados perolados, tudo isso em um aposento decorado com fileiras de insígnias da rainha em veludo preto recortadas sobre tecidos prateados. Luís XIV possuía cariátides bordadas a ouro com quatro metros e meio de altura em seu aposento. A cama oficial de Sobieski, rei da Polônia, era feita de brocado de ouro de Esmirna bordado em turquesas, com versos do Alcorão. Tinha suportes de prata dourada, lindamente entalhados e abundantemente incrustados com medalhões esmaltados e joias. Havia sido tomado do acampamento turco diante de Viena, e sob o dourado trêmulo de seu dossel havia o estandarte de Maomé.

E assim, durante um ano inteiro, buscou colecionar os mais requintados exemplares que pôde encontrar de tecidos e bordados, obtendo as delicadas musselinas de Déli, finamente trabalhadas com

palmas de fio de ouro e costuradas com iridescentes asas de besouros; gazes de Daca, conhecidas no Oriente como “ar tecido”, “água corrente” e “orvalho da tarde” em razão de sua transparência; estranhos tecidos estampados com figuras de Java; elaboradas cortinas chinesas amarelas; livros encadernados em cetins castanho-amarelados ou em seda azul-clara, com bordados de *fleur de lys*, pássaros e imagens; véus de *lacis*[16] trabalhados em ponto húngaro; brocados sicilianos e rígidos veludos espanhóis; bordados georgianos com moedas douradas e *fukusas*[17] japonesas em tons verde-ouro e pássaros de plumagens maravilhosas.

Sentia também uma paixão especial pelas vestes eclesiásticas, como aliás sentia por tudo relacionado ao serviço da Igreja. Nos longos baús de cedro que ladeavam a galeria oeste de sua casa, guardara muitos raros e belos exemplares do que é realmente a vestimenta da Noiva de Cristo,[18] que deveria usar púrpura, joias e linho fino para poder esconder o pálido corpo macerado pelo sofrimento e ferido pela dor autoinfligida. Também possuía um lindo manto de seda carmesim e damasco com fios de ouro, decorado com um padrão repetitivo de romãs douradas incrustadas em botões formais de flores de seis pétalas, em cujo lado havia um ornamento de abacaxis com bordados de pérolas. As casulas[19] bordadas eram divididas em painéis que representavam cenas da vida da Virgem, e sobre o capuz havia a representação da coroação da Virgem em sedas coloridas. Tratava-se de um trabalho italiano do século xv. Havia uma outra capa, esta de veludo verde, bordada com folhas de acanto em forma de coração de onde se espalhavam flores brancas de longos caules, com detalhes realçados em fios de prata e cristais coloridos. A fivela apresentava a cabeça de um serafim em relevo, com fios de ouro. As casulas eram tecidas com ornamentos de seda vermelha e dourada salpicados por medalhões representando muitos santos e

mártires, entre os quais São Sebastião. Ele possuía também casulas de seda cor de âmbar, seda azul e brocados de ouro, damasco de seda amarela e tecidos de ouro, em que se viam representadas a Paixão e a Crucificação de Cristo, com bordados de leões, pavões e outros emblemas; dalmáticas de cetim branco e damasco de seda cor-de-rosa, decoradas com tulipas, golfinhos e *fleurs de lys*; frontões de altar em veludo carmesim e linho azul, além de muitos corporais, palas e sanguinhos.[20] Havia algo nos serviços místicos em que tais coisas eram usadas que despertava sua imaginação.

Pois esses tesouros, e tudo o que ele havia colecionado em sua adorável casa, eram para ele meios de esquecimento, modos pelos quais ele poderia escapar, por uma temporada, do medo que às vezes lhe parecia quase grande demais para ser suportado. Nas paredes do solitário aposento trancado onde passara grande parte de sua infância, havia pendurado com as próprias mãos o terrível retrato cujas feições cambiantes lhe mostravam a verdadeira degradação de sua vida, e diante dele pendurara, como uma cortina, a colcha púrpura e dourada. Passava semanas sem ir ao aposento, esquecia aquela horrível coisa pintada e recuperava seu coração alegre, sua maravilhosa alegria, sua absorção apaixonada pela mera existência. Então, de repente, em alguma noite ele saía furtivamente de casa, descia para lugares terríveis perto de Blue Gate Fields e lá permanecia por dias a fio, até ser expulso.[21] Ao voltar, sentava-se diante do quadro, às vezes com ódio tanto do retrato quanto de si mesmo, outras vezes cheio daquele orgulho individualista que é metade do fascínio do pecado, e sorria com um prazer secreto para a sombra disforme que suportava o fardo que deveria ser dele próprio.

Ao fim de alguns anos, não suportou permanecer muito tempo longe da Inglaterra, de modo que desistiu da mansão que compartilhava com lorde Henry em Trouville, assim como da casinha branca murada em Algiers onde mais de uma vez haviam passado o inverno. Odiava separar-se do retrato que representava uma parte tão grande de sua vida, e também receava que durante sua ausência alguém pudesse obter acesso ao aposento, a despeito das elaboradas barras que havia mandado colocar na porta.

Estava bem consciente de que o retrato não explicaria nada a ninguém. É verdade que o quadro ainda conservava, sob toda a indecência e feiura do rosto, uma marcada semelhança consigo mesmo;

mas o que poderiam entender com aquilo? Ele riria de qualquer um que tentasse provocá-lo. Não havia sido ele o pintor. Que importância tinha para ele o semblante vil e cheio de desonra da coisa? Mesmo se ele lhes contasse a verdade, alguém acreditaria?

Mesmo assim, sentia medo. Às vezes, quando estava em sua grande casa em Nottinghamshire, entretendo elegantes rapazes de sua própria classe, seus principais companheiros, e surpreendendo a província com o luxo despudorado e o magnífico esplendor de seu estilo de vida, ele de repente deixava seus convidados e corria de volta para a cidade, para ver se a porta não havia sido forçada e se o retrato continuava lá. E se fosse roubado? Esse simples pensamento o deixava gelado de horror. Então certamente o mundo conheceria seu segredo. Talvez inclusive já suspeitasse dele.

Afinal, embora ele exercesse fascínio sobre muitos, não eram poucos os que nutriam desconfianças. Quase fora rejeitado em um clube do West End ao qual seu nascimento e posição social lhe davam pleno direito de se tornar membro, e foi dito que, em uma ocasião, ao ser levado por um amigo à sala de fumo do clube Churchill, o duque de Berwick e outro cavalheiro levantaram-se de um modo chamativo e saíram. Depois que completou vinte e cinco anos, curiosas histórias sobre ele tornaram-se frequentes. Correu o boato de que fora visto brigando com marujos estrangeiros em um antro em regiões distantes de Whitechapel, que ele andava com ladrões e moedeiros falsos e conhecia todos os mistérios do ramo. Suas extraordinárias ausências tornaram-se notórias, e, quando reaparecia na sociedade, os homens cochichavam entre si nos cantos, ou passavam por ele com desdém, ou o encaravam com um olhar frio e perscrutador, como se estivessem determinados a descobrir seu segredo.[22]

É claro que ele não dava atenção a estas insolências e tentativas de menosprezo, e na opinião de muita gente seu jeito franco e cordial, seu charmoso sorriso de menino e a infinita graça daquela maravilhosa juventude que parecia nunca o deixar eram em si mesmos resposta suficiente às calúnias, pois assim eram chamados os boatos que circulavam a seu respeito. Observou-se, porém, que alguns daqueles que haviam sido mais íntimos dele pareciam, depois de um tempo, evitá-lo. Mulheres que o haviam adorado loucamente, que por ele enfrentaram toda a censura social e desafiaram convenções, eram vistas empalidecendo de vergonha ou horror se Dorian Gray entrasse na sala.[23]

No entanto, estes escândalos cochichados apenas aumentaram, aos olhos de muitos, seu estranho e perigoso encanto. Sua grande riqueza era um certo elemento de segurança. A sociedade, pelo menos a sociedade civilizada, nunca está muito disposta a acreditar em nada que desabone aqueles ao mesmo tempo ricos e fascinantes. Sente instintivamente que as boas maneiras são mais importantes que a moral e, em sua opinião, a mais alta respeitabilidade tem muito menos valor do que possuir um bom *chef*. Afinal de contas, é um péssimo consolo saber que o homem que nos ofereceu um péssimo jantar ou um péssimo vinho tem a vida privada irrepreensível. Nem mesmo virtudes cardeais podem compensar *entrées*[24] mornas, como observou certa vez lorde Henry, numa discussão sobre o assunto; e possivelmente há muito a ser dito sobre sua opinião. Pois as regras da boa sociedade são, ou deveriam ser, iguais às regras da arte. A forma é absolutamente essencial para isso. Deveriam ter a dignidade de uma cerimônia, bem como sua irrealidade, e combinar o caráter insincero de uma peça romântica com a inteligência e a beleza que tornam tais peças encantadoras para nós. Será

que a insinceridade é assim tão terrível? Eu acho que não. É apenas um método pelo qual podemos multiplicar nossas personalidades.

De qualquer forma, essa era a opinião de Dorian Gray, que costumava se perguntar sobre a psicologia superficial daqueles que concebem o Ego no homem como uma coisa simples, permanente, confiável e de essência única. Para ele, o homem era um ser com inúmeras vidas e inúmeras sensações, uma criatura complexa e multiforme que carregava em si estranhos legados de pensamento e paixão, e cuja própria carne estava contaminada pelas monstruosas doenças da morte. Adorava passear pela galeria de quadros de sua casa de campo e observar os vários retratos daqueles cujo sangue corria em suas veias. Ali estava Philip Herbert, descrito por Francis Osborne, em suas *Memórias sobre os reinados da Rainha Elizabeth e do Rei Jaime*, como alguém que foi "acariciado pela corte por seu belo rosto, que não manteve por muito tempo". Será que era a vida do jovem Herbert que ele às vezes levava? Teria algum estranho germe venenoso passado de geração em geração até atingir a sua? Teria sido alguma vaga sensação daquela graça arruinada que o fez de modo tão repentino, e quase sem motivo, proferir no ateliê de Basil Hallward a louca oração que tanto mudara sua vida? Ali, usando um gibão vermelho bordado a ouro, um manto cravejado de joias com gola de rufos e pulseiras da melhor qualidade, estava sir Anthony Sherard, com sua armadura prateada e preta empilhada a seus pés. Qual fora o legado daquele homem? Teria o amante de Joana de Nápoles[25] legado a ele alguma herança de pecado e vergonha? Seriam suas próprias ações apenas sonhos que o morto não ousara realizar? Ali, numa tela desbotada, sorria lady Elizabeth Devereux, com sua touca de gaze, corpete de pérolas e mangas bufantes cor-de-rosa. Tinha uma flor na mão direita e a esquerda segurava um colar esmaltado de rosas brancas e adamascadas. Numa mesa ao lado havia um bandolim e uma maçã. Os sapatinhos pontudos exibiam grandes rosetas verdes. Ele

conhecia a sua vida e as estranhas histórias contadas sobre seus amantes.[26] Será que havia nele algo do temperamento dela? Aqueles olhos ovais de pálpebras pesadas pareciam encará-lo com curiosidade. E quanto a George Willoughby, com seu cabelo empoado e pintas fantásticas[27]? Como parecia malvado! Tinha o rosto taciturno e moreno, e os lábios sensuais pareciam retorcidos de desdém. Delicados babados de renda caíam sobre as mãos magras e amareladas, tão sobrecarregadas de anéis. Ele havia sido um macaroni[28] do século XVIII e amigo, na juventude, de lorde Ferrars. E quanto ao segundo lorde Beckenham, companheiro do príncipe regente em seus dias mais loucos e uma das testemunhas do casamento secreto com a sra. Fitzherbert?[29] Como era altivo e bonito, com seus cabelos castanhos encaracolados e sua pose insolente! Que paixões ele legara? O mundo o considerava infame. Era ele quem conduzira as orgias em Carlton House[30]. Brilhava em seu peito a estrela da ordem da Jarreteira[31], e, ao lado dele, estava pendurado o retrato de sua esposa, uma mulher pálida, de lábios finos, vestida de preto. O sangue dela também corria em suas veias. Como tudo aquilo era curioso! E sua mãe, com rosto de lady Hamilton[32] e lábios úmidos e manchados de vinho — ele sabia bem o que havia herdado dela. Herdara sua beleza e sua paixão pela beleza dos outros. Ela ria para ele em seu vestido solto de bacante. Havia folhas de videira em seu cabelo. O roxo derramava-se da xícara que segurava. Os rosados da pintura haviam esmaecido, mas os olhos continuavam maravilhosos em sua profundidade e brilho de cor. Pareciam segui-lo aonde quer que fosse.[33]

No entanto, é possível ter, tanto na literatura quanto na própria raça, ancestrais talvez mais próximos em tipo e temperamento, vários deles, e certamente com uma influência da qual se está mais absolutamente consciente. Houve tempos em que Dorian Gray sentia que toda a

História não passava do registro de sua própria vida, não como ele a vivera em atitudes e acontecimentos, mas como sua imaginação a criara, como tinha vivenciado em seu cérebro e em suas paixões. Ele sentia que conhecia todas aquelas estranhas e terríveis figuras que passaram pelo palco do mundo, tornando o pecado tão maravilhoso e o mal tão cheio de sutileza. Parecia-lhe que, de alguma forma misteriosa, as vidas dessas pessoas eram a sua.

O herói do maravilhoso romance que tanto influenciou sua vida havia, ele próprio, experimentado essa curiosa fantasia. Conta no sétimo capítulo que, coroado de louros para não ser atingido por um raio, sentou-se, como Tibério, num jardim de Capri, lendo os vergonhosos livros de Elefantis[34] enquanto anões e pavões desfilavam com pompa ao seu redor e o tocador de flauta zombava do balanço do incensário; e, tal como Calígula, festejou com cavalariços de camisas verdes em seus estábulos, jantou numa manjedoura de marfim com um cavalo enfeitado de joias; e, como Domiciano, vagou por um corredor coberto de espelhos de mármore, olhando em volta, com semblante abatido, em busca do reflexo da adaga que colocaria um fim em sua vida, doente de tanto tédio, aquele terrível *tædium vitæ*[35] que recai sobre aqueles a quem a vida nada nega; e espiou através de uma esmeralda clara a carnificina rubra do Coliseu,[36] e então, numa liteira de pérola e púrpura puxada por mulas com ferraduras de prata, foi carregado pela Rua das Romãs até uma Casa de Ouro, e enquanto passava ouvia os homens clamando por Nero César; e, como Heliogábalo, pintou o rosto, teceu na roca de fiar com as mulheres, trouxe a Lua de Cartago e deu-a em casamento místico ao Sol.[37]

Por várias e várias vezes, Dorian lia aquele capítulo fantástico e os dois capítulos seguintes, nos quais, como em algumas estranhas tapeçarias ou alguns vidros esmaltados habilmente trabalhados, eram retratadas as formas terríveis e belas daqueles a quem o Vício, o Sangue e o Cansaço tornaram monstruosos ou loucos: Filippo, duque de Milão, que assassinou a esposa e pintou seus lábios com um veneno escarlate para que o amante dela sugasse a morte do corpo sem vida que acariciava; Pietro Barbo, o veneziano conhecido como Paulo II que em sua vaidade buscou assumir o título de O Formoso, e cuja tiara, avaliada em duzentos mil florins, foi comprada pelo preço de um pecado terrível;[38] Gian Maria Visconti, que usava cães para perseguir homens vivos e cujo corpo assassinado foi coberto de rosas por uma prostituta que o amou; Bórgia cavalgando num cavalo branco ao lado do fratricida,

com seu manto manchado com o sangue de Perotto;[39] Pietro Riario, o jovem cardeal arcebispo de Florença, filho e seguidor de Sisto IV, cuja beleza só se igualava à sua devassidão, que recebeu Leonor de Aragão num pavilhão de seda branca e carmesim, cheio de ninfas e centauros, e pintou um menino de dourado para que pudesse servi-lo na festa como Ganímedes ou Hilas[40]; Ezzelino, cuja melancolia só poderia ser curada pelo espetáculo da morte, e que nutria uma paixão pelo vermelho do sangue, como outros homens têm pelo vinho tinto — era filho do Demônio, dizia-se, alguém que trapaceara o próprio pai nos dados quando apostava com ele por sua própria alma; Giambattista Cibo, que por zombaria adotou o nome de Inocêncio, e em cujas veias torpes foi infundido o sangue de três rapazes por um médico judeu; Sigismundo Malatesta, amante de Isotta e senhor de Rimini, cuja efígie foi queimada em Roma como inimigo de Deus e do Homem, que estrangulou Polissena com um guardanapo e deu veneno a Ginevra d'Este num copo de esmeralda, e em homenagem a uma paixão vergonhosa construiu uma igreja pagã para o culto cristão; Carlos VI, que adorava tão loucamente a esposa de seu irmão que um leproso o alertou da insanidade que se apoderava dele, e que, quando seu cérebro havia adoecido e ficado estranho, só pôde ser acalmado por cartões sarracenos[41] pintados com as imagens do Amor, da Morte e da Loucura; Grifonetto Baglioni, que, com seu gibão enfeitado, o gorro adornado de joias e cachos como acanto, matou Astorre junto de sua noiva, e Simonetto com seu pajem, cuja beleza era tamanha que, enquanto ele morria na praça amarela de Perúgia, aqueles que o odiavam nada puderam fazer senão chorar, e Atalanta, que o havia amaldiçoado, o abençoou.

Havia um fascínio horrível em todas aquelas pessoas. Ele os via à noite e, durante o dia, perturbavam sua imaginação. A Renascença conhecia formas estranhas de envenenamento — por meio de um elmo e de uma tocha acesa, com uma luva bordada e um leque cravejado de joias, com uma bola aromática dourada[42] e com uma corrente de âmbar. Dorian Gray foi envenenado por um livro.[43] Houve momentos em que ele via o mal simplesmente como um meio através do qual poderia concretizar sua concepção da beleza.

---

1. Nas versões anteriores à de 1891, o narrador reforça a ideia de que Dorian Gray não teme um desfecho como o do livro, já que sua beleza persiste — e, além da beleza, ele também já não tem mais ninguém a perder. ↩
2. Essa citação não vem de Dante, mas ecoa uma passagem quase idêntica do romance *Marius the Epicurean* (1885), de Walter Pater, cuja visão sobre Dante influenciou escritores ingleses no final do século XIX. [N. de T.] ↩
3. O dandismo nasceu como um código de vestimentas elegantes entre aqueles que davam extrema importância à aparência física e ao modo de se vestir. Foi popularizado no início do século XIX na Inglaterra pelo dândi Beau Brummell, cuja influência sobre a moda dos jovens espelha a de Dorian Gray, e depois, no final do século, pelo próprio Wilde, buscando causar sensação com roupas desenhadas por ele mesmo. Para Baudelaire, o dandismo era uma forma de provocar o conformismo da classe média,e o dândi, aquele que elevava a estética a uma forma de espiritualidade, quase uma religião. [N. de T.] ↩
4. Nero (37-68 d.C.), imperador notório por seus excessos e assassinatos e a quem se atribui o incêndio de Roma. O *Satyricon*, obra que sobreviveu apenas em fragmentos, é uma narrativa cômica de tom explicitamente homoerótico, e sua autoria é atribuída a Petrônio Arbiter, considerado em sua época "o árbitro da elegância". [N. de T.] ↩
5. Na mitologia grega, Hypnos, ou Somnus para os romanos, é a personificação do sono. Nas *Metamorfoses*, de Ovídio, Somnus vive numa caverna púrpura à beira-mar cuja entrada possui papoulas que induzem ao sono. [N. de T.] ↩
6. Traje litúrgico utilizado pelo padre durante a missa, usado por cima da túnica e da estola. [N. de T.] ↩
7. Doutrina luterana que prega que, em nome da supremacia da fé e da graça divina, cristãos não estão sujeito às leis dos homens. [N. de T.] ↩
8. Jurupari é tanto o nome genérico dado a instrumentos de sopro no território indígena do Alto Rio Negro quanto o conjunto de rituais de iniciação masculina em que esses

instrumentos são utilizados; ambos, o ritual e os instrumentos, não são permitidos às mulheres. Wilde entrou em contato com estes através de uma exposição no Victória & Albert Museum. [N. de T.] ↩

9. Flauta utilizada na celebração também chamada Turé, característica de comunidades indígenas do Oiapoque, no Amapá. [N. de T.] ↩
10. Ópera de Richard Wagner exibida pela primeira vez em 1845, cujo tema é a redenção pelo amor. [N. de T.] ↩
11. O duque Anne de Joyeuse (1560-1587), um dos "favoritos" do rei Henrique III da França, alvo constante à época de boatos sobre sua sexualidade. [N. de T.] ↩
12. Neste contexto, "à moda antiga". [N. de T.] ↩
13. Livro de fábulas moralizantes escrito na Espanha do século XII pelo filósofo de origem judaica Pedro Afonso. [N. de T.] ↩
14. Nome antigo dado por europeus e chineses ao Japão. [N. de T.] ↩
15. O oriente é o brilho iridescente produzido pelo reflexo da luz através das diferentes camadas de nácares, chamado cristais de aragonite. Quanto mais finas e numerosas forem as camadas, mais "oriente" terá a pérola. [N. de T.] ↩
16. Técnica de rendado feita sobre uma base de tecido de algodão. [N. de T.] ↩
17. Tecido japonês usado como embrulho de presente ou durante cerimônias de chá japonesas. [N. de T.] ↩
18. Traje usado por noviças ao fazerem seus votos. [N. de T.] ↩
19. Vestimentas sacerdotais. [N. de T.] ↩
20. Itens utilizados na missa. O corporal é um pano quadrangular sobre o qual se coloca o cálice com o vinho e a patena com o pão, a pala é utilizada para cobrir a patena e o cálice, e o sanguinho é utilizado para limpar o cálice e enxugar os lábios nas celebrações. [N. de T.] ↩
21. No datiloscrito, além de ser expulso, Dorian Gray precisa subornar certos indivíduos que testemunharam suas ações. ↩
22. No datiloscrito, o narrador também informa sobre o ciúme que outros homens sentiam de Dorian Gray devido ao sentimento que ele despertava nas mulheres. ↩
23. Segundo o datiloscrito, lorde Henry era o único amigo que lhe permanecia leal. É narrado também que a corrupção de Dorian Gray era tamanha que até mesmo criaturas pecadoras que vagavam pelas ruas à noite o amaldiçoavam, cientes dos horrores da vida que ele levava. ↩
24. Entradas. [N. de T.] ↩
25. Joana II de Nápoles (1371-1435) ficou conhecida pelos muitos maridos e casos amorosos. [N. de T.] ↩
26. A versão do datiloscrito é bem mais indiscreta: lá se fala da morte daqueles que prestavam "favores" a lady Elizabeth. ↩

27. No século XVIII, pequenas pintas de veludo eram coladas no rosto por modismo elegante. [N. de T.] ↩
28. Homens obcecados pela moda e por hábitos elegantes no século XVIII, precursores dos dândis e caracterizados pelas imensas perucas. [N. de T.] ↩
29. Devido à doença mental do rei Jorge III, seu filho governou como príncipe regente a partir de 1811. Apaixonou-se por Maria Fitzherbert, uma católica duas vezes divorciada, e casou-se com ela em segredo em 1785. Apesar do casamento ter sido anulado, ela seguiu sendo sua amante, mesmo após sua coroação como Jorge IV e seu casamento oficial com Caroline de Brunswick. [N. de T.] ↩
30. Morada do príncipe regente quando este era ainda príncipe de Gales. [N. de T.] ↩
31. A mais antiga e prestigiosa ordem militar de cavalaria da Inglaterra. [N. de T.] ↩
32. Lady Emma Hamilton (1761-1815), amante de lorde Nelson, era conhecida pela beleza e foi retratada por diversos artistas de sua época. [N. de T.] ↩
33. Parte da descrição da mãe é feita para esta versão de 1891. ↩
34. Poetisa grega do século I a.C. conhecida por escrever manuais de sexo, nenhum dos quais sobreviveu, embora sejam mencionados em diversas obras. [N. de T.] ↩
35. Um estado permanente de tédio e desinteresse pela vida. [N. de T.] ↩
36. Segundo Plínio, o Velho, o imperador Nero assistia aos espetáculos do Coliseu usando uma lente feita de um mineral verde. [N. de T.] ↩
37. Segundo Dião Cássio, o imperador Heliogábalo (204-222 d.C.) costumava vestir roupas, perucas e maquiagens femininas, e mandou trazer de Cartago a estátua de Tanit, deusa da Lua, para celebrar seu casamento com o deus Sol, chocando os romanos. [N. de T.] ↩
38. O papa Paulo II (1417-1471), segundo boatos da época, seria homossexual e teria morrido de um ataque cardíaco enquanto era sodomizado por um pajem. [N. de T.] ↩
39. Césare Bórgia, filho do Papa Alexandre VI, teria esfaqueado Perotto, o amante de sua irmã Lucrécia, que morreu ensanguentado nos braços do papa. [N. de T.] ↩
40. Na mitologia grega, Ganímedes é um jovem pastor pelo qual Zeus se apaixona e que leva ao Olimpo para servi-lo como copeiro; Hilas era um jovem companheiro e amante de Hércules, também conhecido pela beleza. [N. de T.] ↩
41. Cartas de tarô. [N. de T.] ↩
42. Bolas contendo perfumes, utilizadas à época tanto como difusor de aromas quanto para evitar doenças. [N. de T.] ↩
43. No datiloscrito, além de mencionar o livro, o narrador menciona também o retrato como um agente corruptor. ↩

capítulo 12

Foi no dia 9 de novembro, véspera do seu trigésimo oitavo aniversário, como ele recordaria muitas vezes depois.

Estava voltando para casa por volta das onze horas, vindo da casa de lorde Henry, onde havia jantado, e envolto num pesado casaco de pele, pois a noite estava fria e enevoada. Na esquina da Grosvenor Square com a rua South Audley, um homem passou por ele no meio da neblina, andando apressado e com a gola do sobretudo cinza levantada. Segurava uma valise. Dorian o reconheceu. Era Basil Hallward. Uma estranha sensação de medo, que não conseguia explicar, tomou conta de si. Fingiu não o reconhecer e seguiu rapidamente em direção à sua casa.

Mas Hallward o tinha visto. Dorian o ouviu primeiro parar na calçada e depois começar a correr atrás dele. Em pouco tempo a mão dele tocou seu braço.

— Dorian! Que sorte extraordinária! Estive desde as nove o esperando na sua biblioteca. No fim, acabei ficando com pena do seu criado, que estava cansado, e disse-lhe para ir se deitar enquanto ele me acompanhava à porta. Vou para Paris no trem da meia-noite e quis ver especialmente você antes de partir. Achei que fosse você, ou, no caso, seu casaco de pele, quando passou por mim. Mas não tive certeza. Não me reconheceu?

— Nesta neblina, meu querido Basil? Ora, não consigo reconhecer nem Grosvenor Square. Creio que minha casa seja por aqui, mas não

estou muito certo disso. Lamento que esteja indo embora, pois não o vejo há muito tempo. Mas suponho que volte em breve?

— Não, vou passar seis meses fora da Inglaterra. Pretendo alugar um ateliê em Paris e me trancar nele até terminar um grande retrato que tenho em mente. No entanto, não era sobre mim que queria falar. Estamos bem diante da sua porta. Deixe-me entrar por um momento. Tenho algo a lhe dizer.

— Vou ficar encantado. Mas você não vai perder o trem? — disse Dorian Gray, languidamente, enquanto subia os degraus e destrancava a porta.

A luz do poste aparecia com dificuldade através da neblina e Hallward conferiu o relógio.

— Tenho bastante tempo — respondeu ele. — O trem só parte à meia-noite e quinze, e são apenas onze horas. Na verdade, eu estava indo ao clube procurar por você quando o encontrei. Como pode ver, não vou me atrasar com bagagens, pois já enviei minhas coisas pesadas. Tudo o que tenho comigo está nesta bolsa e consigo facilmente chegar à estação Victoria em vinte minutos.

Dorian olhou para ele e sorriu.

— Isso é jeito de um pintor da moda viajar? Uma valise Gladstone[1] e um sobretudo! Entre, ou a neblina invadirá a casa. E lembre-se de não falar de nada sério. Nada é sério hoje em dia. Pelo menos nada deveria ser.

Hallward balançou a cabeça ao entrar e seguiu Dorian até a biblioteca. A lenha ardia, brilhante, na espaçosa lareira. As lamparinas estavam acesas e sobre uma mesinha de marchetaria havia uma caixa de bebidas holandesa em prata, com alguns sifões de água com gás e grandes copos de vidro lapidado.

— Como pode perceber, seu criado me deixou bem à vontade, Dorian. Me deu tudo que pedi, inclusive seus melhores cigarros de pontas douradas. É uma pessoa muito acolhedora. Gosto muito mais dele do que do francês que você tinha antes. A propósito, o que aconteceu com o francês?

Dorian encolheu os ombros.

— Creio que se casou com a criada de lady Radley e a estabeleceu como costureira inglesa em Paris. Ouvi dizer que a anglomania anda muito na moda por lá. Parece bobagem de francês, não é? Mas... sabe de uma coisa? Ele não era um mau criado. Nunca gostei dele, mas não tinha do que reclamar. Muitas vezes imaginamos coisas bastante absurdas. Era realmente muito dedicado a mim e pareceu muito desconsolado quando foi embora. Quer outro conhaque com soda? Ou prefere um *hock-and-seltzer*[2]? É o que eu sempre tomo. Com certeza deve haver alguns na sala ao lado.

— Obrigado, não quero mais nada — disse o pintor, tirando o chapéu e o casaco e jogando-os sobre a valise que colocara no canto. — E agora, meu caro amigo, quero falar seriamente com você. Não faça cara feia. Torna tudo muito mais difícil para mim.

— Sobre o que é tudo isso? — exclamou Dorian com seu jeito petulante, jogando-se no sofá. — Espero que não seja sobre mim. Estou cansado de mim mesmo esta noite. Gostaria de ser outra pessoa.

— É sobre você — respondeu Hallward, com sua voz grave e profunda —, e preciso lhe dizer isso. Só tomarei meia hora do seu tempo.

Dorian suspirou e acendeu um cigarro.

— Meia hora! — murmurou ele.

— Não é pedir muito de você, Dorian, e falo inteiramente para o seu próprio bem. Acho justo que saiba que estão dizendo as coisas mais horríveis a seu respeito em Londres.

— Não quero saber nada sobre isso. Adoro escândalos sobre outras pessoas, mas escândalos a meu próprio respeito não me interessam. Não têm o encanto da novidade.

— Eles deveriam lhe interessar, Dorian. Todo cavalheiro está interessado em seu bom nome. Você não quer que as pessoas falem de você como alguém vil e degradado. É claro que você tem sua posição, sua fortuna e tudo mais. Mas posição e fortuna não são tudo. Veja bem, eu não acredito nesses rumores. Pelo menos, não consigo acreditar neles quando vejo você. O pecado é algo que fica escrito no rosto de um homem. Não pode ser escondido. Às vezes as pessoas falam de vícios secretos. Não existe esse tipo de coisa. Se um infeliz tem um vício, ele se manifesta nas linhas de sua boca, no jeito como suas pálpebras se fecham, até mesmo no formato das mãos. Alguém, não vou mencionar o nome, mas você o conhece, veio até mim ano passado para que eu fizesse seu retrato. Eu nunca o havia visto antes e nunca havia escutado nada sobre ele naquela época, embora tenha ouvido muitas coisas desde então. Ele ofereceu um preço extravagante. Eu recusei. Havia algo no formato de seus dedos que eu odiava. Agora sei que estava certo sobre o que pensava dele. Leva uma vida terrível. Mas você, Dorian, com seu rosto puro, brilhante e inocente, sua juventude maravilhosa e despreocupada... não posso acreditar em nada contra você. E, ainda assim, o vejo muito raramente, e você não costuma mais ir ao ateliê, e quando estamos afastados e ouço todas essas coisas horríveis que as pessoas estão sussurrando a seu respeito, não sei o que dizer. Dorian, por que é que um homem como o duque de Berwick sai da sala de um

clube quando você entra? Por que é que tantos cavalheiros em Londres não vão à sua casa nem o convidam para ir à deles? Você era amigo de lorde Staveley. Eu o conheci num jantar semana passada. Seu nome surgiu durante uma conversa, em conexão com as miniaturas que você emprestou para a exposição na galeria Dudley. Staveley fez cara feia e disse que você até poderia ter os gostos mais artísticos, mas que era um homem ao qual não se deveria permitir que nenhuma moça pura conhecesse e com quem nenhuma mulher casta deveria sentar-se na mesma sala. Lembrei-o de que era seu amigo e perguntei o que ele queria dizer com isso. Ele me falou. Me contou na frente de todo mundo. Foi horrível! Por que sua amizade é tão fatal para os jovens?[3] Teve aquele garoto miserável da cavalaria de Guarda que cometeu suicídio. Você era grande amigo dele. Houve sir Henry Ashton, que teve de deixar a Inglaterra com a honra manchada. Vocês dois eram inseparáveis. E quanto a Adrian Singleton e seu terrível fim? E quanto ao único filho de lorde Kent e sua carreira? Conheci o pai dele ontem na rua St. James. Parecia arrasado pela vergonha e pela tristeza. E o jovem duque de Perth? Que tipo de vida leva agora? Que cavalheiro iria querer ser visto com ele?

— Chega, Basil. Você está falando de coisas sobre as quais não faz ideia — disse Dorian Gray, mordendo o lábio e com um tom de infinito desprezo na voz. — Você me pergunta por que Berwick sai de uma sala quando eu entro. É porque sei tudo sobre a vida dele, não porque ele saiba alguma coisa sobre a minha. Com o sangue que corre em suas veias, como seu histórico poderia ser limpo? Você me pergunta sobre Henry Ashton e o jovem Perth. Por acaso fui eu quem ensinei a um seus vícios e a outro sua devassidão? Se o imbecil do filho de Kent tirou a esposa da sarjeta, o que tenho a ver? Se Adrian Singleton falsifica o

nome de um amigo em cheques, por acaso sou seu guardião? Conheço as conversas-fiadas das pessoas na Inglaterra. A classe média expõe seus preconceitos morais em suas vulgares mesas de jantar e cochicha sobre o que chama de devassidão de seus superiores, tudo para tentar fingir que fazem parte de uma sociedade elegante e são próximos das pessoas que caluniam. Neste país, basta que um homem tenha distinção e inteligência para que as más línguas se voltem contra ele. E que tipo de vida levam essas pessoas que se apresentam como morais? Meu caro amigo, você esquece que estamos na terra natal dos hipócritas.

— Dorian — disse Hallward —, essa não é a questão. A Inglaterra já é suficientemente má, sei disso, e a sociedade inglesa está toda errada. Essa é a razão pela qual quero que você fique bem. Você não anda bem. Temos o direito de julgar um homem pelo efeito que ele exerce sobre seus amigos. Os seus parecem perder todo o senso de honra, de bondade, de pureza. Você os encheu com uma loucura pelo prazer. Eles desceram às profundezas. Você os conduziu até lá. Sim: você os conduziu até lá, e ainda assim consegue sorrir, como está sorrindo agora. E ainda há coisas piores por trás. Sei que você e Harry são inseparáveis. Esse motivo, se não houver nenhum outro, deveria ser o bastante para não fazer o nome da irmã dele circular na boca de todo mundo.

— Tome cuidado, Basil. Está indo longe demais.

— Eu preciso falar e você precisa ouvir. E vai ouvir.[4] Quando você conheceu lady Gwendolen, nenhum escândalo nunca a havia atingido. Existe agora pelo menos uma mulher decente em Londres que a acompanharia em um passeio no parque? Ora, nem mesmo seus filhos têm permissão para viver com ela. E ainda há outras histórias... histórias de que você foi visto rastejando ao amanhecer, saindo de casas horríveis e se esgueirando disfarçado para os covis mais imundos de Londres.

Esses boatos são verdadeiros? Podem ser verdadeiros? Quando os ouvi pela primeira vez, eu ri. Mas quando os ouço agora, me fazem estremecer. E a sua casa de campo, que tipo de vida se leva lá? Dorian, você não tem ideia do que dizem a seu respeito. Não vou dizer que não quero lhe passar um sermão. Lembro de Harry dizendo uma vez que todo homem que se transforma em pároco amador por um instante começa dizendo isso e depois quebra sua palavra. Eu quero passar-lhe um sermão. Quero que você leve uma vida que faça com que o mundo o respeite. Quero que tenha um nome puro e um histórico justo. Quero que se livre das pessoas horríveis com quem se relaciona. Não encolha os ombros assim. Não seja tão indiferente. Você tem uma influência maravilhosa. Que seja para o bem e não para o mal. Dizem que você corrompe todos de quem se torna íntimo, e que basta entrar numa casa para que algum tipo de vergonha o siga. Não sei se é verdade ou não. Como eu poderia saber? Mas é o que dizem sobre você. Disseram-me coisas das quais parece impossível duvidar. Lorde Gloucester foi um dos meus maiores amigos em Oxford. Ele me mostrou uma carta que a esposa lhe escreveu enquanto morria sozinha em sua *villa* em Mentone. Seu nome foi envolvido na confissão mais terrível que já li.[5] Eu lhe disse que era um absurdo, que eu lhe conhecia perfeitamente e que você era incapaz de algo desse tipo. Eu conheço você? Eu me pergunto, eu conheço você? Antes que pudesse responder, eu teria que ver sua alma.

— Ver minha alma! — murmurou Dorian Gray, levantando-se do sofá e quase empalidecendo de medo.

— Sim — respondeu Hallward, muito sério e com profundo pesar na voz —, ver sua alma. Mas só Deus pode fazer isso.

Uma amarga risada de zombaria escapou dos lábios do jovem.

— Você mesmo a verá esta noite! — ele anunciou, pegando uma luminária da mesa. — Venha: é obra sua. Por que não poderia olhar? Se quiser, pode contar a todo mundo depois. Ninguém vai acreditar em você. Se acreditassem, gostariam ainda mais de mim por isso. Conheço nosso tempo melhor do que você, ainda que você tagarele sobre isso de maneira tão tediosa. Venha, já disse. Você já falou o suficiente sobre corrupção. Agora vai vê-la cara a cara.

Havia um tom de loucura e de orgulho em cada palavra que pronunciava. Ele bateu o pé no chão com seu jeito insolente e infantil. Sentiu uma alegria terrível ao pensar que outra pessoa iria partilhar de seu segredo, e que o homem que havia pintado o retrato que estava na origem de toda a sua vergonha seria carregado pelo resto da vida com a horrível lembrança do que tinha feito.

— Sim — continuou, aproximando-se dele e olhando firmemente em seus olhos severos —, vou mostrar-lhe minha alma. Você verá aquilo que imagina que só Deus pode ver.

Hallward recuou.

— Isso é blasfêmia, Dorian! — ele gritou. — Você não pode dizer esse tipo de coisa. Elas são horríveis e não significam nada.

— Você acha? — Ele riu de novo.

— Eu sei que sim. Quanto ao que lhe disse esta noite, foi para o seu bem. Você sabe que sempre fui seu amigo fiel.

— Não me toque. Termine o que você tem a dizer.

Um lampejo distorcido de dor percorreu o rosto do artista, que por um instante parou, sendo tomado por um sentimento selvagem de pesar. Afinal, que direito ele tinha de se intrometer na vida de Dorian Gray? Se tivesse feito um décimo do que se dizia a seu respeito, o quanto devia ter sofrido! Então ele endireitou a postura, caminhou até a lareira

e ficou ali, olhando para os troncos em chamas com cinzas nevadas e núcleos de chamas latejantes.

— Estou esperando, Basil — disse o jovem, num tom de voz ríspido e claro.

Ele se virou.

— O que tenho a dizer é isto — falou ele. — Você me deve alguma resposta para essas acusações horríveis que fazem contra você. Se me disser que são absolutamente falsas do começo ao fim, acreditarei em você. Negue-as, Dorian, negue-as! Você não consegue ver o que estou passando? Meu Deus! Não me diga que você é mau, corrupto e vergonhoso.

Dorian Gray sorriu. Havia uma onda de desprezo em seus lábios.

— Suba, Basil — disse calmamente. — Eu mantenho um diário da minha vida dia após dia, que nunca sai do aposento onde o escrevo. Vou lhe mostrar se vier comigo.

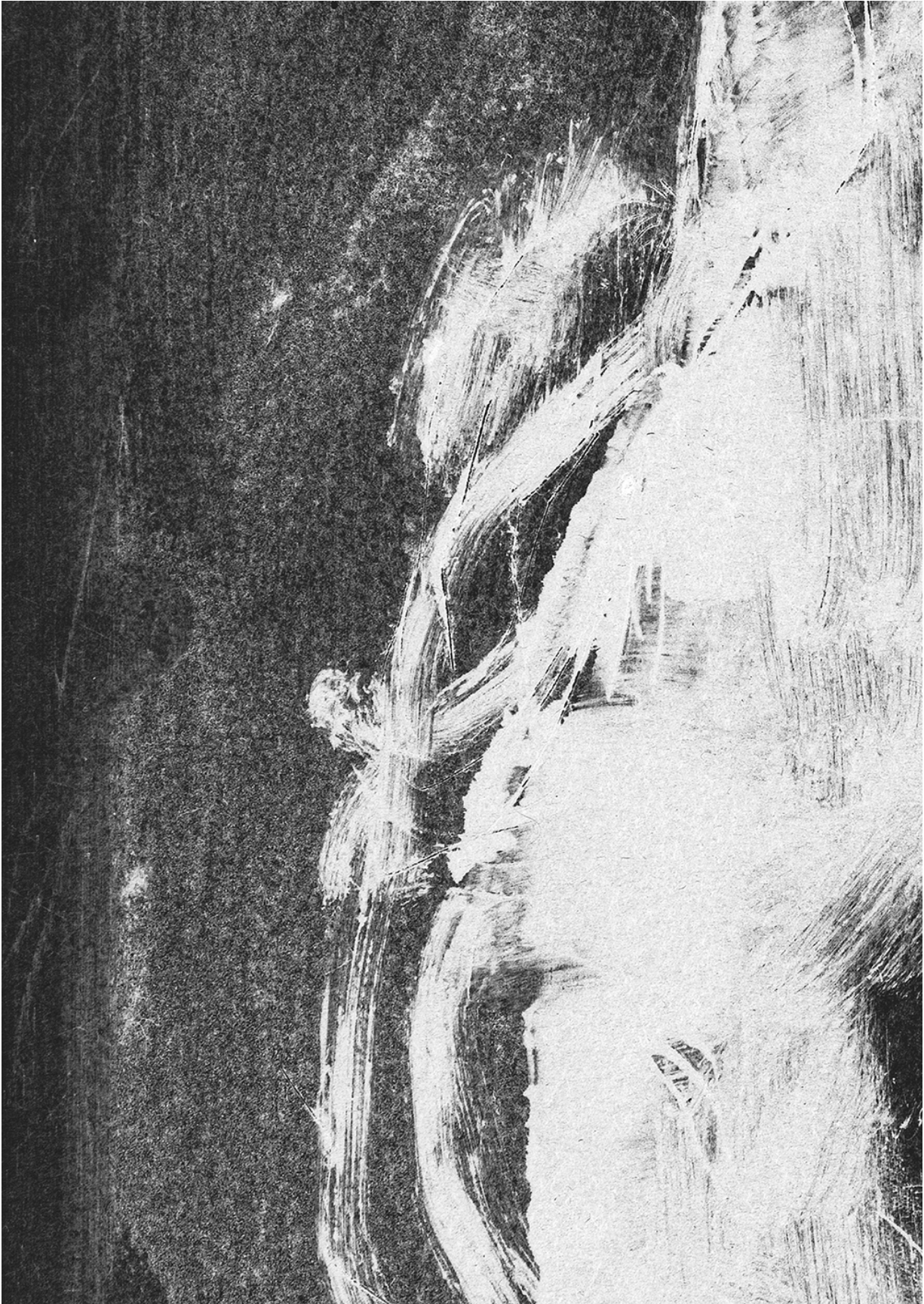
— Irei com você, Dorian, se é o que deseja. Vejo que perdi meu trem, mas não importa. Posso ir amanhã. Mas não me peça para ler nada esta noite. Tudo o que quero é uma resposta clara à minha pergunta.

— Isso será dado a você lá em cima. Eu não poderia respondê-la aqui. Você não terá que ler muito.

---

1. Uma Gladstone é uma valise ou maleta pequena de couro que se abre em duas partes iguais, nomeada assim em homenagem ao primeiro-ministro britânico de mesmo nome. [N. de T.] ↩
2. Drinque popular do século XIX, feito de vinho branco e água gaseificada. No poema "The Arrest of Oscar Wilde at the Cardogan Hotel", do poeta inglês John Betjeman, Wilde está bebendo um *hock-and-seltzer* no momento de sua prisão. [N. de T.] ↩
3. No datiloscrito, o questionamento é ligeiramente diferente. Basil Hallward pergunta a Dorian Gray o motivo pelo qual todo homem que ele acolhe descarrila de maneira

imediata. A construção da frase deixava dúbia a possibilidade de Dorian Gray, com frequência, hospedar indivíduos do sexo masculino em casa. ↩

4. É apenas na versão de 1891 que temos esse confronto entre os personagens, incluindo uma pungente crítica à sociedade inglesa e culminando com a determinação enfática de Basil de que ele precisa falar e Dorian Gray precisa ouvi-lo. ↩
5. No datiloscrito, Basil prossegue dizendo que lorde Gloucester suspeitava da participação de Dorian Gray na morte. ↩

capítulo 13

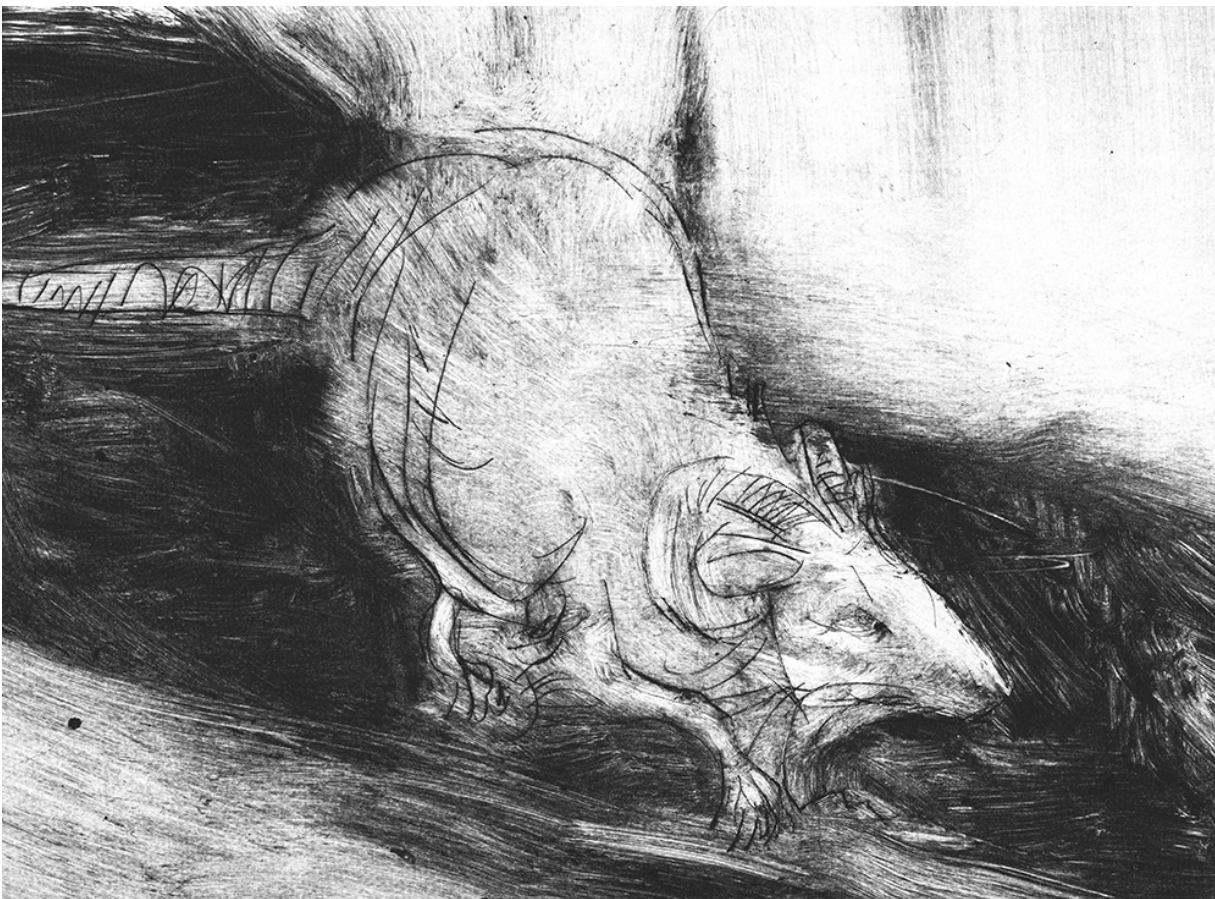
Ele saiu do aposento e começou a subir a escada, com Basil Hallward logo atrás. Caminhavam com suavidade, como os homens instintivamente fazem à noite. A lamparina projetava sombras fantásticas na parede e na escada. Um vento crescente fazia algumas janelas balançarem.

Quando chegaram ao último patamar, Dorian colocou a lamparina no chão e, tirando a chave, girou-a na fechadura.

— Você insiste em saber, Basil? — perguntou ele, em voz baixa.

— Sim.

— Fico encantado — respondeu ele, sorrindo. Depois acrescentou, com certa severidade: — Você é o único homem no mundo que tem o direito de saber tudo a meu respeito. Você teve mais influência na minha vida do que pensa. — Então, pegando a lamparina, abriu a porta e entrou. Uma corrente de ar frio passou por eles e, por um momento, a luz brilhou em uma chama laranja-escura. Ele sentiu um calafrio.

— Feche a porta — sussurrou, enquanto colocava a lamparina sobre a mesa.

Hallward olhou ao redor com uma expressão confusa. O aposento parecia não estar habitado havia anos. Uma tapeçaria flamenga desbotada, um quadro protegido por uma cortina, um velho *cassone* italiano e uma estante quase vazia — era tudo o que parecia conter, além de uma cadeira e uma mesa. Enquanto Dorian Gray acendia uma vela meio queimada que estava sobre a prateleira da lareira, ele viu que todo o lugar estava coberto de poeira e o carpete, cheio de buracos. Um rato correu por trás dos lambris. Havia um odor úmido de mofo.

— Então você acha que só Deus é capaz de ver a alma, Basil? Abra essa cortina e verá a minha.

Falava numa voz fria e cruel.

— Você está louco, Dorian, ou está interpretando um papel — murmurou Hallward, franzindo a testa.

— Não vai abrir? Então faço sozinho — disse o jovem, arrancando a cortina do suporte e atirando-a no chão.

Uma exclamação de horror escapou dos lábios do pintor quando viu, na penumbra, o rosto horrível na tela sorrindo para ele.[1] Algo em sua expressão o enchia de nojo e ódio. Deus do céu! Era para o próprio rosto de Dorian Gray que ele estava olhando! O horror, por maior que fosse, ainda não havia estragado totalmente sua beleza maravilhosa. Ainda havia um pouco de ouro nos cabelos ralos e um pouco de escarlate na boca sensual. Os olhos inexpressivos conservavam algo de sua beleza azul e ainda não haviam desaparecido completamente as curvas nobres de seu nariz esculpido e seu pescoço bem torneado. Sim, era mesmo Dorian. Mas quem fizera aquilo? Ele pareceu reconhecer sua própria pincelada, e a moldura fora desenhada por ele mesmo. A ideia era monstruosa, e, mesmo assim, sentiu-se assustado. Pegou a vela e aproximou-a da imagem. No canto esquerdo estava seu próprio nome, traçado em longas letras laranja-avermelhadas.

Tratava-se de uma paródia suja, uma sátira infame e ignóbil. Ele nunca tinha feito aquilo. Ainda assim, era seu próprio retrato. Ele sabia disso e sentiu como se num instante seu sangue tivesse se transformado de fogo em um gelo viscoso. Seu próprio retrato! O que aquilo significava? Por que havia sido alterado? Ele se virou e encarou Dorian Gray com o semblante de um homem doente. Sua boca se contraiu e sua língua ressecada parecia incapaz de articular palavras. Ele passou a mão pela testa. Estava úmida de um suor pegajoso.

O jovem, apoiado na prateleira da lareira, observava-o com aquela expressão estranha que se vê no rosto de quem está absorto numa peça quando algum grande artista está atuando. Não havia nem tristeza nem

alegria reais. Havia simplesmente a paixão do espectador, talvez com um lampejo de triunfo no olhar.

Ele havia tirado a flor de sua casaca e a cheirava, ou fingia cheirar.

— O que isso significa? — enfim perguntou Hallward. Sua própria voz soou aguda e estranha a seus ouvidos.

— Anos atrás, quando eu ainda era garoto — disse Dorian Gray, esmagando a flor entre os dedos[2] —, você me conheceu, me lisonjeou e me ensinou a ser vaidoso com minha boa aparência. Um dia você me apresentou a um amigo que me explicou a maravilha da juventude, e concluiu um retrato meu que me revelou a maravilha da beleza. Num momento de loucura, de que ainda hoje não sei se me arrependo ou não, fiz um pedido, que talvez você chame de oração...

— Eu lembro! Ah, como me lembro bem disso! Não! É impossível. O aposento está úmido. O mofo acabou entrando na tela. As tintas que usei continham algum veneno mineral horrível. Eu lhe garanto que isso é impossível.

— Ah, o que é impossível? — murmurou o jovem, aproximando-se da janela e apoiando a testa no vidro frio e embaçado.

— Você me disse que o havia destruído.

— Eu estava errado. Ele é que me destruiu.

— Não acredito que seja o meu retrato.

— Não consegue ver nele seu ideal? — perguntou Dorian, amargamente.

— Meu ideal, como você o chama...

— Como você chamou.

— Não havia nada de mal no retrato, nada de vergonhoso. Você foi para mim um ideal que nunca mais encontrarei. Este é o rosto de um sátiro.

— É o retrato da minha alma.

— Cristo! A coisa que eu estava adorando! Tem olhos de demônio.

— Cada um de nós tem o Céu e o Inferno dentro de si, Basil — disse Dorian, com um violento gesto de desespero.

Hallward voltou-se novamente para o retrato e ficou observando-o.

— Meu Deus! Se for verdade — exclamou — e você tiver feito isso com sua vida, ora, você deve ser ainda pior do que aqueles que falam mal de você imaginam! — Ele apontou a luz novamente para a tela e a examinou. A superfície parecia bastante intacta, tal como ele a deixara. Era de dentro, aparentemente, que a sujeira e o horror vieram. Através de alguma estranha aceleração de vida interior, a lepra do pecado lentamente corroía a coisa. O apodrecimento de um cadáver numa cova úmida não seria tão assustador.

Sua mão tremeu e a vela caiu do suporte no chão, onde ficou crepitando. Ele colocou o pé sobre ela e a apagou. Então jogou-se na frágil cadeira ao lado da mesa e enterrou o rosto entre as mãos.

— Meu Deus, Dorian, que lição! Que lição horrível! — Não houve resposta, mas ele ouviu o jovem soluçando na janela. — Por favor, Dorian, por favor — murmurou ele. — O que é que nos ensinam a dizer na infância? "Não nos deixeis cair em tentação. Perdoai os nossos pecados. Livrai-nos do mal." Vamos dizer isso juntos. A oração do seu orgulho foi atendida. A oração do seu arrependimento também será respondida. Eu te adorei demais. Estou sendo punido por isso. Você se adorou demais. Nós dois estamos sendo punidos.

Dorian Gray virou-se lentamente e olhou para ele com os olhos marejados de lágrimas.

— É tarde demais, Basil — ele gaguejou.

— Nunca é tarde demais, Dorian. Vamos nos ajoelhar e tentar, se não conseguirmos lembrar de uma oração. Não existe um versículo em algum lugar que diz: "Ainda que seus pecados sejam vermelhos como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve"?

— Essas palavras não significam nada para mim, hoje em dia.

— Quieto! Não diga isso. Você já fez mal suficiente em sua vida. Meu Deus! Não enxerga aquela coisa maldita nos olhando de esguelha?

Dorian Gray olhou para o quadro e, de repente, um sentimento incontrolável de ódio por Basil Hallward tomou conta dele, como se lhe tivesse sido sugerido pela imagem na tela, sussurrado em seu ouvido por aqueles lábios sorridentes.[3] Os loucos instintos de um animal caçado agitaram-se dentro de si, e ele odiou o homem sentado à mesa mais do que em toda a sua vida já havia odiado qualquer coisa. Olhou descontrolado ao redor. Algo brilhou à sua frente, no topo do baú pintado. Seu olhar pousou sobre o móvel. Sabia o que era aquilo. Era uma faca que havia trazido alguns dias antes para cortar um pedaço de corda e que se esquecera de levar de volta. Moveu-se devagar em direção a ela, passando por Hallward. Assim que chegou atrás dele, agarrou-a e virou-se. Hallward mexeu-se na cadeira como se fosse se levantar. Dorian correu em direção a ele e enfiou a faca na grande veia que fica atrás da orelha, pressionando a cabeça do homem na mesa e esfaqueando-o repetidamente.

Foi possível ouvir um gemido abafado e o som horrível de alguém engasgando em sangue. Três vezes os braços estendidos se ergueram, convulsivos, agitando grotescamente no ar as mãos de dedos rígidos. Dorian o esfaqueou mais duas vezes, mas o homem não se mexeu. Algo começou a escorrer no chão. Ele esperou por um momento, ainda

pressionando para baixo a cabeça do pintor. Então jogou a faca na mesa e ficou escutando.

Não conseguia ouvir nada além do pinga-pinga no tapete puído. Abriu a porta e saiu para o patamar. A casa estava absolutamente silenciosa. Não havia ninguém por perto. Por alguns segundos, ficou curvado sobre a balaustrada olhando para baixo, para dentro do poço negro e fervilhante da escuridão. Então pegou a chave e voltou para o aposento anterior, trancando-se lá dentro.

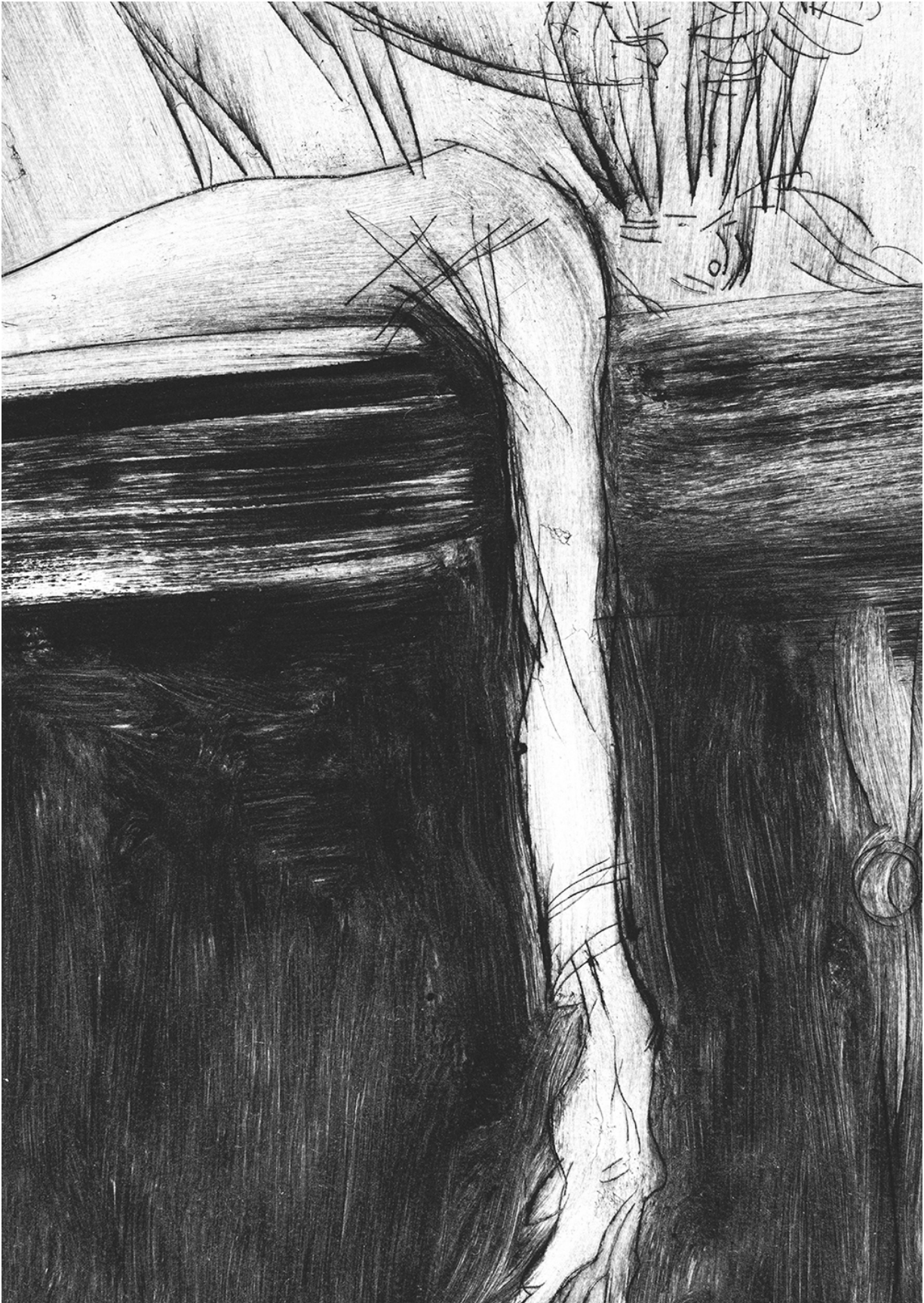
A coisa ainda estava sentada na cadeira e esticada sobre a mesa, de cabeça baixa, costas curvadas e os braços fantasticamente longos. Se não fosse pelo rasgo vermelho e irregular no pescoço e pela poça preta coagulada que se espalhava aos poucos na mesa, pareceria que o homem estava apenas dormindo.

Como foi rápido fazer aquilo tudo! Sentia-se estranhamente calmo e, caminhando até a janela, abriu-a e saiu para a varanda. O vento havia dissipado a neblina e o céu parecia a monstruosa cauda de um pavão, estrelado por miríades de olhos dourados. Olhou para baixo e viu o policial fazendo sua ronda e apontando o longo facho de sua lanterna para as portas das casas silenciosas. A mancha carmesim de um cabriolé passou brilhando na esquina e depois desapareceu. Uma mulher com um xale esvoaçante se arrastava devagar ao longo das grades, cambaleando. De vez em quando parava e olhava para trás. Até que começou a cantar, com voz rouca. O policial se aproximou e lhe disse alguma coisa, então a mulher afastou-se tropeçando, aos risos. Uma forte rajada de vento varreu a praça. As lamparinas a gás piscaram azuladas e as árvores sem folhas balançaram seus galhos pretos metálicos para lá e para cá. Ele estremeceu e deu meia-volta, fechando a janela atrás de si.

Ao chegar à porta, abriu-a girando a chave na maçaneta. Nem sequer olhou para o homem assassinado. Sentiu que o segredo de tudo era não perceber a situação. O amigo que pintara o retrato fatal ao qual devia toda a sua miséria estava fora de sua vida. Era o bastante.

Então lembrou-se da lamparina. Era um objeto bem curioso, de acabamento mourisco, feito de prata fosca incrustada com arabescos de aço polido e cravejado de grosseiras turquesas. Talvez seu criado desse pela falta e lhe perguntasse a respeito. Ele hesitou por um momento, depois virou-se e a pegou da mesa. Não pôde deixar de ver a coisa[4] morta. Como era imóvel! Quão horrivelmente brancas eram suas mãos compridas! Parecia uma terrível imagem de cera.

Depois de trancar a porta, desceu silenciosamente as escadas. A madeira rangeu e pareceu gritar, como se estivesse com dor. Várias vezes deteve-se e esperou. Não: estava tudo parado. Era apenas o som de seus próprios passos.

Quando chegou à biblioteca, viu a valise e o sobretudo no canto. Aquilo precisava ser escondido em algum lugar. Abriu um armário secreto disfarçado nos lambris, um armário onde guardava seus curiosos disfarces, e guardou os objetos ali. Poderia facilmente queimá-los depois. Então conferiu o relógio. Faltavam vinte para as duas.

Ele se sentou e começou a pensar. Todos os anos — quase todos os meses — homens eram enforcados na Inglaterra pelo que ele havia feito. O clima estava impregnado de uma loucura de assassinatos. Uma estrela vermelha havia passado perto demais da terra... E, ainda assim, que provas havia contra ele? Basil Hallward tinha saído de casa às onze. Ninguém o viu voltar. A maioria dos criados estava em Selby Royal. Seu próprio criado havia ido se deitar... Paris! Sim. Basil viajou para Paris no trem da meia-noite, como pretendia. Com seus hábitos curiosos e reservados, levaria meses até levantarem qualquer suspeita. Meses! Tudo poderia ser destruído muito antes disso.

Um pensamento repentino lhe ocorreu. Ele vestiu o casaco de pele e o chapéu e foi para o corredor. Ficou parado ali, ouvindo os passos lentos e pesados do policial na calçada do lado de fora e observando o brilho da lanterna refletido na janela. Esperou, prendendo a respiração.

Alguns instantes depois, puxou o trinco e saiu, fechando a porta com muito cuidado. Então começou a tocar a campainha. Após cerca de cinco minutos apareceu seu criado, meio vestido e parecendo muito sonolento.

— Lamento ter de acordá-lo, Francis — disse ele, entrando —, mas esqueci minha chave. Que horas são?

— Duas e dez, senhor — respondeu o homem, olhando para o relógio e piscando.

— Duas e dez? Está terrivelmente tarde! Me acorde amanhã às nove. Tenho um trabalho a fazer.

— Tudo bem, senhor.

— Alguém esteve aqui esta noite?

— O sr. Hallward, senhor. Ficou aqui até as onze e depois foi embora para pegar o trem.

— Ah! Que pena não tê-lo visto. Ele deixou algum bilhete?

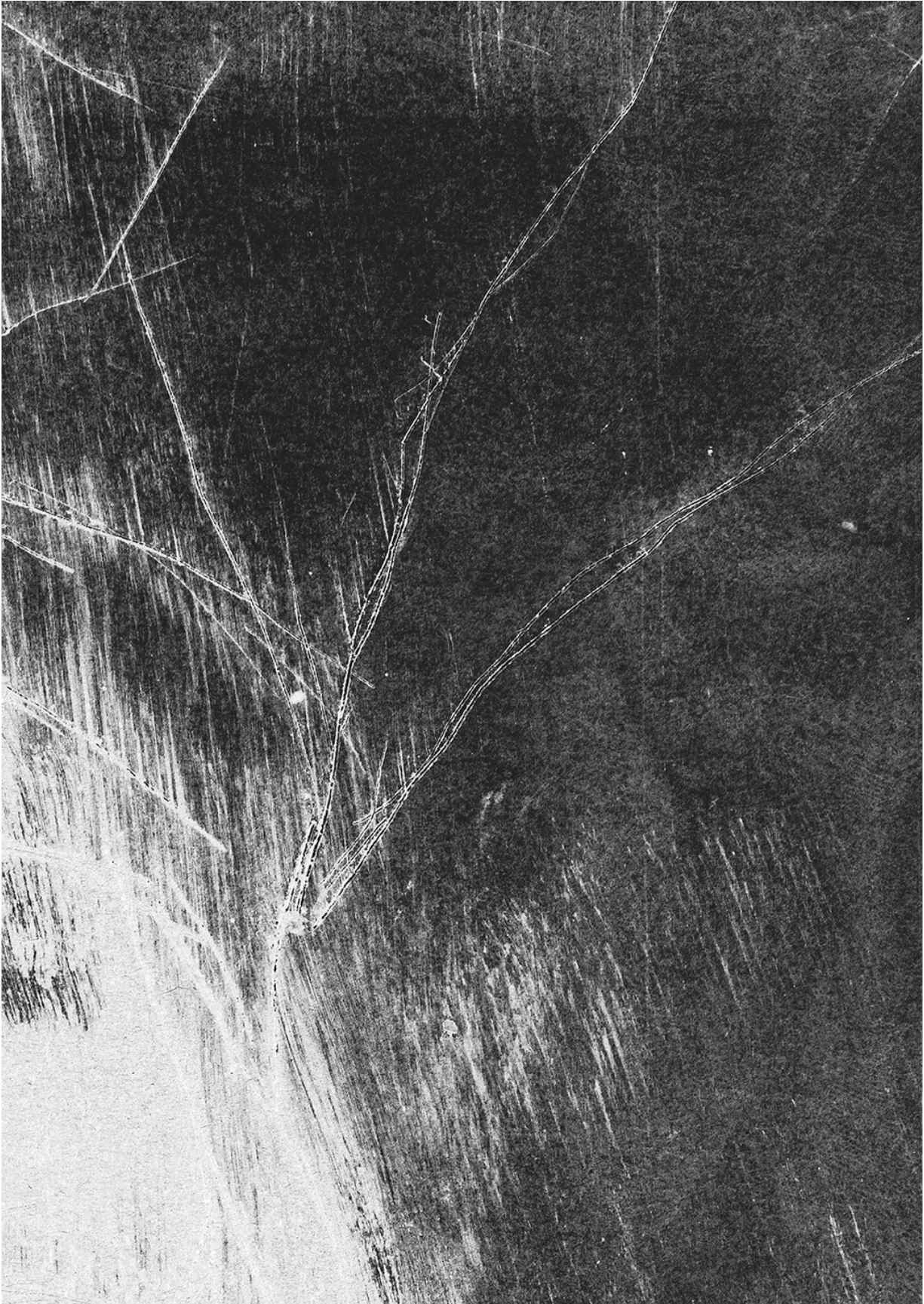
— Não, senhor, disse apenas que lhe escreveria de Paris se não o encontrasse no clube.

— Ótimo, Francis. Não se esqueça de me acordar amanhã às nove.

O homem cambaleou de chinelos pelo corredor.

Dorian Gray jogou o chapéu e o casaco na mesa e entrou na biblioteca. Passou quinze minutos andando de um lado para o outro no aposento, mordendo o lábio e pensando. Depois tirou o Livro Azul de uma das prateleiras e começou a virar as folhas. "Alan Campbell, rua Hertford, nº 152, Mayfair." Sim, era esse o homem que ele queria.

---

1. O datiloscrito descreve, em vez de um rosto com um sorriso malicioso, uma coisa lançando um olhar lascivo. ↩
2. Dorian Gray, um apreciador da beleza, nesta versão de 1891 é descrito esmagando a flor, algo belo e natural, mostrando uma perversidade ainda maior; trata-se da destruição simbólica de Basil. Na sequência, há um silenciamento aqui quando se exclui a frase em que Gray diz que Basil devotou sua vida a ele, como ocorre em outros momentos da trama. ↩
3. Adição elaborada na versão de 1891, conferindo ao retrato agenciamento sobre as ações de Dorian Gray. ↩
4. A objetificação é marcada nesta versão de 1891, diferentemente das anteriores. ↩

capítulo 14

Às nove horas da manhã seguinte, seu criado entrou com uma xícara de chocolate numa bandeja e abriu as persianas. Dorian dormia pacificamente, deitado sobre o lado direito e com uma das mãos sob a bochecha. Parecia um menino cansado de brincar ou de estudar.

O homem precisou tocá-lo duas vezes no ombro até que acordasse e, ao abrir os olhos, um leve sorriso surgiu-lhe nos lábios, como se estivesse perdido em algum sonho encantador. No entanto, não tivera sonho nenhum. Sua noite não fora perturbada por quaisquer imagens de prazer ou de dor. Mas a juventude sorri sem motivo. É um de seus principais encantos.

Ele se virou e, apoiando-se no cotovelo, começou a bebericar o chocolate. O suave sol de novembro entrou no quarto. O céu estava claro e fazia um calor agradável. Era quase como uma manhã de maio.

Aos poucos, os acontecimentos da noite anterior penetraram em seu cérebro com pés silenciosos e manchados de sangue, e ali se reconstruíram com terrível clareza. Estremeceu ao lembrar-se de tudo o que havia sofrido, e por um momento aquele mesmo curioso sentimento de ódio por Basil Hallward, que o fez matá-lo enquanto estava sentado na cadeira, invadiu-o novamente, e ele foi ficando gelado de ira. O morto continuava sentado na biblioteca, agora à plena luz do dia. Que situação horrível! Essas coisas horríveis pertenciam às trevas, não ao dia.

Sentiu que, se cismasse com o que havia acontecido, iria adoecer ou enlouquecer. Havia pecados cujo fascínio estava mais na memória do

que no ato em si, estranhos triunfos que satisfaziam mais o orgulho do que as paixões e davam ao intelecto uma acelerada sensação de alegria, maior do que qualquer alegria proporcionava, ou poderia proporcionar, aos sentidos. Mas aquele não era um deles. Era uma coisa que precisava ser expulsa da mente, drogada com papoulas, estrangulada para não acabar estrangulando a si mesma.

Quando deu nove e meia, passou a mão na testa, levantou-se apressadamente e vestiu-se com ainda mais cuidado do que o habitual, prestando bastante atenção à escolha da gravata, ao alfinete de lenço e trocando seus anéis mais de uma vez. Também passou um bom tempo tomando o café da manhã, saboreando os vários pratos, conversando com seu criado sobre algumas novas librés que estava pensando em mandar fazer para os criados de Selby e conferindo sua correspondência. Sorriu com algumas cartas. Três o entediaram. Uma ele leu várias vezes e depois rasgou com uma leve expressão de aborrecimento no rosto. "Que coisa horrível é a memória de uma mulher!", como lorde Henry dissera certa vez.

Depois de tomar a xícara de café preto, limpou lentamente os lábios com um guardanapo, fez sinal ao criado para esperar e, aproximando-se da mesa, sentou-se e escreveu duas cartas. Uma ele colocou no bolso, a outra entregou ao criado.

— Francis, leve isso ao número 152 da rua Hertford e, se o sr. Campbell estiver fora da cidade, peça o endereço dele.

Assim que ficou a sós, acendeu um cigarro e começou a desenhar num pedaço de papel, primeiro flores e coisas de arquitetura; depois, rostos humanos. De repente, ele percebeu que cada rosto que desenhava parecia ter uma fantástica semelhança com Basil Hallward. Ele franziu a testa e, levantando-se, foi até a estante e tirou um volume ao acaso.

Estava determinado a não pensar no que havia acontecido até que se tornasse absolutamente necessário que o fizesse.

Depois de se esticar no sofá, conferiu a folha de rosto do livro. Era *Émaux et camées*, de Gautier, uma edição em papel japonês da editora Charpentier, com águas-fortes de Jacquemart. A encadernação era de couro verde-limão, com desenho de treliça dourada e romãs pontilhadas. Havia sido um presente de Adrian Singleton. Ao folhear as páginas, seu olhar recaiu no poema sobre a mão de Lacenaire,[1] a mão fria e amarela "*du supplice encore mal lavée*", com sua penugem ruiva e macia e seus "*doigts de faune*".[2] Ele olhou para seus próprios dedos brancos e delgados, e, mesmo sem querer, sentiu um calafrio,[3] então prosseguiu, até chegar àquelas lindas estrofes sobre Veneza:

Sur une gamme chromatique,
Le sein de perles ruisselant,
La Vénus de l'Adriatique
Sort de l'eau son corps rose et blanc.

Les dômes, sur l'azur des ondes
Suivant la phrase au pur contour,
S'enflent comme des gorges rondes
Que soulève un soupir d'amour.

L'esquif aborde et me dépose,
Jetant son amarre au pilier,
Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.[4]

Como eram extraordinárias! Ao lê-las, sentia-se flutuar pelos canais verdes daquela cidade cor-de-rosa e perolada, sentado numa gôndola preta com proa prateada e cortinas fechadas. As próprias linhas do verso pareciam-lhe aquelas linhas retas azul-turquesa que nos acompanham à medida que avançamos em direção ao Lido[5]. Os súbitos lampejos de cor lembravam-lhe do brilho dos pássaros com pescoços arco-íris esvoaçando em torno do alto campanário em forma de favos de mel, ou espreitando, com graça majestosa, entre as arcadas escuras e manchadas de poeira. Recostou-se com os olhos semicerrados e repetiu várias e várias vezes para si mesmo:

Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.

Veneza inteira estava nessas duas linhas. Lembrou-se do outono que passara lá e de um amor maravilhoso que o fizera cometer desatinos loucos e deliciosos. Havia romance em todos os lugares. Mas Veneza, como Oxford, mantivera o cenário para o romance, e para o verdadeiro romântico o cenário era tudo, ou quase tudo. Basil tinha passado um tempo lá com ele, e fascinara-se por Tintoretto. Pobre Basil! Que modo horrível de um homem morrer!

Ele suspirou, pegando o livro novamente e tentando esquecer. Leu sobre as andorinhas que entram e saem voando do pequeno café em Esmirna, onde hadjis sentam-se e contam suas contas de âmbar e mercadores de turbante fumam seus longos cachimbos com borlas e conversam seriamente entre si; leu sobre o obelisco na Praça da Concórdia que chora lágrimas de granito em seu exílio solitário e sem sol e anseia por estar de volta junto ao quente Nilo coberto de lótus, onde há esfinges, íbis rosa-avermelhadas, abutres brancos de garras douradas e

crocodilos com pequenos olhos de berilo, que rastejam pela lama verde e fumegante; começou a meditar sobre aqueles versos que, extraindo música do mármore manchado de beijos, falam daquela curiosa estátua que Gautier compara a uma voz de contralto, o *monstre charmant* que repousa na sala de pórfiro do Louvre.[6] Mas depois de algum tempo o livro caiu de sua mão. Ficou nervoso e um terrível ataque de pânico o dominou. E se Alan Campbell estivesse fora da Inglaterra? Passariam dias até que ele voltasse. Talvez se recusasse a vir. O que poderia fazer então? Cada momento era de vital importância.

Cinco anos antes haviam sido grandes amigos — quase inseparáveis, na verdade. Até que subitamente a intimidade chegou ao fim. Agora, quando se encontravam na sociedade, apenas Dorian Gray sorria: nunca Alan Campbell.

Era um jovem extremamente inteligente, embora não tivesse nenhum apreço genuíno pelas artes visuais, e qualquer que fosse o pouco senso de beleza poética que possuísse, o havia herdado inteiramente de Dorian. Sua mais forte paixão intelectual era a ciência. Em Cambridge, passava grande parte do tempo trabalhando no laboratório e saia-se bem nas provas de Ciências Naturais. Na verdade, ainda dedicava-se ao estudo da química e tinha um laboratório próprio onde costumava passar o dia enfurnado, para grande aborrecimento de sua mãe, que nutria grandes expectativas de que o filho concorresse ao Parlamento e tinha uma vaga ideia de que um químico era alguém que prescrevia receitas. Também era um excelente músico e tocava violino e piano melhor do que a maioria dos amadores. Na verdade, foi a música que primeiro uniu ele e Dorian Gray — a música e aquela atração indefinível que Dorian parecia ser capaz de exercer sempre que desejava e, na verdade, muitas vezes exercia sem nem estar consciente. Conheceram-se na casa de lady Berkshire na

noite em que Rubinstein[7] tocou lá, e depois disso costumavam ser sempre vistos juntos na ópera e onde quer que houvesse boa música. A intimidade entre eles durou dezoito meses. Campbell estava sempre em Selby Royal ou em Grosvenor Square. Para ele, como para muitos outros, Dorian Gray representava tudo de maravilhoso e fascinante na vida. Se houve ou não uma briga entre os dois, ninguém jamais ficou sabendo. Mas de repente surgiram comentários de que quase não se falavam quando se viam, e que Campbell parecia sempre sair mais cedo de qualquer festa em que Dorian Gray estivesse. Ele também havia mudado — às vezes ficava estranhamente melancólico, parecia quase não gostar de ouvir música e nunca tocava, dando como desculpa, quando lhe perguntavam, que estava tão absorvido pela ciência que não tinha mais tempo para praticar. O que certamente era verdade. A cada dia parecia interessar-se mais pela biologia, e uma ou duas vezes seu nome apareceu em algumas revistas científicas, em conexão com certos experimentos curiosos.

Era este o homem que Dorian Gray estava esperando. A cada segundo conferia o relógio. Com o passar dos minutos, ficou terrivelmente agitado. Por fim levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no aposento, parecendo uma linda coisa enjaulada. Andava a passos largos e furtivos. Suas mãos estavam curiosamente frias.

O suspense tornou-se insuportável. Tinha a impressão de que o tempo arrastava-se com pés de chumbo enquanto ele era levado por uma monstruosa rajada de vento em direção à beira irregular de alguma fenda ou precipício negro. Ele sabia o que o aguardava lá. Realmente havia visto e, estremecendo, começou a pressionar com as mãos úmidas as pálpebras em chamas, como se quisesse roubar a visão do próprio cérebro e empurrar os globos oculares de volta para sua caverna. Foi inútil. O cérebro alimentava-se de si mesmo e com esse alimento

fortalecia-se, e a imaginação, tornada grotesca pelo terror, torcida e distorcida pela dor como uma criatura viva, dançava feito uma marionete asquerosa num teatrinho e sorria por entre máscaras em movimento. Então, de repente, o Tempo parou para ele. Sim: aquela coisa cega e de respiração lenta parou de se arrastar e, enquanto o Tempo esteve morto, pensamentos horríveis agilmente tomaram a dianteira, desenterrando de seu túmulo um horrível futuro, que lhe foi mostrado. Ele ficou encarando. Seu próprio horror o deixou petrificado.[8]

Enfim a porta se abriu e seu criado entrou. Voltou os olhos vidrados para o homem.

— O sr. Campbell, senhor — disse o criado.

Um suspiro de alívio escapou de seus lábios ressecados e a cor voltou às bochechas.

— Peça-lhe que entre imediatamente, Francis. — Sentia que voltava a ser ele mesmo. A covardia havia passado.[9]

O homem fez uma reverência e retirou-se. Em instantes, Alan Campbell entrou, com a expressão muito séria e bastante pálido, sua palidez intensificada pelo cabelo preto como carvão e as sobrancelhas escuras.

— Alan! Que gentileza da sua parte. Agradeço por ter vindo.

— Pretendia nunca mais entrar em sua casa, Gray. Mas como disse que era uma questão de vida ou morte... — Sua voz era dura e fria. Ele falava intencionalmente devagar. Havia uma expressão de desprezo no olhar firme e inquisitório que dirigia a Dorian. Manteve as mãos nos bolsos do casaco de astracã e pareceu não notar o gesto com que havia sido saudado.

— Sim, é questão de vida ou morte, Alan, e para mais de uma pessoa. Sente-se.

Campbell sentou-se numa cadeira perto da mesa e Dorian sentou-se à sua frente. Os olhos dos dois homens se encontraram. Nos de Dorian havia um infinito pesar. Ele sabia que estava prestes a fazer algo terrível.

Depois de um tenso momento de silêncio, ele se inclinou e disse, muito baixinho, mas observando o efeito de cada palavra no rosto daquele que havia mandado chamar:

— Alan, em um aposento trancado no último andar desta casa, um aposento ao qual ninguém além de mim tem acesso, há um homem morto sentado a uma mesa. Está morto há dez horas. Não se mexa e não me olhe assim. Quem é o homem, por que morreu, como morreu, são assuntos que não lhe dizem respeito. O que você precisa fazer é o seguinte...

— Pare, Gray. Não quero saber mais nada. Se o que está me dizendo é verdade ou não, não é da minha conta. Recuso-me totalmente a me envolver em sua vida. Guarde seus segredos horríveis para si mesmo. Eles não me interessam mais.

— Alan, eles vão ter que interessá-lo. Este vai ter que interessá-lo. Sinto muito por você, Alan. Mas não tenho como evitar. Você é o único homem capaz de me salvar. Sou forçado a trazer você para o assunto. Não tenho opção. Alan, você é cientista. Entende de química e coisas do tipo. Faz experimentos. O que você tem que fazer é destruir aquilo que está lá em cima... destruí-lo para que não reste nenhum vestígio. Ninguém viu essa pessoa entrar aqui em casa. Na verdade, neste momento ele deveria estar em Paris. Ele não fará falta por meses. Quando ele desaparecer, não pode sobrar nenhum vestígio dele aqui. Você, Alan, você precisa transformá-lo, e tudo o que pertence a ele, em um punhado de cinzas que eu possa espalhar pelo ar.

— Você está louco, Dorian.

— Ah! Eu estava esperando que me chamasse de Dorian.

— Você está louco, eu lhe digo... louco por imaginar que eu levantaria um dedo para ajudá-lo, louco por fazer essa confissão monstruosa. Não terei nada a ver com este assunto, seja qual for. Acha que vou arriscar minha reputação por sua causa? Que me importa o trabalho diabólico que você está fazendo?

— Foi um suicídio, Alan.

— Fico feliz em saber. Mas quem o levou a isso? Você, imagino.

— Ainda recusa-se a fazer isso por mim?

— Claro que me recuso. Não terei absolutamente nada a ver com isso. Não me importo com a vergonha que cairá sobre você. Você merece tudo isso. Não lamentarei vê-lo desonrado, publicamente desonrado. Como ousa me pedir, dentre todos os homens do mundo, para me envolver neste horror? Achei que conhecesse melhor o caráter das pessoas. Seu amigo lorde Henry Wotton não deve ter lhe ensinado muita coisa sobre psicologia, seja lá o que ele tenha lhe ensinado. Nada me induzirá a dar um passo para ajudá-lo. Você procurou o homem errado. Corra atrás de algum de seus amigos. Não venha a mim.

— Alan, foi um assassinato. Eu o matei. Você não sabe o que ele me fez sofrer. Qualquer que seja a vida que levo, ele teve mais a ver com sua criação ou com sua destruição do que o coitado do Harry. Pode não ter sido essa sua intenção, mas o resultado foi o mesmo.

— Assassinato! Meu Deus, Dorian, foi a esse ponto que você chegou? Não vou denunciá-lo. Não é da minha conta. Além disso, sem querer me meter no assunto, mas você certamente será preso. Ninguém comete um crime sem acabar fazendo algo estúpido. Mas isso não é da minha conta.

— Agora isso também é da sua conta. Espere, espere um momento. Escute. Apenas escute, Alan.[10] Tudo o que lhe peço é que realize um determinado experimento científico. Você visita hospitais e necrotérios, e os horrores que faz nesses lugares não o afetam. Se em alguma horrível

sala de dissecação ou em algum laboratório fétido você encontrasse esse homem deitado sobre uma mesa de chumbo com incisões vermelhas drenando o sangue, simplesmente o consideraria um admirável material de estudo. Você não daria a mínima. Não acharia estar fazendo algo de errado. Pelo contrário, provavelmente sentiria que estava beneficiando a raça humana, ou aumentando a soma do conhecimento mundial, ou satisfazendo a curiosidade intelectual, ou algo do tipo. O que quero que você faça é apenas o que já fez antes. Na verdade, destruir um corpo deve ser muito menos horrível do que você está acostumado a fazer. E, lembre-se, esta é a única prova que têm contra mim. Se a descobrirem, estou perdido; e certamente a descobrirão, a menos que me ajude.

— Não tenho nenhum desejo de ajudá-lo. É disso que se esquece. Sou simplesmente indiferente a toda essa história. Não tem nada a ver comigo.[11]

— Alan, eu imploro a você. Pense na posição em que estou. Pouco antes de você chegar, quase desmaiei de terror. Talvez um dia você mesmo conheça o terror. Não! Nem pense nisso. Veja o assunto puramente do ponto de vista científico. Você não pergunta de onde vêm as coisas mortas com as quais faz experiências. Não pergunte agora. Eu já lhe contei muita coisa. Mas imploro que faça isso. Já fomos amigos, Alan.

— Não fale sobre aqueles dias, Dorian: eles estão mortos.

— Os mortos às vezes permanecem. O homem lá em cima não irá embora. Está sentado à mesa com a cabeça baixa e os braços estendidos. Alan! Alan! Se você não me ajudar, estou arruinado. Ora, eles vão me enforcar, Alan! Você não entende? Eles vão me enforcar pelo que fiz.

— Não adianta prolongar esta cena. Eu me recuso absolutamente a tomar qualquer atitude nesse assunto. É loucura da sua parte me pedir.

— Você se recusa?

— Sim.

— Eu imploro, Alan.

— É inútil.

Aquela mesma expressão de pesar ressurgiu nos olhos de Dorian Gray, que estendeu a mão, pegou um pedaço de papel e escreveu algo. Ele o leu duas vezes, o dobrou cuidadosamente e o deslizou sobre a mesa. Feito isso, levantou-se e foi até a janela.

Campbell o encarou surpreso, pegou o papel e abriu-o. Enquanto lia, seu rosto tornou-se terrivelmente pálido, até ele cair para trás na cadeira. Uma horrível sensação de enjoo o invadiu. Sentiu como se seu coração estivesse se debatendo até morrer em algum buraco vazio.

Após dois ou três minutos de um terrível silêncio, Dorian virou-se e ficou atrás dele, colocando a mão em seu ombro.

— Sinto muito, Alan — ele murmurou —, mas você não me deixa alternativa. Já escrevi uma carta. Aqui está. Está vendo o endereço. Se não me ajudar, posso enviá-la. Se não me ajudar, eu vou enviá-la. Você sabe qual será a consequência. Mas você vai me ajudar. É impossível que recuse agora. Eu tentei poupá-lo. Você me faria justiça em admitir isso. Você foi severo, ríspido, ofensivo. Me tratou como nenhum homem jamais se atreveu a me tratar... nenhum homem vivo, pelo menos. Eu aguentei tudo. Agora cabe a mim ditar os termos.

Campbell enterrou o rosto entre as mãos e um arrepio o percorreu.

— Sim, é minha vez de ditar os termos, Alan. Você sabe quais são. A tarefa é bem simples. Venha, não fique assim. A coisa tem que ser feita. Enfrente e faça.

Um gemido escapou dos lábios de Campbell e ele estremeceu todo. Parecia-lhe que o tique-taque do relógio sobre a lareira dividia o Tempo em átomos separados de agonia, cada um terrível demais para ser suportado. Sentia como se um anel de ferro estivesse lentamente apertando sua cabeça, como se a desgraça com que havia sido ameaçado

já tivesse caído sobre ele. A mão em seu ombro pesava como chumbo. Era intolerável. Parecia esmagá-lo.

— Venha, Alan, você precisa decidir-se imediatamente.

— Não posso fazer isso — disse ele, mecanicamente, como se as palavras pudessem alterar as coisas.

— Você precisa. Não tem escolha. Não demore.

Ele hesitou por um momento.

— Há algum fogo no aposento de cima?

— Sim, há uma lareira a gás com amianto.

— Preciso ir para casa e pegar algumas coisas no laboratório.

— Não, Alan, você não pode sair daqui. Escreva em uma folha de papel o que deseja e meu criado pegará um coche e lhe trará tudo.

Campbell rabiscou algumas linhas, depois usou o mata-borrão para secá-las e endereçou um envelope a seu assistente. Dorian pegou o bilhete e leu-o com atenção. Então tocou a sineta e entregou-a ao criado, com ordem de voltar o mais rápido possível e trazer as coisas consigo.

Assim que a porta que dava acesso à rua foi fechada, Campbell teve um calafrio nervoso e, depois de se levantar da cadeira, foi até a chaminé. Ele tremia com uma espécie de febre. Durante quase vinte minutos, nenhum dos homens falou nada. Uma mosca zumbia ruidosamente pela sala, e o tique-taque do relógio assemelhava-se à batida de um martelo.

Quando o relógio marcou uma hora, Campbell virou-se e, olhando para Dorian Gray, viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Havia algo na pureza e no refinamento daquele rosto triste que pareceu enfurecê-lo.

— Você é infame, completamente infame! — murmurou.

— Acalme-se, Alan: você salvou minha vida — disse Dorian.

— Sua vida? Deus do céu! Que vida é essa? Você foi passando de corrupção em corrupção até culminar no crime. Ao fazer o que vou fazer,

o que me obriga a fazer, não é na sua vida que estou pensando.

— Ah, Alan — murmurou Dorian, com um suspiro —, gostaria que sentisse por mim uma milésima parte da pena que sinto por você. — Ele se virou enquanto falava e ficou observando o jardim. Campbell não respondeu.

Cerca de dez minutos depois, alguém bateu à porta e o criado entrou, carregando uma grande arca de mogno com produtos químicos, com uma longa bobina de fio de aço e platina e duas pinças de ferro de formato bem curioso.

— Devo deixar as coisas aqui, senhor? — perguntou ele a Campbell.

— Sim — disse Dorian. — E lamento, Francis, ter outra tarefa para você. Como se chama o homem em Richmond que fornece orquídeas a Selby?

— Harden, senhor.

— Sim... Harden. Você precisa ir a Richmond imediatamente, visitar Harden pessoalmente e dizer-lhe para enviar o dobro de orquídeas que eu encomendei e pedir para que venha o menor número possível de orquídeas brancas. Na verdade, não quero nenhuma branca. Está um lindo dia, Francis, e Richmond é um lugar belíssimo, caso contrário eu não o incomodaria com isso.

— Sem problemas, senhor. A que horas devo voltar?

Dorian olhou para Campbell.

— Quanto tempo levará o seu experimento, Alan? — ele disse, com uma voz calma e indiferente. A presença de uma terceira pessoa no aposento parecia dar-lhe uma coragem extraordinária.

Campbell franziu a testa e mordeu o lábio.

— Vai levar cerca de cinco horas — ele respondeu.

— Então será tempo suficiente se você voltar às sete e meia, Francis. Ou fique por lá: apenas tire do armário as roupas para eu me vestir. Fique

com a noite só para você. Não vou jantar em casa, então não precisarei de seus serviços.

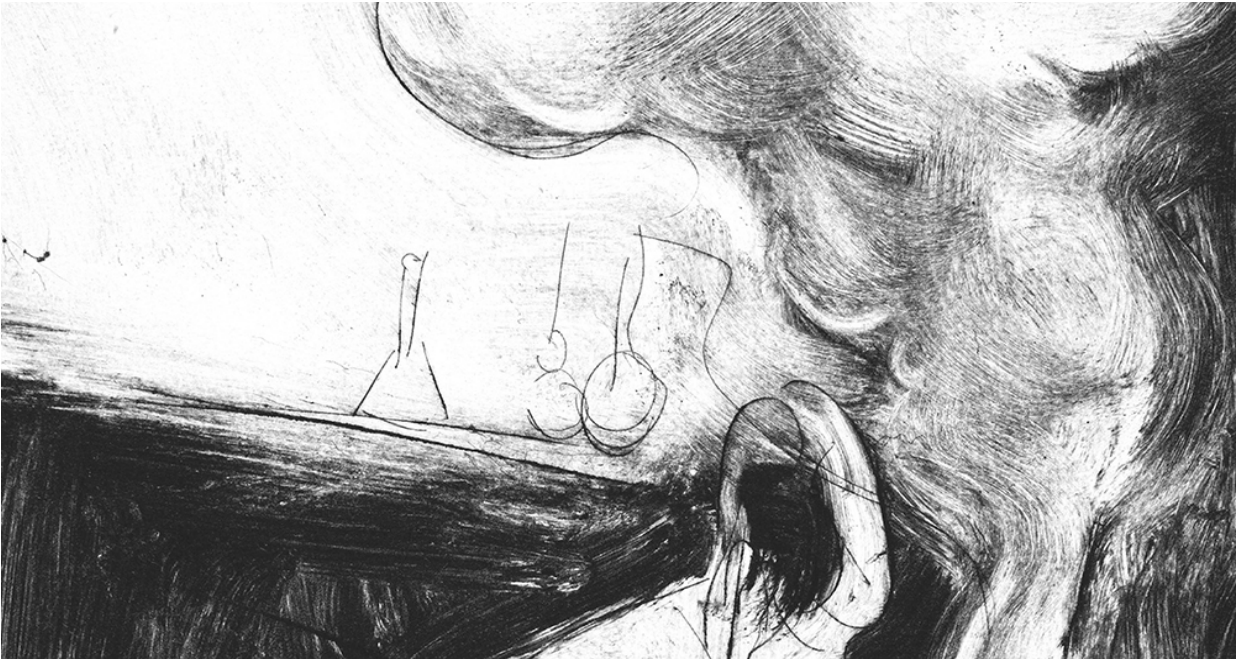
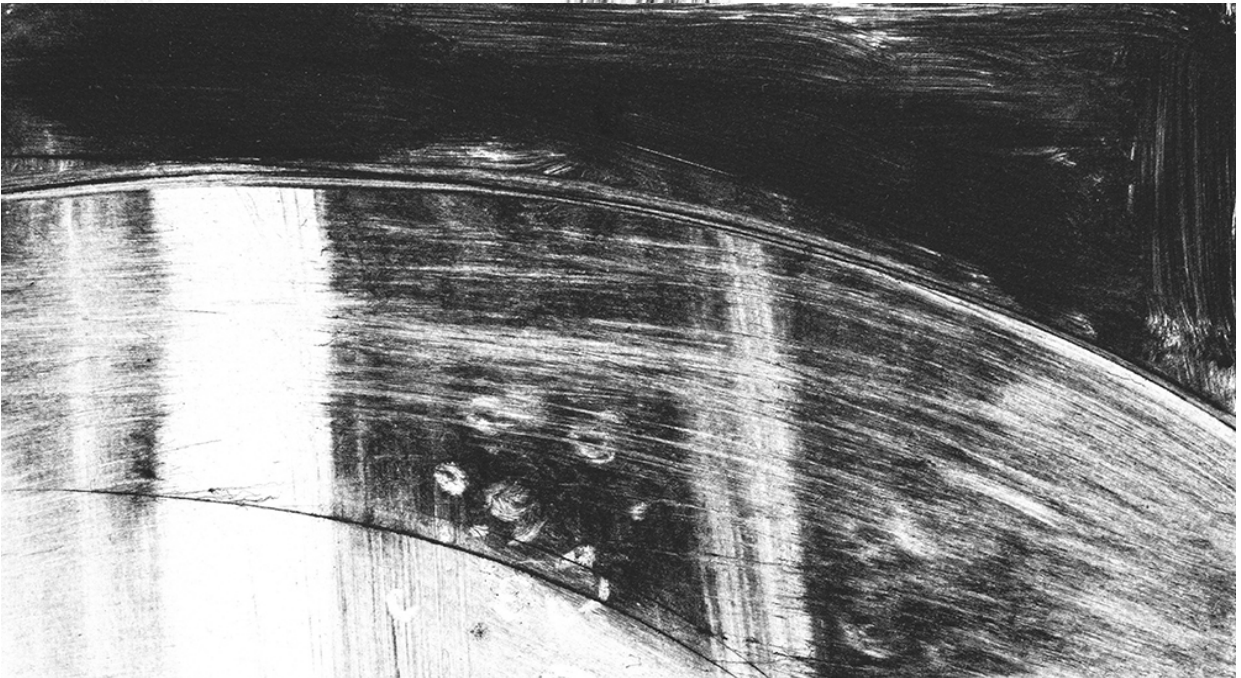
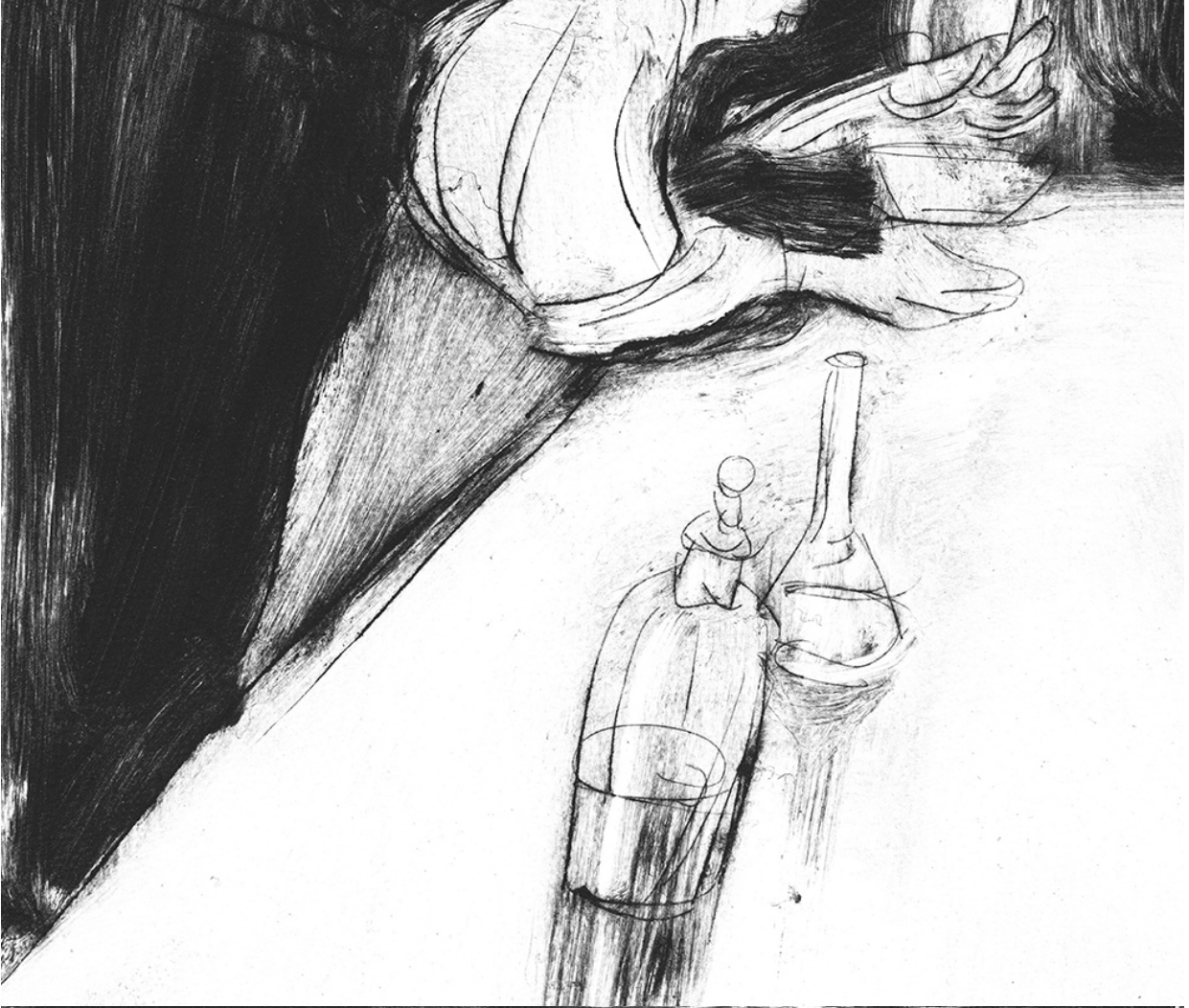
— Obrigado, senhor — disse o homem, saindo do aposento.

— Agora, Alan, não há um momento a perder. Como é pesado esse baú! Vou levá-lo para você. Você leva as outras coisas. — Ele falou rapidamente e de modo autoritário. Campbell sentia-se dominado por ele. Os dois saíram juntos do aposento.

Quando chegaram ao patamar superior, Dorian tirou a chave e girou-a na fechadura. Então deteve-se e uma expressão preocupada surgiu em seus olhos. Ele estremeceu.

— Acho que não posso entrar, Alan — murmurou ele.

— Não faz diferença para mim. Não preciso de você — disse Campbell, friamente.

Dorian entreabriu a porta. Ao fazer isso, viu, à luz do sol, o rosto no retrato o olhando maliciosamente. No chão em frente estava a cortina rasgada. Lembrou-se de que na noite anterior se esquecera, pela primeira vez na vida, de cobrir a tela fatal e, quando estava prestes a correr até lá, recuou, sentindo um calafrio.

O que era aquela repugnante mancha vermelha que brilhava, úmida e cintilante, numa das mãos, como se a tela tivesse suado sangue? Como era horrível! Naquele momento, pareceu-lhe mais horrível do que a coisa silenciosa que ele sabia estar estendida sobre a mesa, a coisa cuja sombra grotesca e disforme no tapete manchado mostrava que não havia se mexido, que continuava lá como a havia deixado.

Ele respirou fundo, abriu um pouco mais a porta e, com os olhos semicerrados e desviando a cabeça, entrou rapidamente, determinado a não olhar nem uma vez para o homem morto. Então, abaixando-se e pegando a cortina dourada e roxa, jogou-a bem por cima do quadro.[12]

Ali ele parou, com medo de se virar, com os olhos fixos nas complexidades da estampa à sua frente. Ouviu Campbell trazendo a arca pesada, os ferros e as outras coisas de que precisava para seu terrível trabalho. Começou a se perguntar se ele e Basil Hallward se conheciam e, em caso afirmativo, o que pensavam um do outro.

— Deixe-me agora — disse uma voz severa atrás dele.

Ele se virou e saiu correndo, consciente apenas de que o morto havia sido jogado de volta na cadeira e que Campbell encarava um rosto amarelo e brilhante. Enquanto descia as escadas, ouviu a chave ser girada na fechadura.

Já passava muito das sete quando Campbell voltou à biblioteca. Estava pálido, mas absolutamente calmo.

— Fiz o que me pediu para fazer — ele murmurou. — Agora, adeus. Que nossos caminhos nunca mais se cruzem.

— Você me salvou da ruína, Alan. Não tenho como me esquecer disso — disse Dorian simplesmente.

Assim que Campbell saiu, ele subiu as escadas. Havia um cheiro horrível de ácido nítrico no aposento. Mas a coisa sentada à mesa havia desaparecido.

---

1. Pierre François Lacenaire (1803-1836), poeta e assassino francês, condenado à morte por um duplo homicídio, transformou sua cela de prisão em um salão literário até ser executado na guilhotina. Sua mão teria sido decepada após sua execução. [N. de T.] ↩
2. *Du supplice encore mal lavée*: "do suplício ainda mal-lavada"; *doigts de faune*: "dedos de fauno". [N. de T.] ↩
3. Uma hipótese é que este acréscimo à versão de 1891 venha para reforçar a lembrança do cadáver de Basil, cujas mãos desfalecidas foram descritas como brancas. ↩
4. "Em uma escala cromática / o seio de pérolas gotejantes / a Vênus do Adriático / emerge da água seu corpo rosa e branco.
   As cúpulas, no azul das ondas / seguindo a frase de contorno puro, / incham como gargantas redondas / que soltam um suspiro de amor.

O esquife se aproxima e me deixa, / jogando sua amarração no pilar, / diante de uma fachada rosada, / no mármore de uma escadaria." [N. de T.] ↩

5. Ilha-barreira na Lagoa de Veneza que abriga diversos resorts frequentados por artistas e aristocratas desde o século XIX. Nela Thomas Mann ambientou seu *Morte em Veneza*. ↩
6. O "monstro charmoso" é o deus grego Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite que, conforme a versão, ou nasceu já com dois sexos ou passou a tê-los após ser unido à náiade Salmacis. Uma estátua romana do século II d. C. está disposta no Louvre. [N. de T.] ↩
7. Anton Grigorevich Rubinstein (1829-1894), pianista virtuose russo de origem judaica. [N. de T.] ↩
8. Nesta versão de 1891, a paranoia do personagem é dilatada por meio de descrições vívidas de sua interação com o ambiente. ↩
9. As duas frases, escritas para esta versão de 1891, mostram que Dorian Gray se sentia animado pela presença de Alan, mas o motivo é ambíguo: por se tratar de seu antigo amigo ou por ter uma ajuda para esconder o corpo. ↩
10. 1 A vulnerabilidade que Dorian Gray mostra nesta fala é uma adição feita à versão de 1891. ↩
11. No manuscrito, o personagem revela que, se a ocasião tivesse ocorrido três anos antes, ele consideraria ajudar Dorian Gray, insuflando o antigo nível de intimidade experimentado pelos dois personagens. ↩
12. No manuscrito, o narrador caracteriza o ato de Dorian como incutido por desespero. A modificação nesta versão de 1891 encontra-se alinhada ao propósito de Wilde em conferir autonomia ao personagem. ↩

capítulo 15[1]

Naquela noite, às oito e meia, elegantemente vestido e usando na lapela um grande arranjo de violetas de Parma, Dorian Gray foi conduzido à sala de estar de lady Narborough por criados fazendo mesuras. Sua testa latejava com os nervos à flor da pele e ele se sentia extremamente agitado, mas sua reverência à anfitriã foi, como sempre, leve e graciosa. Talvez nunca pareçamos tão à vontade como quando temos que representar um papel. Certamente ninguém que olhasse para Dorian Gray naquela noite poderia acreditar que ele havia acabado de viver uma tragédia tão horrível quanto qualquer outra de nossa época. Aqueles dedos finos nunca poderiam ter agarrado uma faca para pecar, nem aqueles lábios sorridentes teriam afrontado Deus e sua bondade. Ele próprio não pôde deixar de admirar seu comportamento calmo e, por um momento, sentiu intensamente o terrível prazer de uma vida dupla.

Era uma pequena festa organizada às pressas por lady Narborough, uma mulher muito inteligente, dotada com o que lorde Henry costumava descrever como resquícios de uma feiura realmente notável. Ela provara-se excelente esposa para um de nossos embaixadores mais entediantes, e depois de enterrar adequadamente o marido num mausoléu de mármore que ela mesma havia projetado e de casar suas filhas com alguns homens ricos e bem idosos, ela se dedicava agora aos

prazeres da literatura francesa, da culinária francesa e do espírito francês, sempre que possível.

Dorian era um de seus favoritos, e ela vivia lhe dizendo que estava extremamente feliz por não o ter conhecido na juventude.

— Eu sei, meu querido, que eu teria me apaixonado perdidamente por você — ela costumava dizer — e jogado tudo para o alto por sua causa. É uma sorte que na época você não fosse uma opção. Do jeito que as coisas eram, havia tão pouco a ser jogado para o alto e tão poucos para pegar o que se jogasse, que nunca tive sequer um flerte com ninguém. No entanto, isso tudo foi culpa de Narborough. Era terrivelmente míope, e não há prazer em se ter um marido que nunca vê nada do que acontece.

Seus convidados daquela noite eram um tanto entediantes. O fato era que, como ela explicou a Dorian por trás de um leque muito surrado, uma de suas filhas casadas de repente apareceu para ficar com ela e, para piorar a situação, trouxe o marido junto.

— Achei isso muito cruel da parte dela, meu querido — ela sussurrou. — Claro que passo todos os verões com eles depois de voltar de Homburg[2], mas uma velha como eu às vezes precisa de ar fresco e, além disso, eu realmente os animo. Não faz ideia da vida que eles levam por lá. É a pura e intocada vida no campo. Acordam cedo, porque têm muito o que fazer, e vão para a cama cedo, porque têm muito pouco em que pensar. Não há escândalo na vizinhança desde a época da rainha Elizabeth e, em consequência, todos dormem logo após o jantar. Não deve sentar-se ao lado deles. Sente-se ao meu lado e divirta-me.

Dorian murmurou um elogio gracioso e olhou ao redor. Sim: tratava-se com certeza de um grupo entediante. Havia duas pessoas que ele nunca tinha visto antes, e os demais consistiam em Ernest Harrowden,

um daqueles medíocres homens de meia-idade tão comuns nos clubes de Londres que não têm inimigos, mas são totalmente detestados pelos amigos; lady Ruxton, uma mulher de quarenta e sete anos vestida com exagero e de nariz adunco, que vivia tentando se comprometer, mas era tão particularmente sem graça que, para sua grande decepção, ninguém jamais acreditaria em nada de mal contra ela; a sra. Erlynne, uma zé-ninguém intrometida que gaguejava adoravelmente e tinha cabelos ruivos venezianos; lady Alice Chapman, filha da anfitriã, uma garota deselegante e chata, com um daqueles típicos rostos britânicos que, uma vez vistos, nunca são lembrados; e o marido, uma criatura de bochechas vermelhas e bigode branco que, como muitos de sua classe, parecia crer que uma jovialidade excessiva poderia compensar uma total falta de ideias.

Ele lamentou muito ter vindo, até que lady Narborough, olhando para o grande relógio dourado de ormolu[3] que se espalhava em curvas berrantes sobre a prateleira da lareira forrada de lilás, exclamou:

— Que horrível da parte de Henry Wotton estar tão atrasado! Mandei convidá-lo esta manhã, e ele prometeu fielmente não me desapontar.

Foi um consolo saber que Harry compareceria, e, quando a porta foi aberta e ele ouviu sua voz lenta e musical dando charme a um falso pedido de desculpas, deixou de se sentir entediado.

Mas no jantar não conseguiu comer nada. Os pratos eram retirados sem ter sido provados, um atrás do outro. Lady Narborough não parava de repreendê-lo pelo que chamava de “um insulto ao pobre Adolphe, que planejou o menu especialmente para você”, e de vez em quando lorde Henry olhava para Dorian, admirando seu silêncio e seus modos abstratos. De vez em quando o mordomo enchia sua taça de champanhe. Ele bebia com avidez e sua sede só parecia aumentar.

— Dorian — disse finalmente lorde Henry enquanto era servido *o chaudfroid*[4] —, o que há com você esta noite? Está bastante indisposto.

— Creio que esteja apaixonado — exclamou lady Narborough — e com medo de me contar por receio de que eu fique com ciúme. Ele está certo. Eu certamente ficaria.

— Querida lady Narborough — murmurou Dorian, sorrindo —, faz uma semana que não me apaixono... na verdade, não desde que Madame de Ferrol deixou a cidade.

— Como vocês, homens, conseguem se apaixonar por aquela mulher?! — exclamou a velha senhora. — Eu realmente não consigo entender.

— É simplesmente porque ela lembra a senhora quando era uma garotinha, lady Narborough — disse lorde Henry. — Ela é o único elo entre nós e seus vestidos curtos.

— Ela não lembra nem um pouco meus vestidos curtos, lorde Henry. Mas lembro-me muito bem dela em Viena, há trinta anos, e de como era *décolletée*[5] naquela época.

— Ela ainda é *décolletée* — respondeu ele, pegando com os longos dedos uma azeitona. — E quando usa vestidos elegantes, parece uma *édition de luxe* de um romance francês ruim. É realmente maravilhosa, uma caixinha de surpresas. Sua capacidade de afeto familiar é extraordinária. Quando o terceiro marido morreu, ficou com o cabelo dourado de tanta tristeza.

— Como pode dizer isso, Harry! — gritou Dorian.

— É uma explicação muito romântica — riu a anfitriã. — Mas o terceiro marido dela, lorde Henry! Quer dizer que Ferrol é o quarto?

— Certamente, lady Narborough.

— Não acredito em uma palavra que diz.

— Bem, pergunte ao sr. Gray. Ele é um de seus amigos mais íntimos.

— É verdade, sr. Gray?

— Ela quem me garantiu isso, lady Narborough — disse Dorian. — Perguntei-lhe se, assim como Margarida de Navarra, ela mandava embalsamar os seus corações para pendurá-los no cinto. Ela me disse que não, porque nenhum deles sequer tinha coração.

— Quatro maridos! Juro que isso é *trop de zêle*[6].

— *Trop d'audace*[7], é o que digo a ela — disse Dorian.

— Ah! Ela é audaciosa o suficiente para qualquer coisa, meu querido. E como é Ferrol? Não o conheço.

— Os maridos de mulheres muito bonitas pertencem às classes criminosas — disse lorde Henry, bebendo um gole de vinho.

Lady Narborough bateu-lhe com seu leque.

— Lorde Henry, não fico nem um pouco surpresa que o mundo diga que você é extremamente perverso.

— Mas que mundo diz isso? — perguntou lorde Henry, arqueando as sobrancelhas. — Só se for o próximo mundo. Este mundo e eu temos uma ótima relação.

— Todo mundo que conheço diz que você é muito perverso — disse a velha senhora, balançando a cabeça.

Lorde Henry pareceu ficar sério por um instante.

— É absolutamente monstruosa — disse ele enfim — a mania que as pessoas têm hoje em dia de falar mal, pelas costas, de alguém perfeita e inteiramente verdadeiro.

— Ele não é incorrigível? — disse Dorian, inclinando-se para a frente na cadeira.

— Espero que sim — disse a anfitriã, rindo. — Mas se todos vocês vão realmente adorar Madame de Ferrol deste modo ridículo, terei que casar

de novo para estar na moda.

— A senhora nunca mais se casará, lady Narborough — interrompeu lorde Henry. — A senhora era muito feliz. Quando uma mulher se casa novamente é porque detestava o primeiro marido. Quando um homem se casa novamente é porque adorou a primeira esposa. As mulheres tentam a sorte; os homens arriscam a deles.

— Narborough não era perfeito — exclamou a velha senhora.

— Se fosse, a senhora não o teria amado, minha querida — foi a réplica. — As mulheres nos amam por nossos defeitos. Se tivermos uma quantidade suficiente deles, nos perdoarão tudo, até mesmo nosso intelecto. Receio que a senhora nunca mais me convide para jantar depois que lhe disse isso, lady Narborough, mas é a mais pura verdade.

— Claro que é verdade, lorde Henry. Se nós, mulheres, não amássemos vocês por seus defeitos, onde estariam todos vocês? Nenhum jamais se casaria. Formariam um grupo de solteiros infelizes. Não que isso altere muito a situação. Hoje em dia todos os homens casados vivem como solteiros, e todos os solteiros como homens casados.

— *Fin de siècle*[8] — murmurou lorde Henry.

— *Fin du globe*[9] — respondeu sua anfitriã.

— Eu gostaria que fosse o *fin du globe* — disse Dorian, com um suspiro. — A vida é uma grande decepção.

— Ah, meu querido — exclamou lady Narborough, calçando as luvas —, não me diga que você esgotou a vida. Quando um homem diz isso, sabe-se que a vida é que o esgotou. Lorde Henry é muito perverso, e às vezes eu gostaria de ter sido também, mas você foi feito para ser bom. Você parece tão bom. Preciso lhe arranjar uma boa esposa. Lorde Henry, não acha que o sr. Gray deveria se casar?

— Sempre digo isso a ele, lady Narborough — disse lorde Henry, fazendo uma reverência.

— Bem, precisamos procurar um par adequado para ele. Vou examinar o Debrett[10] cuidadosamente esta noite e farei uma lista de todas as jovens elegíveis.

— Com a idade delas ao lado, lady Narborough? — perguntou Dorian.

— Claro, com a idade delas, ligeiramente editadas. Mas nada deve ser feito com pressa. Quero que seja o que o *Morning Post* chama de aliança adequada, e quero que vocês dois sejam felizes.

— As bobagens que as pessoas falam sobre casamentos felizes! — exclamou lorde Henry. — Um homem pode ser feliz com qualquer mulher, desde que não a ame.

— Ah! Como o senhor é cínico! — exclamou a velha senhora, empurrando a cadeira para trás e acenando com a cabeça para lady Ruxton. — O senhor precisa vir jantar comigo novamente em breve. Sua presença é realmente um tônico admirável, muito melhor do que aquele prescrito por sir Andrew. O senhor precisa me dizer quais pessoas gostaria de conhecer. Quero que seja uma reunião agradável.

— Gosto de homens que têm futuro e de mulheres que têm passado — respondeu ele. — Ou a senhora tinha a intenção de que a reunião contasse apenas com presença feminina?

— Temo que sim — disse ela, rindo, enquanto se levantava. — Mil perdões, minha querida lady Ruxton — acrescentou ela —, não vi que a senhora não tinha terminado o cigarro.

— Não importa, lady Narborough. Eu fumo demais. Vou me controlar, para o futuro.

— Por favor, não faça isso, lady Ruxton — disse lorde Henry. — A moderação é uma coisa fatal. O suficiente é tão ruim quanto uma refeição. Mais do que suficiente é tão bom quanto um banquete.

Lady Ruxton o olhou com curiosidade.

— O senhor precisa vir me explicar isso alguma tarde dessas, lorde Henry. Parece uma teoria fascinante — murmurou ela, enquanto saía da sala.

— Agora, tomem cuidado para não ficar muito tempo falando de política e escândalos — disse lady Narborough da porta. — Se fizerem isso, certamente brigaremos lá em cima.

Os homens riram e o sr. Chapman levantou-se solenemente do pé da mesa e foi até a cabeceira. Dorian Gray mudou de lugar e sentou-se ao lado de lorde Henry. Chapman começou a falar em voz alta sobre a situação na Câmara dos Comuns. Ele ria de seus adversários. A palavra *doctrinaire*, que enchia de terror a mente dos britânicos, reaparecia de vez em quando entre suas explosões. Um prefixo aliterativo servia de ornamento à oratória. Ele elevou a Union Jack[11] aos pináculos do Pensamento. A estupidez hereditária — o bom senso inglês, como ele jovialmente denominava — mostrava ser o baluarte adequado para a sociedade.

Um sorriso curvou os lábios de lorde Henry, que se virou e olhou para Dorian.

— Está melhor, meu caro? — ele perguntou. — Você parecia bastante indisposto durante o jantar.

— Estou ótimo, Harry. Estou cansado. Só isso.

— Você estava encantador ontem à noite. A pequena duquesa tem muito carinho por você. Ela me contou que vai para Selby.

— Ela prometeu ir no dia vinte.

— Monmouth também vai?

— Ah, sim, Harry.

— Ele me aborrece terrivelmente, quase tanto quanto a aborrece. Ela é muito inteligente, inteligente demais para uma mulher. Não tem aquele charme indefinível da fraqueza. São os pés de barro que tornam precioso o ouro de uma imagem. Os pés dela são muito bonitos, mas não são pés de barro. São de porcelana branca, se preferir assim. Eles passaram pelo fogo, e o que o fogo não destrói, endurece. Ela teve experiências.

— Há quanto tempo está casada? — perguntou Dorian.

— Uma eternidade, ela me disse. Acredito que, de acordo com o *Peerage*[12], são dez anos, mas dez anos com Monmouth devem ter sido uma eternidade, com mais um tempo acrescentado. Quem mais vai?

— Ah, os Willoughby, lorde Rugby e a esposa, nossa anfitriã, Geoffrey Clouston, o grupo de sempre. Perguntei a lorde Grotrian.

— Eu gosto dele — disse lorde Henry. — Muitas pessoas não gostam, mas eu o acho encantador. Ele compensa o fato de ocasionalmente se vestir de modo um tanto exagerado sendo sempre supereducado. É um sujeito muito moderno.

— Não sei se ele poderá comparecer, Harry. Talvez tenha que ir para Monte Carlo com o pai.

— Ah! Que incômodo são as pessoas populares! Tente fazer com que ele vá. A propósito, Dorian, você fugiu muito cedo ontem à noite. Saiu antes das onze. O que fez depois? Foi direto para casa?

Dorian olhou para ele apressadamente e franziu a testa.

— Não, Harry — disse enfim. — Só fui chegar em casa perto das três.

— Você foi ao clube?

— Sim — ele respondeu. Então mordeu o lábio. — Não, não quis dizer isso. Não fui ao clube. Eu andei por aí. Esqueci o que foi que fiz... Como você é curioso, Harry! Sempre quer saber o que os outros estão fazendo. Já eu sempre quero esquecer o que tenho feito. Cheguei às duas e meia, se quiser saber a hora exata. Esqueci minha chave em casa e o criado teve que abrir para mim. Se quiser alguma prova corroborativa sobre o assunto, pode perguntar a ele.

Lorde Henry encolheu os ombros.

— Meu caro amigo, como se eu me importasse! Vamos subir para a sala de estar. Xerez não, obrigado, sr. Chapman. Algo aconteceu com você, Dorian. Diga-me o que é. Você não está sendo você mesmo esta noite.

— Não se preocupe comigo, Harry. Estou irritável e de mau humor. Vou visitá-lo amanhã ou no dia seguinte. Apresente minhas desculpas a lady Narborough. Não vou subir. Vou para casa. Preciso ir para casa.

— Tudo bem, Dorian. Ouso dizer que o verei amanhã na hora do chá. A duquesa também irá.

— Vou tentar comparecer, Harry — disse ele, saindo da sala.

Ao voltar para casa, percebeu que a sensação de terror que pensava ter sufocado havia voltado. O questionamento casual de lorde Henry o fez perder o controle por um momento, e ainda queria manter a coragem. Coisas perigosas precisavam ser destruídas. Ele sentiu um calafrio. Odiava a ideia de sequer tocá-las.

No entanto, precisava ser feito. Ele percebeu isso e, depois de trancar a porta da biblioteca, abriu o armário secreto onde havia enfiado o casaco e a bolsa de Basil Hallward. Um grande fogo ardia na lareira. Ele jogou mais um pouco de lenha. O cheiro das roupas chamuscadas e do couro queimado era horrível. Demorou cerca de quarenta e cinco minutos para queimar tudo. No final sentiu-se fraco e enjoado e, depois de acender algumas pastilhas argelinas num braseiro de cobre perfurado, banhou as mãos e a testa com um vinagre fresco almiscarado.

De repente teve um sobressalto. Seus olhos ficaram estranhamente brilhantes e ele mordeu nervosamente o lábio inferior. Entre as duas janelas havia um grande armário florentino feito de ébano e incrustado de marfim e lápis-lazúli. Ele o observava como se o móvel fosse algo que pudesse tanto fasciná-lo quanto assustá-lo, como se contivesse algo que ele desejava e ainda assim quase detestava. Sua respiração acelerou. Um desejo louco tomou conta dele. Acendeu um cigarro e depois o jogou fora. Suas pálpebras caíram até os longos cílios quase tocarem as bochechas. Mas ele continuava observando o gabinete. Por fim, levantou-se do sofá onde estava deitado, aproximou-se do móvel e, depois de destrancá-lo, tocou numa mola escondida. Uma gaveta triangular saiu lentamente. Seus dedos foram instintivamente em

direção a ela, mergulharam e se aproximaram de alguma coisa. Era uma caixinha chinesa de laca preta e dourada, ricamente trabalhada, com as laterais decoradas com ondas curvas e os cordões de seda pendurados com cristais redondos e borlas com fios de metal trançados. Ele abriu. Dentro havia uma pasta verde de brilho ceroso, o odor curiosamente forte e persistente.

Ele hesitou por alguns instantes, com um sorriso estranhamente imóvel no rosto. Então, tremendo, ainda que a atmosfera do aposento estivesse terrivelmente quente, se empertigou e conferiu o relógio. Faltavam vinte para a meia-noite. Ele guardou a caixa, fechou as portas do armário e foi para o quarto.

Conforme a meia-noite desferia no ar escuro seus golpes de bronze, Dorian Gray, vestido normalmente e com um cachecol enrolado no pescoço, saiu silenciosamente de casa. Na Bond Street, encontrou um cabriolé com um bom cavalo. Fez sinal e, em voz baixa, deu ao motorista um endereço.

O homem sacudiu a cabeça.

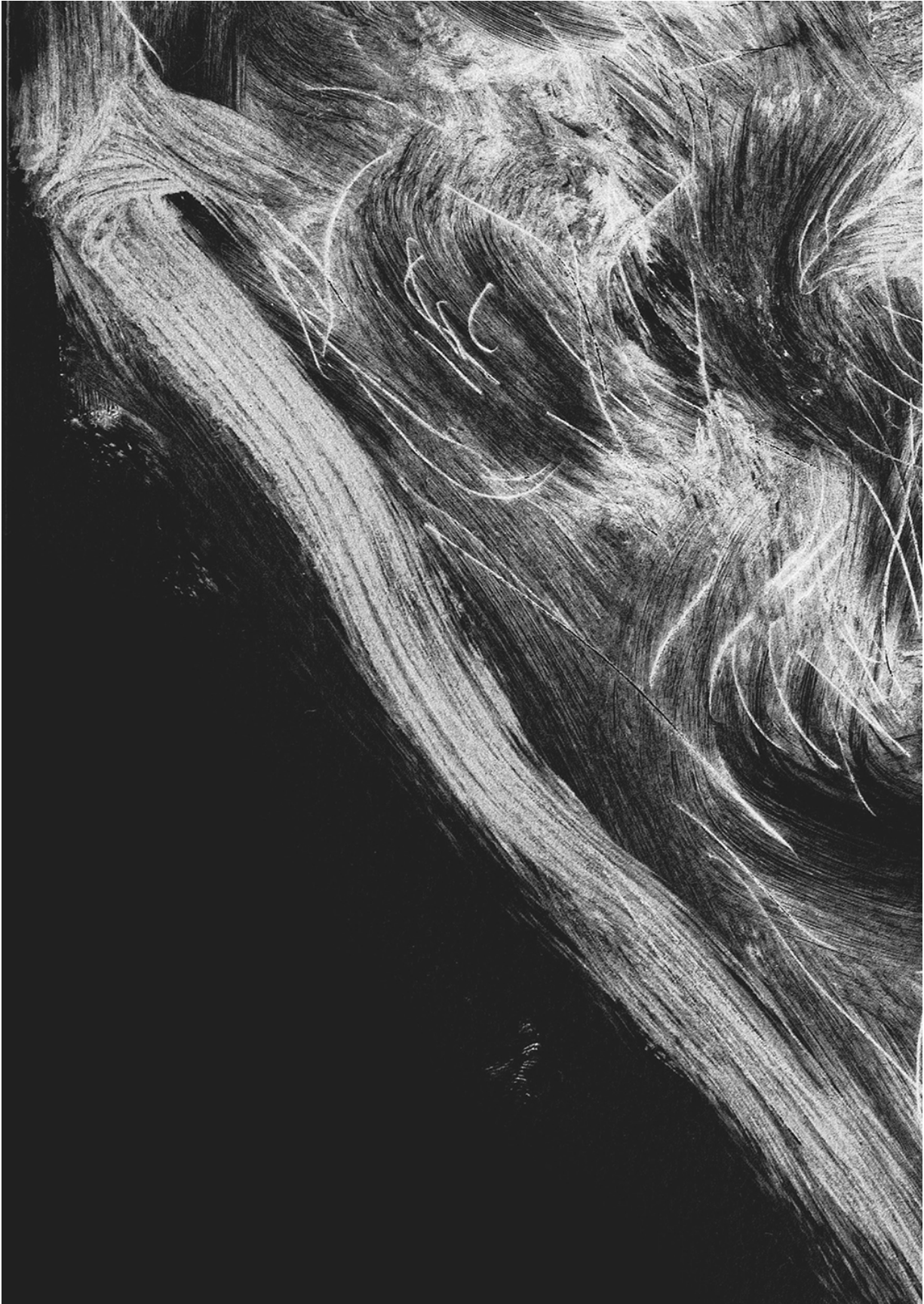
— É muito longe para mim — ele murmurou.

— Aqui está um soberano[13] para você — disse Dorian. — Você ganhará mais uma moeda se dirigir rápido.

— Tudo bem — respondeu o homem —, o senhor estará lá em uma hora. — E, após ser pago, deu meia-volta com o cavalo e foi rapidamente em direção ao rio.

---

1. Capítulo escrito para esta versão de 1891. ↩
2. A cidade alemã de Bad Homburg, conhecida por suas águas minerais e seu spa. [N. de T.] ↩
3. Técnica de aplicação de ouro de alto quilate moído e amálgama de mercúrio sobre objetos de bronze. [N. de T.] ↩

4. Prato feito com frango cozido, servido em um molho gelatinoso de seus próprios líquidos do cozimento. [N. de T.] ↩
5. Decotada. [N. de T.] ↩
6. Excesso de zelo. [N. de T.] ↩
7. Excesso de audácia. [N. de T.] ↩
8. 1 Fim de século. [N. de T.] ↩
9. 2 Fim do mundo. [N. de T.] ↩
10. O *Debrett's Peerage and Baronetage* é um guia da aristocracia inglesa, contendo etiquetas, parentescos e histórias de cada título, publicado desde 1769. [N. de T.] ↩
11. A bandeira britânica. [N. de T.] ↩
12. O *Burke's Peerage*, mais prestigioso livro de genealogia da nobreza britânica, publicado desde 1826, cataloga as histórias de seus títulos, algumas vezes inventadas. [N. de T.] ↩
13. Moeda de ouro inglesa com valor de uma libra. [N. de T.] ↩

capítulo 16[1]

Uma chuva fria começou a cair, e a luz indistinta dos postes ficava assustadora em meio à névoa gotejante. Os *pubs* estavam começando a fechar, e grupos de homens e mulheres soturnos aglomeravam-se diante de suas portas. De alguns dos bares vinha o som de terríveis risadas. Em outros, bêbados discutiam aos gritos.

Recostado no cabriolé, com o chapéu puxado sobre a testa, Dorian Gray observava com apatia a sórdida vergonha da cidade grande e de vez em quando repetia para si mesmo as palavras que lorde Henry lhe dissera no dia em que o conhecera: "curar a alma por meio dos sentidos, e os sentidos por meio da alma". Sim, era esse o segredo. Ele já havia tentado isso muitas vezes e tentaria novamente agora. Havia antros regados a ópio onde se podia comprar o esquecimento, antros horrorosos onde a memória dos pecados antigos podia ser destruída pela loucura de pecados novos.

A lua pairava baixa no céu, como uma caveira amarela. De vez em quando, uma enorme nuvem disforme estendia um longo braço e a escondia. Os lampiões a gás rareavam e as ruas ficavam cada vez mais estreitas e sombrias. O cocheiro errou o caminho, por isso precisou voltar oitocentos metros. Um vapor subia do cavalo enquanto ele caminhava sobre as poças. As janelas laterais do cabriolé estavam embaçadas por uma névoa cinzenta.

"Curar a alma por meio dos sentidos, e os sentidos por meio da alma!" Como as palavras ressoavam em seus ouvidos! Sua alma estava certa e mortalmente doente. Seria verdade que os sentidos poderiam curá-la? Sangue inocente havia sido derramado. O que poderia reparar isso? Ah! Para isso não havia reparação. Mas, embora o perdão fosse impossível, o esquecimento ainda era possível, e ele estava determinado a esquecer, a

erradicar a coisa, a esmagá-la como alguém esmagaria a víbora que o picou. Na verdade, que direito tinha Basil de ter falado com ele daquele modo? Quem o tornou juiz dos outros? Ele havia dito coisas terríveis, horríveis, que não deveriam ser suportadas.

O cabriolé seguia avançando, e parecia-lhe que cada vez mais devagar. Abriu a janelinha da carruagem e pediu ao homem que fosse mais rápido. A terrível fome de ópio começava a atormentá-lo. Sua garganta queimava e suas mãos delicadas se contraíam nervosamente. Atacou loucamente o cavalo com sua bengala. O motorista riu e começou a dar chicotadas no animal. Dorian também riu em resposta e o homem ficou em silêncio.

O caminho parecia interminável e as ruas pareciam a teia negra de uma aranha esparramada. A monotonia tornou-se insuportável e, à medida que a neblina se adensava, ele passou a sentir medo.

Depois passaram por olarias solitárias. A neblina era mais leve ali, e ele conseguiu ver os estranhos fornos em forma de garrafa, com suas línguas de fogo alaranjadas em formato de leque. Um cachorro latiu quando passaram, e ao longe, na escuridão, uma gaivota errante gritou. O cavalo tropeçou num sulco, depois desviou para o lado e começou a galopar.

Depois de algum tempo, deixaram a estrada de terra e voltaram a chacoalhar pelas ruas de calçadas irregulares. A maioria das janelas estava escura, mas de vez em quando a silhueta de sombras fantásticas aparecia por trás de alguma cortina iluminada por lamparinas. Ele as observou com curiosidade. Moviam-se feito marionetes monstruosas e faziam gestos como se fossem criaturas vivas. Ele as odiava. Havia em seu coração uma raiva surda. Ao dobrarem uma esquina, uma mulher gritou-lhes alguma coisa de uma porta aberta e dois homens correram

atrás do cabriolé por cerca de cem metros. O motorista bateu neles com o chicote.

Dizem que a paixão faz a pessoa pensar em círculos. E com certeza, numa horrenda repetição, os lábios mordidos de Dorian Gray moldaram e remodelaram aquelas palavras sutis que versavam sobre a alma e o sentido, até encontrar nelas a expressão completa, por assim dizer, de seu humor, e justificar, pela aprovação intelectual, as paixões que sem essa justificativa ainda estariam dominando seu temperamento. De célula em célula, seu cérebro arrastava um único pensamento. E o desejo selvagem de viver, o mais terrível de todos os apetites do homem, acelerou cada nervo e cada fibra trêmula. A feiura que outrora lhe fora odiosa porque tornava as coisas reais, agora tornava-se para ele cara por esse mesmo motivo. A feiura era a única realidade. A briga grosseira, os antros repugnantes, a violência crua da vida desordenada, a própria vileza do ladrão e do pária, eram mais vívidas, em sua intensa atualidade de impressão, do que todas as formas graciosas da Arte, as sombras oníricas da Canção. Eram do que ele precisava para o esquecimento. Em três dias estaria livre.

De repente, o cocheiro parou com um solavanco no topo de uma rua escura. Sobre os telhados baixos e as chaminés recortadas das casas erguiam-se os mastros escuros dos navios. Grinaldas de névoa branca penduravam-se como velas fantasmagóricas nos estaleiros.

— Fica em algum lugar por aqui, não é, senhor? — perguntou, com voz rouca, através da portinhola.

Dorian ficou alarmado e olhou em volta.

— Aqui está bom — respondeu ele, e, após sair às pressas e pagar ao cocheiro o valor extra que havia prometido, caminhou rapidamente em direção ao cais. Aqui e ali uma lanterna brilhava na popa de algum

enorme navio mercante. A luz tremia e se estilhaçava pelas poças. Um brilho vermelho vinha de um navio a vapor que estava carregando carvão. A calçada viscosa lembrava uma capa de chuva molhada.

Ele correu para a esquerda, olhando para trás de vez em quando para ver se estava sendo seguido. Em cerca de sete ou oito minutos chegou a uma casinha miserável encravada entre duas fábricas precárias. Numa das janelas superiores havia uma lâmpada. Ele parou e bateu à porta de um jeito específico.

Depois de algum tempo, ouviu passos no corredor e a corrente sendo desenganchada. A porta se abriu silenciosamente e ele entrou sem dizer uma palavra à figura atarracada e disforme que desapareceu na sombra quando ele passou. No final do corredor pendia uma cortina verde esfarrapada que balançava e se agitava com o vento tempestuoso que veio da rua. Ele a empurrou para o lado e entrou numa sala comprida e baixa que parecia ter sido um salão de dança de quinta categoria. Luminosas e sibilantes lamparinas a gás, embotadas e distorcidas pelos espelhos manchados que as rodeavam, estavam dispostas nas paredes. Eram sustentadas por gordurosos refletores de estanho frisado, formando trêmulos discos de luz. O chão estava coberto de serragem de cor ocre, pisoteada aqui e ali até virar lama, com manchas escuras de bebida alcoólica. Alguns malaios estavam agachados perto de um pequeno fogão a carvão, brincando com peças de osso e mostrando os dentes brancos enquanto conversavam. Num canto, com a cabeça afundada entre os braços, havia um marinheiro apoiado na mesa, e perto do balcão pintado com mau gosto ocupando toda a lateral havia duas mulheres abatidas zombando de um velho que escovava as mangas do casaco com uma expressão de nojo.

— Ele acha que está cheio de formigas vermelhas — riu uma delas quando Dorian passou. O homem olhou para ela aterrorizado e começou a choramingar.

No final da sala havia uma escadinha que conduzia a um aposento escuro. Enquanto Dorian subia apressadamente os três degraus frágeis, foi atingido pelo forte odor de ópio. Respirou fundo, suas narinas tremendo de prazer. Quando entrou, um jovem de cabelo loiro e liso, inclinado sobre uma lamparina para acender um cachimbo longo e fino, olhou para ele e lhe fez um aceno hesitante.

— Você aqui, Adrian? — murmurou Dorian.

— Onde mais eu deveria estar? — ele respondeu, indiferente. — Nenhum amigo fala comigo agora.

— Pensei que você tivesse saído da Inglaterra.

— Darlington não vai ajudar em nada. Meu irmão finalmente pagou a conta. George tampouco fala comigo... Eu não me importo — acrescentou, com um suspiro. — Enquanto tiver estas coisas aqui, não preciso de amigos. Acho que já tive amigos demais.

Dorian estremeceu e olhou ao redor, para as criaturas grotescas em tão fantásticas posições sobre os colchões esfarrapados. Fascinava-o ver as pernas e os braços retorcidos, as bocas abertas, os olhos fixos e opacos. Sabia bem em que paraísos estranhos aquelas pessoas sofriam e que infernos monótonos os ensinavam o segredo de uma nova alegria. Estavam numa situação melhor do que a dele. Ele estava preso em pensamentos. A memória, como uma doença horrível, corroía sua alma. De vez em quando ele parecia ver os olhos de Basil Hallward o encarando. No entanto, sentiu que não poderia permanecer ali. A presença de Adrian Singleton o incomodava. Ele queria estar onde ninguém soubesse quem ele era. Queria escapar de si mesmo.

— Vou para outro lugar — disse, após uma pausa.

— No cais?

— Sim.

— Aquela louca com certeza estará por lá. Não a aceitam mais aqui.

Dorian encolheu os ombros.

— Estou farto de mulheres que amam. Mulheres que odeiam são muito mais interessantes. Além disso, a coisa lá é melhor.

— É praticamente a mesma.

— Eu gosto mais. Venha e beba algo. Devo ter alguma coisa.

— Não quero nada — murmurou o jovem.

— Não importa.

Adrian Singleton levantou-se, cansado, e seguiu Dorian até o bar. Um homem mestiço, com um turbante esfarrapado e um sobretudo surrado, sorriu numa saudação hedionda enquanto colocava uma garrafa de *brandy* e dois copos diante deles. As mulheres se aproximaram e começaram a conversar. Dorian deu-lhes as costas e disse algo em voz baixa a Adrian Singleton.

Um sorriso torto, como um *kris* malaio[2], surgiu no rosto de uma das mulheres.

— Estamos muito orgulhosas esta noite — ela zombou.

— Pelo amor de Deus, não fale comigo — pediu Dorian, batendo o pé no chão. — O que quer? Dinheiro? Aqui está. Não volte a falar comigo.

Duas faíscas vermelhas brilharam por um instante nos olhos úmidos da mulher, depois desapareceram, deixando-os opacos e vidrados. Ela balançou a cabeça e recolheu as moedas do balcão com dedos gananciosos. Sua companheira a observou com inveja.

— Não adianta — suspirou Adrian Singleton. — Não estou preocupado em voltar. De que adianta? Estou muito feliz aqui.

— Vai me escrever se precisar de alguma coisa, não vai? — disse Dorian, após uma pausa.

— Talvez.

— Boa noite, então.

— Boa noite — respondeu o jovem, subindo a escada e enxugando a boca ressecada com um lenço.

Dorian caminhou até a porta com uma expressão de dor no rosto. Ao abrir a cortina, uma risada horrível escapou dos lábios pintados da mulher que pegara seu dinheiro.

— Lá se vai o acordo com o diabo! — ela disse, soluçando com uma voz rouca.

— Maldita! — ele respondeu. — Não me chame assim.

Ela estalou os dedos.

— Gosta de ser chamado de Príncipe Encantado, não é? — gritou atrás dele.

Enquanto ela falava, o marinheiro sonolento levantou-se de um salto e olhou em volta, desvairado. O som da porta do corredor se fechando chegou aos seus ouvidos. Ele correu como se estivesse numa perseguição.

Dorian Gray apressou-se ao longo do cais sob a chuva torrencial. Seu encontro com Adrian Singleton o comoveu de um jeito estranho, fazendo-o se perguntar se a ruína daquele jovem seria realmente culpa dele, como Basil Hallward lhe acusara num insulto infame. Ele mordeu o lábio e por alguns segundos seus olhos se encheram de tristeza. Mas, afinal, o que isso lhe importava? Os dias das pessoas eram breves demais para carregar sobre os ombros o fardo dos erros dos outros. Cada homem vive sua própria vida e paga seu próprio preço por vivê-la. A única pena era ser preciso pagar tantas vezes por uma única falha. Era preciso pagar repetidamente, de fato. Em suas relações com o homem, o Destino nunca encerra suas contas.

Há momentos, dizem-nos os psicólogos, em que a paixão pelo pecado, ou pelo que o mundo chama de pecado, domina tanto a natureza que cada fibra do corpo, assim como cada célula do cérebro, parece não passar de instintos movidos por impulsos terríveis. Homens e mulheres, nesses momentos, perdem a liberdade de seu arbítrio. Avançam como autômatos para seu terrível fim. A escolha lhes é retirada e a consciência é morta ou, se permanece viva, vive apenas para dar à rebelião seu fascínio e à desobediência seu encanto. Pois todos os pecados, como os teólogos não se cansam de nos lembrar, são pecados de desobediência. Quando aquele espírito elevado, aquela Estrela da Manhã[3] do mal, caiu do céu, caiu como um rebelde.

Insensível, concentrado no mal, com a mente maculada e a alma sedenta por rebeldia, Dorian Gray apressou-se, acelerando o passo à medida que avançava, mas ao disparar em direção a uma passagem em arco escura, que lhe servira muitas vezes como um atalho para os lugares infames que visitava, sentiu subitamente que alguém o agarrava por trás e, antes que tivesse tempo de se defender, foi empurrado contra a parede, com uma mão brutal pressionando-lhe a garganta.

Lutou loucamente pela vida e, com um esforço terrível, conseguiu desvencilhar-se daqueles dedos tensos. Num segundo, ouviu o clique de um revólver e percebeu o brilho de um cano polido apontado diretamente para sua cabeça, além da silhueta escura de um homem baixo e corpulento à sua frente.

— O que você quer? — ele perguntou, ofegante.

— Fique quieto — disse o homem. — Se você se mexer, eu atiro.

— Você é louco. O que eu te fiz?

— Você arruinou a vida de Sibyl Vane — foi a resposta —, e Sibyl Vane era minha irmã. Ela se matou. Sei disso. E a morte dela é culpa sua. Jurei que te mataria de volta. Há anos que te procuro. Eu não fazia ideia de onde estava, nenhuma pista. As duas pessoas que poderiam te ter descrito já estavam mortas. Eu não sabia nada sobre você, exceto o apelido que ela usava para chamá-lo. Esta noite o ouvi por acaso. Faça as pazes com Deus, pois esta noite você vai morrer.

Dorian Gray ficou nauseado de medo.

— Eu nunca a conheci — ele gaguejou. — Nunca ouvi falar dela. Você é louco.

— É melhor confessar seu pecado, pois, tão certo quanto me chamo James Vane, você vai morrer. — Foi um momento horrível. Dorian não sabia o que dizer ou fazer. — Ajoelhe-se! — rosnou o homem. — Dou-

lhe um minuto para fazer as pazes com Deus... nada mais. Embarco hoje à noite para a Índia e antes devo fazer meu trabalho. Um minuto. Isso é tudo.

Os braços de Dorian tombaram. Paralisado de terror, não sabia o que fazer. De repente, uma esperança selvagem passou pela sua cabeça.

— Pare — ele gritou. — Há quanto tempo sua irmã morreu? Rápido, me diga!

— Dezoito anos — disse o homem. — Por que a pergunta? O que importam os anos?

— Dezoito anos — riu Dorian Gray, com um toque de triunfo na voz. — Dezoito anos! Leve-me para perto de uma lamparina e olhe para o meu rosto!

James Vane hesitou por um momento, sem entender o que aquilo significava. Depois agarrou Dorian Gray e arrastou-o para longe do arco onde estavam.

Por mais fraca e oscilante que fosse a luz soprada pelo vento, serviu para mostrar-lhe o erro hediondo, ao que parecia, em que ele havia caído, pois o rosto do homem que tentara matar estava na flor da adolescência, com toda a imaculada pureza da juventude preservada. Parecia pouco mais do que um rapaz de vinte anos, um bocadinho mais velho, se é que era mais velho, do que sua irmã quando se separaram, tantos anos antes. Era óbvio que este não era o homem que destruíra sua vida.

Ele afrouxou o aperto e recuou.

— Meu Deus! Meu Deus! — ele disse. — E eu estava prestes a assassinar você!

Dorian Gray respirou fundo.

— Você esteve à beira de cometer um crime terrível, meu caro — disse ele, olhando-o com severidade. — Que isto seja um aviso para que não faça vingança com suas próprias mãos.

— Perdoe-me, senhor — murmurou James Vane. — Me enganei. Uma palavra que ouvi por acaso naquele maldito covil me deu uma pista equivocada.

— É melhor ir para casa e guardar essa pistola, ou pode acabar se metendo em encrencas — disse Dorian, virando-se e descendo lentamente a rua.

James Vane ficou parado na calçada, horrorizado. Tremia da cabeça aos pés. Um instante depois, uma sombra escura que rastejava pela parede úmida saiu para a luz e se aproximou dele com passos furtivos. Ele sentiu uma mão pousar em seu braço e olhou em volta, assustado. Era uma das mulheres que bebia no bar.

— Por que não o matou? — ela sibilou, aproximando o rosto abatido bem perto do dele. — Percebi que você o estava seguindo quando saiu

correndo da casa de Daly. Seu idiota! Devia tê-lo matado. Ele é cheio da grana e tão mau quanto possível.

— Não é o homem que procuro — respondeu ele —, e não quero o dinheiro de ninguém. O que desejo é a vida de um homem que deve ter, agora, quase quarenta anos. Este é pouco mais que um menino. Graças a Deus não tenho o sangue dele em minhas mãos.

A mulher deu uma risada amarga.

— Pouco mais que um menino! — ela zombou. — Ora, meu caro, já faz quase dezoito anos que o Príncipe Encantado me tornou o que sou hoje.

— Você está mentindo! — gritou James Vane.

Ela ergueu a mão para o céu.

— Juro por Deus que estou dizendo a verdade — ela disse.

— Jura por Deus?

— Que um raio me parta se não for verdade. Ele é o pior dos que vêm aqui. Dizem que se vendeu ao diabo em troca de um rosto bonito. Já faz quase dezoito anos que o conheço. Ele não mudou muito desde então. Já eu, sim — acrescentou ela, com um olhar malicioso e doentio.

— Você jura?

— Eu juro — disse, num eco rouco de seus lábios achatados. — Mas não me desmascare a ele — ela choramingou. — Tenho medo desse homem. Me dê algum dinheiro para passar a noite.

Ele se distanciou dela com um xingamento e correu para a esquina, mas Dorian Gray havia desaparecido. Quando olhou para trás, a mulher também havia desaparecido.

---

1. Capítulo escrito para esta versão de 1891. ↩
2. Típica adaga malaia de lâmina ondulada. [N. de T.] ↩

3. No *Paraíso perdido*, de Milton, Satã é chamado Lúcifer, ou Estrela da Manhã, o primeiro anjo caído. [N. de T.] ↩

capítulo 17[1]

Uma semana depois, Dorian Gray estava sentado no jardim de inverno de Selby Royal conversando com a bela duquesa de Monmouth, que, junto do marido, um homem de sessenta anos e aparência cansada, estava entre os convidados. Era hora do chá, e a luz suave do enorme abajur forrado de renda sobre a mesa iluminava a delicada porcelana e a prataria trabalhada da reunião presidida pela duquesa. Suas mãos brancas se moviam delicadamente entre as xícaras e seus lábios carnudos e vermelhos sorriam em resposta a algo que Dorian havia murmurado para ela. Lorde Henry, recostado numa cadeira de vime forrada de seda, os observava. Lady Narborough estava sentada num divã cor de pêssego, fingindo ouvir a descrição do duque sobre o último besouro brasileiro que ele acrescentara à sua coleção. Três rapazes em sofisticados smokings ofereciam bolinhos a algumas mulheres. A reunião consistia em doze pessoas e mais eram aguardadas para o dia seguinte.

— Sobre o que vocês dois estão conversando? — perguntou lorde Henry, aproximando-se da mesa e pousando sua xícara sobre ela. — Espero que Dorian tenha lhe contado sobre meu plano de rebatizar tudo, Gladys. É uma ideia deliciosa.

— Mas eu não quero ser rebatizada, Harry — respondeu a duquesa, olhando para ele com seus belíssimos olhos. — Estou bastante satisfeita

com meu próprio nome e tenho certeza de que o sr. Gray deve estar satisfeito com o dele.

— Minha querida Gladys, eu não alteraria nenhum dos nomes por nada no mundo. Ambos são perfeitos. Eu estava pensando sobretudo nas flores. Ontem cortei uma orquídea para minha lapela. Era uma coisa maravilhosamente pintalgada, tão eficaz quanto os sete pecados capitais. Sem pensar, perguntei a um dos jardineiros como se chamava aquela. Ele me disse que era um belo exemplar de *robinsoniana* ou algo horrível do tipo. É uma triste verdade, mas perdemos a faculdade de dar nomes bonitos às coisas. Os nomes são tudo. Eu nunca compro briga com ações. Minha única briga é com as palavras. Essa é a razão pela qual odeio o realismo vulgar na literatura. Um homem que consegue chamar as coisas pelos nomes deveria ser obrigado a usá-los. É a única coisa para a qual ele está apto.

— Então como devemos chamá-lo, Harry? — ela perguntou.

— O nome dele é Príncipe Paradoxo — disse Dorian.

— Eu o reconheço num piscar de olhos — exclamou a duquesa.

— Não quero saber disso. — Lorde Henry riu, afundando-se numa cadeira. — De rótulos não há escapatória! Recuso o título.

— A realeza não pode abdicar. — As palavras soaram como um aviso vindo dos belos lábios.

— Deseja que eu defenda meu trono, então?

— Sim.

— Eu trago as verdades de amanhã.

— Prefiro os enganos de hoje — respondeu ela.

— Você me desarma, Gladys — ele disse, percebendo a obstinação da mulher.

— Do seu escudo, Harry: não da sua lança.

— Nunca me volto contra a Beleza — disse ele, com um aceno de mão.

— Esse é o seu erro, Harry, acredite em mim. Você valoriza demais a beleza.

— Como pode dizer isso? Admito que acho melhor ser bonito do que ser bom. Mas, por outro lado, ninguém está mais preparado do que eu para reconhecer que é melhor ser bom do que ser feio.

— A feiura é um dos sete pecados capitais, então? — exclamou a duquesa. — O que acontece com sua comparação sobre as orquídeas?

— A feiura é uma das sete virtudes mortais, Gladys. Você, como boa conservadora, não deve subestimá-las. A cerveja, a Bíblia e as sete virtudes mortais fizeram da nossa Inglaterra o que ela é hoje.

— Então não gosta do seu país? — ela perguntou.

— É onde moro.

— Para poder criticá-lo melhor.

— Preferiria que eu desse um veredicto sobre a Europa? — ele perguntou.

— O que eles dizem de nós?

— Que Tartufo[2] emigrou para a Inglaterra e aqui abriu uma loja.

— Esse veredito é seu, Harry?

— Eu o dou a você.

— Eu não poderia usá-lo. É verdadeiro demais.

— Não precisa ter medo. Nossos compatriotas nunca reconhecem uma descrição.

— Eles são pragmáticos.

— São mais astutos do que pragmáticos. Quando fazem as contas, equilibram a estupidez com a riqueza e o vício com a hipocrisia.

— Ainda assim, fizemos grandes coisas.

— Grandes coisas nos foram impostas, Gladys.

— Carregamos o fardo delas.

— Só até a Bolsa de Valores.

Ela balançou a cabeça.

— Acredito na raça — ela disse.

— Isso significa a sobrevivência do insistente.

— Mas é algo próspero.

— A decadência me fascina mais.

— E quanto à Arte?

— É uma doença.

— O Amor?

— Uma ilusão.

— A Religião?

— O substituto da moda para a Crença.

— Você é um cético.

— Jamais! O ceticismo é o princípio da Fé.

— O que você é?

— Definir é limitar.

— Me dê uma pista.

— Os fios se rompem. Você se perderia no labirinto.

— Você me deixa perplexa. Vamos falar dos outros.

— Nosso anfitrião é um assunto encantador. Anos atrás o batizaram de Príncipe Encantado.

— Ah! Não me lembre disso — pediu Dorian Gray.

— Nosso anfitrião está se comportando horrivelmente esta noite — respondeu a duquesa, corando. — Creio que ele julga que Monmouth se casou comigo com base em princípios puramente científicos, como o melhor espécime que conseguiu encontrar de uma borboleta moderna.

— Bem, espero que ele não enfie alfinetes em você, duquesa — disse Dorian, dando risada.

— Ah! Minha empregada já faz isso, sr. Gray, quando está irritada comigo.

— E por que ela fica irritada com a senhora, duquesa?

— Pelas coisas mais triviais, sr. Gray, eu lhe garanto. Geralmente porque chego às nove para as dez e digo a ela que preciso estar vestida às oito e meia.

— Que irracional da parte dela! A senhora deveria alertá-la.

— Não me atrevo, sr. Gray. Ora, ela inventa chapéus para mim. O senhor se lembra daquele que usei na festa no jardim de lady Hilstone? O senhor não lembra, mas é gentil da sua parte fingir que sim. Bem, ela fez aquilo do nada. Todos os bons chapéus são feitos do nada.

— Assim como todas as boas reputações, Gladys — interrompeu lorde Henry. — Todo efeito que alguém causa lhe dá um inimigo. Para ser popular é necessário que a pessoa seja medíocre.

— Não com mulheres — disse a duquesa, balançando a cabeça —, e as mulheres governam o mundo. Garanto a você que não suportamos mediocridades. Nós, mulheres, como se diz, amamos com os ouvidos, assim como vocês, homens, amam com os olhos, se é que alguma vez amaram.

— A mim parece que nunca fizemos outra coisa — murmurou Dorian.

— Ah! Então o senhor nunca amou de verdade, sr. Gray — respondeu a duquesa, com falsa tristeza.

— Minha querida Gladys! — disse lorde Henry. — Como pode dizer isso? O romance vive da repetição, e a repetição transforma o apetite em arte. Além disso, a cada vez que se ama é como se fosse a primeira vez. A

diferença de objeto não altera a unicidade da paixão. Apenas a intensifica. Podemos ter na vida apenas uma grande experiência, na melhor das hipóteses, e o segredo da vida é reproduzir essa experiência tão frequentemente quanto possível.

— Mesmo quando essa experiência nos feriu, Harry? — perguntou a duquesa, após uma pausa.

— Especialmente quando nos feriu — respondeu lorde Henry.

A duquesa se virou e olhou para Dorian Gray com uma expressão curiosa nos olhos.

— O que o senhor acha disso, sr. Gray? — perguntou.

Dorian hesitou por um momento. Então jogou a cabeça para trás e riu.

— Eu sempre concordo com Harry, duquesa.

— Mesmo quando ele está errado?

— Harry nunca está errado, duquesa.

— E a filosofia dele te deixa feliz?

— Nunca procurei a felicidade. Quem quer felicidade? Procurei o prazer.

— E o encontrou, sr. Gray?

— Com frequência. Com frequência demais.

A duquesa suspirou.

— Estou em busca de paz — disse ela —, e, se não for me vestir, não terei nenhuma essa noite.

— Deixe-me pegar algumas orquídeas para você, duquesa — pediu Dorian, levantando-se e caminhando pelo jardim de inverno.

— Você está flertando vergonhosamente com ele — disse lorde Henry à prima. — É melhor se cuidar. Ele é muito fascinante.

— Se não fosse, não haveria batalha.

— Grego contra grego, então?

— Estou do lado dos troianos. Eles lutaram por uma mulher.

— Foram derrotados.

— Há coisas piores do que ser capturada — respondeu ela.

— Você galopa com as rédeas soltas.

— O ritmo cria a vida — rebateu.

— Vou escrever isso em meu diário hoje à noite.

— O quê?

— Que uma criança queimada adora o fogo.

— Não estou nem chamuscada. Minhas asas estão intactas.

— Você as usa para tudo, menos para voar.

— A coragem passou dos homens para as mulheres. É uma experiência nova para nós.

— Você tem uma rival.

— Quem?

Ele riu.

— Lady Narborough — sussurrou. — Ela o venera.

— Você me enche de preocupação. O apelo à Antiguidade é fatal para nós, que somos românticas.

— Românticas! Vocês têm todos os métodos da ciência.

— Os homens nos educaram.

— Mas não as explicaram.

— Nos descreva como sexo — lançou o desafio.

— As mulheres são esfinges sem segredos.

Ela olhou para ele, sorrindo.

— Como o sr. Gray está se demorando! — ela disse. — Vamos lá ajudá-lo. Ainda não lhe contei a cor do meu vestido.

— Ah! Você precisa combinar seu vestido com as flores dele, Gladys.

— Isso seria uma rendição prematura.

— A Arte Romântica começa com o clímax.

— Preciso reservar uma oportunidade para a retirada.

— Ao estilo parta?[3]

— Eles encontraram segurança no deserto. Eu não seria capaz de fazer aquilo.

— As mulheres nem sempre têm escolha — respondeu ele, mas mal havia terminado a frase quando irrompeu do outro lado do jardim de inverno um gemido abafado, seguido pelo barulho surdo de uma queda pesada. Todos ficaram sobressaltados. A duquesa ficou imóvel, tamanho foi seu horror. E com a expressão assustada lorde Henry correu por entre folhas agitadas de palmeira e encontrou Dorian Gray caído de bruços no chão de ladrilhos, num desmaio semelhante ao da morte.

Foi imediatamente levado para a sala azul e deitado num dos sofás. Após um curto período de tempo, voltou a si e olhou em volta com a expressão atordoada.

— O que aconteceu? — perguntou. — Ah! Eu lembro. Estou seguro aqui, Harry? — Ele começou a tremer.

— Meu caro Dorian — respondeu lorde Henry —, você apenas desmaiou. Isso foi tudo. Deve ter se cansado demais. É melhor não descer para jantar. Eu tomarei o seu lugar.

— Não, eu vou descer — disse ele, pondo-se de pé com dificuldade. — Prefiro descer. Não posso ficar sozinho.

Ele foi para seu quarto e se vestiu. Havia uma alegria selvagem e imprudente em seus modos à mesa, mas de vez em quando um arrepio de terror o percorria quando se lembrava de ter visto, pressionado contra a janela do jardim de inverno como um lenço branco, o rosto de James Vane o observando.

---

1. Capítulo escrito para esta versão de 1891. ↩
2. Personagem da comédia *Tartufo* (1664), de Moliére, sobre um falso religioso e hipócrita. [N. de T.] ↩
3. Um "disparo parto" era o modo como os cavaleiros da antiga Pártia fingiam uma retirada, disparando suas flechas para trás contra quem os perseguisse. [N. de T.] ↩

capítulo 18[1]

No dia seguinte ele não saiu de casa, e, de fato, passou a maior parte do tempo em seu próprio quarto, adoecido com um medo selvagem de morrer, e ainda assim indiferente à vida em si. A consciência de estar sendo caçado, encurralado, rastreado, começou a dominá-lo. Se a cortina simplesmente balançasse ao vento, ele tremia. As folhas secas sopradas contra o chumbo das vidraças pareciam para ele suas próprias resoluções desperdiçadas e seus arrependimentos loucos. Quando fechava os olhos, voltava a ver o rosto do marinheiro espiando por entre as janelas embaçadas de névoa, e o horror parecia outra vez tomar conta de seu coração.

Mas talvez tenha sido apenas sua imaginação que tenha produzido a vingança na noite e colocado diante dele horríveis formas de punição. A vida real era um caos, mas havia algo terrivelmente lógico na imaginação. Era a imaginação que colocava o remorso no encalço do pecado. Que fazia com que cada crime produzisse sua ninhada disforme. Na verdade, no mundo comum, os maus não eram punidos nem os bons, recompensados. O sucesso era dado aos fortes, o fracasso era imposto aos fracos. Isso era tudo. Além do mais, se algum estranho estivesse rondando a casa, teria sido visto pelos criados ou pelos guarda-caças. Se tivessem sido encontradas pegadas nos canteiros de flores, os jardineiros o teriam relatado. Sim: tinha sido apenas fruto de sua imaginação. O irmão de Sibyl Vane não voltou para matá-lo. Ele havia

zarpado em seu navio para naufragar em algum mar invernal. De qualquer forma, dele estava seguro. Ora, o homem não sabia quem ele era, não tinha como saber quem ele era. Havia sido salvo pela máscara da juventude.

E, no entanto, se tudo aquilo não fosse nada além de uma ilusão, era terrível pensar que a consciência pudesse criar fantasmas tão temerosos, dar-lhes forma visível e fazê-los mover-se diante de nós! Que tipo de vida levaria se dia e noite as sombras de seu crime ficassem espiando-o de cantos silenciosos, zombando dele de lugares secretos, sussurrando em seu ouvido enquanto ele se sentava para jantar, acordando-o com dedos gelados quando estivesse dormindo? À medida que o pensamento se insinuou em seu cérebro, ele foi empalidecendo de horror e o ar lhe pareceu subitamente mais frio. Ah! Que momento de loucura fora aquele em que matara seu amigo! Como era horrível a mera lembrança da cena! Ele reviu tudo. Cada detalhe hediondo voltou para ele com horror adicional. Da escura caverna do Tempo, terrível e envolta em escarlate, surgia a imagem do seu pecado. Quando lorde Henry chegou, às seis horas, encontrou-o chorando como alguém de coração partido.

Passou três dias sem se aventurar a sair. Até que algo no ar límpido e perfumado de pinho daquela manhã de inverno pareceu trazer de volta sua alegria e seu entusiasmo pela vida. Mas não eram apenas as condições físicas do ambiente que causaram a mudança. Sua própria natureza havia se revoltado contra o excesso de angústia que procurava mutilar e estragar a perfeição da sua calma. É o que sempre ocorre com aqueles de temperamentos sutis e refinados. Suas fortes paixões precisam ferir ou ceder. Ou matam a pessoa ou morrem elas próprias. As mágoas e os amores superficiais seguem vivos. São os amores e as tristezas profundos os destruídos pela própria plenitude. Além disso, ele se convencera de que fora vítima de uma imaginação aterrorizada, e agora olhava para trás, para seus medos, com um pouco de piedade e não pouco desprezo.

Depois do café da manhã, ele caminhou por uma hora com a duquesa no jardim e depois atravessou o parque para se juntar ao grupo de caça. A geada fresca caía como sal sobre a grama. O céu parecia uma xícara invertida de metal azul. Uma fina camada de gelo margeava o lago raso coberto de juncos.

No canto do bosque de pinheiros, avistou sir Geoffrey Clouston, irmão da duquesa, tirando da arma dois cartuchos gastos. Ele saltou da carroça e, após dizer ao cavalariço para levar a égua para casa, dirigiu-se ao convidado por entre as samambaias murchas e a vegetação rasteira.

— Foi uma boa caçada, Geoffrey? — perguntou ele.

— Não muito, Dorian. Acho que a maioria dos pássaros foi para área aberta. Arrisco dizer que vai ser melhor depois do almoço, quando formos a um terreno novo.

Dorian caminhou ao seu lado. O ar profundamente perfumado, as luzes marrons e vermelhas brilhando na floresta, os gritos roucos dos batedores soando de vez em quando seguidos pelos estampidos agudos das armas o fascinaram e encheram-no de uma sensação deliciosa de liberdade. Ele foi dominado pela felicidade desatenta, pela elevada indiferença da alegria.

De repente, de um torrão irregular de grama velha, cerca de vinte metros à frente deles, com orelhas pretas pontiagudas e longas patas traseiras lançadas para a frente, surgiu uma lebre. Foi em disparada na direção de um matagal de amieiros. Sir Geoffrey colocou a arma no ombro, mas algo nos movimentos graciosos do animal provocou um estranho encantamento em Dorian Gray, que gritou de imediato:

— Não atire nela, Geoffrey. Deixe-a viver.

— Que bobagem, Dorian! — riu seu companheiro, e quando a lebre saltou para o matagal ele atirou. Ouviram-se dois gritos: o de uma lebre

com dor, que é terrível, e o de um homem em agonia, que é pior.

— Deus do céu! Acertei um batedor! — exclamou sir Geoffrey. — Que idiotice desse homem em ficar na frente das armas! Parem de atirar aí! — ele gritou a plenos pulmões. — Um homem está ferido.

O chefe dos guarda-caças chegou correndo com uma vara na mão.

— Onde, senhor? Onde ele está? — ele gritou. Ao mesmo tempo, o tiroteio cessou ao longo da linha.

— Ali — respondeu sir Geoffrey, com raiva, correndo em direção ao matagal. — Por que diabos não mantém seus homens afastados? Estragou meu dia de caçada.

Dorian os observou enquanto se enfiavam na moita de amieiros, afastando os galhos flexíveis que balançavam de um lado para o outro. Em instantes apareceram de volta, arrastando um corpo para a luz do sol. Dorian se virou, horrorizado. Parecia-lhe que o infortúnio o acompanhava aonde quer que fosse. Ouviu sir Geoffrey perguntar se o homem estava realmente morto e a resposta afirmativa do guardião. A floresta lhe pareceu subitamente cheia de rostos. Escutou o passo de uma miríade de pés e o zumbido baixo de vozes. Um grande faisão de peito acobreado veio batendo por entre os galhos acima.

Depois de alguns momentos, que em seu estado perturbado foram como intermináveis horas de dor, sentiu uma mão pousar em seu ombro. Ele se assustou e olhou em volta.

— Dorian — disse lorde Henry —, é melhor eu dizer a eles que a caçada está encerrada por hoje. Não ficaria bem continuar.

— Eu gostaria que a caçada se encerrasse para sempre, Harry — ele respondeu, amargo. — A coisa toda é horrível e cruel. O homem está...? — Não conseguiu terminar a frase.

— Receio que sim — respondeu lorde Henry. — Ele recebeu toda a carga de tiro no peito. Deve ter morrido quase instantaneamente. Venha. Vamos para casa.

Caminharam lado a lado em direção à avenida por quase cinquenta metros, sem falar. Então Dorian olhou para lorde Henry e disse, com um suspiro pesado:

— É um mau presságio, Harry, um péssimo presságio.

— O quê? — perguntou lorde Henry. — Ah! Este acidente, imagino. Meu caro amigo, não há como evitar. Foi culpa do próprio homem. Por que ele ficou na frente das armas? Além disso, não tem nada a ver conosco. É uma situação estranha para Geoffrey, é claro. Não cai bem acertar em batedores. Faz as pessoas pensarem que se trata de um atirador descontrolado. E Geoffrey não é descontrolado, ele atira muito bem. Mas não adianta falar sobre o assunto.

Dorian balançou a cabeça.

— É um mau presságio, Harry. Sinto como se algo horrível fosse acontecer com algum de nós. Comigo mesmo, talvez — acrescentou, passando a mão pelos olhos, com um gesto de dor.

O homem mais velho riu.

— A única coisa horrível no mundo é o *ennui*, Dorian. É o único pecado para o qual não há perdão. Mas é pouco provável que soframos com isso, a menos que os outros continuem tocando nesse assunto durante o jantar. Precisarei dizer-lhes que o assunto será considerado um tabu. Quanto aos presságios, não existem presságios. O Destino não nos envia arautos. É sábio ou cruel demais para isso. Além disso, o que lhe poderia acontecer, Dorian? Você tem tudo que um homem pode desejar no mundo. Não há ninguém que não ficaria feliz em trocar de lugar com você.

— Não há ninguém com quem eu não trocasse de lugar, Harry. Não ria assim. Estou lhe contando a verdade. O infeliz do camponês que acaba de morrer está numa situação melhor do que eu. Não sinto medo da Morte. É a chegada da Morte que me aterroriza. Suas asas monstruosas parecem girar no ar pesado ao meu redor. Deus do céu! Não vê um homem se movendo atrás das árvores ali, me observando, esperando por mim?

Lorde Henry olhou na direção para onde apontava a mão trêmula e enluvada do outro.

— Sim — disse ele, sorrindo —, vejo o jardineiro esperando por você. Imagino que queira lhe perguntar que flores você deseja ter na mesa esta noite. Como está absurdamente nervoso, meu caro amigo! Você precisa visitar meu médico quando voltarmos à cidade.

Dorian soltou um suspiro de alívio ao ver o jardineiro se aproximando.

O homem tocou no chapéu, olhou por um momento para lorde Henry de modo hesitante e depois tirou uma carta, que entregou ao patrão.

— Sua Graça me disse para esperar por uma resposta — ele murmurou. Dorian colocou a carta no bolso.

— Diga a Sua Graça que já vou entrar — disse ele, friamente. O homem virou-se e foi rapidamente na direção da casa.

— Como as mulheres gostam de fazer coisas perigosas! — Riu lorde Henry. — É uma das qualidades que mais admiro nelas. Uma mulher flertaria com qualquer pessoa no mundo, desde que outras pessoas estivessem olhando.

— Como gosta de dizer coisas perigosas, Harry! No caso em questão, você está bem enganado. Eu gosto muito da duquesa, mas não a amo.

— E a duquesa o ama muito, mas não gosta tanto de você, então vocês combinam perfeitamente.

— Você está falando de escândalo, Harry, e nunca há base para nenhum escândalo.

— A base de todo escândalo é uma certeza imoral — disse lorde Henry, acendendo um cigarro.

— Você sacrificaria qualquer um, Harry, por um epigrama.

— As pessoas vão para o altar por vontade própria — foi a resposta.

— Eu gostaria de poder amar — disse Dorian Gray, com uma profunda nota de emoção na voz. — Mas pareço ter perdido a paixão e esquecido o desejo. Estou muito concentrado em mim mesmo. Minha própria personalidade se tornou um fardo para mim. Quero fugir, ir embora, esquecer. Foi bobagem da minha parte vir até aqui. Acho que vou mandar um telegrama para Harvey pedindo que o iate fique pronto. Num iate estarei a salvo.

— A salvo de quê, Dorian? Você está metido em algum problema. Por que não me diz o que é? Você sabe que o ajudaria.

— Não posso lhe contar, Harry — ele respondeu, tristemente. — E ouso dizer que é apenas minha imaginação. Esse acidente infeliz me perturbou. Tenho um pressentimento horrível de que algo desse tipo pode acontecer comigo.

— Que absurdo!

— Espero que seja, mas não posso deixar de sentir isso. Ah! Aqui está a duquesa, parecendo Ártemis em um vestido sob medida. Veja, voltamos, duquesa.

— Já fiquei sabendo de tudo, sr. Gray — ela respondeu. — O pobre Geoffrey está terrivelmente perturbado. E parece que você pediu para ele não atirar na lebre. Que curioso!

— Sim, foi muito curioso. Não sei o que me fez dizer isso. Algum capricho, suponho. Parecia a mais adorável das criaturinhas vivas. Mas lamento que lhe tenham contado sobre o homem. É um assunto horrível.

— É um assunto irritante — interrompeu lorde Henry. — Não tem qualquer valor psicológico. Agora, se Geoffrey tivesse feito aquilo de propósito, como ele seria interessante! Eu gostaria de conhecer alguém que já tivesse cometido um assassinato real.

— Que horrível da sua parte, Harry! — exclamou a duquesa. — Não é, sr. Gray? Harry, o sr. Gray está mal outra vez. Vai desmaiar.

Dorian endireitou-se com esforço e sorriu.

— Não é nada, duquesa — ele murmurou. — Meus nervos estão terrivelmente desordenados. Só isso. Receio ter caminhado muito esta manhã. Não ouvi o que Harry disse. Foi muito ruim? Você precisa me contar outra hora. Acho que tenho de me deitar. Com licença, por favor.

Tinham chegado à grande escadaria que ligava o jardim de inverno ao terraço. Quando a porta de vidro se fechou atrás de Dorian, lorde Henry virou-se e olhou para a duquesa com seus olhos sonolentos.

— Está muito apaixonada por ele? — perguntou.

Ela ficou algum tempo sem responder, olhando a paisagem.

— Quisera eu saber — disse, finalmente.

Ele balançou a cabeça.

— Saber seria fatal. É a incerteza que encanta. Uma névoa torna as coisas maravilhosas.

— A pessoa pode errar o caminho.

— Todos os caminhos levam ao mesmo ponto, minha querida Gladys.

— E qual seria?

— Desilusão.

— Foi meu *début* na vida — ela suspirou.

— Chegou coroado a você.

— Estou cansada das folhas de morango.[2]

— Elas caem bem em você.

— Apenas em público.

— Você sentiria falta delas — disse lorde Henry.

— Não vou abrir mão de nenhuma pétala.

— Monmouth tem ouvidos.

— Escuta-se mal na velhice.

— Ele nunca ficou com ciúme?

— Gostaria que tivesse ficado.

Ele olhou ao redor como se estivesse em busca de alguma coisa.

— O que está procurando? — ela perguntou.

— O botão do seu florete[3] — ele respondeu. — Você deixou cair.

Ela riu.

— Ainda estou usando a máscara.

— Isso deixa seus olhos ainda mais lindos — foi sua resposta.

Ela riu outra vez. Seus dentes pareciam sementes brancas de uma fruta escarlate.

No andar de cima, em seu próprio quarto, Dorian Gray estava deitado num sofá sentindo formigar o terror em cada fibra do corpo. A vida de repente se tornou um fardo horrível demais para carregar. A morte horrível do batedor infeliz, abatido no mato feito um animal selvagem, parecia-lhe prefigurar a morte também para si mesmo. Quase desmaiou com o que lorde Henry dissera, com aquele humor casual de uma brincadeira cínica.

Às cinco horas, tocou a sineta para chamar o criado e deu-lhe ordens para arrumar suas coisas para embarcar no expresso noturno que partiria de volta à cidade, e para que o fiacre estivesse na porta às oito e meia. Estava decidido a não dormir mais uma noite sequer em Selby Royal. Era um lugar de mau agouro, onde a morte caminhava à luz do dia. A grama do bosque estava manchada de sangue.

Depois escreveu um bilhete a lorde Henry dizendo-lhe que iria à cidade consultar seu médico e pedindo-lhe que divertisse seus convidados enquanto estivesse ausente. Enquanto o colocava no envelope, alguém bateu à porta e seu criado informou-o de que o guarda-caça desejava vê-lo. Ele franziu a testa e mordeu o lábio.

— Mande-o entrar — ele murmurou, após alguns momentos de hesitação.

Assim que o homem entrou, Dorian tirou o talão de cheques de uma gaveta e estendeu-o diante dele.

— Suponho que tenha vindo por causa do infeliz acidente desta manhã, certo, Thornton? — disse, pegando uma caneta.

— Sim, senhor — respondeu o guarda-caça.

— O pobre sujeito era casado? Tinha alguém que dependia dele? — perguntou Dorian, parecendo entediado. — Se assim for, não gostaria que eles ficassem na miséria e lhes enviarei qualquer quantia de dinheiro que você julgar necessária.

— Não sabemos quem é, senhor. Foi por isso que tomei a liberdade de vir falar com o senhor.

— Não sabem quem ele é? — perguntou Dorian, indiferente. — O que quer dizer? Não era um dos seus homens?

— Não, senhor. Nunca o vi antes. Parece um marinheiro, senhor.

A caneta caiu da mão de Dorian Gray e ele sentiu como se de repente seu coração tivesse parado de bater.

— Um marinheiro? — ele gritou. — Você disse marinheiro?

— Sim, senhor. Parece ter sido uma espécie de marinheiro, tatuado nos dois braços e esse tipo de coisa.

— Foi encontrada alguma coisa com ele? — disse Dorian, inclinando-se para frente e fitando o homem com olhos assustados. — Algo que revele seu nome?

— Algum dinheiro, senhor... não muito, e uma pistola de seis balas. Não havia nada que identificasse seu nome. Um homem de aparência decente, senhor, mas rude. Achamos que trata-se de um tipo de marinheiro.

Dorian começou a se levantar. Uma terrível esperança agitou-se nele. Agarrou-se loucamente a ela.

— Onde está o corpo? — ele perguntou. — Rápido! Preciso vê-lo imediatamente.

— Está num estábulo vazio na casa de fazenda, senhor. O povo não gosta de ter esse tipo de coisa em casa. Dizem que um cadáver traz azar.

— A casa de fazenda! Vá para lá imediatamente e me encontre lá. Mande um dos cavalariços trazer meu cavalo. Não. Esqueça. Eu mesmo irei aos estábulos. Isso poupará tempo.

Em menos de quinze minutos Dorian Gray estava galopando o mais rápido que podia pela longa alameda. As árvores pareciam passar por ele em uma procissão espectral, e sombras loucas cruzavam seu caminho. A certa altura, a égua desviou de um portão branco e quase o derrubou. Ele a açoitou no pescoço com o chicote. Ela disparou feito uma flecha pelo ar escuro. As pedras voavam sob seus cascos.

Enfim ele chegou à casa de fazenda. Dois homens vagavam pelo quintal. Ele saltou da sela e atirou as rédeas para um deles. No estábulo mais distante, uma luz brilhava. Algo parecia lhe dizer que o corpo estava ali, e ele correu até a porta e colocou a mão no trinco.

Lá ele parou por um instante, sentindo-se à beira de uma descoberta que poderia melhorar ou arruinar sua vida. Então abriu a porta e entrou.

Sobre uma pilha de sacos, no canto mais distante, jazia o cadáver de um homem vestido com uma camisa grosseira e calças azuis. Um lenço manchado fora colocado sobre o rosto. Uma vela grosseira, enfiada numa garrafa, crepitava ao lado do corpo.

Dorian Gray teve um calafrio. Sentiu que não poderia ser dele a mão que tiraria o lenço, e chamou um dos empregados da fazenda.

— Tire essa coisa do rosto. Quero ver — disse, agarrando-se ao batente da porta em busca de apoio.

Quando o criado da fazenda o fez, Dorian deu um passo à frente. Um grito de alegria escapou de seus lábios. O homem baleado no matagal era James Vane.

Ele ficou por alguns minutos ali observando o cadáver. Ao voltar para casa, seus olhos estavam cheios de lágrimas, pois ele sabia que estava

seguro.

---

1. Capítulo escrito para esta versão de 1891. ↩
2. Na heráldica inglesa, a coroa símbolo dos marqueses tem pontas em forma de folhas de morango. [N. de T.] ↩
3. Na esgrima, coloca-se um botão na ponta do florete para evitar ferir o adversário. [N. de T.] ↩

capítulo 19[1]

— Não adianta você me dizer que vai se comportar bem — disse lorde Henry, mergulhando os dedos brancos numa tigela de cobre vermelho cheia de água de rosas. — Você já é perfeito demais. Por favor, não mude.

Dorian Gray balançou a cabeça.

— Não, Harry, eu fiz muitas coisas terríveis na vida. Não vou fazer mais nada. Ontem mesmo comecei minhas boas ações.

— Onde você estava ontem?

— No interior, Harry. Hospedado sozinho numa pequena estalagem.

— Meu bom rapaz — disse lorde Henry, sorrindo —, qualquer um pode ser bom no interior. Não há tentações lá. Essa é a razão pela qual as pessoas que vivem fora da cidade são tão completamente incivilizadas. A civilização não é de forma alguma algo fácil de alcançar. Existem apenas duas maneiras pelas quais o homem pode alcançá-la: uma é a cultura, a outra é a corrupção. As pessoas do interior não têm a oportunidade de atingir nenhuma das duas, por isso acabam ficando estagnadas.[2]

— Cultura e corrupção — repetiu Dorian. — Conheci um pouco de ambas. Parece-me terrível agora que elas possam ser encontradas juntas. Pois eu tenho um novo ideal, Harry. Eu vou mudar. Acho que já mudei.

— Você ainda não me contou qual foi sua boa ação. Ou você disse que fez mais de uma? — perguntou seu companheiro enquanto

derramava em seu prato uma pequena pirâmide carmesim de morangos sem sementes e, através de uma colher perfurada em forma de concha, espalhava açúcar branco sobre eles.

— Posso te dizer, Harry. Não é uma história que eu possa contar a mais ninguém. Eu poupei uma pessoa. Parece presunção, mas você entende o que quero dizer. Era muito bonita e maravilhosamente parecida com Sibyl Vane. Acho que foi o que primeiro me atraiu nela. Lembra-se de Sibyl, não é? Quanto tempo faz! Bem, Hetty não pertencia à nossa classe, é claro. Não passava de uma garota que vivia numa aldeia. Mas eu realmente a amava. Tenho certeza de que a amava. Durante todo esse maravilhoso mês de maio em que estamos, corri para vê-la duas ou três vezes por semana.[3] Ontem nos encontramos em um pequeno pomar. As flores de macieira caíam em seu cabelo e ela estava rindo. Devíamos ter escapado juntos hoje, ao amanhecer. De repente decidi abandoná-la tão florida quanto a havia encontrado.[4]

— Imagino que a novidade da emoção deve ter lhe dado uma sensação de verdadeiro prazer, Dorian — interrompeu lorde Henry. — Mas posso narrar o término de seu idílio no seu lugar. Você deu a ela bons conselhos e partiu seu coração. Esse foi o início da sua reforma.

— Harry, você é horrível! Não devia dizer essas coisas terríveis. Não parti o coração de Hetty. Claro que ela chorou e tudo mais. Mas nenhuma desgraça recaiu sobre ela. Poderá viver, como Perdita, no seu jardim de hortelã e cravos.

— E chorar por um ímpio Florizel[5] — disse lorde Henry, rindo, enquanto se recostava na cadeira. — Meu querido Dorian, você tem um temperamento curiosamente infantil. Acha que essa garota algum dia ficará realmente satisfeita com alguém de sua própria classe? Imagino que algum dia acabará se casando com um carroceiro rude ou com um

lavrador sorridente. Pois bem, o fato de ter conhecido você e te amado vai ensiná-la a desprezar o marido, e ela viverá infeliz. Do ponto de vista moral, não posso dizer que tenho grande consideração pela sua grande renúncia. Mesmo para um iniciante, é pobre. Além disso, como você sabe que Hetty não está neste momento flutuando em algum lago iluminado por estrelas, com lindos nenúfares ao redor, como Ofélia?[6]

— Não aguento mais, Harry! Você zomba de tudo e depois sugere as piores tragédias. Agora me arrependo de ter lhe contado. Não me importo com o que me diz. Sei que estava certo em agir como agi. Pobre Hetty! Ao passar pela fazenda esta manhã, vi na janela seu rosto branco como um ramo de jasmim. Não vamos mais falar sobre isso e não tente me convencer de que a primeira boa ação que pratiquei em anos, o primeiro pequeno autossacrifício que experimentei, é na verdade uma

espécie de pecado. Eu quero ser melhor. Vou ser melhor. Diga-me algo sobre você mesmo. O que está acontecendo na cidade? Não tenho ido ao clube há dias.

— As pessoas ainda estão discutindo o desaparecimento do pobre Basil.

— Imaginava que já estariam cansadas disso a essa altura — disse Dorian, servindo-se de um pouco de vinho e franzindo ligeiramente a testa.

— Meu querido rapaz, só se fala disso há seis semanas, e o público britânico não está realmente à altura da tensão mental de ter mais de um tópico a cada três meses. Ainda assim, andam tendo muita sorte ultimamente. Tiveram o caso do meu próprio divórcio e o suicídio de Alan Campbell para comentar. Agora têm o misterioso desaparecimento de um artista. A Scotland Yard ainda insiste que o homem de sobretudo cinzento que partiu para Paris no comboio da meia-noite do dia nove de novembro era o pobre Basil, e a polícia francesa declara que Basil nunca chegou a Paris. Suponho que dentro de duas semanas ficaremos sabendo que ele foi visto em São Francisco. É uma coisa estranha, mas todo mundo que desaparece dizem ser visto em São Francisco. Deve ser uma cidade encantadora e possuir todas as atrações do outro mundo.

— O que você acha que aconteceu com Basil? — perguntou Dorian, erguendo sua taça de vinho de Borgonha contra a luz e imaginando como conseguia discutir o assunto com tanta calma.

— Não faço a menor ideia. Se Basil decidiu se esconder, isso não é da minha conta. Se estiver morto, nem quero mais pensar nele. A morte é a única coisa que me aterroriza. Odeio isso.[7]

— Por quê? — disse o mais jovem, cansado.

— Porque — disse lorde Henry, passando sob as narinas a treliça dourada de uma caixa de *vinaigrette*[8] aberta — hoje em dia é possível sobreviver a tudo, menos a isso. A morte e a vulgaridade são os dois únicos fatos do século XIX que não se podem explicar. Vamos tomar café na sala de música, Dorian. Você tem que tocar Chopin para mim. O homem com quem minha esposa fugiu tocava Chopin maravilhosamente. Pobre Victoria! Eu gostava muito dela. A casa fica bastante solitária sem ela. É claro que a vida de casado é apenas um hábito, um mau hábito. Mesmo assim, lamentamos a perda até mesmo dos piores hábitos. Talvez sejam esses de que as pessoas mais se arrependem. São uma parte essencial de nossa personalidade.

Dorian não disse nada, mas levantou-se da mesa e, na sala ao lado, sentou-se ao piano e deixou os dedos vagarem pelo marfim preto e branco das teclas. Depois que o café foi servido, ele parou e, olhando para lorde Henry, disse:

— Harry, alguma vez lhe ocorreu que Basil possa ter sido assassinado?

Lorde Henry bocejou.

— Basil era muito popular e sempre usava um relógio Waterbury[9]. Por que teria sido assassinado? Ele não era inteligente o suficiente para ter inimigos. É claro que tinha um gênio maravilhoso para a pintura. Mas um homem pode pintar como Velásquez e ainda assim ser o mais monótono possível. Basil era realmente um tanto chato. Apenas uma vez me interessou, e foi quando me disse, anos atrás, que sentia uma adoração selvagem por você e que você era o motivo dominante de sua arte.[10]

— Eu gostava muito de Basil — disse Dorian, com uma nota de tristeza na voz. — Mas as pessoas não falam que ele foi assassinado?

— Ah, alguns jornais falam. Não me parece de todo provável. Sei que há lugares horríveis em Paris, mas Basil não era o tipo de homem que os frequentasse. Ele não tinha curiosidade. Esse era seu principal defeito.

— O que você diria, Harry, se eu lhe contasse que matei Basil? — perguntou, observando atentamente o outro depois disso.

— Eu diria, meu caro, que você estava posando para um personagem que não combina com você. Todo crime é vulgar, assim como toda vulgaridade é um crime. Não cabe a você, Dorian, cometer um assassinato. Lamento se firo sua vaidade ao dizer isso, mas garanto que é verdade. O crime pertence exclusivamente às classes inferiores. Eu não as culpo nem um pouco. Imagino que o crime seja para eles o que a arte é para nós, simplesmente um método de obter sensações extraordinárias.

— Um método de obter sensações? Acha, então, que um homem que uma vez cometeu um assassinato poderia cometer o mesmo crime novamente? Não me diga isso.

— Ah! Qualquer coisa se torna um prazer se for feita com muita frequência — afirmou lorde Henry, rindo. — Esse é um dos segredos mais importantes da vida. Acredito, entretanto, que o assassinato é sempre um erro. Nunca se deve fazer nada sobre o qual não se possa falar depois do jantar. Mas deixemos de lado o pobre Basil. Eu gostaria de poder acreditar que ele teve um fim tão romântico como você sugere, mas não consigo. Ouso dizer que ele caiu de um ônibus no Sena e que o condutor abafou o escândalo. Sim: imagino que esse foi seu fim. Vejo-o agora deitado de costas sob aquelas águas verde-opacas, com pesadas barcaças flutuando sobre ele e algas compridas presas em seus cabelos. Sabe, não acho que ele vinha fazendo mais um bom trabalho. Durante os últimos dez anos, a qualidade de sua pintura decaiu muito.

Dorian deixou escapar um suspiro e lorde Henry atravessou o aposento e começou a acariciar a cabeça de um curioso papagaio de Java, um grande pássaro de plumagem cinza, com crista e cauda rosadas, que se equilibrava num poleiro de bambu. Quando seus dedos pontiagudos o tocaram, ele fechou as descamações brancas das pálpebras enrugadas sobre olhos pretos como vidro e começou a se balançar para a frente e para trás.

— Sim — continuou ele, virando-se e tirando o lenço do bolso. — A qualidade de sua pintura havia decaído por completo. A mim parecia ter perdido algo. Um ideal. Quando você e ele deixaram de ser grandes amigos, ele deixou de ser um grande artista. O que foi que separou vocês? Suponho que ele o entediou. Se foi isso, ele nunca o perdoou. É um hábito que os chatos têm. A propósito, o que aconteceu com aquele retrato maravilhoso que ele pintou de você? Acho que nunca mais vi aquilo desde que ele terminou. Ah! Lembro-me de você ter me contado, anos atrás, que o havia enviado para Selby e que ele havia sido extraviado ou roubado no caminho. Você nunca o recuperou? Que pena! Era realmente uma obra-prima. Lembro que quis comprar. Queria ter feito isso, agora. Pertenceu à melhor fase de Basil. Desde então, seu trabalho vinha sendo aquela curiosa mistura de má pintura e boas intenções que sempre dá a um homem o direito de ser chamado de artista britânico representativo. Você colocou algum anúncio a respeito disso? Deveria.

— Esqueci — disse Dorian. — Imagino que sim. Mas nunca gostei muito desse retrato. Me arrependo de ter posado para aquilo. A lembrança da coisa é odiosa para mim. Por que você fala disso? Ele costumava me lembrar daquelas falas curiosas em alguma peça, *Hamlet*,

eu acho… como eram? “Como a pintura de uma tristeza/ Um rosto sem coração.” Sim, era isso.

Lorde Henry riu.

— Se um homem trata a vida artisticamente, seu cérebro é o seu coração — respondeu ele, afundando-se numa poltrona.

Dorian Gray balançou a cabeça e tocou alguns acordes suaves no piano.

— “Como a pintura de uma tristeza” — repetiu ele —, “um rosto sem coração.”

O homem mais velho recostou-se e o observou com olhos semicerrados.

— A propósito, Dorian — disse ele, depois de uma pausa —, “de que serve a um homem ele ganhar o mundo inteiro se perde”… como era a citação? “Sua própria alma”?[11]

A música ressoou estridente e Dorian Gray se sobressaltou e olhou para o amigo.

— Por que me pergunta isso, Harry?

— Meu caro amigo — disse lorde Henry, erguendo as sobrancelhas, surpreso —, perguntei-lhe porque pensei que pudesse me dar uma resposta. Só isso. Eu estava passando pelo parque no domingo passado e perto do Marble Arch havia uma pequena multidão de pessoas de aparência maltrapilha ouvindo algum vulgar pregador de rua. Ao passar, ouvi o homem berrando essa pergunta para o público. Me pareceu bastante dramático. Londres é muito rica nesse tipo de efeitos curiosos. Um domingo chuvoso, um cristão grosseiro numa capa de chuva, um círculo de rostos brancos e doentios sob um teto quebrado de guarda-chuvas gotejantes e uma frase maravilhosa lançada ao ar por lábios estridentes e histéricos… era realmente muito bom à sua maneira, uma

sugestão e tanto. Pensei em dizer ao profeta que a Arte tem alma, mas aquele homem, não. Receio, porém, que ele não teria me compreendido.

— Não, Harry. A alma é uma realidade terrível. Pode ser comprada, vendida e trocada. Pode ser envenenada ou aperfeiçoada. Há uma alma em cada um de nós. Sei disso.

— Tem certeza, Dorian?

— Muita certeza.

— Ah! Então deve ser uma ilusão. As coisas sobre as quais temos certeza absoluta nunca são verdadeiras. Essa é a fatalidade da fé e a lição do romance. Como você está sério! Não fique tão sério. O que você ou eu temos a ver com as superstições de nossa época? Não: nós desistimos de acreditar na alma. Toque alguma coisa para mim. Toque um noturno para mim, Dorian, e, enquanto toca, conte-me, falando baixinho, como foi que manteve sua juventude. Você deve ter algum segredo. Sou apenas dez anos mais velho que você e estou enrugado, abatido e com a pele amarelada. Você é realmente maravilhoso, Dorian. Nunca esteve mais charmoso do que esta noite. Me faz lembrar do dia em que o vi pela primeira vez. Você era bem atrevido, muito tímido e absolutamente extraordinário. Você mudou, é claro, mas não na aparência. Gostaria que me contasse seu segredo. Eu faria qualquer coisa no mundo para recuperar minha juventude, exceto fazer exercícios, acordar cedo ou ser respeitável. Juventude! Não há nada igual. É um absurdo falar da ignorância da juventude. As únicas opiniões que ouço agora com algum respeito são as de pessoas muito mais jovens do que eu. Elas parecem estar à minha frente. A vida revelou-lhes a sua última maravilha. Quanto aos idosos, sempre os contradigo. Faço isso por princípio. Se você lhes perguntar sua opinião sobre algo que aconteceu ontem, lhe darão solenemente suas opiniões correntes em 1820, quando as pessoas

usavam colarinho alto, acreditavam em tudo e não sabiam absolutamente nada. Que adorável é essa coisa que você está tocando! Eu me pergunto se Chopin a escreveu em Maiorca, com o mar chorando ao redor da vila e a névoa salina batendo nas vidraças. É maravilhosamente romântico. Que bênção é que nos tenha restado ao menos uma arte que não seja imitativa! Não pare. Quero música esta noite. A mim parece que você é o jovem Apolo e eu sou Mársias[12] lhe escutando. Tenho tristezas, Dorian, que são só minhas e das quais nem você sabe de nada. A tragédia da velhice não é ser velho, mas ter sido jovem. Às vezes fico surpreso com minha própria sinceridade. Ah, Dorian, como você é feliz! Que vida maravilhosa levou![13] Bebeu profundamente de tudo. Espremeu as uvas contra seu palato. Nada lhe ficou escondido. E tudo isso não foi para você mais do que o som de uma música. Isso não estragou você. Continua sendo o mesmo.

— Eu não sou o mesmo, Harry.

— Sim, você é o mesmo. Me pergunto como será o resto da sua vida. Não estrague tudo com renúncias. Atualmente, você é um tipo perfeito. Não se torne incompleto. Está perfeitamente impecável agora. Não precisa balançar a cabeça, você sabe que está. Além do mais, Dorian, não se engane. A vida não é governada por vontades ou intenções. A vida é uma questão de nervos, de fibras e de células construídas lentamente, nas quais o pensamento se esconde e a paixão tem seus sonhos. Você pode se achar seguro e se considerar forte. Mas o tom casual de uma cor em uma sala ou no céu matinal, um perfume específico que você amou e que traz consigo lembranças sutis, um verso de um poema esquecido que você encontrou novamente, a cadência de uma peça musical que você acabou de tocar… Eu lhe digo, Dorian, que é de coisas assim que depende nossa vida. Browning[14] escreveu a respeito em algum lugar, mas nossos próprios sentidos vão imaginá-las para nós. Há momentos em que o cheiro de *lilas blanc* passa de repente por mim e preciso reviver o mês mais estranho da minha vida. Gostaria de poder trocar de lugar com você, Dorian. O mundo gritou contra nós dois, mas sempre te adorou. E sempre irá te adorar. Você é o tipo de coisa que a época procura e que receia ter encontrado. Estou tão feliz que você nunca tenha feito nada, nunca tenha esculpido uma estátua, pintado um quadro ou produzido algo externo a si mesmo! A própria vida tem sido sua arte. Você se colocou como música. Seus dias são seus sonetos.

Dorian levantou-se do piano e passou a mão pelo cabelo.

— Sim, a vida tem sido maravilhosa — ele murmurou —, mas não vou continuar tendo essa mesma vida, Harry. E você precisa parar de dizer essas coisas extravagantes. Você não sabe tudo a meu respeito. Acho que, se soubesse, até você se afastaria de mim. Você ri. Não ria.

— Por que parou de tocar, Dorian? Volte e toque o noturno novamente para mim. Olhe para aquela grande lua cor de mel pairando no ar escuro. Está esperando que você a encante, e se você tocar ela chegará mais perto da terra. Não tocará? Vamos ao clube, então. Foi uma noite encantadora e precisamos terminá-la do mesmo jeito. Há alguém no White's que deseja imensamente conhecê-lo: o jovem lorde Poole, filho mais velho de Bournemouth. Ele já copiou suas gravatas e me implorou para apresentá-lo a você. É um rapaz muito encantador e me lembra você.

— Espero que não — disse Dorian, com uma expressão triste nos olhos. — Mas estou cansado esta noite, Harry. Não vou ao clube. São quase onze horas e quero ir cedo para a cama.

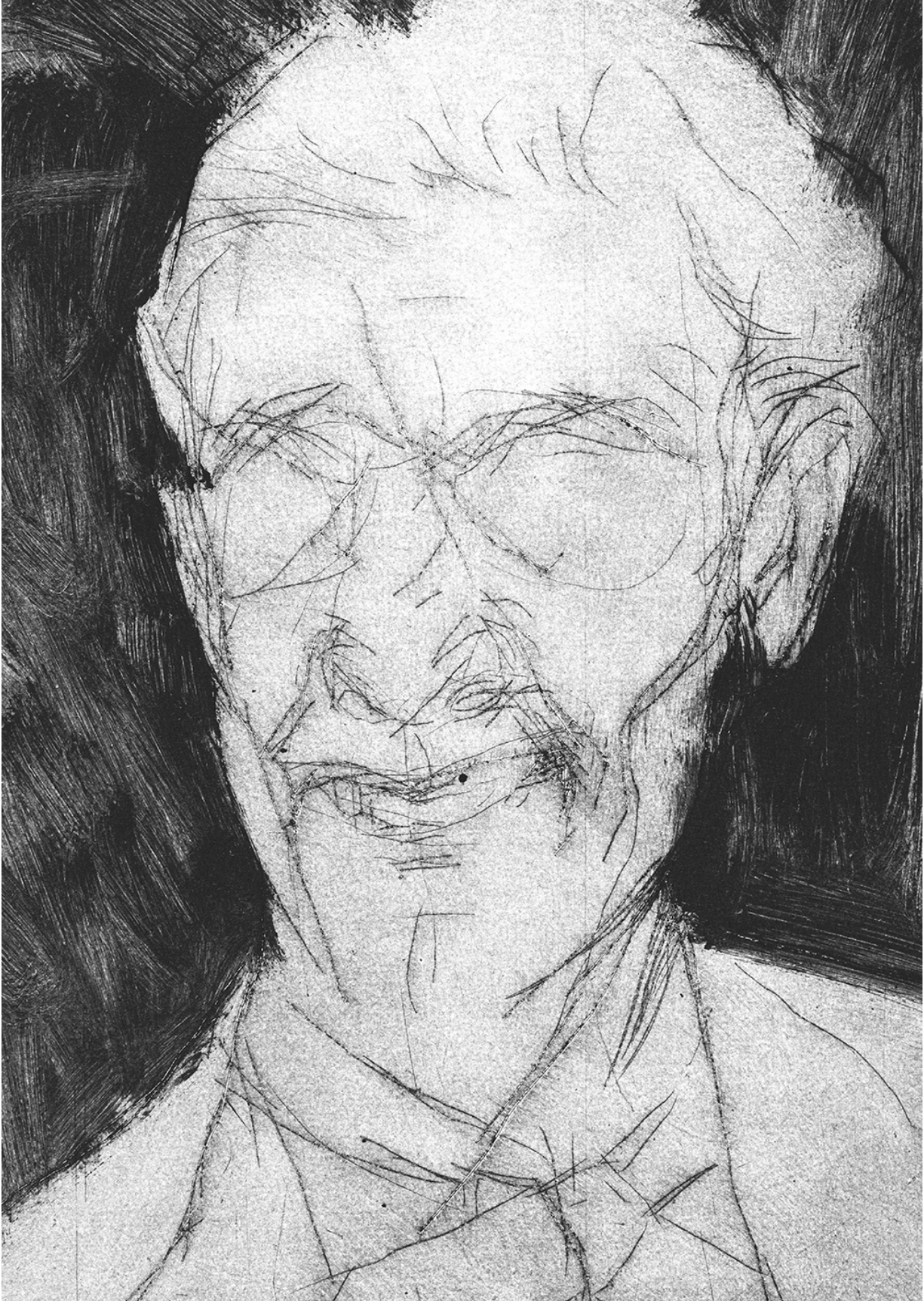
— Fique, então. Você nunca tocou tão bem como esta noite. Havia algo maravilhoso em seu toque. Tinha mais expressão do que eu jamais havia escutado antes.

— É porque vou ser bom — respondeu ele, sorrindo. — Já estou um pouco mudado.

— Para mim você não pode mudar, Dorian — disse lorde Henry. — Você e eu sempre seremos amigos.

— Mesmo assim, você me envenenou com um livro certa vez. Eu não deveria perdoar isso. Harry, prometa-me que nunca vai emprestar aquele livro a ninguém. Ele faz mal.

— Meu querido garoto, você realmente está começando a se tornar um moralista. Em breve estará agindo como um convertido, um revivalista, alertando as pessoas contra todos os pecados dos quais você já se cansou. É encantador demais para fazer isso. Além disso, não adianta. Você e eu somos o que somos e seremos o que seremos. Quanto a ser envenenado por um livro, não existe isso. A arte não tem nenhuma

influência sobre a ação. Ela aniquila o desejo de agir. É soberbamente estéril. Os livros que o mundo chama de imorais são livros que mostram ao mundo sua própria vergonha. Só isso.[15] Mas não discutiremos literatura. Venha amanhã. Vou cavalgar às onze. Podemos ir juntos, e depois levarei você para almoçar com lady Branksome. É uma mulher encantadora e quer consultá-lo sobre algumas tapeçarias que está pensando em comprar. Lembre-se de vir. Ou almoçaremos com nossa pequena duquesa? Ela disse que nunca mais o viu. Talvez você esteja cansado de Gladys? Imaginei que sim. Sua fala inteligente dá nos nervos. Bem, de qualquer forma, esteja aqui às onze.

— Eu tenho mesmo que ir, Harry?

— Certamente. O parque anda lindo agora. Não creio que existam lilases assim desde o ano em que o conheci.

— Muito bem. Estarei aqui às onze — disse Dorian. — Boa noite, Harry.

Ao chegar à porta, ele hesitou por um momento, como se tivesse algo mais a dizer. Então suspirou e saiu.

---

1. Na versão de 1891, os capítulos 19 e 20 são frações divididas do último capítulo da versão no periódico *Lippincott's Monthly Magazine*. ↩
2. No manuscrito, lorde Henry refere-se às pessoas vivendo dentro do país, em vez de fora da cidade, amenizando o gosto acre das críticas anti-imperialistas presentes especialmente nesta versão de 1891. ↩
3. Em versões anteriores, Dorian Gray revela a aquisição de uma casa na cidade, destinada a Hetty, para uso dos dois. Admitir tal arranjo caracterizaria uma afronta à constituição familiar, tida como elemento primordial ao funcionamento da nação. ↩
4. Em versões anteriores, Dorian Gray confessa ter prometido a si mesmo não arruinar Hetty, indicando estar consciente de sua atuação na morte de Sibyl Vane. ↩
5. Perdita e Florizel são personagens da peça *Conto do inverno*, de Shakespeare. [N. de T.] ↩
6. Numa passagem escrita à mão e excluída no datiloscrito, lorde Henry diz que, sendo Hetty amante de Dorian Gray, ela teria acesso a uma sociedade culta e elegante e, com a assistência do jovem rapaz, receberia a educação certa acerca de vestimentas, letramento e comportamento. Contudo, prossegue, Dorian Gray se cansaria dela. Perante a moral puritana da Era Vitoriana, o argumento poderia ser considerado grosseiro, inclusive obsceno. ↩
7. Em versões anteriores, neste trecho é mencionada a afeição que lorde Henry sentia por Victoria Wotton, sua esposa. Além disso, no datiloscrito é excluído o trecho em que lorde Henry revela o sentimento enamorado da esposa para com Dorian Gray, uma vez que, à época, não seria apropriado uma mulher casada admitir tal afeto. ↩
8. Pequenas caixas de metal contendo sais aromáticos. [N. de T.] ↩
9. Marca estadunidense de relógios baratos, atual Timex. [N. de T.] ↩
10. Aqui há um distanciamento em comparação ao datiloscrito quando é insinuado que a adoração tinha como base a motivação artística. ↩
11. Evangelho de Marcos, 8:36. [N. de T.] ↩

12. Na mitologia grega, Mársias é o sátiro que desafia o deus Apolo numa competição de flauta. [N. de T.] ↩
13. O personagem, aqui, embora mais mordaz e astuto, não demonstra a vulnerabilidade emocional de versões anteriores. Da passagem do manuscrito para o datiloscrito exclui-se o trecho em que lorde Henry confessa o motivo pelo qual inclinava-se a criticar em excesso: o receio de ser maltratado. ↩
14. O poeta inglês Robert Browning (1812-1889). [N. de T.] ↩
15. Esta passagem, inserida nesta versão de 1891, configura-se como um dos pontos discorridos por Wilde no prefácio, assim como pode-se argumentar ser direcionada aos detratores que se utilizaram de argumentos similares para criticar sua obra. ↩

capítulo 20

A noite estava linda, tão quente que ele levou o casaco no braço e nem colocou o lenço de seda no pescoço. Enquanto voltava para casa fumando seu cigarro, dois jovens em trajes de gala passaram por ele. Ouviu um cochichar para o outro: "esse é Dorian Gray". Lembrou-se de como costumava ficar satisfeito quando era apontado, encarado ou comentado. Agora, estava cansado de ouvir seu próprio nome. Metade do encanto da pequena aldeia que visitara tantas vezes ultimamente consistia em ninguém saber quem ele era. Várias vezes disse à garota que seduzira que era pobre, e ela acreditou. Ele lhe dissera uma vez que era mau, ao que ela riu e respondeu que as pessoas más eram sempre muito velhas e muito feias. Que risada ela deu! Parecia um tordo cantando. E como estava linda com seu vestido de algodão e seu grande chapéu! Ela não sabia nada, mas possuía tudo o que ele havia perdido.[1]

Quando chegou em casa, encontrou seu criado aguardando por ele. Mandou-o para a cama, atirou-se no sofá da biblioteca e começou a pensar em algumas coisas que lorde Henry havia lhe dito.

Era mesmo verdade que nunca se poderia mudar? Sentia um desejo selvagem pela pureza imaculada de sua meninice — sua meninice pura e inocente, como lorde Henry certa vez a chamara. Sabia que havia se manchado, enchido sua mente de corrupção e horrorizado sua imaginação. Que havia sido uma má influência para os outros e experimentara uma terrível alegria ao ser assim. E de todas as vidas que

cruzaram com a sua, foram as mais belas e promissoras que ele tornara vergonhosas. Mas era tudo irrecuperável? Não havia esperança para ele?

Ah! Que momento monstruoso de orgulho e paixão quando disse que o retrato deveria suportar o fardo de seus dias para ele manter o esplendor imaculado da eterna juventude! Todo seu fracasso era devido a isso. Teria sido melhor para ele que cada pecado de sua vida trouxesse consigo sua penalidade certa e rápida. Havia purificação na punição. Não "perdoai nossos pecados", mas "nos castigue por nossas iniquidades" deveria ser a oração do homem a um Deus mais justo.

O espelho curiosamente esculpido que lorde Henry lhe dera havia tantos anos estava sobre a mesa, e os cupidos de membros brancos riam como antigamente. Ele o pegou, como havia feito naquela noite de horror, quando notou pela primeira vez a mudança no quadro fatal, e com olhos selvagens e turvos de lágrimas olhou para seu escudo polido. Certa vez, alguém que o amava terrivelmente escreveu-lhe uma carta maluca que terminava com estas palavras idólatras: "o mundo está mudado porque você é feito de marfim e ouro. As curvas dos seus lábios reescrevem a história". As frases voltaram à sua memória e ele as repetiu inúmeras vezes para si mesmo. Então detestou sua própria beleza e, jogando o espelho no chão, esmagou-o em cacos prateados sob seu calcanhar. Foi sua beleza que o arruinou, sua beleza e a juventude pela qual havia rezado. Se não fosse por essas duas coisas, sua vida poderia ter sido livre de máculas. Sua beleza era para ele apenas uma máscara; sua juventude, apenas uma zombaria. O que era a juventude, na melhor das hipóteses? Uma época verde e imatura, uma época de ânimos superficiais e pensamentos doentios. Por que a usara como traje? A juventude o havia estragado.[2]

Era melhor não pensar no passado. Nada poderia alterá-lo. Era nele mesmo e em seu próprio futuro que precisava pensar. James Vane estava escondido em um túmulo sem nome no cemitério de Selby. Alan Campbell suicidara-se certa noite em seu laboratório, mas não revelou o segredo que fora forçado a conhecer. A euforia com o desaparecimento de Basil Hallward logo passaria. Já estava diminuindo. Ele estava perfeitamente seguro. Na verdade, nem foi a morte de Basil Hallward o que mais lhe havia deixado transtornado. Foi a morte em vida de sua própria alma. Basil pintou o retrato que havia arruinado sua vida. Não poderia perdoá-lo por isso. Foi o retrato o culpado de tudo. Basil lhe dissera coisas insuportáveis e que, no entanto, ele suportara com paciência. O assassinato havia sido apenas a loucura do momento. Quanto a Alan Campbell, havia se suicidado por conta própria. Escolhera fazer isso. Ele não tinha nada com isso.

Uma nova vida! Era o que ele queria. Era o que estava esperando. Certamente já havia começado. Havia, pelo menos, poupado uma criatura inocente. Ele nunca mais voltaria a seduzir a inocência. Ele seria bom.

Ao pensar em Hetty Merton, começou a se perguntar se o retrato no aposento trancado teria se transformado. Com certeza não continuava tão horrível quanto antes, não é? Talvez, se sua vida se tornasse pura, ele seria capaz de expulsar do rosto todos os sinais de paixões malignas. Talvez os traços da maldade já tivessem desaparecido. Ele iria lá olhar.

Pegou a lamparina de cima da mesa e subiu as escadas. Enquanto destrancava a porta, um sorriso de alegria apareceu em seu rosto de aspecto estranhamente jovem e permaneceu por um instante em seus lábios. Sim, ele seria bom, e a coisa hedionda que ele havia escondido não o encheria mais de terror. Sentia como se já estivesse livre do peso.

Entrou na ponta dos pés, trancando a porta atrás de si, como era seu costume, e tirou a colcha púrpura do retrato. Um grito de dor e indignação escapou de seus lábios. Não via nenhuma mudança, exceto nos olhos, nos quais reparou uma expressão de astúcia, e, na boca, uma retorcida ruga de hipocrisia. A coisa ainda era repugnante — mais repugnante, se possível, do que antes — e o orvalho escarlate que manchava a mão parecia mais brilhante e mais parecido com sangue recém-derramado. Então ele tremeu. Teria sido apenas a vaidade que o fizera praticar sua única boa ação? Ou o desejo de uma nova sensação, como insinuara lorde Henry, com seu riso zombeteiro? Ou aquela paixão por interpretar um papel que às vezes nos leva a fazer coisas melhores do que nós mesmos? Ou talvez todos esses motivos? E por que a mancha vermelha estava maior do que antes? Parecia ter se espalhado como uma doença horrível pelos dedos enrugados. Havia sangue nos pés pintados, como se a coisa tivesse pingado — sangue até na mão que não segurara a

faca. Confessar? Isso significava que deveria confessar? Entregar-se e ser condenado à morte? Ele riu.[3] Sentiu que tratava-se de uma ideia monstruosa. Além disso, mesmo que confessasse, quem acreditaria nele? Não havia vestígios do homem assassinado em lugar nenhum. Tudo o que pertencia a ele havia sido destruído. Ele mesmo tinha queimado o que havia embaixo da escada. O mundo simplesmente diria que ele estava louco. Iriam calá-lo se insistisse na história... Contudo, era seu dever confessar, sofrer a vergonha e a expiação públicas. Havia um Deus que convocava os homens a contar seus pecados tanto à terra quanto ao céu. Nada que pudesse fazer o purificaria até que contasse seu próprio pecado. Seu pecado? Ele encolheu os ombros. A morte de Basil Hallward lhe parecia pequena demais. Pensava em Hetty Merton; considerava injusto este espelho de sua alma que olhava. Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não houvera nada mais em sua renúncia do que isso?[4] Havia algo mais. Pelo menos ele pensava assim. Mas quem poderia dizer? Não. Não havia mais nada. Ele a poupara por vaidade. Por hipocrisia, usou a máscara da bondade. Por curiosidade, tentou a negação de si mesmo. Reconhecia isso agora.

Mas esse assassinato... iria persegui-lo por toda a vida? Estaria sempre sobrecarregado por seu passado? Deveria realmente confessar? Nunca. Havia somente uma evidência contra ele. A imagem em si — essa era a evidência. Ele iria destruí-la. Por que a guardara por tanto tempo? Antigamente lhe dava prazer vê-lo mudando e envelhecendo. Ultimamente não sentia mais esse prazer. Isso o mantinha acordado à noite. Quando estava fora, ficava tomado pelo terror de que outros olhos pudessem vê-lo. O retrato enchera suas paixões de melancolia. Sua mera lembrança estragara muitos momentos de alegria. Fora como uma consciência para ele. Sim, sua própria consciência. Ele iria destruí-lo.

Olhou ao redor e viu a faca com que havia esfaqueado Basil Hallward. Ele a limpou muitas vezes, até que não restasse nenhuma mancha. Era brilhante e cintilava. Assim como matara[5] o pintor, mataria a obra do pintor e tudo o que aquilo significava. Mataria o passado e, assim, se libertaria. Mataria aquela alma monstruosa e, sem seus horríveis alertas, ele ficaria em paz. Ele pegou a faca e esfaqueou o retrato.

Ouviu-se um grito e um estrondo. O grito foi tão horrível e cheio de agonia que os criados assustados acordaram e saíram de seus quartos. Dois cavalheiros que passavam na praça abaixo pararam e olharam para a mansão. Caminharam até encontrar um policial e o trouxeram de volta à propriedade. O homem tocou a campainha várias vezes, mas não houve resposta. Exceto por uma luz numa das janelas superiores, a casa estava toda escura. Depois de um tempo, foi para um pórtico adjacente, de onde ficou observando.

— De quem é essa casa, policial? — perguntou o mais velho dos cavalheiros.

— Do sr. Dorian Gray, senhor — respondeu o policial.

Eles se entreolharam enquanto se afastavam, soltando uma risada de desdém. Um deles era o tio de sir Henry Ashton.

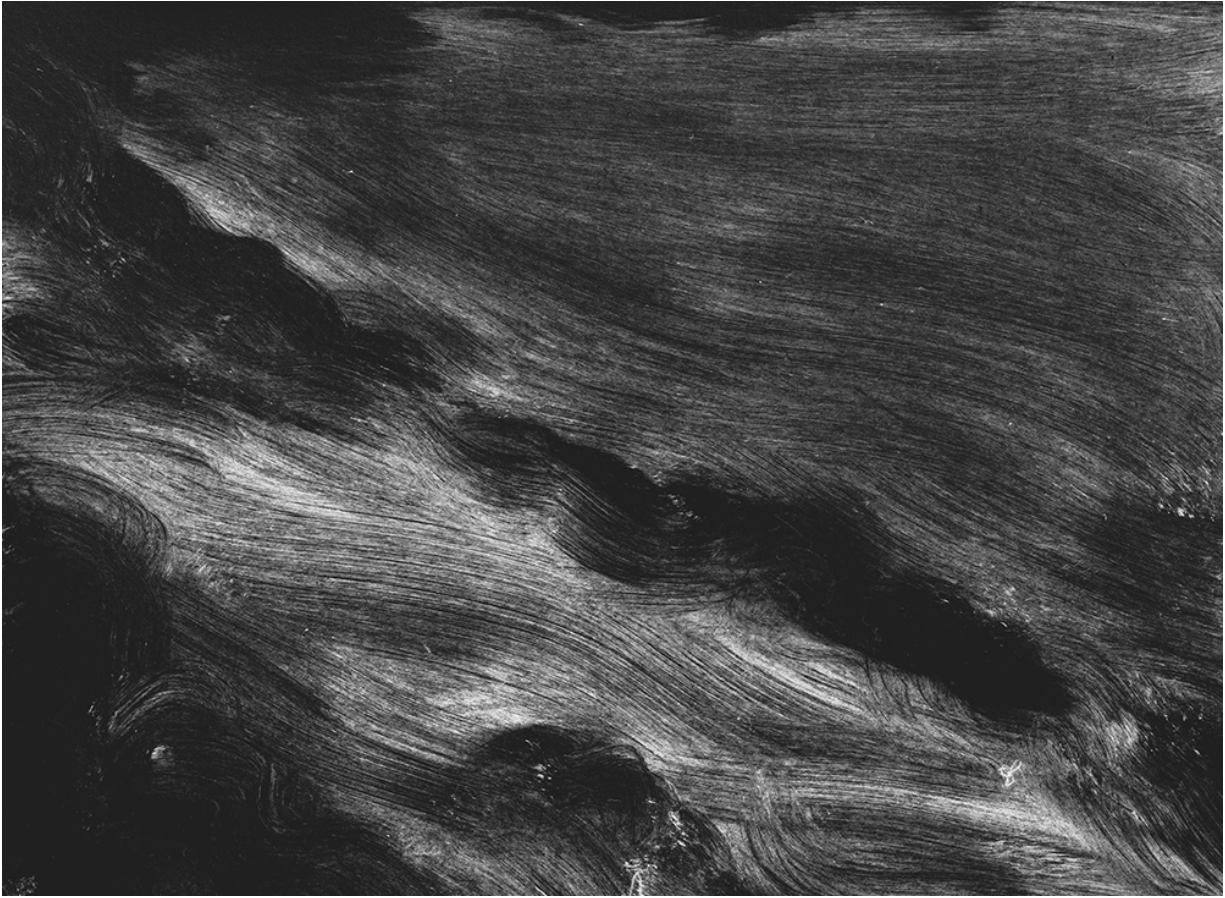
Lá dentro, na parte da casa destinada aos criados, as empregadas em roupas de dormir sussurravam entre si. A velha sra. Leaf chorava e torcia as mãos. Francis estava pálido como a morte.

Depois de cerca de quinze minutos, ele chamou o cocheiro e um dos lacaios e subiram as escadas. Bateram à porta, mas não houve resposta. Gritaram. Tudo estava parado. Enfim, depois de tentarem em vão forçar a porta, subiram ao telhado e desceram para a varanda. As janelas cederam facilmente: os ferrolhos eram velhos.

Quando entraram, encontraram pendurado na parede um esplêndido retrato de seu mestre tal como o tinham visto pela última vez, com toda suas maravilhosas e extraordinárias juventude e beleza. Jazido no chão estava um homem morto, em traje de gala, com uma faca no coração. Era velho, enrugado e tinha um rosto repugnante. Só depois de examinarem os anéis é que reconheceram quem era.

---

1. No manuscrito, o narrador nomeia "inocência" e "pureza" como elementos perdidos por Dorian Gray. ↩
2. Apenas nesta versão de 1891 Dorian Gray demonstra não somente o arrependimento em relação a seus atos, mas também uma ojeriza no que tange à própria aparência e ao culto produzido por si mesmo e por terceiros ao seu redor. ↩
3. No manuscrito, Dorian Gray estremece. A alteração relaciona-se, em sua essência, com outra mudança presente na versão de 1891: o motivo pelo qual o protagonista decide golpear o retrato. Enquanto no periódico a culpa assombra o jovem, no livro Dorian Gray é movido pelo desejo de destruir o que considera ser a única evidência de suas transgressões. Logo, a transformação de "estremecer" para "rir" sinaliza a emancipação emocional do protagonista. ↩

4. A ampliação da conjectura sobre o comportamento do personagem em relação a Hetty é incluída nesta versão de 1891, apresentando um breve vestígio da autoconsciência de Dorian Gray. ↩
5. No manuscrito, é utilizado o verbo “destruir”. ↩

Os vários retratos de Dorian Gray: censura, revisão ou silenciamento?

por Manoel Carlos Alves

Na véspera de seu trigésimo oitavo aniversário, Dorian Gray, retornando para casa, é confrontado por Basil Hallward, o pintor do retrato que o levara a questionar toda sua vida. Hallward mostra-se indignado e temeroso com os rumores que circulam sobre Gray nos círculos sociais que frequentam. Homens com quem Dorian fora visto saíram do país. Aqueles que ficaram, relegados ao ostracismo, não mencionavam mais seu nome. Outros suicidaram-se. Uma única menção a sua casa de campo era o suficiente para suscitar risos e murmúrios.

Por qual motivo, expressa Hallward, "sua amizade é tão fatal para os jovens"?

O que havia por trás dos inúmeros relatos afirmando que Dorian Gray fora visto "rastejando ao amanhecer, saindo de casas horríveis e se esgueirando disfarçado para os covis mais imundos de Londres"?

Por que, à medida que se rende aos prazeres terrenos, carnais, Dorian aventura-se cada vez mais no East End de Londres? Nas tavernas de ópio, nas docas, a céu aberto, transitando por lugares tão sombrios que a luz da lua fenece antes de alcançá-los? Por qual motivo circularia numa zona tão indistinta, sem revelar sua localização para amigos e conhecidos, exibindo-se em roupas sem esmero, sem elegância, diferentes daquelas pelas quais era conhecido? Por qual motivo, nesses lugares, apresentava-se com um nome falso?

Perante tais questionamentos, com dúvidas jamais endereçadas de maneira direta, pergunta-se o leitor: o que há de tão perverso e corrupto em Dorian Gray?

A natureza da conversa entre os dois personagens, seu fascínio concêntrico, expandindo-se e retraindo-se, sem mostrar o cerne da questão, não passara despercebido por Edward Carson, advogado de acusação, que após ler inteiramente tal parágrafo perguntou ao autor se o real conteúdo do diálogo poderia ser entendido como sodomia. Em 3 de abril de 1895, Oscar Wilde se viu pela primeira vez diante do júri em Old Bailey, o Fórum Criminal da Inglaterra e Gales, devido ao processo movido por John Douglas, pai de lorde Alfred Douglas, amante de Wilde.

John Douglas, também conhecido como Marquês de Queensberry, deixara, em um clube frequentado por ambos, um cartão com os seguintes dizeres: "*For Oscar Wilde, posing Somdomite* [sic]"[1]. Tratava-se de uma acusação séria, uma vez que, com a *Labouchere Amendment*, décima primeira seção do *Criminal Law Amendment Act 1885*, o contato íntimo entre homens passou a ser considerado atividade sodomita classificada como "*gross indecency*" — ou atentado violento ao pudor. Em razão dessa lei, Wilde e tantos outros homens tornavam-se, além de pecadores, criminosos aos olhos da sociedade da época.

É interessante notar que, enquanto na contemporaneidade *O retrato de Dorian Gray* seja aclamado por seu exame do prazer (estético, sensorial) masculino, em 20 de junho de 1890, sua primeira data de publicação, foi alvo de escárnio pelos mesmos motivos.

A primeira versão conhecida pelo público, veiculada na *Lippincott's Monthly Magazine*, apresentava treze capítulos e, nas palavras de um resenhista anônimo do *Daily Chronicle*, em 30 de junho de 1890, era "carregado com os odores mefíticos de putrefação moral e espiritual". Os comentários prosseguiram, intitulando a obra como herdeira da "literatura

leprosa” do Decadentismo francês e alegando que a história poderia ter obtido um melhor resultado “não fosse sua frivolidade efeminada, sua insinceridade estudada, seu cinismo teatral, seu misticismo espalhafatoso, seus filosofares irreverentes e o rastro contaminante de vulgaridade espalhafatosa”.

Em abril de 1891, quando *O retrato de Dorian Gray* retornou às mãos dos leitores, desta vez impresso em livro, o mundo permanecia ambivalente em relação a como acomodá-lo. A crítica sem autoria divulgada na edição de 1 de junho de 1891 da *Theatre* viu no livro “uma elaborada obra de arte, extremamente inteligente, maravilhosamente engenhosa e até fascinante”. Outra crítica não assinada, esta na edição de 27 de junho de 1891 da *Athenaeum*, descreveu o livro como “efeminado, repulsivo, depravado (embora não seja exatamente o que é chamado de ‘impróprio’) e tedioso”.

Um texto em deslocamento: entre manuscritos, datiloscritos e acusações de censura

É importante destacar que *O retrato de Dorian Gray* existiu em diversas versões: manuscrita, datiloscrita, em periódico e a edição em livro de 1891. A distinção é importante pois cada suporte conserva, de modo individual, uma faceta que o outro não possui. As diferenças entre essas versões, embora consistentes, não são lineares. Há, por exemplo, elementos que não foram alterados no manuscrito e que podem, mesmo assim, ter sido retirados/adicionados/deslocados do datiloscrito. Ou, então, elementos riscados no datiloscrito podem aparecer, em seguida, intactos na versão do periódico. Devido à complexidade de sua transmissão textual, que flui pelos documentos em questão, muito se fala do que foi alterado ou deliberadamente perdido no processo. Devemos dizer, no entanto, que a obra foi censurada?

Censura e revisão: as perspectivas divergentes dos estudiosos Nicholas Frankel e Donald L. Lawler

Segundo Nicholas Frankel, editor e organizador de uma edição publicada em 2011 pela Harvard University Press, sim, é possível dizer que a obra foi censurada. O estudioso, professor da Virginia Commonwealth University, configura sua edição com base no datiloscrito enquanto incólume da intervenção textual censória elaborada sob supervisão de J.M. Stoddart, editor da *Lippincott*. Em determinado ponto de seu texto de introdução, Frankel afirma que

> *Wilde suavizou grande parte de seu material homoerótico e sexualmente explícito ao revisar e ampliar o romance. Algumas de suas outras revisões, nessa época, também foram tentativas de evitar as críticas — introduzindo, na versão do livro de 1891, elementos narrativos mais melodramáticos e sentimentais.* (FRANKEL, 2011, p. 20)[2]

Sua opinião, contudo, diverge do posicionamento apresentado por Donald L. Lawler em sua tese de doutorado. O pesquisador alega que "o motivo principal e que está na base de todas as mudanças importantes feitas por Wilde foi um desejo artístico de suprimir uma moral oculta que Wilde considerava óbvia demais e que, por isso, poderia roubar as atenções" (LAWLER, 1969, p. 2)[3].

Para Lawler, a melhor maneira de entender as alterações prévias de Wilde é observando a diferença entre o último capítulo das publicações de 1890 (no periódico) e 1891. Em ambos os capítulos Dorian Gray sucumbe após atacar o próprio retrato. Contudo, o motivo embasando tal agressão transforma-se de uma versão para outra. Enquanto na versão de 1890 fatores como culpa e desalento levam-no a cometer o ato, na versão de 1891 o retrato, para Dorian, torna-se a única evidência de suas infrações e, uma

vez destruído, o concederia a liberdade para futuras ofensas. A questão de relevância, presente no referido segmento, tratou de diminuir o poder da consciência ética do personagem em conduzi-lo à morte. Logo, expressa Lawler, as mudanças do periódico para o livro foram elaboradas e aplicadas de maneira intencional, não se limitando a evitar críticas negativas da primeira publicação ou como um modo de preencher a disposição tradicional de um romance.

Mas e quanto às acusações de censura?

Qual posicionamento devemos levar em consideração: o de Nicholas Frankel, sobre um controle moral, ou aquele de Donald Lawler, que compara as mudanças a revisões literárias?

Vejamos o quadro a seguir:

Manuscrito	*Datiloscrito*	*Periódico (1890)*	*Livro (1891)*

<table>
<tr><th>Manuscrito</th><th>Datiloscrito</th><th>Periódico (1890)</th><th>Livro (1891)</th></tr>
<tr><td>“Harry”, said Basil Hallward, ~~taking | hold of his hand and~~ looking him | straight in the face, “every portrait | that is painted with feeling ~~passion~~ is | a portrait of the artist, not of | the sitter. The sitter is merely the | accident, the occasion. It is not | he who is revealed by the painter, | it is rather the painter who on the coloured canvas |reveals himself. The reason why | I will not exhibit this picture, | is that I am afraid that I | have shown in it the secret of | my own soul.”</td><td>“Harry,” said Basil Hallward, looking him straight in | the face, “every portrait that is painted with feeling is a | portrait of the artist, not of the sitter. The sitter is | merely the accident, the occasion. It is not he who is | revealed by the painter; it is rather the painter who, on the | coloured canvas, reveals himself. The reason ~~why~~ I will | not exhibit this picture, is that I am afraid that I have | shown with it the secret of my own soul.”</td><td>“Harry,” said Basil Hallward, looking him straight in the face, “every portrait that is painted with feeling is a portrait of the artist, not of the sitter. The sitter is merely the accident, the occasion. It is not he who is revealed by the painter; it is rather the painter who, on the colored canvas, reveals himself. The reason I will not exhibit this picture is that I am afraid that I have shown with it the secret of my own soul.”</td><td>“Harry,” said Basil Hallward, looking him straight in the face, “every portrait that is painted with feeling is a portrait of the artist, not of the sitter. The sitter is merely the accident, the occasion. It is not he who is revealed by the painter; it is rather the painter who, on the coloured canvas, reveals himself. The reason I will not exhibit this picture is that I am afraid that I have shown in it the secret of my own soul.”</td></tr>
</table>

Na primeira coluna nota-se que originalmente, no manuscrito, Basil aplicou a palavra *passion* (paixão) para caracterizar o fato de que, quando um artista cria uma obra de arte — neste caso, a pintura —, esta é o reflexo

dele, de sua paixão, não do modelo. Deste modo, o Dorian Gray retratado é um sujeito contemplado através do sentimento apaixonado do pintor. A palavra, contudo, imbuída de potência e fervor, é substituída por *feeling* (sensação), consideravelmente pálida em descrição e efeito. Outra passagem excluída no manuscrito e que, consequentemente, não aparece nos textos seguintes é "*taking hold of his hand*", em que Basil Hallward segura a mão de lorde Henry ao explicar o motivo de não exibir a pintura. Conforme avançamos, percebemos a íntima proximidade física entre os personagens ser preterida por um distanciamento filosófico, metafísico.

Entretanto, devemos limitar tais movimentos às perspectivas de Frankel e Lawler?

Embora realmente haja na trama um tratamento especial para com os indivíduos do sexo masculino, proponho pensarmos nessas substituições não como censuras ou revisões, mas como um processo de silenciamento.

Silenciamento e homotextualidade

Conforme Eni Orlandi, o silêncio, ou melhor, o ato de silenciar "o sentido não para: ele muda de caminho". Portanto, quando um sentido (ou uma mensagem) é silenciado, outro é inferido, dilatado, disseminado. No caso de *O retrato de Dorian Gray*, percebe-se que, à medida que o caráter voluptuoso da expressão afetiva de Basil é amenizada, sua estima pelo jovem modelo converte-se num interesse estético, puramente artístico — idealizado, platônico.

Um dos motivos pelos quais o silenciamento designa uma melhor configuração é o fato de que as mudanças podem ser notadas desde o manuscrito, contrariando o posicionamento de Frankel acerca da influência da recepção no texto. Sendo o manuscrito um estágio particular do processo de criação, Wilde não apenas era a mão que escrevia, mas, ao mesmo tempo, seu primeiro leitor. A autocensura — processo em que o

próprio artista, antecipando as represálias do público, "censura" a própria obra — pode ser colocada em voga enquanto possibilidade. Mas se adotarmos a visão de Orlandi concluímos que a produção de Wilde não perde, com as modificações, a índole erótica entre homens, uma vez que, transcendendo a questão de representação literária, o escritor irlandês construiu, linha por linha, um homotexto.

O termo homotextualidade aparece pela primeira vez no ensaio de Jacob Stockinger, *Homotextuality: a proposal* em *The Gay Academic* (1978), que defende a ideia de que identidades dissidentes produzem textos dissidentes e fortemente marcados por uma qualidade identitária. A crítica ideal, para Stockinger, consideraria o fato de que essas produções são pensadas para desviar dos moldes e padrões vigentes, uma vez que a identidade e o trabalho do artista são atravessados por sua condição minoritária. Logo, seria possível encontrar em sua escrita a mobilização de certos dispositivos que escapam da compreensão de uma mentalidade normativa. O homotexto transcende o elemento da representação e do retrato comportamental. Comprova que, nas palavras de Stockinger, "a sexualidade incorpora-se de fato à própria tessitura do texto", e não somente à esfera de conteúdo ou tema.

Um dos elementos cedidos por Stockinger para o reconhecimento de um homotexto trata-se da questão do personagem se "passar" (deliberadamente ou não) por outra pessoa, de ser lido, neste caso, por intermédio da suposta heteronormatividade social. Podemos observar essa conduta no texto de Wilde por meio da vida dupla vivenciada pelo protagonista. Devido a sua aparência e origem burguesa, Dorian Gray transita pelos bairros nobres de Londres — assim como, sob um nome falso, pelos periféricos. No entanto, ninguém além dele mesmo tem conhecimento sobre o retrato escondido, aquele que revela sua verdadeira identidade. O pintor Basil Hallward, logo no primeiro capítulo, confessa

sua inclinação por manter uma vida secreta. Diz que, ao sair da cidade, não revela o próprio paradeiro. Esconde de todos o que faz.

Um outro dispositivo evocado no homotexto é o espelho — objeto capaz de suscitar "atração e repulsão simultâneas", assim como o retrato, que, a cada deturpação, excita o indivíduo representado. O retrato de Dorian é, afinal, o espelho de sua alma. Reflete uma condição íntima e, portanto, subjetiva. Concede ao seu proprietário a oportunidade de passar-se por alguém que não é. Ao mesmo tempo, diz Stockinger, disponibiliza ao "homossexual a inevitável consciência de sua identidade transformativa".

No homotexto há ainda o clássico elemento "[d]o lugar fechado e esquivo que se transforma de espaço estigmatizante em redentor". De maneira simbólica, o sótão de Dorian Gray é o ambiente ao qual o personagem recorre após esconder os sinais alarmantes expressados no retrato. Outrora abandonado, o sótão transforma-se no local de sua obsessão, o detentor de sua identidade: passa a ser o único recinto onde pode exibir e encarar sua outra face, o outro Dorian. Porém, de modo denotativo, os lugares visitados pelo personagem no East End também se configuram como uma zona de expressão e alívio físico.

Um outro elemento a ser analisado é a intertextualidade, isto é, as relações entre textos — explícitas ou implícitas, em forma de alusões, citações, paráfrases, entre tantas outras. O enredo do livro fictício que Dorian recebe de presente de lorde Henry, *Le Secret de Raoul*, suprimido ainda no manuscrito, baseou-se em *Às avessas*, de Joris-Karl Huysmans. No romance publicado em 1884 o protagonista e único personagem, Jean des Esseintes, recluso numa casa de campo, dedica-se a viver em busca de prazeres estéticos. Vive "às avessas" do comportamento idealizado para o homem no século XIX. Seu porte, para os leitores escandalizados, ia contra a natureza masculina, explicando a tradução em inglês, *Against nature*.

Para além das referências literárias, alusões históricas também podem ter relevância. O nome "Dorian", por exemplo, alude aos povos dórios, um dos principais grupos étnicos da Grécia Antiga. Essencialmente militaristas, a ponto de ter fomentado moções diaspóricas nos territórios invadidos, os dórios, informa Kenneth Dover em *Greek Homosexuality* (1978), encorajavam a relação entre um homem mais velho e um rapaz jovem. Embora não obrigatórias, tais conexões eram consideradas educativas, sendo socialmente bem recebidas devido a seu poder instrutivo.

Linguagem

Como último dispositivo, a linguagem também desempenha função importante na urdidura do texto. Questionado no primeiro capítulo acerca de seu contato com o jovem modelo, Basil Hallward confessa a impossibilidade de ser feliz sem ver Dorian, sem estar com ele todos os dias. Venera-o. Enquanto a dinâmica entre Dorian e Basil desenvolve-se de modo paradoxal, uma vez que o pintor demonstra interesse pelo jovem, mas ao mesmo tempo deseja manter o semblante platônico do sentimento, a linguagem em que se expressa o vínculo entre Dorian e lorde Henry possui um dinamismo vigoroso. As palavras de lorde Henry foram capazes de elucidar Dorian a si mesmo, deixando-o "consciente de que influências inteiramente novas operavam dentro de si", chegando a alcançar, inclusive, uma corda secreta que "nunca havia sido tocada antes" e que "sentia agora estar vibrando e latejando em curiosas pulsações". No terceiro capítulo da versão de 1891, lorde Henry contempla o contato de modo similar, sob o mesmo contexto pictórico. Para o homem mais velho, conversar com o jovem rapaz "era como tocar um requintado violino. Ele respondia a cada toque e vibração do arco". Refletindo sobre a natureza da influência, lorde Henry compara o ato de "transmitir o temperamento de um para dentro de outro" à ejaculação de um "fluido sutil". Prologando-se no pensamento,

conclui desejar “ser para Dorian Gray o que inconscientemente o rapaz fora para o pintor que havia criado o maravilhoso retrato”, menciona seu desejo de “dominá-lo” e conclui, taxativo, dizendo que “tomaria aquele maravilhoso espírito para si”.

Considerações para o presente e para o futuro

Apesar da aparente palidez de sua execução, quando comparado a escritos mais francos no que tange à expressão sexual, o (homo)texto de Wilde é imbuído de uma sensibilidade homoerótica, entrelaçada por implicações sócio-históricas, apesar de quaisquer que tenham sido as alterações realizadas ao longo das edições. Independentemente dos trechos silenciados, é possível perceber na urdidura de *Dorian Gray* o modo com o qual, fio a fio, o texto é constituído por signos de afeto ou tensão sexual entre homens que, verbalizados ou não, materializados ou não, colaboram com — ou intensificam — a atmosfera erótica e sentimental entre as figuras masculinas. A utilização excessiva da locução “sem censura” possui, num posicionamento pragmático, o desejo comercial e de distinção maniqueísta entre as versões do texto e suas diversas edições, mas, ao mesmo tempo, ignora (e, ao mesmo tempo, silencia) o trabalho de Oscar Wilde na construção da homotextualidade intrínseca à obra.

Defrontar a elaboração do homotexto e apontar a validade metodológica de sua leitura, nas palavras de Stockinger, “não propõe que fabriquemos significado onde não há; procura, antes, diminuir a probabilidade de fabricar insignificância onde realmente há significância”. Logo, restringir a pungência do afeto entre os personagens masculinos de *O retrato de Dorian Gray* ao âmbito da representação literária, ignorando a transmissão textual ou limitando as modificações à hipótese da censura ou da revisão, impede o texto de ser lido no caráter de documento simbólico e figurativo de uma determinada memória cultural.

---

1. "Para Oscar Wilde, que posa como sondomita [sic]", em tradução livre. ↩
2. "*Wilde toned down much of its homoerotic and sexually explicit material when he revised and enlarged the novel. Some of his other revisions at this time were also attempts to deflect criticism – introducing into the 1891 book version more patently melodramatic and sentimental elements of plot*", em tradução livre. ↩
3. "[...] *the dominant motive underlying all the important changes made by Wilde was an artistic desire to suppress an underlying moral which Wilde considered too obvious and, for that reason, distracting*", em tradução livre. ↩

Referências

ALVES, Manoel Carlos dos Santos. *Os homens que não amavam as mulheres: a transmissão textual de O retrato de Dorian Gray e sua configuração homotextual.* 2023. 277 f. il. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia Salvador, 2023.

BECKSON, Karl. *Oscar Wilde: The Critical Heritage*. London; New York: Routledge, 2005.

DOVER, Kenneth. *Greek Homosexuality*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

HUYSMANS, Joris-Karl. *Às avessas*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.

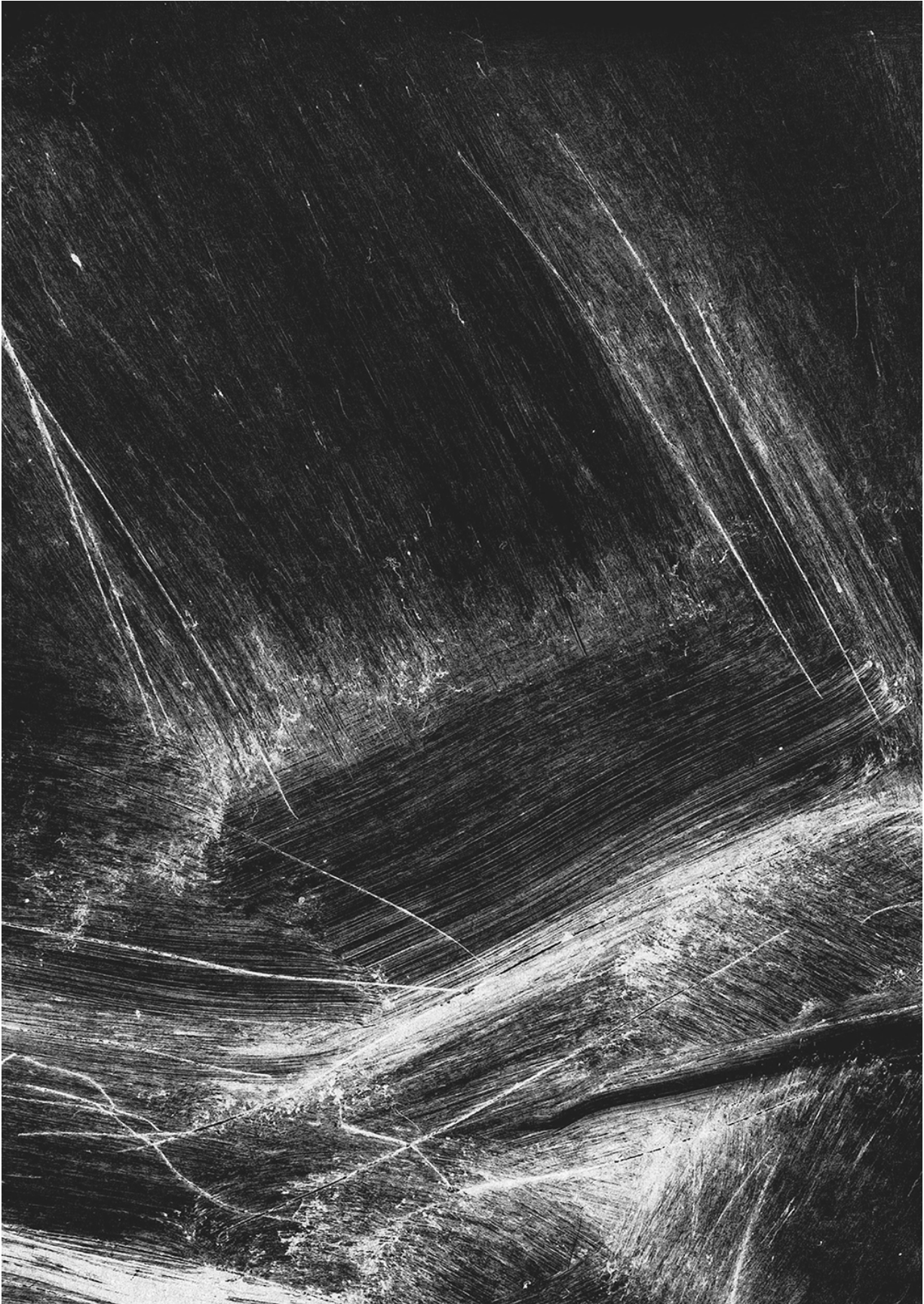
LAWLER, Donald L. *An Enquiry into Oscar Wilde's Revisions of "The Picture of Dorian Gray"*. 160 f. Tese (Degree of Doctor in Philosophy, Department of English Language and Literature) –University of Chicago, Chicago, 1969.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

STOCKINGER, Jacob. *Homotextuality: a proposal*. In: CREWE, Louie (ed.). *The Gay Academic*. Palm Springs: ETC Publications, 1978. p. 135-151.

WILDE, Oscar. *The Picture of Dorian Gray: an annotated, uncensored edition*. FRANKEL, Nicholas (Org). Worcester: Harvard University Press, 2011.

Manoel Carlos Alves

é escritor e doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, além de possuir experiência com ensino e tradução de textos literários. Como pesquisador wildeano, estuda desde 2017 o processo de transmissão textual de *O retrato de Dorian Gray* sob a perspectiva filológica.

Toda arte é bastante
por Natalia Borges Polesso

Quando fui convidada a escrever este posfácio, duas questões se instalaram na minha cabeça: como será reler *O retrato de Dorian Gray* mais de vinte anos depois que o li pela primeira vez? Será que ainda vou amar a leitura? Não vou responder de pronto, antes de seguir quero dizer que nunca tinha lido uma tradução deste livro. Em meio a alguma das tantas matérias de literatura de língua inglesa que cursei na graduação, eis que surge Oscar Wilde.

À época, fiquei obcecada e quis saber tudo o que podia sobre o autor. Descobri que tinha nascido em Dublin em 16 de outubro de 1854, portanto libriano, algo que eu não esperava. Foi criado no seio de uma família de escritores reconhecidos: seu pai, William Wilde, era médico e escritor de folclore e sátiras; sua mãe, Speranza, poeta e estudiosa da mitologia celta. Oscar Wilde também publicou outros livros, dentre eles destaco *O príncipe feliz e outras histórias* (1888), *De profundis* (1897) e a peça *A importância de ser prudente* (1895), obras que li com um misto tanto de interesse quanto de obsessão.

A história de *O retrato de Dorian Gray* é, em si, muito simples: um pintor cria o que diz ser sua obra-prima, o retrato da musa, mas esta se apossa do retrato. Um amigo de ambos, muito dândi, devoto dos prazeres, dá a ideia: se pudesse escolher, ficaria com a beleza eterna desse quadro. Numa espécie de pacto faustiano, configurando uma relação de

simbiose, ao longo da vida a musa transfere toda sua calhordice para o quadro em troca da beleza e juventude eternas, ou seja, para continuar sendo uma musa, a musa mais vil e decadente já vista pela sociedade vitoriana.

Na minha opinião, Wilde foi um grande ensaísta, pois seus escritos são carregados de reflexões sobre a existência humana e as sombras que a permeiam. Tocar em assuntos espinhosos o tornou alvo em alguns processos criminais, envolvendo especialmente questões de sexualidade e moral. Para mim, enquanto jovem leitora, isso tornava tudo mais interessante, já que à época em que descobri Wilde eu também estava *me* descobrindo.

Um pequeno panorama de sua vida nos conta que Wilde trabalhou como professor, editor de revista e, após passar um ano nos Estados Unidos, comentador de costumes e impressões americanas. Casou-se com Constance Lloyd, mãe de seus dois filhos, Cyril e Vyvyan. Esse fato me fez perceber como, historicamente, a homossexualidade era uma questão mais complexa do que eu imaginava.

Em maio de 1895, Wilde foi declarado culpado e condenado a dois anos de prisão e trabalho forçado, um tipo de punição criminal que, para além do encarceramento, obrigava o condenado a trabalhar em atividades físicas pesadas — bem como aquelas cenas que assistimos em filmes antigos, de prisioneiros quebrando pedras com picaretas. Em 1897, foi solto. Estava falido, doente e humilhado, mas escolheu ir imediatamente para a França e retomar sua carreira de escritor. Mas em Paris, no ano de 1900, Wilde repentinamente morre de meningite aguda. Conta-se que em seus momentos finais, num estado de semiconsciência, converteu-se ao catolicismo... e isso diz muito sobre a complexidade de sua existência, o percurso de sua vida e obra.

A vida de Oscar Wilde me faz pensar em como traçar uma história da literatura LGBTQIAP+ num mundo cisheteronormativo tão violento e nas camadas dessa violência e opressão reproduzidas no interior da comunidade. Mais de um século depois, vivemos numa sociedade completamente diferente e, ainda assim, sinto como se não passasse de um conjunto de bolhas de sabão: estruturas frágeis e pequenas pelas quais circulamos. Nossa liberdade de viver, pensar, existir e criar segue muito reduzida. Por exemplo, me parece ainda não tão corriqueiro e tranquilo trazer personagens e questões *queer* para a literatura.

É a vida... mas e se não fosse? Custa pensar em um mundo onde não precisássemos conviver com a normalização do apagamento de nossas experiências? Quando digo violência, também me refiro a isso. Por isso, não acho que em sua obra-prima Oscar Wilde desejava falar apenas sobre homossexualidade, mas sobre sentimentos e desejos ambíguos, confusos, considerando a realidade de sua época.

Quando conheci *O retrato de Dorian Gray*, soube que o livro foi, antes de tudo, uma espécie de novelinha publicada na revista estadunidense *Lippincott's Monthly Magazine*. A revista circulava bem e, além da edição estadunidense, possuía também a britânica. Cotejar as diferentes versões da obra — manuscrito, datiloscrito, versão em revista e versão em livro — é um movimento que pode trazer à tona debates sobre silenciamentos que variam de acordo com necessidades, queixas e tempos. No entanto, é apenas na versão em livro, de 1891, que Wilde adiciona alguns capítulos, além do clássico prefácio sobre a arte do romance, fazendo uso de sua frase tantas vezes repetida, *All art is quite useless* [Toda arte é bastante inútil], sobre a qual ele próprio comenta o seguinte:

> *A arte é bastante inútil porque seu objetivo é simplesmente criar uma disposição. Não é feita para instruir ou influenciar uma ação. É soberbamente estéril e a nota do seu prazer é esterilidade. Se a contemplação de uma obra de arte é seguida de qualquer tipo de atividade, a obra ou é de segunda classe ou o espectador fracassou em compreender a impressão artística completa.*[1]

E por aí ele segue, comparando a essência da arte com a essência de uma flor: efêmera, bela, inútil. Pessoalmente, acredito que criar uma disposição, por mais que seja algo subjetivo, é, sim, uma atividade bastante frutuosa.

Um fato importante de ser recordado é que Wilde e seu livro-criatura são produtos da Era Vitoriana, mais especificamente o fim de século inglês em que a dita *Pax Britannica* imperava, a empreitada industrial crescia monstruosamente na Inglaterra, as políticas coloniais seguiam firmes e invasivas, a modernização instalava-se cada vez mais tecnológica, a burguesia enriquecia, os trabalhadores oprimidos empobreciam e adoeciam e a população crescia nas cidades enquanto na ciência ocorria um sólido desenvolvimento. Já com relação aos costumes, não dava para dizer o mesmo.

Os princípios morais e a mentalidade não acompanharam o que, na perspectiva deles, representava expansão. A mentalidade sofria do que hoje alguns chamam de polarização, mas que podemos chamar simplesmente de atraso, tacanhice. O reinado da rainha Vitória foi marcado pelo conservadorismo, juntamente de brigas na Câmara dos Comuns entre Liberais e Tories. As igrejas investiam em questões morais e a sociedade (essa entidade!) era mesmo moralista. E muito embora a população repressora pudesse, de certo modo, controlar seus

cidadãos, a Era Vitoriana foi uma época de prostituição, exploração sexual de crianças e adolescentes (embora o conceito ainda não existisse com clareza), pobreza extrema, drogadição e infecções sexualmente transmissíveis. Não podemos simplificar e dizer que alguém é produto do seu meio somente por se adaptar de algum modo a ele; nesse sentido, Wilde era contraditório: um produto do seu tempo e um homem *avant-garde*, representante da contracultura.

Eu não sabia de nada disso quando a professora anunciou que leríamos *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, um autor irlandês *gaaaay*, como ela disse, alongando o som enquanto olhava sorridente para a turma, ligava o retroprojetor (sim, um retroprojetor) e fazia surgir uma imagem de Wilde. Era um homem aparentemente pomposo. *Gay*, pensei, *com certeza vou gostar*. Eu não sabia da existência de muitos autores gays, nem lésbicas, nem simpatizantes — na época, era assim que se dizia. Um tempo depois passou-se a usar a sigla LGBT, os lugares se tornaram gay*friendly* e as coisas começaram a parecer diferentes. No entanto, algumas pessoas ainda precisavam se esconder no banheiro para beijar, ainda que já passados cem anos da morte de Wilde. Foi então que abri o livro e o prefácio me conquistou.

Toda arte é bastante inútil. É o tipo de coisa que você diz quando é jovem, sem pensar muito, para ser controverso, mas se a frase é dita por um autor gay do milênio passado, é lógico que faz sentido. *Toda arte é bastante inútil*, eu repetia com cara blasé na faculdade, nos cafés, nos bares. Por outro lado, é também o tipo de frase que vai crescendo em você, se transformando: por que inútil?

O prefácio de *O retrato de Dorian Gray* diz que artistas criam coisas belas e inúteis, no sentido de não precisarem imaginar uma função utilitarista, senão uma função sentimental reflexiva, para suas criações,

mas isso também não se trata de uma obrigação. A impressão que nos toca, o que nos move, é mais fruto do encontro com o texto, no sentindo filosófico; sendo assim, a arte nos afeta sem ter essa obrigação. A arte nos atravessa e não temos muito controle sobre como ocorre esse atravessamento nem sobre o que se transforma dentro de nós. No mais, é bastante inútil. Não é preciso existir explicação para o que fazer depois com essa potencial transformação. Além disso, o artista pode expressar tudo o que quiser e desejar. "Pensamento e linguagem são para o artista instrumentos de uma arte. Vício e virtude são para o artista materiais para uma arte" (p. 20). O que surge a partir daí — a arte — deve ser profundamente admirado.

É claro que amei Oscar Wilde. É claro que ele me afetou. Eu desejava ser uma artista, e todo artista quer ser admirado e amado. Ao mesmo tempo que o autor me instigou a pensar de modo mais livre, também me instigou a ser mais comprometida com o que eu desejava produzir. Dizem que períodos de repressão geram arte mais engajada, um aparente paradoxo. Eu tendo a concordar, e acho que, de algum modo, foi exatamente isso o que Wilde fez.

Este romance, que trata de arte, literatura, teatro, moda, beleza, cultura, entre tantos outros tópicos, traz em sua narrativa uma crítica social contundente sobre costumes e comportamentos. É visível que Wilde deposita nesta história toda sua paixão pelas complexas entranhas dos seres humanos. É um livro que nos provoca com diferentes visões sobre a vida, as pessoas e as coisas. Visões românticas, hedonistas, analíticas, frívolas, estúpidas, espertas, decadentes, enfim, as personagens vão compondo esse mosaico de impressões. O paradoxo é que essas profundas reflexões se mesclam com algumas personagens à primeira vista superficiais e vaidosas, outras muito passionais e ainda

outras completamente descoladas de suas emoções. Assim a narrativa joga com nossas emoções, nos deslocando.

Em alguma instância, é lógico que podemos pensar em um desejo autobiográfico de se retratar, muito embora o próprio prefácio de certo modo nos desautorize a fazê-lo. No entanto, o próprio Wilde encoraja, digamos, esse tipo de interpretação. É o que vemos numa declaração do autor datada de 1894, quando escreve uma carta para Ralph Payne:

> *Estou feliz que você tenha gostado desse meu livro estranho e cheio de cores: tem muito de mim nele. Basil Hallward é o que eu penso que sou; lorde Henry é o que o mundo pensa de mim; e Dorian Gray é o que eu gostaria de ser – em outras eras, talvez.*[2]

Essa declaração nos revela que o autor se considerava, sim, um bom artista, além de um sonhador, mas julgava ser visto como um dândi hedonista. Mas seu desejo estava em ser belo e imoral. Na época, talvez isso pudesse dizer respeito a desejar ser gay e livre, e não poder.

Alguns desses adjetivos encadeados (hedonista, belo, imoral, livre) nos remetem a outro livro: o livro dentro do livro de Wilde, que exerce um papel importantíssimo, mas cujo título não é mencionado em nenhum momento da história. Muitas reflexões são tecidas sobre ele, como "o livro mais estranho que havia lido", "um romance sem enredo", "um estudo psicológico", "modos de pensar que pertenciam a todos os séculos, exceto o dele [Dorian Gray]", "filosofia mística", "um livro venenoso". Em julgamento, Wilde confessa tratar-se de *Às avessas,* de Joris-Karl Huysmans. Esse livro toma um grande espaço na narrativa, moldando o caráter de Dorian, quase como um álibi ou um culpado por sua transformação. Ele se refere ao texto como venenoso e seu veneno é notado.

O retrato de Dorian Gray também é um livro sobre um quadro, um retrato, sobre um objeto de arte único, pouco descrito, aliás, mantendo-se mais misterioso do que visível, mais construído na imaginação das personagens e das pessoas leitoras. O que é extraordinariamente fascinante é a centralidade desse item e como ele, mesmo sem aparecer, move a narrativa em torno das personagens, dos eventos principais como os assassinatos e dos dilemas morais.

Algo que não posso deixar de mencionar, e talvez isso seja a minha leitura de feminista cansada demais, é que o livro é recheado de misoginia. Em resumo, as personagens femininas de Wilde são ora descritas como caricaturas sem profundidade, ora como feias, estúpidas ou aproveitadoras, quando não todas essas coisas juntas. Sibyl Vane, por exemplo, vive apenas por meio das personagens que interpreta no palco, mas tão logo perde essa capacidade, torna-se inútil e, ainda que apaixonada pelo protagonista, é tratada como um nada e para o nada retorna.

As mulheres aparecem, de modo geral, em função dos homens, seja para seduzi-los ou para serem seduzidas por eles, quase sempre como pessoas menos racionais ou capazes, isso quando não são observadas como meros objetos. Do contrário, são criticadas por sua aparência ou esperteza demasiada, um ardil. Os profundos debates sobre a existência e sua moral são da competência dos homens e destinados a eles — o que não deixa de ser um reflexo cru da sociedade. Mas como o próprio Wilde diz: “Não existe algo como um livro moral ou imoral. Livros são bem escritos ou mal escritos. Isso é tudo”. Nesse sentido, ainda que pese a crítica da feminista cansada, sigo considerando *O retrato de Dorian Gray* como um dos grandes romances do século XIX.

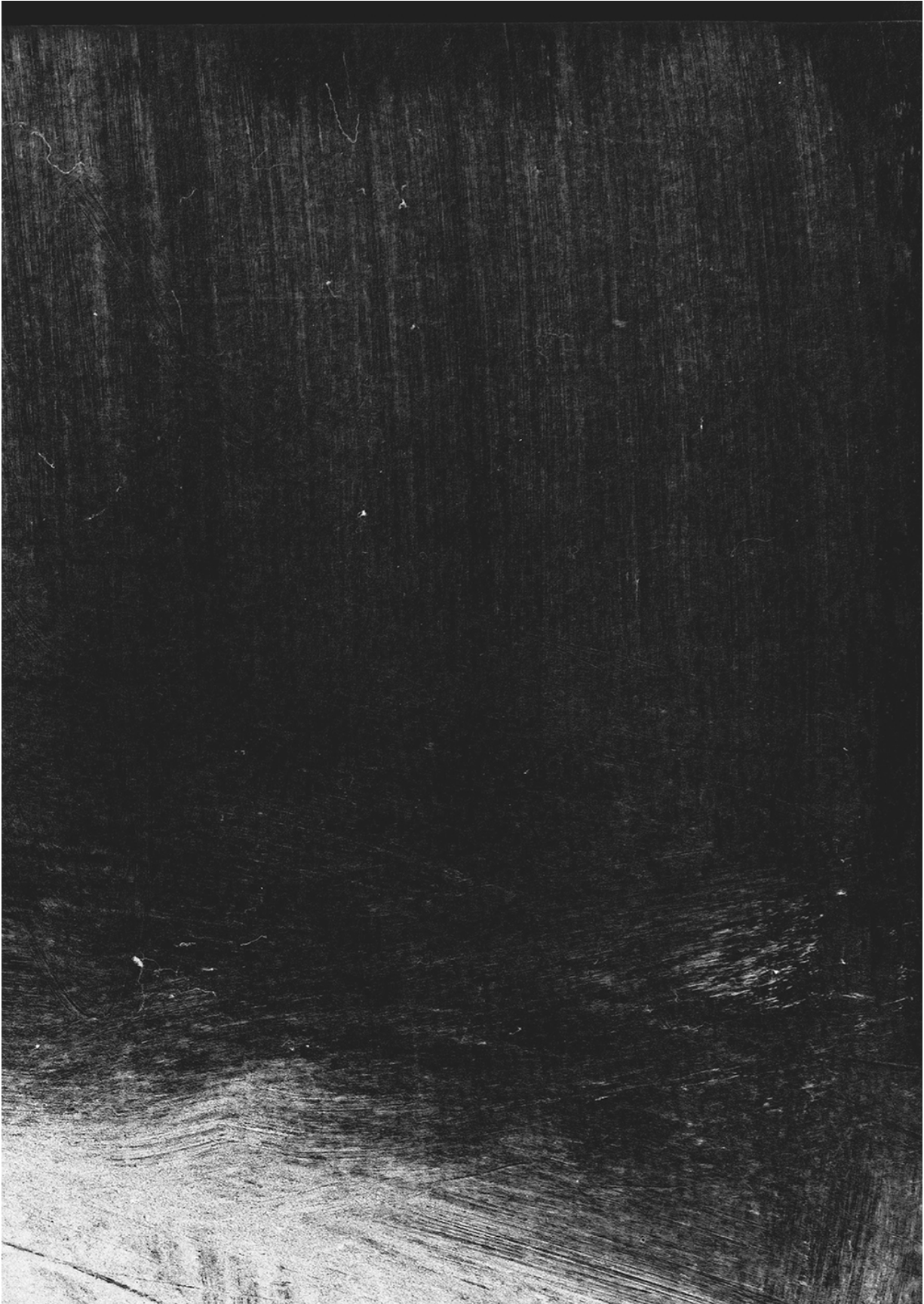
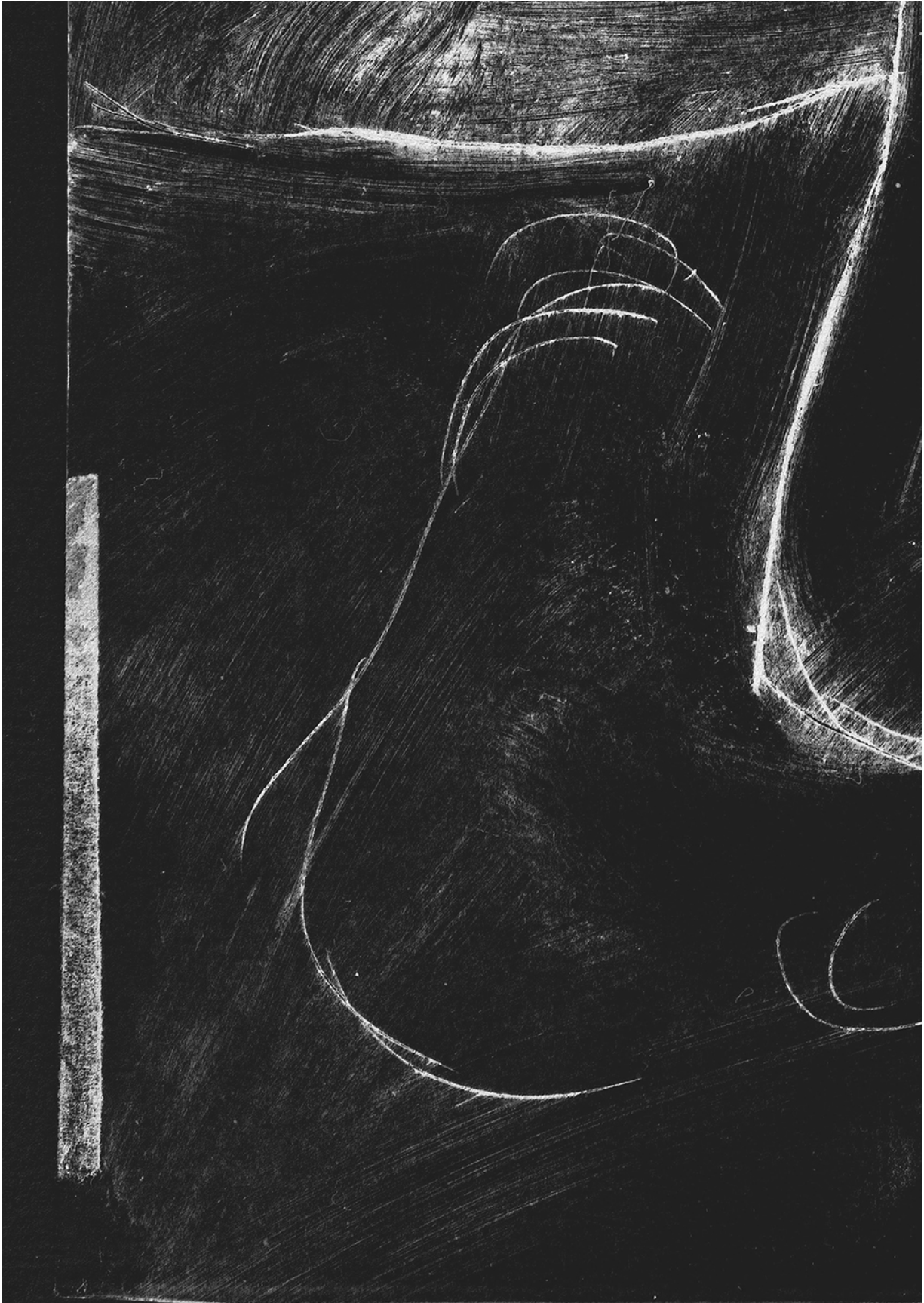
Quanto à pergunta que me fiz no início desse texto, lamento informar que não sei respondê-la. Gostar não é bem a questão: se toda arte é bastante inútil, no sentido que cria uma disposição, esta aqui cumpriu seu efeito. Me tornei diferente do que era após ler este livro pela primeira vez e, com certeza, essa releitura recente também permaneceu reverberando dentro de mim: o incômodo com atitudes de algumas personagens, o fascínio pelo modo como falam sobre si mesmas e o mundo. O retrato, o livro dentro do livro, o pacto faustiano, as personagens, tudo segue me convocando a pensar sobre a existência.

Quanto a você, leitor, que chegou ao fim desse posfácio, quero lembrar uma frase de Wilde: "Quando críticos discordam, o artista está em acordo consigo próprio", e esse segue sendo um grande préstimo da boa literatura. Nesse sentido, acho que toda boa arte, aquela que nos move, que nos coloca nesse tal estado de disposição particular, seja lá qual for, já é, sim, o bastante.

Natalia Borges Polesso

é doutora em teoria da literatura, escritora e tradutora.

---

1. Disponível em: https://flashbak.com/oscar-wilde-explains-his-commentthat-all-art-is-quite-useless-12176/. ↩
2. *The Context of Invention: suggested origins of "Dorian Gray"*, de Donald L. Lawler and Charles E. Knott. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/390676. ↩

Dorian Gray e a eterna beleza branca

por Samuel Gomes

Foi numa tarde de sábado de atmosfera atípica — semelhante aos cenários habitados pelo protagonista —, entre as nuances de um dia cinza e nebuloso, que concluí a leitura de *O retrato de Dorian Gray*. Para mim, terminar de lê-lo em um dia como esse acabou se revelando uma experiência singular no meu processo de cura. Me reconhecer enquanto uma pessoa bonita tem sido um dos mais difíceis desafios da minha vida, e a influência das pessoas à nossa volta pode nos levar a um caminho de muita dor e não aceitação. Lendo a história pude fazer algumas considerações sobre as minhas vivências e entendi como interpretações dessa mesma obra podem ir além do óbvio. Ao longo deste posfácio ficará evidente o quanto a jornada de Dorian Gray me fez refletir.

Neste clássico, acompanhamos a trajetória de um homem branco, com cabelos loiros, olhos claros, aparência jovem, sadia e diversas vezes descrita como angelical. Além da beleza singular que deixa homens e mulheres fascinados, o jovem protagonista dispõe de acessos para circular em ambientes de alto padrão, com privilégios que muitos naquela sociedade vitoriana não tinham. No entanto, vemos também esse mocinho, à princípio sem malícia, transformar-se em um vilão por vaidade, influências externas e manutenção do próprio ego. Aos poucos

Dorian Gray vai sendo corrompido pelo meio que o cerca e por um desejo interno em busca de uma beleza que dure para sempre.

Durante a leitura, principalmente nos trechos que enaltecem a beleza do protagonista em razão da cor da pele, do cabelo e de como era bem-visto entre a sociedade que o cercava, não pude deixar de refletir sobre a vivência de corpos dissidentes desse tal padrão europeu de beleza. Estamos acostumados a ver na mídia pessoas magras, brancas, loiras, de cabelo liso ou cacheado, sem marcas, pelos e cicatrizes sendo retratadas como as mais belas. Não ter referências positivas de uma imagem parecida com a minha na mídia, nos meios de comunicação, nas revistas e mesmo em lugares de poder me fez enfrentar dificuldades que acabaram me afastando da vivência de Dorian. No caso dele, a beleza que possuía já era o alvo que desejavam. Eu não tive muitas pessoas para dizer o quanto eu era belo. Já no começo da vida adulta, nas primeiras relações que buscava ter, não me via como alguém atraente e digno de ser amado.

Mas será que todo mundo é realmente da maneira como impõe o padrão? Acredito que não, e, por aqui, sofremos diariamente com a ausência dessa representatividade de corpos diversos e reais.

Precisamos falar de como é nociva uma sociedade que dita o belo, o aceitável e a idade até a qual a beleza nos é permitida. Esse lugar de prestígio muitas vezes inalcançável para muitos mostrou-se possível para Dorian e foi eternizado graças a um pacto sobrenatural. A partir daí o protagonista pôde viver os privilégios, prazeres e, por fim, as dores que essa aparência imutável trouxe à sua vida.

Há um trecho da música "Sampa", de Caetano Veloso, que diz: "É que Narciso acha feio o que não é espelho". Segundo o mito grego, Narciso era tão belo e tão vaidoso que após desprezar inúmeras pretendentes

acabou apaixonando-se pelo próprio reflexo. Morreu de fome e sede à beira da fonte de água onde via sua imagem refletida. A lenda nos ensina que o excesso de vaidade e a falta de empatia pelos outros podem ser prejudiciais. Apesar de tanto o mito quanto a história de Dorian serem fictícios, vão de encontro a uma realidade muito dura de ser acessada: o tal padrão de beleza que é construído por anos e que aceitamos sem contestar.

Nasci na periferia de São Paulo, sou um homem cis, gay, negro retinto, tenho longos dreads que fluem até o meio das costas, uma barba densa e uma pele cuja escuridão sempre me destacou entre os demais. A apresentação de Dorian como um homem branco, loiro e de olhos azuis me fez evocar reflexões sobre o padrão de beleza socialmente aceito e sobre como mesmo aqueles que parecem estar no topo do privilégio social enfrentam uma prisão adoecedora. No caso de nosso protagonista, essa prisão acaba levando-o ao fracasso moral e à ruína de suas relações. A consequência dessa busca por um estado único de beleza e pela aceitação acaba retirando de Dorian a pureza, a humildade e a doçura que ele possuía... até finalmente corrompê-lo.

Consigo também perceber, a partir da minha própria experiência, certos padrões manifestados na amizade entre Dorian Gray, Basil Hallward e lorde Henry. Esses dois últimos personagens, influenciados pelos ideais de beleza que permeavam a juventude de Dorian, sentem-se atraídos, encantados e cegos por sua beleza.

Vemos que o afeto de Basil acaba ultrapassando os limites da amizade e, em determinado momento, o pintor realmente confessa os sentimentos que tem por Dorian para Harry, que a partir de então também se rende à beleza do protagonista. Essa tensão homoafetiva entre os três personagens é vivida de forma platônica e implícita, com

exceção de Basil e da esposa de Harry, os únicos que de fato confessam tais desejos na narrativa — a esposa de Harry inclusive percebe e verbaliza para o protagonista a obsessão de seu marido por ele, fato que a deixa enciumada.

Ao longo da história é fácil perceber como tanta bajulação vai colaborando para o crescimento do ego de Dorian Gray, chegando a ponto de o personagem alimentar-se desse desejo em troca de elogios e admiração. O excesso de atenção faz com que o protagonista ignore os sentimentos de terceiros, não importando que esse egoísmo represente a última gota para que uma jovem tire a própria vida, ou mesmo perceba o sentimento dos amigos por ele. A busca incessante por uma juventude e a certeza de que é nela que habita a beleza é explorada nas conversas entre Harry e Dorian, que acabam expondo uma régua moldada por normas eurocêntricas e etaristas que ditam o que é considerado belo.

Essa visão eurocêntrica não mudou desde a época em que Oscar Wilde escreveu este clássico. A tal busca pela beleza branca, dita como perfeita, atinge grupos sociais em diversas camadas. Novas expressões artísticas seguem contribuindo para a marginalização da beleza não branca, corroborando com as pressões sociais destacadas pelo psiquiatra e filósofo Frantz Fanon, autor de *Pele negra, máscaras brancas*, que nos diz:

> *Para o negro, existe apenas um destino. E ele é branco. Antes de abrir o caso, algumas coisas precisam ser ditas. A análise que realizamos é psicológica. Continua a nos parecer evidente, contudo, que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:*

> *- Econômico, em primeiro lugar;*
> *- E, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade.* (FANON, 2020, p. 24)

Fanon segue nos mostrando que, para além de um olhar clínico sobre a psique de corpos pretos em relação aos outros, o mais complexo é a relação consigo mesmo e com as marcas do que é existir enquanto uma pessoa negra. Sim, a obra de Wilde também precisa ser observada sob uma perspectiva racial. O filósofo prossegue:

> *Sou negro, corporifico uma fusão plena com o mundo, uma compreensão simpática da terra, uma perda do meu eu no âmago do cosmos, e o branco, por mais inteligente que seja, seria incapaz de compreender Armstrong e os cantos do Congo.* (FANON, 2020, p. 42)

Na infância, longe dos dreads ancestrais que uso agora, fui obrigado a cortar meu cabelo curto, que era taxado de ruim, feio... A sociedade não reconhecia a diversidade capilar e seguia desenvolvendo produtos exclusivamente para pessoas brancas. Na tentativa de ser aceito, me submeti às convenções sociais da época, negando não apenas minha identidade capilar, como também minha identidade enquanto pessoa. Já alisei o cabelo para ser aceito, o cortei bem curtinho com o intuito de escondê-lo, mas mesmo passando por vários procedimentos permanecia existindo como um homem negro.

É interessante pensar a forma como obras escritas há tantos anos continuam nos atravessando. A ideia de beleza corporificada na obra de Wilde me faz pensar na brancura implicada por ela. Franz Fanon viveu no mesmo século que Oscar Wilde e sentiu na pele o que era não ser visto como belo na sua época:

> *Da parte mais negra de minha alma, através da zona sombreada, irrompe em mim este súbito desejo de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, mas como branco... quem pode propiciar isso, senão a branca? Ao me amar, ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco.* (FANON, 2020, p. 55)

Ao estabelecer uma conexão entre Dorian Gray e o Samuel do passado, observo o quanto fui um adolescente atraente e inteligente, mas apenas o protagonista do clássico de Wilde acaba sendo elevado como exemplo de beleza, justamente por fazer parte do padrão. Assim como Dorian, durante a adolescência tomei atitudes que me machucaram muito — tudo em prol de ser aceito. A cor da pele eu não conseguia mudar, e orar para que Deus a alterasse seria o mesmo que pedir para acordar com olhos azuis, e não castanhos como sempre foram. Hoje em dia, vejo o quanto esse ato foi de extrema violência comigo mesmo. A jornada de Dorian, por outro lado, também não foi isenta de sofrimento: manter a beleza implicava aceitar que sua existência seria condicionada à juventude, e essa procura incessante por um ideal inatingível é um dos desafios que pessoas negras enfrentam ao passar a vida tentando se adequar a padrões eurocêntricos.

A narrativa de *O retrato de Dorian Gray* me levou a uma antiga memória sobre autoaceitação, persistente até os dias de hoje. Ao revisitar essa obra, reflito sobre o narcisismo associado aos inalcançáveis padrões de beleza, que exigem uma pele mais clara, um corpo musculoso e um cabelo liso. Os conflitos de Dorian, desenvolvidos por Wilde, ainda ecoam em meu universo pessoal, e, ao longo da leitura, lidar com esses conflitos internos me fez perceber o quanto ainda me machuco. Às

vezes sentindo a necessidade de ser alguém diferente para ser aceito, tentando alcançar um pertencimento estético, negando minha beleza. A busca por aceitação é uma experiência universal, mas, ao não reconhecermos nossa própria imagem, damos vida a uma criatura que não conseguimos enfrentar — e a cobrimos com o manto do medo.

A rejeição não vinha só das relações de afeto, mas em locais de trabalho ou mesmo amizades. Hoje sou capaz de identificar violências racistas nas piadas de mau gosto de outros tempos ou na resposta de um futuro pretendente que dizia não gostar de negros. Até que depois de alguns anos encontrei alguém que me aceitasse como eu era, com minha pele retinta, meus dreads e minha história. Com ele vivi por quase nove anos uma relação em que, apesar da percepção das diferenças entre como era viver sob a minha pele e a dele serem distintas, o amor nos protegia de qualquer dor que o racismo pudesse causar.

Após encerrar essa longa relação, fui forçado a confrontar minha autoimagem. Me percebo mais crítico sobre essas estruturas de poder que nos fazem sentir inferiores por não alcançar determinadas expectativas impostas pela sociedade. Quem eu era? Como gostava de ser visto? Muitas vezes, assim como na experiência de Dorian Gray, comentários e sugestões externos acabam nos influenciando negativamente e nos levando a lugares onde não desejamos estar.

A necessidade de uma abordagem mais inclusiva na apreciação da beleza se fez urgente. A beleza não está só na juventude, na branquitude ou no dinheiro. Olhar para mim mesmo com carinho, com a mesma paixão que Dorian Gray sentia quando via seu reflexo ou quando, no início da trama, via sua imagem pintada por Basil no quadro, foi um ensinamento — lógico que com muita consciência de raça, classe e, principalmente, sempre destacando a importância de reconhecer e

celebrar as diferentes experiências do que é bonito. Consegui aceitar a imagem que eu encarava no espelho: minha pele, meus dreads e minha essência, que pode, sim, permanecer a mesma apesar da idade. A partir daí, convido você, caro leitor, a fazer o mesmo. Identifique o que te faz único e encontre seu poder.

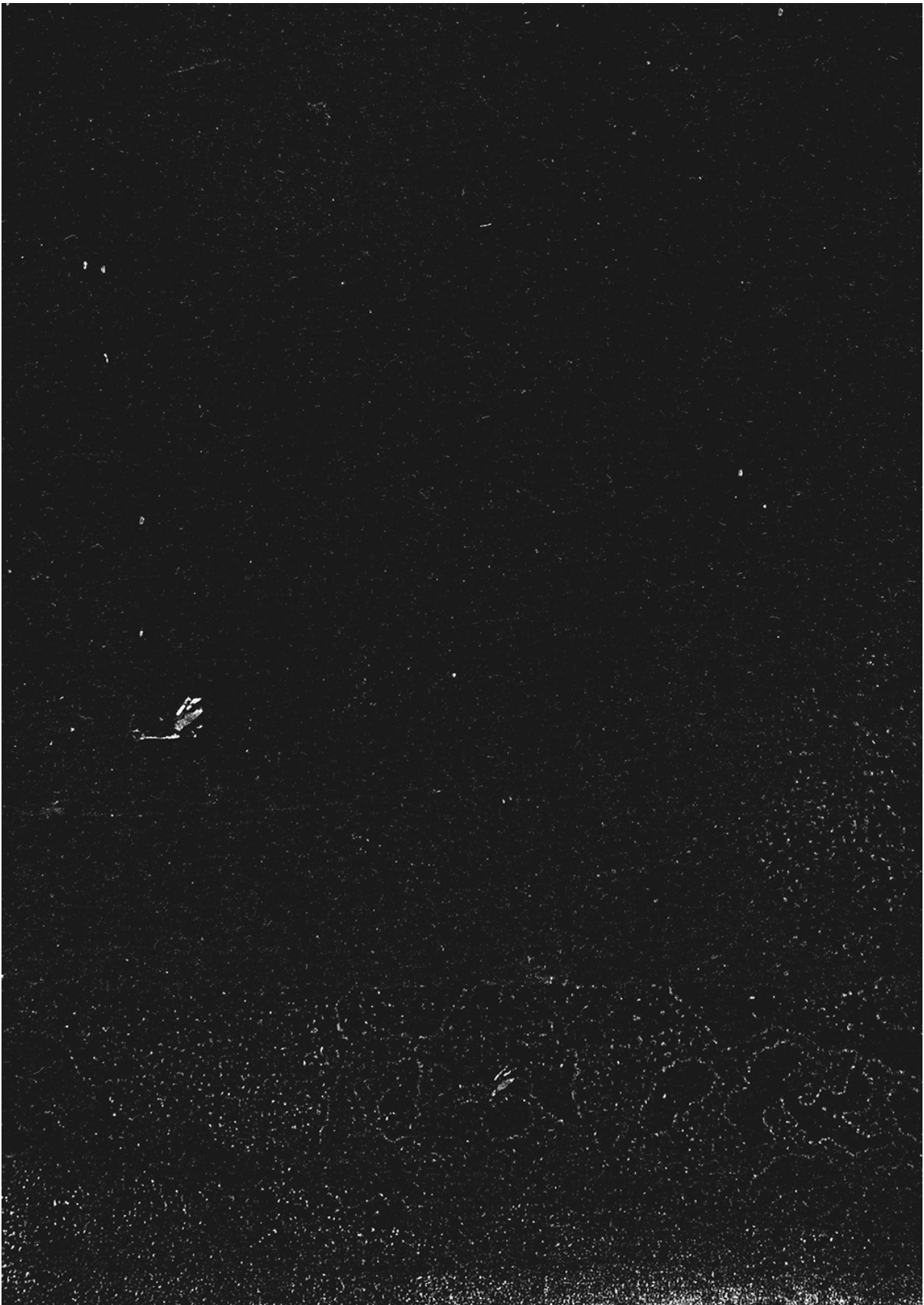
Quando pessoas negras reconhecem seu próprio encanto e autenticidade, desafiam padrões opressivos e redefinem a narrativa estética. Essa reflexão se estende a todos os corpos dissidentes em busca de paz ao se olharem no espelho. Os recortes da minha jornada destacam a necessidade de uma abordagem mais inclusiva na apreciação da beleza, para que não acabemos presos a uma busca inalcançável que prejudica nossas relações e nos mata por dentro.

Dorian Gray pode até ter se mantido eternamente belo, mas, em troca, perdeu a pureza, a inocência, os amigos, os amores, o caráter e a própria vida. Que sejamos capazes, então, de construir um caminho possível para a autoconfiança e autoestima, independente do olhar do outro.

Que seja possível reconhecer uma beleza amiga. Uma beleza que valoriza traços, origem, tom de pele, forma do corpo, sotaque, estilo e idade, fortalecendo a reconstrução de uma autoimagem positiva. Que nunca mais permitamos ser definidos pelo outro. Que façamos as pazes com a imagem refletida no espelho, reconhecendo-a como a nossa melhor versão.

Samuel Gomes

é um profissional negro e integrante da comunidade LGBTQIAPN+, oriundo das vivências na periferia de São Paulo. Destaca-se não apenas

por sua presença marcante na publicidade, mas também como autor e criador de conteúdo no YouTube por meio do canal "Guardei no Armário". Sua notoriedade é atestada por reconhecimentos significativos, como o título de "Top Voices 2019" pelo LinkedIn, bem como sua inclusão na lista de 2020 da Forbes, destacando-o como um dos mais inovadores criadores de conteúdo negros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W671r Wilde, Oscar

O retrato de Dorian Gray / Oscar Wilde ; tradução de Samir Machado de Machado ; ilustrado por Marcelo Tolentino. – Rio de Janeiro : Antofágica, 2024.

Formato: ebook
Título original: The picture of Dorian Gray

ISBN: 9786580210756

1. Literatura irlandesa. I. Machado, Samir Machado de. II. Tolentino, Marcelo. III. Título.
CDD: 823 CDU: 823

André Felipe de Moraes Queiroz – Bibliotecário – CRB-4/2242

Antofágica
prefeitura@antofagica.com.br
instagram.com/antofagica
youtube.com/antofagica
Rio de Janeiro – RJ

1ª edição, 2024

A PREFEITURA DE ANTOFÁGICA ACONSELHA:
CUIDADO CASO VOCÊ, LEITOR,
SE INTERESSE POR OFERTAS
DE JUVENTUDE ETERNA.

VIDEOAULA GRÁTIS

O QR Code na cinta direciona a duas videoaulas sobre o livro com Liciane Guimarães Corrêa, professora na Escola de Comunicação da UFRJ e mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ.

Não aguentando mais guardar segredos de um jovem inglês, a Bookwire contou tudo em um livro digital convertido em julho de 2024.

além de um clássico, um verdadeiro marco para o pensamento feminista mundo afora.

Era 1928 quando Virginia Woolf foi convidada para proferir uma palestra sobre o tema "Mulheres e ficção" em duas faculdades femininas de Cambridge. As enérgicas críticas de Woolf não apenas deram voz a legiões de mulheres historicamente invisibilizadas, mas também fizeram nascer, bem ali, fagulhas de questionamento que hoje ainda seguem vivas.

O aviso é claro: para que uma mulher possa escrever ficção, viver de sua arte, ela precisa de dinheiro e um quarto só seu. Seguindo este raciocínio, a autora reflete sobre as muitas maneiras como o contexto social pode influenciar a arte produzida por mulheres, indaga o motivo de as bibliotecas estarem abarrotadas de literatura feita por homens, e, muito lúcida, embora com uma pitada de sarcasmo, analisa os efeitos da pobreza na criatividade feminina. Indo de Jane Austen às irmãs Brontë, *Um teto todo seu* é um poderoso trabalho de investigação sobre mulheres e sua conflituosa existência no mundo.

Como apoio e contextualização para a leitura, a coleção Nano apresenta um QR Code no final dos livros que, ao ser escaneado, direciona para um portal de leitura dos textos extras da edição em capa dura da Antofágica. Em *Um teto todo seu*, disponibilizamos um texto de apresentação da escritora Aline Bei, além de posfácios de Ana Carolina Mesquita, doutora em Teoria Literária pela USP, da filósofa Renata Cristina Pereira e de Monica Hermini, doutora em Estudos Literários pela USP, com tese sobre a estética feminista na obra de Woolf.

Uma das obras mais importantes para entender a formação e as influências de Franz Kafka.

Escrita em 1919, Carta ao pai é uma missiva que nunca foi entregue a seu destinatário. Em uma franca e dolorosa análise de suas relações familiares, o autor Franz Kafka se propõe a explicar por que alegava sempre ter sentido medo do pai. Trata-se de um ousado relato autobiográfico, o testemunho unilateral de uma criação autoritária e de seus múltiplos desdobramentos na vida do filho.

Ao se tornar narrador de sua própria história, Kafka traz ao leitor sua perspectiva não somente sobre sua narrativa familiar, mas também sobre a vida em si. Ao mesmo tempo em que admite seus possíveis pontos cegos, o escritor nos apresenta um texto valoroso não apenas para a compreensão de sua biografia, mas para reflexão sobre toda sua magnífica obra.

Em 2024, a convite da Antofágica, o multiartista Lourenço Mutarelli reescreveu essa carta à mão, na tradução de Petê Rissatti, transformando as palavras em formas abstratas que ilustram o livro. Com apresentação da escritora Cristina Rioto (autora do projeto Caixa de saída), essa edição também conta com posfácios do escritor Gabriel Abreu (Triste não é ao certo a palavra), do pesquisador Tomaz Amorim (doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP) e da psicanalista Bárbara Guatimosim (doutora em Estudos Literários pela UFMG, na linha de pesquisa Literatura e Psicanálise).

O QR Code no fim do ebook direciona a uma videoaula sobre o livro, disponível no YouTube, com Tomaz Amorim, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.

lançar o Emplasto Brás Cubas. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa. O medicamento anti-hipocondríaco torna-se o estopim de uma série de lembranças, reminiscências e digressões da vida do defunto autor. Publicado em 1881, escrito com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, Memórias Póstumas de Brás Cubas é, possivelmente, o mais importante romance brasileiro de todos os tempos. Inovador, irônico, rebelde, toca no que há de mais profundo no ser humano. Mas vale avisar: há na alma desse livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero. A edição da Antofágica conta com 88 ilustrações de um dos expoentes da arte no Brasil, Candido Portinari, que chegam pela primeira vez ao grande público e dão uma nova camada de interpretação ao clássico. livro traz ainda com notas inéditas e posfácio de Rogério Fernandes dos Santos, especialista na obra machadiana, um perfil do autor escrito por Ale Santos (@savagefiction), além de uma introdução de Isabela Lubrano, do canal Ler Antes de Morrer.

A Metamorfose

Kafka, Franz
9786580210039
232 páginas

Um dos maiores clássicos da literatura mundial, agora em nova tradução do alemão e com mais de 90 ilustrações do artista

Lourenço Mutarelli.xtos da história. Além de tradução inédita feita por Petê Rissatti, essa nova edição traz 93 ilustrações exclusivas, por meio das quais o artista e escritor Lourenço Mutarelli interpreta o processo de transformação de Gregor. Inclui-se, por fim, um ensaio de Flavio Ricardo Vassoler, doutor em literatura comparada, sobre a contemporaneidade de Franz Kafka. Esta versão em ebook traz um material inédito e exclusivo: um texto de Ana Kiffer, escritora e professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.